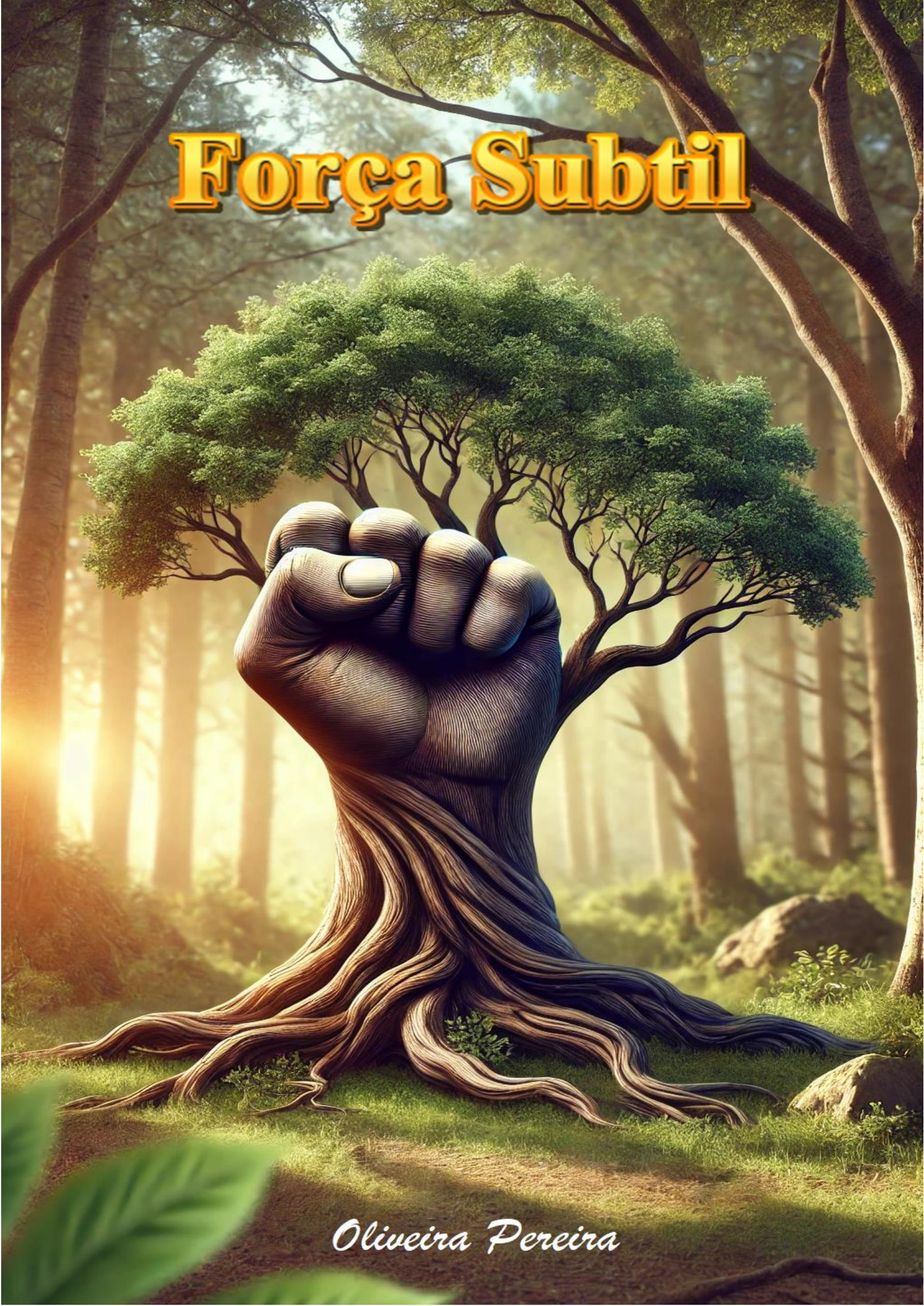
Força Subtil



Oliveira Pereira

FORÇA SUBTIL

Oliveira Pereira

Esta obra procura ser uma Alegoria escrita num cenário de ficção e como tal, qualquer semelhança com a realidade, tanto nos comportamentos sociais das personagens que lhe dão vida, como as organizações em que estas interagem, são uma mera coincidência. Aliás, não o poderia deixar de ser, uma vez que tratam-se de animais com comportamentos humanizados, pelo que somente existem na fantasia do seu autor.

Prólogo

Até ao momento em que comecei a escrever esta obra, nunca tinha pensado em escrever seja o que quer que fosse, e muito menos uma Alegoria. E tanto mais que por inabilidade própria, durante os meus estudos as disciplinas da palavra e do verbo foram para mim sempre déspotas. No entanto, para compensar a aversão que por elas sentia, Deus presenteou-me com o maravilhoso dom da arte visual. E foi através dessa arte do risco e da cor, que desde o tempo em que vestia calções e trepava às árvores, comecei a vestir fatiotas aos animais e a dar feitio aos seus pensamentos. Na verdade, foi através desse mágico dom, que hoje escrevo do mesmo modo que desenho, ou pinto do mesmo modo que escrevo. Somente os materiais que utilizo em cada uma das artes são diferentes. Pois, numa utilizo tintas, e noutra emprego palavras. A composição da obra é que é sempre do mesmo estilo, romântico, rústico e apaixonado pelos encantos da Natureza.

Sendo eu um apreciador confesso do chamado “Desenho Animado Clássico”, e por isso, também um grande admirador dos grandes mestres dessa sublime arte de comunicar, porque considero que esses génios do traço e do risco têm um espírito tremendamente observador e satírico, que só pode derivar da sua excelente e invulgar capacidade crítica e autocrítica de ver a Vida. Só os grandes génios possuidores destas qualidades intrínsecas podem vestir os animais com fatiotas e fazer com que aqueles vivam como se fossem seres humanos, para desse modo ridicularizarem as suas manias, e exporem os seus defeitos. Pelo que para mim, esses génios da comunicação são na verdade os verdadeiros magos da satírica e os verdadeiros génios da crítica do quotidiano. Pois se esses grandes artistas não tivessem esse grande dom para a crítica satírica, de certo que o Grilo falante seria um animal de grande porte, cheio de sentenças para oferecer e juízos de valor para dar. Só pela grande ironia dum grande mestre, é que nas historietas do “Pinóquio”, a voz da consciência aparece personificada na figura de um grilo tão pequeno, que tem por habitação uma caixa de fósforos, e que ainda por cima tem como característica

principal: ser conservador e antiquado no seu trajar, como que para nos dizer que na vida moderna, a antiquada voz da consciência foi há muito tempo superada pelos apelativos desta.

Por outro lado, quis o destino e a influência de bons amigos que viesse a escrever esta alegoria, para através dela, com utópicas palavras pintadas contar coisas muito sérias. No entanto aviso os leitores desta Alegoria que toda a história narrada, apesar de à primeira vista parecer uma história inocente e até mesmo infantil, ela é uma história onde os murmúrios tomam a forma de vírgulas e os silêncios tomam a forma de palavras escritas, escondendo em cada frase uma mensagem muito precisa. O próprio título não é inocente, uma vez que foi inspirado nas descobertas do Dr. Bevan Reid, cientista da Universidade de Sydney, na Austrália, que acidentalmente descobriu que as células vivas emitem para fora de si mesmo uma estrutura energética, que é uma sombra de si própria. A “Força Subtil” foi o nome dado à descoberta do Dr. Reid. Ainda hoje, não é visível em nenhum dos instrumentos de laboratório, apenas se sabe da sua existência, porque aquela é detectável pelos seus efeitos biológicos. Assim, a “Força Subtil” corresponde “à Procura do Espírito Vital”, que na verdade, bem poderia também ser o título desta Alegoria, dado que em toda esta obra, a personagem principal “o Pardal Jovial” não se cansa de o procurar.

Por último, esta Alegoria também nunca poderia ter existido se não fosse a acção educadora do meu filho Luís Miguel para o meu despertar sobre o esoterismo e o mistério das ciências ditas ocultas. Com alguma razão e fundamento, uma vez que na sua opinião reservada a círculos muito selectivos, geralmente com um sorriso satírico e irónico a aflorar-lhe os lábios, conta a quem se dispõe a ouvi-lo, que foi ele que me iniciou no saber esotérico e místico, e como troféu desse seu grande feito, normalmente exibe a seguinte frase irónica: “Para o meu Pai a minha biblioteca esotérica, deixou de ser uma biblioteca composta por obras diabólicas e luciferinas, para passar a ser um reservatório de ciência milenar de grande e profundo interesse cultural”. Não posso contestar esta sua jocosa afirmação, pelo que me limito somente a sorrir…

Agradeço também à minha mulher Isabel, pelo seu constante apoio e entusiasmo. Endereço-lhe um especial bem-haja e um profundo agradecimento pela sua paciência e muita compreensão pelo tempo que não lhe dediquei. Em boa verdade houve momentos que aborrecida pela minha falta de atenção ao que me dizia, chegou a proferir: “Qualquer dia ponho o Pardal Jovial a voar!”. Sei que não era uma frase sentida, pois os nossos verdadeiros anjos são todas as pessoas que para além de nos serem estimadas e muito queridas, estão sempre presentes nas nossas vidas, tanto nas horas mais dramáticas e difíceis, como também estão presentes nos momentos mais sublimes desta. Quis a vontade de Deus, que eu na máxima plenitude e intensidade da Vida viesse a conhecer ambas as horas, e sem dúvida confesso que se não fosse a presença deste querido anjo, nessas horas que marcam e dividem para sempre as nossas vidas, dificilmente este teria sido a musa inspiradora e o anjo iluminador desta obra.

Por outro lado, a criação desta Obra deve-se em muito ao inestimável incentivo da minha querida amiga Tereza Del Pilar, sempre maravilhosa no seu espontâneo entusiasmo de me querer ajudar, pelo que publicamente lhe endereço um grande bem-haja, por toda a energia que me deu para escrever esta obra, bem como por toda a sua influência nesta. Obviamente que jamais a esquecerei, como de igual forma nunca esquecerei a paciência que teve em ler todos os Capítulos deste Livro, à medida que eram concluídos, muitas das vezes a altas horas da madrugada, e das suas palavras sempre sublimes e motivadoras, para que continuasse a dar vida a esta fábula alegórica. Para ela e em especial, a minha eterna gratidão e o meu desejo de que seja abençoada por todas as doces vibrações de paz e amor.

Por último, a todos os meus amigos que tornaram possível a viagem ao mundo interior e oculto que nesta fábula alegórica se retracta, secretamente vos confesso, que nela procurei retractar um pouco do “espírito vital” de cada um de vós, por isso a vós a dedico…

Introdução

Vivia nas Terras Altas um bando de pardais formado por pequenos grupos, como se de células do mesmo corpo se tratasse, mais ou menos autónomos entre si, unidos apenas por uma forte identidade, alimentada através de lendas e de muitos contos transmitidos de bico para bico. Pelo que no momento em que se reuniam para contarem as suas aventuras, geralmente ao crepúsculo da Rosa de Fogo, e quase sempre na Árvore da Sabedoria, todos sentiam a magnitude do momento.

Quanto à organização social deste bando de pardais, não era muito complexa, uma vez que se baseava num simples sistema de idades e de parentesco, onde os pardais mais velhos tinham a honra e a dignidade de integrar o "Conselho dos Pardais Anciãos". Na verdade, em função da posição relativa que ocupavam no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, todos os pardais daquele bando deviam seguir certas e determinadas regras de comportamento, os quais eram muito exigentes, uma vez que passavam muito tempo a evidenciar as suas importâncias com uma série de saltos e chilreares rituais que os identificava na sua posição hierárquica no bando de pardais. Aliás, cada mudança de posição relativa de um membro do bando era sempre marcada por um característico saltitar e um chilrear mais rebuscado. A desobediência a este princípio era severamente reprimida, geralmente, com a expulsão do transgressor do bando, pelo que todos estavam atentos às mínimas faltas protocolares. Mas, em boa verdade o que os unia e o que os relacionava entre si, nem era propriamente o seu chilrear e os seus costumes, era o próprio bando em si. A ideia de um pardal poder viver isolado e independente daquele, não fazia qualquer sentido para qualquer membro deste bando de pardais. Pelo que era completamente inimaginável um pardal poder viver desagregado do seu bando. Qualquer pardal que cumprisse estas simples regras sociais pode-se considerar que estava plenamente integrado naquela comunidade de pardais, e por isso, por todos era muito estimado. Por conseguinte, aquela comunidade de pardais vivia numa relativa paz e com alguma prosperidade. Raramente havia conflitos entre os membros daquele bando de pardais que os pardais anciãos não estivessem à altura de os

resolver com sabedoria. Salvo num caso ou noutro, em que os beligerantes optavam por resolver eventuais disputas através do chilrear aceso e muito colorido e quando esta diplomacia intimidativa não resultava, partiam para a guerra propriamente dita, onde a provocação do adversário com saltitares e alto chilrear era geralmente a estratégia de combate escolhida. Contudo, embora fossem raros os casos mais extremos, um ou outro caso havia, e estes eram geralmente resolvidos por meio do combate directo, com saltos e bicadas, que nunca procuravam ser letais, somente procuravam arrancar penas do adversário para troféu do vencedor e muita desonra daquele que vencido abandonava o campo de batalha.

No Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, a origem dos conflitos geralmente era a disputa por um pardal fêmea, que os levava muitas das vezes ao excesso. Tudo, porque no campo do acasalamento, os pardais deste bando só conheciam apenas uma única proibição, que era o de acasalarem dentro do seu próprio grupo. Porém, embora houvessem uniões duradouras entre os pardais do Bando das Terras Altas, estas não tinham um carácter de permanência e quase sempre podiam ser desfeitas por vontade unilateral. E tanto mais que por razões ancestrais os pardais daquele bando consideravam ser normal a prática da poligamia. Por conseguinte, estavam constantemente a fazer a corte a pardais comprometidos, o que resultava em cenas de ciúme que quase sempre terminavam em vigorosas contendas e desafios entre eles.

Quanto à sua casta de lideres era também muito intuitiva, na medida que os pardais mais velhos do bando, mais experientes e conhecedores da vida, eram por todos os pardais daquele bando reconhecidos, respeitados e obedecidos. Pelo que sobre as asas destes pardais anciãos, nos seus mais variados níveis hierárquicos no bando, recaia toda a responsabilidade do comando do bando de pardais. E, para que o exercício das suas mais altas responsabilidades fosse coordenado, eficaz e solene, dispunham aqueles anciãos de um lugar nobre para se reunirem, uma cavidade escura que dava acesso ao coração da Árvore da Sabedoria, apelidado pelos bicos mais satíricos do bando de pardais, como a “Toca do Reumático”, talvez, porque nesse lugar só podiam entrar os pardais mais idosos e carismáticos do bando. Em suma, era nesta cavidade

escura que se reunia o Conselho dos Anciões do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, local onde deliberavam todas as decisões que influenciavam a vida daquele bando de pardais. Por sua vez, nas ramificações próximas daquela cavidade escura, concentravam-se os nobres poisos onde os pardais do bando renovavam os votos de fidelidade aos seus líderes e onde conviviam e transmitiam os seus mitos a todo o bando de pardais.

No Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas havia também uma célula do Bando de Pardais Pensadores, com doze anéis concêntricos a um núcleo, muito semelhantes aos círculos que os pardais desenhavam na superfície das Águas Cantantes quando voavam rasantes e a grande velocidade. Em cada um daqueles círculos, estava confiado a guarda dum segredo da Vida. Por outro lado, esta estranha forma de unidade, permitiu àquela secreta irmandade de pardais, desde tempos imemoráveis, superar qualquer outra organização de pardais existente, uma vez que a hipotética violação de um círculo, apenas destruiria aquela célula, e nunca destruiria toda a organização do Bando de Pardais Pensadores. Por sua vez, aquela forma de organização ainda impossibilitava a quem não pertencesse àquele bando de pardais conhecer algum segredo que lhe estivesse interdito, e desse modo, o segredo daquele bando de pardais estava mais protegido e mais guardado. Aliás, aqueles segredos estavam sobejamente protegidos pelo absoluto desconhecimento da sua existência, uma vez que eram muito poucos os pardais daquele bando, que conheciam a existência dos doze círculos. Mais de metade dos seus membros, nunca viriam a saber que existiam círculos mais elevados do que o primeiro círculo. Na sua Trilogia do Bom Senso e princípios de Vida, o Bando de Pardais Pensadores, cultivavam: a Sabedoria, o Amor e a Virtude; Ensinavam: a Verdade, a Perfeição e o Otimismo; Governavam: o caráter, o chilrear e a conduta do pardal. Faziam respeitar: o ninho, a companheira e o pardal ancião; Desprezavam: a injúria, a embriaguez e a gula; Perdoavam: a ofensa, a inveja e a petulância; Combatiam: a mentira, a farsa e a calunia. Praticavam: a Caridade, a Justiça e a Verdade.

Assim, tirando uma disputa aqui e outra ali, o quotidiano do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altal era pacato e muito rotineiro, uma vez que quando

os lideres do grupo suspendiam a procura e a colecta de alimentos, o tempo que se seguia era regulado pelo chilrear farto e por abundantes dançares rituais, que se destinavam aos mais variados fins, como o de agradecer a melhoria do clima, ou simplesmente para espantarem os medos e os maus olhados. Porém, quando a Rosa de Fogo murchava, para todos eles era chegado o momento de darem as boas vindas ao Disco Meio Luz Meio Sombra e recontarem até há exaustão a história da origem mítica do Bando de Pardais das Terras Altas.

Porém, no Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas havia um importante ritual que marcava a passagem dos pardais ao estado adulto. Quando aqueles atingiam a puberdade, eram submetidos a uma série de provas, pelas quais comprovavam a sua destreza, a sua habilidade e a sua coragem. Para prestarem essas importantes provas, tinham que passar muito tempo longe do ninho materno, e durante todo esse tempo, tinham de saber apreciar o silêncio, adquirir conhecimentos da Vida e sobreviver por sua própria conta e risco. Claro, que toda a sua aprendizagem era geralmente supervisionada à distância por um pardal ancião, sem que o pardal aprendiz dos segredos da Vida se apercebesse da sua presença.

A nossa história começa precisamente, quando o jovem Pardal Jovial inicia o seu ritual de puberdade, e lhe surgem muitas dúvidas existenciais...

Espiando a Águia Solitária

Num fim de tarde, quando a Rosa de Fogo pachorrentamente se escondia para lá da linha do horizonte, onde o Céu e a Terra se dividem numa luminosidade púrpura, dando ao ocaso um crepúsculo matizado com cores suaves de rara beleza, e ao Bosque das Terras Altas o manto que adensava os medos e os mistérios. Empoleirado num ramo de uma das mais altas árvores daquele bosque, refugio de muitos habitantes daquele manto verde, um pardal cujo nome lhe foi dado pelos seus pais de “Pardal Jovial”, meio oculto pela folhagem outonal, furtivamente e aos saltitos de ramo em ramo, espiava sem cessar o voo da grande águia real, bem conhecida destes, como “Águia Solitária”. Todos os fins de tarde, e quase sempre à mesma hora, a Águia Solitária pairava sobre aquela densa mancha verde a perscrutar os incautos e os distraídos. No alto daquele Céu matizado de púrpura, a sua escura silhueta não passava despercebida a nenhum dos habitantes daquele bosque mágico, tanto pelo característico recorte escuro do seu corpo, como pelos seus estridentes trinados que de tempos a tempos soltava, causando com estes terror e medo aos pequenos habitantes daquela escura arborizada mancha verde. Para se ser mais preciso, não causava medo a todos os habitantes daquele bosque, pois havia um habitante que aparentemente não tinha medo da Águia Solitária, antes pelo contrário, a sua presença lá no alto provocava no seu olhar um deslumbramento que o transportava para o sonho acordado, de grandeza e muita fantasia.

Para o Pardal Jovial, o voo da rainha daqueles Céus tinha de facto um voo perfeito e sem possibilidade de haver alguma crítica que fosse negativa. Para ele, era um voo muito para além do que poderia imaginar nos seus sonhos mais ousados. Pelo que perante as acrobacias desenhadas naquelas alturas proibidas, a sua admiração e surpresa adornavam as linhas do seu jovem semblante. E talvez fosse essa excessiva e quase doentia admiração pela rainha daqueles Céus, que o levava a não se cansar de admirar as proezas de voo da Águia Solitária, dia após dia. Na verdade, o Pardal Jovial vivia fascinado com aquela majestosa forma de voar. Quando o Disco Meio Luz Meio Sobra iluminava o Bosque das terras Altas, já no conforto do ninho materno, o sonho

acalentava o seu desejo de um dia também poder voar com aquela exuberância e com toda aquela perfeição. E para a concretização desse desejo, estava disposto a fazer todos os sacrifícios, para que um dia pudesse voar com aquela magnificência e com todo aquele esplendor. Muitas vezes adormecia a ver-se a pairar nas alturas, perante a admiração dos outros pardais do bando, principalmente a dos seus amigos. E, sonhava! Sonhava! Sonhava! Mas, ele não sabia como materializar aquele sonho, pois tudo já havia tentado, e de todas as vezes que o fizera, não tivera nenhum sucesso que fosse assinalável. Todavia, isso não o impedia de sonhar acordado com aquele seu desejo secreto, que era de um dia poder vir a ser forte e ágil como a Águia Solitária, para poder voar tão alto e tão distante como a aquela rainha dos ares o fazia facilmente. Como poderia ele realizar tal sonho? Se por mais tentativas que fizesse, nunca conseguia voar tão alto, e muito menos, tão distante, quanto mais voar com a elegância e com a leveza da Águia Solitária. Contudo, estava convicto que a sua falta de aptidão para o voo nas desconhecidas e perigosas alturas, devia-se somente ao desconhecimento que ainda tinha das técnicas adequadas de voo. Por isso, todos os dias, e sempre há mesma hora, o Pardal Jovial não se cansava de espiar a Águia Solitária com a firme esperança de poder descobrir o verdadeiro segredo de voar na perfeição.

Dia após dia, por entre intermináveis labirintos formados por ramos entrelaçados e folhagem densa, os olhos do pardal Jovial seguiam aquela negra silhueta lá no alto, em voo planado desenhando imaginários “oitos” e mais “oitos”. Sempre escondido e oculto com as folhas tingidas com a cor da morte, para assim se camuflar melhor, enquanto saltitava de ramo em ramo. O Pardal Jovial procurava sempre o melhor ângulo de visão, para melhor poder descortinar qual era o segredo de tamanha graciosidade, pois estava convicto que logo que aprendesse a técnica correcta de voo, um dia poderia realizar o seu sonho de voar nas alturas proibidas.

Num certo dia, ao entardecer, como já vinha sendo hábito, o Pardal Jovial ora saltitava por entre a folhagem, ora voava curtas distâncias em voos desajeitados e pueris. Sempre camuflado com aquela folhagem, que o avisava

da proximidade dos gélidos e agrestes Tempo das Neves, para não dar nas vistas, furtivamente, por entre a folhagem espiava o seu ídolo de sempre, quando de repente, uma folhagem mais densa do que o normal, o impediu por breves momentos de seguir o voo da Águia Solitária. Quando com alguma dificuldade e piar obsceno conseguiu sair daquele amarinhado de folhagem, o Pardal Jovial voltou a perscrutar os Céus matizados de púrpura, mas já não conseguiu ver a razão de todo o seu esforço. Olhou em todas as direcções, e verificou que a rainha dos Céus tinha desaparecido do seu raio de visão. Voou desajeitadamente um pouco mais acima da copa da Árvore da Sabedoria, para que desse modo pudesse ter um campo de visão maior, mas... aquele Céu púrpura apresentava-se vazio de qualquer ponto negro. A silhueta da Águia Solitária parecia ter-se eclipsado daqueles Céus, uma vez que o Pardal Jovial por mais que a procurasse naquele Céu vazio, não a conseguia encontrar em parte alguma. Sem baixar as suas pequenas asas de contornos redondos, continuou a vasculhar todos os recantos daquele Céu propenso ao sonho e á fantasia.

Perante o súbito desaparecimento da Águia Solitária, o Pardal Jovial interrogava-se: «mas, onde poderá ela estar? Onde se meteu o raio da Águia Solitária?». Confuso com o seu misterioso sumiço, atabalhoadamente voou a roçar as folhas do velho carvalho do Bosque das Terras Altas para ter uma visão mais ampla de todo o horizonte. De súbito teve o maior susto da sua vida. À sua frente apareceu com toda a sua pujança a gigantesca Águia Solitária. O primeiro reflexo foi o de inverter a trajectória do seu desajeitado pueril voo, mas pelo impulso que inicialmente nele lhe havia incutido, foi-lhe impossível corrigir o rumo e até mesmo a velocidade, pelo que aquele pequeno espião voador, irremediavelmente acabou por chocar contra o enorme peito da grande Águia Solitária. Como consequência do surdo embate, caiu estatelado no chão. Por sorte, os apodrecidos sedimentos de muitas gerações de folhas, amorteceram-lhe a queda. Contudo, por alguns momentos perdeu o norte do que lhe havia acontecido. Quando voltou a si, semi-abriu os seus pequenos olhos, para de imediato os esbugalhar de espanto e de terror, pois, estava a ter uma visão fantasmagórica, uma visão muito horrível. Pois, aquela gigantesca ave, de semblante agressivo e carrancudo estava à sua frente, de pé, a observá-lo fixamente. A sua coragem ficou rala e esvaiu-se de todo o seu ser,

ao mesmo tempo que um enorme calafrio lhe percorria todo o corpo. Aquela gigantesca extremidade córnea aproximou-se dele, e fez com que voltasse a fechar rapidamente os olhos, e numa murmurada prece dirigida ao Ser Cósmico, preparou-se para o pior. Para seu espanto, ouviu a Águia Solitária perguntar-lhe: «porque me vigias com persistência pardal pequenote?». Mudo ainda pelo terror que sentia, dificilmente percebeu que aquela águia lhe perguntava. Foi preciso a Águia Solitária perguntar pela segunda vez: qual era a razão que o levava a tal perseguição? O pardal Jovial, muito a medo, timidamente titubeou um chilrear desconexo, que apesar de lhe ter parecido imperceptível, a Águia Solitária entendeu o seu sentido. Assim, muito a custo, explicou-lhe que admirava a leveza do seu voo e que o seu sonho era um dia poder voar tão ágil e tão alto como ela o fazia. Como a Águia Solitária se mantinha estática e em silêncio, apesar do seu aspecto taciturno e intimidante, o Pardal Jovial lá encontrou uma réstia de coragem para continuar a responder àquela gigante senhora dos Céus, e disse-lhe num chilrear que pretendia ser humilde e sincero: que o seu voo era muito fraco e baixo em altura, por não conhecer a técnica adequada a esse tipo de voo, embora sonhasse com as grandes alturas que a ele estavam interditas. A tremelicar justificou-lhe ainda, que para além das suas asas serem muito pequenas, arredondadas e curtas, também a sua visão não tinha a profundidade, nem a agudeza que ele tanto desejava possuir para descortinar os longínquos horizontes que do bosque se avistavam. Por fim, já um pouco mais confiante, numa forma resumida, enquanto sacudia o pó que tinha-se agarrado às penas húmidas do seu corpo, o Pardal Jovial disse à Águia Solitária: que por não poder conseguir ultrapassar os seus curtos limites, a sua infelicidade era enorme, dado que estava impedido de realizar os seus sonhos. Com um ar muito triste e quase choroso, o Pardal Jovial ainda lhe justificou, que a observava secretamente, somente porque queria descobrir o segredo do voo em altura, para um dia poder voar com a mesma leveza no infinito Céu Azul.

O Pardal Jovial não parava de sonhar com aquele distante dia, em que completamente livre, empurrado pelo Vento Selvagem, e envolto somente no infinito e luminoso manto púrpura, voaria então nas infinitas e desconhecidas alturas. Delirante e muito sonhador, o Pardal Jovial com o olhar semi-encerrado continuou a divagar o seu fantasioso sonho. Assim, por muito tempo

confidenciou à Águia Solitária, que quando aquele maravilhoso mítico dia chegasse, ele voaria muito alto, muito alto, muito alto, e nas alturas que estão somente reservada às águias, deixar-se-ia embalar e levar pelo infinito Céu Azul, ao mesmo tempo que o Pardal Jovial sonhava acordado com aquele distante dia, ele fazia o gesto de abrir em toda a sua envergadura as suas pequenas asas, por forma exemplificar melhor como faria aquele voo tão esperado.

Completamente narcotizado com o desejo de voar nas alturas proibidas, o Pardal Jovial continuou por algum tempo a descrever por gestos o seu fantástico sonho de voar livre nas grandes e selvagens massas de ar. A Águia Solitária ficou muito surpresa com a ambição desmedida daquele pequeno pardal, por isso, interrompeu aquele sonho falado, para lhe perguntar com um grasnar brusco: como se sentiria ele se chegasse à conclusão, que as suas pequenas asas o impediriam de realizar todo aquele seu delirante projecto. Ao que o pardal lhe respondeu com uma espontaneidade inesperada, que algo no seu interior, muito mais forte do que a sua própria vontade, há muito lhe confidenciava que um dia seria tão ágil e forte como uma águia, e que com a leveza destas, no infinito Céu Azul, voaria ao sabor dos humores do Vento Selvagem. Em seguida, lançou ao Vento Selvagem algumas maldições pelos seus infortúnios e angústias. Como que para justificar o seu sonho, disse ainda à Águia Solitária, que estava até disposto a fazer qualquer sacrifício, que lhe viesse a permitir realizar o seu projecto de Vida, que era o de voar acima das altas nuvens, sentir o frio cortante das míticas alturas, e a sua vista descortinar o contorno do horizonte.

O Pardal Jovial, depois de ter desabafado com a Águia Solitária, suspirou todo o seu desalento, e uma lágrima brotou dos seus olhos, rolou ao longo do seu bico, e caiu desamparada no chão de folhas putrefactas. Com um piar arrastado e choroso, o Pardal Jovial disse ainda em tom de confidência à grande senhora dos Céus, que todos os dias, fizesse chuva, ou a Rosa de Fogo desabrochasse, ou até mesmo se o frio tudo regelasse, tanto ao amanhecer, como ao entardecer, iria estar vigilante na velha Árvore da Sabedoria, para assim melhor poder descortinar os segredos do voo em altura,

bem como os saberes aeronáuticos que lhe iriam permitir um dia voar tão distante e muito alto, como ela! Muito alto! Muito! Muito alto! Por sua vez, com um saber próprio das divindades, a Águia Solitária questionou o Pardal Jovial: se ele passava todo o dia a observá-la, então, quando é que ele tinha tempo para voar? Ao que o Pardal Jovial num chilrear de confissão lhe disse: que raramente voava, preferia antes observar o seu voo, para que não lhe escapasse nenhum detalhe deste, e assim melhor aprender aquelas técnicas somente reservadas às Águias. Esta, com o saber e a harmonia dos de quem muito sabe, na forma de conselho, grasnou: que como ele deveria saber, a natureza de cada um era muito diferente... ao que o Pardal Jovial, com brusquidão a interrompeu, chilreando: que aquela verdade, já ele a conhecia há muito tempo, bastava mirar as Águas Cantantes quando se espraiavam nos remansos, e nelas podia examinar a sua imagem reflectida. E voltou cavernosamente a praguejar o maldito dia em que nascera, e ao seu costumeiro inconformismo de sempre. A Águia Solitária, apesar do seu muito saber e da sua indiscutível sagacidade, foi incapaz de contrariar tal onda de tristeza. Por isso, com um grasnar modelado de compreensão, disse-lhe: que deveria ser teimoso no seu propósito! E que acima de tudo, deveria deixar que a águia que vivia no seu espírito se libertasse, uma vez que só assim, ele teria a possibilidade de vir a voar tão alto e distante como ela! Grasnou ainda: que ele nunca poderia voar como uma águia, se não treinasse intensamente todos os dias, uma vez que para concretizar os seus sonhos, só o saber empírico lhe poderia proporcionar o conhecimento das técnicas de voo em altura, e a prática necessária, seriam o tónico que lhe iria fortalecer as suas asas. Grasnou ainda: que se o Pardal Jovial não pusesse em prática o seu projecto, a sua ambição nunca passaria dum mero sonho. E se aquele era o seu desejo real; o seu projecto de vida; então, deveria seguir para a frente com ele, uma vez que aquele sonho se elevava bem acima da sua mente limitada em direcção a um estado de não-mente ilimitada, então ele poderia conceber tudo o que antes era inconcebível. Pelo que nenhum Ser Cósmico era necessário para a realização daquele sonho. Deveria ter também presente que segundo as leis matemáticas, o besouro não pode voar. Mas o besouro nada sabe de matemática, nem tão pouco pensa nisso, e voa. Assim, tal como o besouro voa contra a lógica e o saber científico, também ele poderá transformar-se numa

águia, se aquela for a sua vontade, dado que somente através do seu auto-aperfeiçoamento e do amor ao conhecimento, o pardal transporá as suas dificuldades e os seus limites. E com este conselho, a Águia Solitária exortou-o a confiar nele próprio e a voar o mais alto que pudesse! Sempre mais alto! Mais alto! E nessas mágicas alturas, sem medo, ou qualquer temor, o Pardal Jovial deverá entregar as suas asas ao Vento Selvagem, e com ele aprender as técnicas da navegabilidade nos Céus frios e selvagens. Confidenciou-lhe ainda: que para aqueles que compreendem os mistérios da Vida, que são seres livres e inteligentes, tudo na sua Vida será possível alcançar. E para isso, bastará apenas que acreditem nas suas capacidades e nas suas potencialidades. Pois somente desse modo poderão vir a concretizar os seus sonhos.

Depois daquele incidente com a Águia Solitária, os dias para o Pardal Jovial, rolaram acelerados e com muitos planos. O Tempo das Neves acabou por chegar ao Bosque das Terras Altas sem ele dar grande conta de que os dias ficavam mais curtos e escuros. Na verdade, desde aquele acidente com a Águia Solitária, o tempo passou a ser insuficiente para outras actividades, que não fossem o voo em pequenas alturas e em médias distâncias. Pois, o Pardal Jovial passou a aproveitar todos os momentos do dia, para treinar a sábia técnica do voo em altura, a fim de se preparar para a grande viagem de peregrinação ao conhecimento.

As Viagens de Descoberta do Pardal Jovial

Numa manhã cinzenta e muito húmida, com densos nevoeiros a ameaçar transformá-la chorona, pelo que o fã da nobre rainha dos Céus proibidos, tal como as outras aves do Bosque das Terras Altas, só pôde ver a Águia Solitária através de pequenas clareiras, que aqui e ali, por breves momentos dilaceravam as compactas e esbranquiçadas brumas, para rapidamente cicatrizarem-se por densos e compactos nevoeiros, que teimavam em permanecer por muito tempo naquele inóspito e frio bosque branco. Num dado momento, o Pardal Jovial pôde ver a sua querida silhueta, que lá no alto, muito lá no alto, em voo livre e planado, se identificava com a onírica Liberdade por ele ansiada. Muitas vezes no seu escuro ninho materno, a imaginava de forma abstracta e com contornos muito imprecisos. Porém, daquela vez o Pardal Jovial já não a seguiu furtivamente de ramo em ramo, de galho em galho, como até aí sorrateiramente sempre o fizera. Não! Daquela vez ainda com um resto de medo, mas vencido pela sua determinação e alguma coragem, decidiu aplicar tudo quanto aprendera nos últimos tempos sobre as técnicas e saberes de voar num voo que cobrisse uma distância um pouco maior do que aquelas que fizera muitas vezes no seu treino. Apesar de sentir uma estranha sensação que ameaçava tolher os seus movimentos e petrificar as suas pequenas asas, o Pardal Jovial não hesitou em bater aceleradamente as suas pequenas asas de pardal, e de súbito, como que por magia se tratasse, elevou-se nos ares que eram acariciados pelos acusadores coutos dos fantasmas que há muito habitavam naquele bosque branco. E lá no alto, nas alturas um pouco mais acima daquelas alturas que roçavam aqueles ossudos ramos inquisidores, com as suas asas pequenas de pardal bem abertas, à semelhança do que muitas vezes vira a sua amiga Águia Solitária fazer, pela primeira vez na vida, o Pardal Jovial planava e pairava ao sabor do gélido Vento Selvagem, com a leveza e com a graciosidade de uma pluma.

Depois, o Pardal Jovial voou cada vez mais alto. Mais alto. Para aquele seu pioneiro voo, era um feito notável, pois voava muito acima das copas das árvores do Bosque das Terras Altas. Chegou a atingir uma altura e uma velocidade, que até ali lhe tinha sido inimaginável e inconcebível. Por isso,

estava muito maravilhado e estarrecido, tanto pela sua proeza, como com a pequenez do que podia descortinar daquela altura. O Pardal Jovial, com trinados de euforia e muita satisfação, não se cansava de anunciar aos habitantes do seu bosque branco, quanto naquele momento era feliz por ter realizado aquele feito impar. Assim, através daquela forma entusiástica de anunciar a sua alegria, o Pardal Jovial não se cansava de orgulhosamente chilrear a todos os que o puderam escutar, que tinha por fim vencido e dominado o seu grande medo de voar nos Céus gélidos. Todavia, naquele seu primeiro voo planado, apesar da alegria e do contentamento que sentia, não lhe passou despercebido, quanto aquela paisagem branca, que tudo cobria, e tudo à sua volta moldava, tinha tanto de desolador, como tinha de grande beleza. E acima de tudo, apesar do seu eufórico estado dominar a sua mente, o Pardal Jovial ficou também impressionado com a vista que ali de cima se podia descortinar. Naquelas alturas, tudo lhe parecia ser tão minúsculo e tão pequeno, que bem poderia ser tudo considerado como efémero e sem importância de maior.

De súbito, veio à sua mente a impetuosa voz da curiosidade, a qual sibilinamente o questionou: seriam todas as terras que dali se avistavam, iguais àquele Bosque das Terras Altas? E aquela Montanha Branca que lhe fazia sombra, haveria outras montanhas iguais a ela? A curiosidade sempre afoita continuou a questioná-lo: o que haveria na mancha azulada que orlava e limitava o distante horizonte? Precisamente naquela mágica linha onde tudo se esbate e tudo se desfoca! Apesar da ausência de réplica às questões formuladas pela voz da curiosidade, aquela voz continuou repticiana, como quem não espera qualquer resposta a interrogar a mente do Pardal Jovial com uma interminável cadeia de questões, que tinham por fundo, aquela mancha que tingia o longínquo horizonte de um azul acinzentado, a qual para a mente do Pardal Jovial, bem poderiam ser montanhas, com enormes formações rochosas e com gelados e pontiagudos picos, em tudo muito semelhantes aos daquela Montanha Branca sobranceira ao Bosque das Terras Altas. Por isso, a voz da curiosidade fingindo estar distante e muito desinteressada, continuou a interrogar insistentemente a mente do Pardal Jovial: representaria aquela distante mancha azulada enormes montanhas? Ou não! E sendo montanhas!

No seu cume viveriam outras irmãs da Águia Solitária? Aquela vós da curiosidade, quiz ainda saber: se para lá da linha do horizonte haveria também árvores vestidas de branco e com ossudos tentáculos a incriminarem os Céus esbranquiçados? Na verdade, aquela insaciável voz da curiosidade queria tudo saber. Por isso, ainda lhe perguntou sobre o Grande Rio que ladeava a Ocidente o Bosque das Terras Altas: qual seria o seu destino? E que terras visitava ele? Que obstáculos teria ele ainda de vencer até ao seu destino? Por último, aquela insaciável voz quis saber ainda: o que haveria naquelas vastidões que incansavelmente o Grande Rio percorria e as suas margens lavava? Por fim, a mente do Pardal Jovial rendeu-se à voz da curiosidade, e interrogou-se a si própria, que mal haveria se ele fosse explorar aquele desconhecido mundo? E chegou à conclusão, de que mal de maior não poderia haver, uma vez que se viesse a descobrir um mundo muito melhor do que aquele onde vivia, poderia ensinar o caminho daquele mundo aos outros pardais do Bando do Bosque das Terras Altas, que na certa, ficariam muito felizes e muito contentes com a sua atitude curiosa e exploradora. Mas... o Pardal Jovial pensou melhor, e hesitou em anunciar ao bando aquele seu propósito, dado que na certa o iriam considerar um lunático, e quiçá, senão um sonhador, como o Pardal Profeta não se cansava de o acusar. Por isso, tomou a decisão: que para já não seria muito conveniente transmitir ao bando de pardais do Bosque das Terras Altas aquele seu intento, pois estava certo que não o iriam compreender.

Aquela curiosidade que lhe dilacerava a mente com perguntas, e mais perguntas, parecia ser uma chama que fogueava a seu belo prazer a mente do Pardal Jovial, para que aquele desse uma espreitadela àquele brumoso e desfocado mundo azul, e desse modo, tirar todas as dúvidas com as certezas absolutas que uma visita poderia proporcionar. Por isso, aquela voz zumbidora continuava a chilrear à mente do Pardal Jovial: que aquele deveria conhecer a realidade do mundo onde vive, para melhor o entender. Pois, só daquele modo o Pardal Jovial poderia viver muito melhor. A partir daquele instante, o Pardal Jovial já não foi o mesmo pardal que saíra do seu ninho materno para espiar a Águia Solitária. Pois, a sua mente alargava-se a novos horizontes, dado que passou a voar cada vez mais alto, e cada vez mais distante do Bosque das

Terras Altas. Esta mudança de propósito alargou muito o seu conhecimento e a opinião que tinha das coisas da Vida. O voo do Pardal Jovial, embora não fosse comparável com as alturas e com as distâncias da sua amiga Águia Solitária, à escala de um pardal, eram alturas e distâncias surpreendentes.

Sempre solitário nas suas viagens de busca e de prospecção do conhecimento, o Pardal Jovial não se cansava de questionar tudo o que era para ele novo e desconhecido. E na verdade, era quase tudo o que via. Por isso, sem muito querer, acabou por se embriagar com a Liberdade dos espaços abertos, e em desvario voou cada vez mais longe! Mais longe! Mais longe! O Pardal Jovial chegou mesmo a voar muito para além do Grande Rio, que corria a Oriente do velho Bosque das Terras Altas. Chegou até a contorná-lo durante muito tempo e numa considerável distância. Naqueles seus voos de descobrimento e prospecção, o Pardal Jovial ficou impressionado com o número de cascatas e de quedas de água, que aquele tinha de vencer para chegar ao seu longínquo destino. Reparou como o Grande Rio sabiamente aproveitava para descansar nos remansos, e para se espreguiçar nos escuros areais, os quais, geralmente estavam ladeados por caniços, Jacintos e outras plantas aquáticas, que tornavam aquelas paragens ainda mais belas e graciosas. Ao acompanhar o percurso do Grande Rio, veio à memória do Pardal Jovial os contos que os Pardais Mensageiros chilreavam quando a Rosa de Fogo murchava e as sombras do Bosque das Terras Altas se adensavam, sobre aquele Grande Rio que sobranceia a Ocidente o Bosque das Terras Altas. Pois, geralmente na Árvore da Sabedoria, aqueles pardais chilreavam: que aquele rio era o expoente máximo de conduta, e o exemplo de nobres princípios para todos os pardais do bando. Pois, aquele rio que recebia no seu seio as Águas Cantantes, sem queixumes e muitos ais, corria quilómetros a fio numa total solidão, sem necessitar de ser empurrado ou estimulado a atingir o objectivo que o Ser Cósmico lhe destinara. Segundo aqueles pardais mensageiros, os pardais deveriam ainda ver no Grande Rio, como ele nas enseadas era pachorrento, nos remansos era lento, e como se apressava furioso nas cachoeiras, para se precipitar cegamente nas cascatas. E que apesar dos rochedos e dos escolhos o ameaçarem apresar, ele seguia imparável o seu caminho, uma vez que ele sabia qual era o seu ponto de chegada, que era o

Grande Oceano Aberto e Sem Fim, que sabia estar precisamente à sua frente. De harmonia com a mensagem daqueles Pardais Mensageiros, aquele rio nunca havia aprendido a recuar, nem tão pouco havia aprendido a ter indecisões, e por essa razão, aquele rio caminhava sempre para frente. Sempre em direcção ao seu destino. Tudo o que lhe barrasse o caminho, ou o impedisse a continuar em frente, aquele rio não hesitava em empurrar os intrusos com a todas as suas forças. E se aquele inoportuno resistisse por muito tempo, o Grande Rio destruiria brutalmente tal entrave. Mas, quando o Grande Rio encontrava no seu caminho os pequenos e débeis afluentes, ele carinhosamente os recolhia no seu regaço, e ao colo, levava-os até ao seu destino. Mas, quando o Grande Rio encontrava outros rios seus iguais, ele efusivamente os abraçava e neles se fundia num todo, a fim de caminharem juntos até ao Grande Oceano Aberto e Sem Fim, uma vez que aquele era o destino comum de todos eles.

O Pardal Jovial, naquele seu entusiasmo de prospecção de conhecimentos, não se cansava de voar por cima, tanto dos desconhecidos vales, como por cima das escarpadas montanhas. Precisamente aquelas, que nos dias em que a Rosa de Fogo nascia mais vistosa, se avistavam do Bosque das Terras Altas. Naqueles seus voos nos Céus desconhecido, o Pardal Jovial chegou a voar por cima de outros bosques, e de outros arvoredos a perder de vista, cujos habitantes do seu bosque desconheciam a sua existência. E neles, o Pardal Jovial veio a pousar com orgulho, como também neles veio a alimentar-se de iguarias muito nutritivas. Naqueles desconhecidos bosques, o Pardal Jovial veio a conviver com outros pardais seus iguais, que o aceitaram de forma muito hospitalar nas suas amenas e longas cavaqueiras.

Naquelas expedições de prospecção do conhecimento, certo dia, o Pardal Jovial encontrou planícies com extensões a perder de vista, onde nelas, à semelhança do que faziam as garças brancas, catou pulgas e carraças em grandes touros de pêlo vermelho e grandes chifres brancos. Uma vez até aconteceu o impossível: por estar muito cansado de tanto voar, chegou pousou no dorso dum grande touro negro, por sinal era o chefe de todos os outros touros que ao seu redor pastavam. De imediato, a besta com o seu farfalhudo e

comprido rabo, tentou com selvajaria chicoteá-lo. Se não fosse os seus apurados e rápidos reflexos, com aquela súbita e inesperada investida da besta, teria ficado muito mal tratado. Outros pardais que pousados em altos ramos de uma árvore próxima admiravam aquelas negras e possantes bestas assistiram mudos de espanto àquele acto de coragem e de galhardia. Depois de refeitos do espanto, chilrearam vivas ao Pardal Jovial, por tamanha audácia e destemida bravura, aqueles pardais num grande e entusiasmado chilreio foram logo ter com o Pardal Jovial, e levaram-no por aquelas planícies em glória e em triunfo. Todos os pardais do Bando das Planícies Douradas, com ele quiseram confraternizar, e com ele quiseram conviver. No entanto, o Pardal Jovial não quis deixar-se convencer pelos pardais daquele bando, que o seu acto irreflectido fora um acto de galhardia e de raça. Por isso, o Pardal Jovial rejeitou educadamente os seus convites para pertencer àquele bando de pardais boémios e aventureiros. Assim, continuou a sua viagem sem destino programado, por cima de desconhecidos vales, onde fervilhavam a Vida e abundavam as cores de perfumados e saborosos frutos silvestres.

Naqueles voos sem rumo certo, o Pardal Jovial também encontrou terrenos pantanosos com algumas lagunas e muitos charcos, onde abundavam os caniços e as saborosas libelinhas, que quase suspensas e paradas no ar, se tornavam irresistíveis à sua gula. Assim, naquela sua viagem por terras bravias e desconhecidas, o Pardal Jovial também encontrou inóspitos e difíceis locais para a vida. Pois, chegou mesmo a saltitar em enseadas que eram intensamente fustigadas pelo Vento Selvagem. Como poisou em falésias que eram batidas e varridas por furiosas vagas de um irascível Oceano Aberto e Sem Fim. O Pardal Jovial chegou mesmo a pousar no cimo de enormes rochedos, que estoicamente resistiam solitários às medonhas intempéries e às enormes vagas, que com furiosos e enfurecidos rugidos, os tentavam permanentemente cobrir com grandes montanhas de Água Salgada, para assim os derrubarem e desintegrarem, e desse modo, alargarem os seus domínios. Voou também em incríveis paisagens ainda mais inóspitas e agrestes que aquelas estóicas falésias. Pois, chegou também a visitar as Ardentes Dunas, onde saltitou ao de leve para não queimar as patas. Nessas quentes e sempre sedentas Terras Desertas de Vida, por diversas vezes nelas

se perdeu, e só pelo prodigioso milagre do suco de alguns cactos miraculosamente se salvou. Por outro lado, em contraste com aquelas ardentes e infernais paisagens, o Pardal Jovial também se banhou nas Águas Salgadas, tumultuosas e bravias, as quais, lhe forneceram as melhores iguarias e as melhores delícias do mar, que alguma vez, como gastronomia, ele jamais supôs existirem. E tudo isso, graças às marés baixas, que deixavam a descoberto aquelas guloseimas, que eram grandes preciosidades gastronómicas.

O Pardal Jovial fascinado e admirado por tudo quanto até aí viu nas suas viagens Iniciáticas, as quais levaram-no a compreender, que tal grandiosidade só poderia ter sido criada pelo Ser Cósmico, construtor do Céu e da Terra. Pois, verificou que tudo o que existe na Grande Mãe tem o seu oposto. Pelo que o bem e o mal, a luz e as trevas, o macho e a fêmea, bem como um sem número de parelhas são o lado visível dos opostos. O Pardal Jovial reconheceu que na Grande Mãe nada está completo sem o seu contraditório. Pois, somente a combinação entre estes, é que gera sempre um terceiro elemento metafísico, o equilíbrio. Na verdade, tal como a manhã se une à noite para formar o dia, o macho acasala com a fêmea, para juntos transmitirem força um ao outro e criarem a sua prole. Através das viagens de procura do conhecimento é que o Pardal Jovial percebera, como a Sua obra era bela e notável, pelo que teria que ser preservada por todos os que a adoram e que a amam.

A Vida no Campo

O Pardal Jovial, naquelas suas tresloucadas viagens na procura do conhecimento da Vida, chegou mesmo a visitar quintas com pomares, com frutos e sem frutos, mas com muita coisa boa à sua disposição, que não deixou por bico alheio. Naquelas arborizadas e luxuriantes quintas, havia enormes extensões de húmidas e sempre verdejantes hortas, onde abundavam as gordas lesmas, as suculentas lagartas e as nutritivas minhocas, como também lá havia há descrição de qualquer um dos pardais, que frequentavam aquelas paragens, quantidades incríveis de perfumados e adocicados frutos silvestres, de toda a espécie de paladares e de muitas cores garridas. Havia também naquelas rústicas unidades de lavoura, um sem número de caiadas fontes de límpida e cristalina água corrente. Embora nelas pontilhassem aqui e ali líquenes, e algumas manchas de musgos muito verdes. Ao longe para os pardais eram marcos brancos. Aquelas minas de água muito fresca, que durante todo o ano borbulhavam águas em correria desenfreada, alimentavam sussurrantes regatos, que eram o paraíso dos zângãos acrobatas, das abelhas melosas e de toda a casta de sedentos insectos voadores.

O Pardal Jovial naquelas pachorrentas Quintas da Fartura e da Ociosidade, chegou mesmo a brigar com os rústicos pardais locais. Nelas, o Pardal Jovial chegou mesmo a lutar com destemida bravura, dado a desproporção numérica dos seus adversários. Pois, aqueles rústicos pardais locais tentaram acossá-lo daqueles requintados manjares e daquelas deliciosas guloseimas. No entanto, o Pardal Jovial não consentiu que o impedissem de empanturrar-se com aquela requintada e saborosa gastronomia local. Por isso, lutou com valentia e com determinação pelo direito de permanecer naquelas paragens. Em face da sua estóica resistência às investidas dos pardais aldeões, aqueles passaram a respeitá-lo. Aos poucos foi integrado naquela comunidade de pardais, os quais mais tarde até seriam seus amigos. Por sinal, muito bons amigos, uma vez que o Pardal Jovial estava sempre a ser convidado para as suas prolongadas folias e muitos dançares, que geralmente se prolongavam até ao Disco Meio Luz Meio Sombra adormecer. Quando a Rosa de Fogo desabrochava radiante, os

pardais aldeões estavam muito cansados de tanta folia nocturna, ao mesmo tempo que as quentes calmarias os venciam, e por essa razão, passavam as tardes abençoadas pela Rosa de Fogo, em cima dos fenos, ou nos beirais das brancas casas baixas, a dormitar, ou na preguiça. E tal como eles, o Pardal Jovial também passou aquelas tardes abençoadas pela Rosa de Fogo na moleza. E, também tal como eles, quando ouvia o característico chiar das carroças, de imediato despertava da sua crónica sonolência, para se juntar aos pardais aldeões, uma vez que aquele barulho, geralmente significava abundantes quantidades de sementes e outras requintadas iguarias, que se podia sempre deitar facilmente o bico. Aliás, o decano do Bando de Pardais das Quintas da Fartura e da Ociosidade, um divertido pardal de roliço papo, de nome Pardal Bonacheirão, chegou mesmo a ensinar-lhe uma técnica muito específica daquelas paragens, a fim de não desperdiçar as suas energias em falsos chamamentos. Para isso, o Pardal Jovial deveria saber reconhecer a chiadeira que uma carroça vazia, do ruído duma carroça carregada com as preciosas iguarias. Assim, o Pardal Jovial aprendeu com o Pardal Bonacheirão, que se a carroça fizesse uma infernal chiadeira, não valia a pena interromperem as suas longas sestas, uma vez que tal chiadeira era o sinal de que ela ia vazia. Mas, pelo contrário, se a carroça fizesse um imperceptível ruído, então era porque estavam abarrotar de prováveis coisas boas. E se um ruído desses fizessem, era mais do que certo, que se iria ouvir o forte piar do Pardal Bonacheirão a gritar: «acordai malta! Vem aí comida! Vamos a isto que se faz tarde! Hei! Dorminhocos pardais duma figa! Hei! Pardais preguiçosos! Toca todos a acordar, pardais vagabundos!». E todos despertavam das suas crónicas letargias, para rapidamente estarem prontos para o assalto às guloseimas.

Naquelas quintas, outros sons característicos havia, em que o Pardal Bonacheirão também se tornara um grande especialista na sua decifra. Por exemplo, quando o Pardal Bonacheirão ouvia guizos compassados e em parelha, significava quase na certa, que se estava com um arado a rasgar e a desventrar a terra, onde eram virados húmidos torrões de terra castanha, recheados com apetitosas minhocas a tactearem o vazio. Então, o Pardal Bonacheirão berrava no seu costumeiro piar, para todos os pardais saírem dos

beirais e se apresentarem de imediato no banquete que os aguardava. O Pardal Jovial com aquele pardal conhecedor do empírico saber, depressa também se especializou naquela apurada acústica para a angariação da mais requintada e apetitosa gastronomia local, sem despender muita energia para a obter, pelo que naqueles lugares da fartura e da crónica letargia, o seu corpo começou a tomar formas rechonchudas e aos poucos já não se diferenciava fisicamente dos demais pardais aldeões.

Num certo dia, quando a Rosa de Fogo dava mostras de começar a murchar, como era costume, os pardais começaram lentamente a despertar da sua letargia crónica e começaram a chilrear baboseiras uns aos outros, depois desta alcovitice, entre eles seguia-se geralmente um chilrear alto e muito divertido. A comissura dos seus bicos retorcia-se até deles próprios. O Pardal Jovial era o pardal que mais se distinguia de um grupo de pardais barulhentos e muito divertidos, até ao momento que emudeceu o seu bico trocista, para ouvir um doce chilrear que vinha de uma meda de feno, próxima. Um bonito pardalinho fêmea de bico fino e de olhar voluptuoso era a causa daquela atenção e do seu súbito mutismo. O Pardal Bonacheirão, que fazia parte daquele grupo de folgados e divertidos pardais chilreou: «O Pardal Espiga Dourada tem andado ultimamente muito alegre!». De seguida, retorquiu o Pardal Alarve que era o pardal mais grosseiro do grupo: «como sempre, é uma tontinha! Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que se junte com ela...». O Pardal Jovial já não ouviu o resto da frase, uma vez que o seu olhar cruzou-se com o olhar do jovem ardente Pardal Espiga Dourada, que empalideceu com este, e submisso à voz do amor respondeu-lhe com um olhar lânguido, longo e hipnotizante. E, ela estremeceu de contentamento…

De facto, o início de um relacionamento é algo bastante agradável e muito feliz para um pardal. É tão excitante para eles, quanto é o de descobrir novos horizontes e ultrapassar desafios espinhosos e difíceis. Quando os pardais se apaixonam parece que voam no Vazio e no Nada. Pelo que o prazer que o Pardal Jovial sentia naquele momento era como se fosse uma nova experiência, uma nova aventura: doce e intensa. Quando o Disco Meio Luz Meio Sombra iluminou as Planícies Ondulantes veio o frio, depois veio o calor

com a Rosa de Fogo bem desfolhada, e aquele estranho sentimento continuava a entorpecer a vontade do Pardal Jovial para seguir carroças ou arados, apenas queria escutar o encantador piar do seu Pardal Espiga Dourada. Todavia, o Pardal Jovial estava muito confuso, uma vez que ao prazer que sentia de a ouvir, se misturava também àquele sentimento um outro, para ele estranho e desconhecido, que nunca sentira antes, o medo. Deixava-o muito confuso o facto de querer estar perto do Pardal Espiga Dourada, e ao mesmo tempo tinha medo de estar perto daquele encantador pardal. Pois tinha muito receio de chilrear disparates e assuntos que ela não gostasse, e com estes fizesse com que ela se afastasse dele para sempre. Tentou pensar em outras coisas que não fosse no Pardal Espiga Dourada. Mas foi em vão, ela toldava por completo todos os outros pensamentos. Na sua mente não havia mais nenhum pensamento que não fosse a sua figura esbelta e delicada. Um dia encheu-se de coragem e aproximou-se do Pardal Espiga Dourada, e chilreou banalidades tais como: desejar-lhe timidamente um bom dia; manifestar-lhe que a Rosa de Fogo estava muito bonita naquele dia; e referir que as Planícies Ondulantes estavam naquele dia muito perfumadas com as muitas flores vermelhas que a salpicavam. Ela respondia-lhe a cada trinado, apenas com uma grande comissura a tornear o seu pequeno bico, e com os seus olhos semicerrados a piscarem constantemente. Apesar do seu nervosismo, pouco a pouco, o Pardal jovial trocou os seus primeiros chilreares tímidos e envergonhados, para um chilrear aberto de delírios que lhe iam no peito, e descobriu que ela não gostava da Brisa, do escuro e nem do trovão. Descobriu ainda, que ela gostava de ser amada e de se sentir segura em ser amada. Apercebeu-se que ela gostava também do delinear da comissura do seu bico, dos dias abençoados pela Rosa de Fogo e de chilrear melodias românticas o tempo todo. O galanteio continuou dia após dia, o que aos amantes conferia uma atmosfera idílica e de devaneio absoluto. Há medida que o tempo era medido pelo chiar das carroças e dos arados, o Pardal Jovial reparava como o delinear da comissura do pequeno bico da sua amada aumentava de dia para dia, como também reparou que o desejo que sentia por lhe querer bem, por apenas o querer, era uma realidade que sentia no seu peito, o que para ela era muito positivo. E, os dois pardais davam mostras de gostar desse novo sentimento que acabavam de descobrir. Para o Pardal

Jovial este sentimento era como se fosse: o desejo da terra crestada, pela generosidade da Chuva; a semente que necessita morrer, para libertar a Vida; a ânsia que experimentam as praias, que aguardam a ternura das ondas contínuas das Águas Salgadas. Enfim, era um misto de tudo que o transportavam até ao êxtase, até ao delírio e até á fantasia. Num certo dia, quando o seu olhar estava preso no olhar do Pardal Espiga Dourada, esta chilreou ao seu ouvido: «os teus olhos entram dentro de mim como o frio da noite... E os meus olhos observam-te vigilantes e muito atentos... Que procuras ver através do meu olhar?». Ora que pergunta! Pensou o Pardal Jovial. Não se está mesmo a ver o que procuro! «Vejo os teus olhos a despirem-me a alma dos pudores descabidos... Nossas asas se tocam, tímidas...». Ahh! Até que enfim já compreendeu! Pensou o Pardal Jovial. Por muito tempo ficaram com os seus bicos colados um ao outro. Os seus suspiros só morriam entrecortados pelos beijos quentes... os "ais" misturavam-se com as salivas. As asas comandavam o chilrear de uma poesia nova e antiga: o amor e a paixão. No momento crítico, o Pardal Espiga Dourada chilreou com doçura: «bebo o teu chilrear com os meus olhos em brasa... sedenta e húmida! Despertas em mim a eterna procura do pardal fêmea pelo pardal macho! Conta-me as tuas coisas! dá-me muito prazer ouvi-las do teu bico! Sou parte integrante da tua vida? Diz-me meu querido pardal!». Ai não! Agora Não! Pensou o Pardal Jovial. Contudo, para não arrefecer o desejo que crescia, chilreou-lhe ao ouvido sem pensar muito bem no que lhe fora perguntado: «Sim! Sim! Sim!».

O Pardal jovial sentiu esta onda crescente de muito prazer em todas as vezes em que estava muito junto ao Pardal Espiga Dourada. Pois, quando este estava muito perto do seu amor, sentia um incontrolável desejo de a beijar, de a acariciar, de a apertar com muita ternura… Era um desejo insano e sem pudor, que levaram a que as suas asas passassem a ser perscrutadoras de intimidades, e o Pardal Espiga Dourada parecia gostar daquelas asas bisbilhoteiras, uma vez que num certo dia chilreou-lhe ao ouvido: «As tuas asas são sábias e conhecem cada pena do meu corpo melhor do que eu!». Com esta exclamação, aquelas asas ficaram ainda mais loucas, afoitas e curiosas. Em resposta a estas carícias lascivas, com o olhar retorcido e entre queixumes e gemidos imperceptíveis, o Pardal Espiga Dourada chilreou docemente: «Ai…

as tuas asas fazem com que a minha mente já não me obedeça e o meu corpo se descontrole por completo! Sinto um formigueiro quente a percorrer todo o meu corpo, que me agita e me enlouquece! Procuro-te ansiosa e encontro o teu desejo! E fico doida de muito prazer! Meu corpo te chama... vem meu amor...». O Pardal Jovial completamente descontrolado de tanto amor correspondido, com as suas patas, asas e bico agarrou com firmeza o Pardal Espiga Dourada. E como em qualquer situação, os pardais fêmeas são mais tagarelas do que os pardais machos, uma vez que estes últimos estão mais virados para a acção, ela continuou a chilrear com doçura. «Presa nas tuas asas, e mordiscada no pescoço pelo teu bico, enlouqueço! Dá-me uma vontade incontrolável de te devorar meu bem! Ai! Ai! Ai! O meu ritmo acelera e as minhas emoções estão ao rubro! O meu coração salta do meu peito, explode quando te sinto inteiro dentro de mim! Ai! mil cores e muitos trovões percorrem a minha mente insana de prazer... Estamos a dançar na mesma vibração e ao mesmo ritmo! Ai… que bom meu bem!».

O amor que o Pardal Jovial e Pardal Espiga dourada viviam era profundo e avassalador. Pelo que lhes provocava uma sensação de fusão um com o outro, ao mesmo tempo que também lhes dava a ilusão de uma unidade perfeita, única e irrepetível; estóica e intemporal; imune a todas as vicissitudes temporais da Vida. Por isso, a partir daquele momento, passou a ser normal para o Bando de Pardais das Quintas da Fartura e da Ociosidade encontrarem o Pardal Jovial junto do Pardal Espiga Dourada nos recantos mais sombrios e mais recônditos das Quintas da Fartura e da Ociosidade. Mesmo assim, apesar do recato que procuravam sempre ter nos seus encontros, outros jovens pardais não deixavam de os rondar por perto. A presença daqueles mirones, era para eles muito aborrecida e incomodativa. O Pardal Jovial enfadado com aquela intromissão da sua privacidade, chegou mesmo a entrar em vias de facto com muitos pardais mirones. Pois era com algum azedume, que reparava como aqueles pardais despiam com os olhos as penas do Pardal Espiga Dourada, e não gostava da nova sensação que isto lhe causava. Tão senhor que se sentia do corpo dela, que era como se aqueles jovens pardais estivessem a furtar uma parte do seu próprio corpo. Na verdade, um sentimento estranho, cruel e para ele desconhecido começou a morder-lhe as

entranhas das suas carnes. O ciúme é uma das piores sensações que um pardal pode ter. Para além de demonstrar uma grande falta de autoconfiança nele próprio, causa também um grande medo de 'perder' a atenção e o amor de quem muito se ama. O complexo de inferioridade entrou na mente do Pardal Jovial, quando começou a 'imaginar' que o Pardal Espiga Dourada também poderia estar a fazer olhos bonitos aos outros pardais. Pelo que passou a supor que era essa a razão porque voavam aqueles intrometidos por perto. Este mal estar foi crescendo e tornou-o inseguro e irascível. Qualquer coisa era motivo para alimentar o seu espírito de competição e de disputa constante. Chilreares agudos, azedos e nervosos passaram a ser uma constante do seu relacionamento, o que o transformou muito, uma vez que passou de um pardal que era dócil, compreensivo e carinhoso, a tornar-se num pardal rude nos gestos, áspero no chilrear e muito agressivo por pouca coisa. Pelo que este sentimento de perca foi destruindo lentamente uma convivência que anteriormente era saudável e muito feliz. Todo o pardal que se dispõe a amar e a viver um bom relacionamento, deve zelar pelos cuidados necessários para a sadia convivência com o pardal que ama. E isso não faz do outro pardal objeto de sua pertença. Por mais que os pardais amem a sua companheira, não têm o direito de posse da sua Liberdade. Para o Pardal Jovial, esta lição iria mais tarde fazer parte do espólio do conhecimento que tinha dos mistérios da Vida.

Com o Ciúme a acalentar o seu espírito, chegaram os primeiros arrufos de amantes. E com estes, o Pardal Espiga Dourada deixou de chilrear alegre nos dias em que a Rosa de Fogo mostrava toda a sua formosura. Era freqüente ser vista pelos pardais do bando a chorar junto às fontes de água cristalina. De tanto chorar por se sentir abandonada, um dia com saudades do Pardal Jovial e necessidade de desabafar toda a sua angustia, aproximou-se deste e chilreou muito comovida: «não procurarei saber mais o porquê de ter transcendido esta saudade, que me mata! Mentir-te-ia se te dissesse que não sentirei mais nada por ti!». Chilreou o Pardal Jovial, com algum escárnio a tornear a comissura do seu bico: «Nem ao menos a amizade? Só de pensar que fizeste olhinhos bonitos àqueles pardais paspalhos fico com todas as penas do meu corpo eriçadas! Procuro não pensar mais em ti um só momento da minha vida! Para não sofrer mais!». O Pardal Jovial chilreou estas palavras

sem considerar bem a sua extensão. «Enganas-te e enganas-me a mim quando dizes que não pensarás mais em mim um só momento! Mas, olha Pardal Jovial, nunca serei para ti uma mera lembrança! Recorda para sempre isto que eu te digo! Pois, desde o momento que invadi o teu pensamento, instalei-me sorrateiramente no teu coração para sempre, precisamente no frágil instante em que com medo me entreguei inteira a um prazer soluto, e fez com que do teu corpo brotasse em explosão! Sei que haverá um dia em que não precisarei mais de saber como tu tens passado e se és feliz, ou não! Se estás contente ou se estás amuado! Haverá um dia que não perguntarei mais por ti a nenhum pardal que por mim passe! Porque pouco me importará se estás a passar mal ou bem... Mas, tenho a certeza! Mesmo que não queiras, haverá sempre um dia que pardais te dirão que sou infeliz e que vagueio pelo mundo à procura dos teus beijos! Que me marcaram fundo! Que no meu bico ainda sinto o louco amor que neles deixaste! No meu pescoço ainda estão as marcas da fúria da tua paixão! Nunca te poderei esquecer Pardal Jovial, uma vez que foste tu que me fizeste sentir um pardal fêmea... Sensual e pujante! Haverá um dia em que não pedirei mais ao Ser Cósmico para que me procures, ou me dês um sinal de vida. Pois, sei que um dia me procurarás, com uma ânsia cega de saber como eu estou e se ainda gosto de ti, e quando esse dia chegar contarás ansiosamente todos os piares que te dêem alguma certeza deste meu amor! Entretanto, pronunciarás o meu nome com muita saudade! E será ele que lentamente te consumirá! Nessa altura pagarás com lágrimas, as lágrimas que me fazes neste momento por ti derramar, certamente a olhar o Disco Meio Luz Meio Sombra…».

Num certo dia, quando o Pardal Espiga Dourada chorava junto dum marco de água cristalina aproximou-se dela o Pardal Alarve que afoitamente chilreou: «porque andas para aí toda chorosa pardaloca? Só porque um peralta não te soube merecer?». E armando-se em gabarola, inchou o papo e levantou o sobrolho, continuando no seu rústico chilrear, com uma comissura marota a delinear o seu bico convencido: «olha lá pardaloca, aqui este pardal também sabe bater papo, e até mais do que isso!». Incomodado o Pardal Espiga Dourada chilreou: «Deixa-me em paz Pardal Alarve! Não vês que choro a minha mágoa! A minha Tristeza! Ando triste e muito chorosa, sim! Porque não

paro de pensar naquele cândido pardal, que tanto neste momento queria beijar!». O Pardal Alarve pavoneando-se, chilreou: «Pois formosa pardaloca, tal peralta não mereces! Precisas é de um pardal sério e honrado, que esteja “bem dotado” e te possa amar muito! Mais do que esse peralta que te abandonou! Pois olha pardaloca, resolvi candidatar-me ao lugar! Meu amor de bom grado te entregarei se o teu amor me deres em troca! Sou um pardal de posses, e “bem dotado”! Chilreou o Pardal Alarve piscando o olho atrevidamente. Chilreou o Pardal Espiga Dourada: «Tem Juízo Pardal Alarve! Põe-te no teu lugar!».

Sem o Pardal Espiga Dourada se aperceber, o Pardal Jovial passou naquele preciso momento muito perto, embora não tivesse ouvido bem o que aqueles dois pardais chilrearam, porque foi impedido de ouvir pelo constante sussurrar da água que corria daquele marco branco. Contudo a postura dos dois pardais antevia o que mais temia. E o ciúme voltou a morder as suas carnes, deixando-o de cabeça completamente perdida.

Para esquecer aquele romance que lhe tirava o sono e todo o sossego, o Pardal Jovial pensou que a melhor forma de o conseguir era retomar as suas viagens de prospecção de conhecimento e de descoberta dos distantes horizontes que dali se avistavam. Assim, chegou o dia em que o Pardal Jovial se despediu do decano dos pardais aldeões e dos seus rústicos novos amigos de folias e de divertimento, com excepção do asqueroso Pardal Alarve e por falta de coragem também do Pardal Espiga Dourada. Com fortes abraços, acompanhados dum grande chilrear, algumas sentidas lágrimas, e muitas promessas de um breve regresso, o Pardal Jovial levantou voo em direcção a essas distantes e imprecisas distantes paragens.

As Terras do Vicio e da Degradação Moral

A uma considerável distância das Quintas da Fartura e da Ociosidade, o Pardal Jovial conseguiu deslumbrar na linha do horizonte, o rasto serpenteado do Grande Rio. O mesmo que se espreguiçava nos remansos do Bosque das Terras Altas, e seguiu-o em direcção à sua foz. Um pouco antes do Grande Rio se lançar no Oceano Aberto e Sem Fim, o Pardal Jovial avistou em forma duma concha cinzenta, rodeada de densos fumos negros, as Terras do Vicio e da Degradação Moral. Pela grandiosidade e exuberância daquela Metrópole. O Pardal Jovial ficou estarrecido e maravilhado com tudo o que via à sua volta. Para melhor poder admirar aquela paisagem, tratou logo de pousar no cimo de uma colossal e esguia torre de aço e de muito vidro, que se atrevia a furar as nuvens. Com aquele seu sacrílego e ousado gesto, atrevia-se a atentar contra os domínios que eram de pertença do Ser Cósmico e das águias. Naquele lugar do Olimpo, pôde apreciar a grandeza e a magnitude daquele desconhecido mundo de muito cimento e vidro.

Certo dia, quando o Pardal Jovial voava um pouco mais acima daquela Torre de Babel, quase foi punido pelos Céus, uma vez que distraidamente voava um pouco mais acima daquela gigantesca colmeia de aço e muito vidro, para assim melhor desfrutar a visão panorâmica daquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral. De repente teve que fugir à velocidade máxima que as suas pequenas asas lho permitiram fazer. Pois, um gigantesco monstro alado rugidor, de alumínio e aço, aproximava-se dele velozmente. Para além de momentaneamente o ensurdecer, tudo à sua passagem sugava. Por sorte, o Vento Selvagem cuspiu-o brutalmente para longe daquele monstro. O susto com tal horripilante visão foi tal, que momentos depois ajoelhava-se em piedosa prece, a prometer ao Ser Cósmico penitências e sacrifícios sem fim, sem ter bem a real noção de quanto se empenhava naqueles seus piedosos compromissos. Naquela imponente e movimentada Terras do Vicio e da degradação Moral, para sua muita admiração, viu estranhas máquinas de todas as cores, tamanhos, e feitios, a empanturrarem as artérias daquela Metrópole. O Pardal Jovial reparou ainda, como aquelas barulhentas máquinas se auto-

moviam, fumegando pestilentos e venenosos gases, que à sua volta tudo gaseavam e intoxicavam. Em certos locais da periferia daquela cosmopolita Terras do Vicio e da Degradação Moral, o chão até era ácido, e como tal era mortal para a Vida. O ar que ali se respirava também era venenoso e por isso era irrespirável. Por outro lado, estranhamente, aquele mundo de cimento, de aço e de muito vidro, quando era visto de longe, estava quase sempre, envolto numa cúpula acastanhada de pestilentos e perigosos gases, os quais, na certa poriam a Vida das criaturas que nele habitavam em grande perigo. E provavelmente sem elas darem conta do risco que corriam, uma vez que todas as criaturas fluíam de um lado para o outro, sempre apressadas em chegar aos seus destinos, ou a lado nenhum.

Nos primeiros dias de visita àquele santuário do progresso, do vício, e da perdição, o Pardal Jovial sentiu-se muito fatigado e doente, chegou mesmo a pensar, que o seu fim estava inexoravelmente próximo, e por consequência daquele seu frágil estado físico, embriagou-se duma forte saudade do seu antigo ninho. E pensou em regressar ao Bosque das Terras Altas, ou às Quintas da Fartura e da Ociosidade. Neste estado de fragilidade, chegou a recordar com muita saudade o Pardal Espiga Dourada das Quintas da Fartura e da Ociosidade. Na verdade, a distância faz ao amor aquilo que o Vento Selvagem faz ao fogo: apaga o pequeno, inflama o grande. E, por isso, podia classificar o amor que sentia pelo Pardal Espiga Dourada como sendo muito grande. Pois, já morria de saudades por ela. Chilreavam os pardais anciãos do seu bosque que depois de um grande desgosto de amor um pardal podia entregar-se à sua dor legítima, sentida e sincera; fazer o luto necessário durante o tempo que fosse preciso, e depois respirar fundo, levantar a cabeça e o bico, e encarar cada dia como um desafio da Vida. Mas, um desgosto de amor é sempre um desgosto de amor. É a tal chama que arde sem se ver. E a consequência deste sentimento não correspondido, por vezes causa uma dor tão dilacerante, que até rouba a vontade de viver a quem dele for vitima.

Se não fossem as suas rápidas melhoras, e o fascínio que os floridos e arborizados Jardins daquela Metrópole lhe causavam, teria fugido daquele horrível e pestilento lugar para bem longe. Mas... o tempo da sua permanência

naquela Metrópole voou com impressionante velocidade, como tudo naquele lugar de aparências e de muitas vaidades voava. Comparativamente com o tempo que corria nas Quintas da Fartura e da Ociosidade, ali a vida era vivida sempre com muita depressa.

Naquele dia a Rosa de Fogo desabrochou radiante, o Tempo das Flores já começava a piscar o olho ao Tempo das Cearas. O Pardal Jovial pousado numa árvore amputada, admirava a calçada íngreme onde aquela teve guarita, e reparou como aquele espaço equilibrava de forma perfeita o casario com muitas madeiras nas fachadas das janelas e nas portas, e como se misturava com edifícios de pedra trabalhada, com janelas de sacada e interessantes ferros forjados, que davam ritmo e colorido àquela zona da Metrópole, com as suas flores, e toda a perspectiva descendente da calçada, e com o Grande Rio no horizonte. Quando o Disco meio luz Meio Sombra surgiu no firmamento, Pardal Jovial pôde admirar como o estuário do Grande Rio era iluminado com muitas luzinhas trémulas e coloridas. Conferindo àquela paisagem uma beleza sem igual. Beleza que levou o Pardal Jovial a recordar passagens do seu romance com o Pardal Espiga Dourada, o que o levou a suspirar por algum tempo mais. Quando a Rosa de Fogo surgiu esplendorosa voou em direcção a um Jardim com muitas árvores simétricas, todas amputadas e todas iguais. Neste Jardim havia duas fontes com água muito fresca e estranhamente esverdeada, aparentemente a mesma água dos lagos ovais que estavam próximos, com muitos peixes vermelhos, patos e cisnes. Aquele Jardim era um oásis no meio daquela selva de betão e vidro, embora os seus habitantes estivessem todos eles prisioneiros daquela barulhenta Metrópole. Todavia, aqueles Jardins fizeram-no rapidamente esquecer os pestilentos ares daquele lugar, que só poderia ser obra do malvado. Pois parecia ser o único lugar daquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral onde se podia respirar um pouco melhor.

Assim, foi com uma efusiva alegria e com uma grande simplicidade, que ele se banhou naqueles verdes lagos, e naquelas fontes fartas de águas com esquisito gosto e de mau sabor. Na relva daquele vasto Jardim, muito bem cuidados com venenos e outras calamidades, ele juntamente com outros

pardais, muitos deles forasteiros e migrantes tal como ele, estouvadamente saltitaram, e rebolaram loucamente naqueles tapetes de relva. E perderam-se em vícios e em censuráveis loucuras. Não demorou muito tempo, que nas frondosas e altas árvores que há muito viviam naquele microcosmo, o Pardal Jovial não cantasse ao desafio serenatas vadias e boémias, a pardais fêmeas de aspecto e comportamento duvidoso. Talvez porque os seus trinados eram de uma rústica e primitiva pureza, o seu sucesso junto daquelas maliciosas e lascivas fêmeas era muito grande. Todos os dias o Pardal Jovial conhecia um novo bico, que correspondia quase na certa, a um novo e excitante romance. Vadio, vagabundo e marialva nos seus gestos, nos seus gostos, e até nos seus caprichos, ele tornou-se o terror dos efeminados pardais locais, o que fez com que a fama de “Pardal Arruaceiro” o acompanhasse para todo o lado. Os seus companheiros da boémia e do vício, não hesitam também de o exaltar a todo o momento. Por isso o Vento Selvagem espalhou nos ares envenenados daquela Metrópole, façanhas e virtudes inigualáveis. Assim, naquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral, o Pardal Jovial conheceu dias mágicos e sem igual que o levaram a esquecer o Bosque das Terras Altas e a recordar o Pardal Espiga Dourada somente de tempos a tempos.

Todavia, apesar deste reboliço agitado, a nostalgia surgia quando um nevoeiro teimava em encarapuçar com gotinhas de água, provenientes do Grande Oceano Aberto e Sem Fim, os telhados e as balaustradas de ferro que ornamentavam as janelas daquela Metrópole, ou quando um Vento Selvagem varria impiedosamente as suas ruas. Pois, tanto uma moldura como a outra, faziam com que o Pardal Jovial nelas visse outros retratos e outras recordações. Num certo crepúsculo húmido e pardacento, para se abrigar duma Chuva que repentinamente surgiu do nada, gélida e muito abundante, o Pardal Jovial pousou num alto Cipreste, que na sua forma esguia e pontiaguda de se apresentar, se destacava dum denso arvoredo que o rodeava e, quase por completo, ocultava das vistas um pátio que teimava em mergulhar em verdetes e em misteriosas sombras. Num oculto ramo, que partia do coração daquela grande e majestosa coluna vegetal, que já há muito tempo deixara de saber a sua verdadeira idade, já lá se encontrava empoleirado para se abrigar do repentino aguaceiro que caía dos Céus cinzentos em abundância, um

misterioso e sóbrio pardal, com uma aparência distinta, e com o aspecto de já ter uma respeitável idade, com o qual, o Pardal Jovial tratou logo de trocar algumas palavras de educação e de cortesia. Na verdade, aquele misterioso pardal de chilreares poupados, não era mais do que o Pardal Bico Fino, o Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador do Bando de Pardais Pensadores, que por rígidas normas de conduta daquele seu bando, não se deu a conhecer como tal, preferindo a protecção do silêncio.

O Pardal Bico Fino, para a comunidade dos pardais locais, tinha geralmente uma atitude radicalmente oposta a todos os outros pardais daquela Metrópole. E de tal forma era considerada sempre oposta e muito diferente da dos outros pardais, que para eles, mais parecia ser a sua própria maneira e estilo de estar na Vida, do que uma manifestação de um pensar diferente. Julgavam até, que aquela sua forma de estar, era para dizer a todos os outros pardais: que a sua vontade sobre todas as outras vontades era soberana e a única a ser considerada, como também, o seu conhecimento sobre os segredos da Grande Mãe e mistérios da Vida, era o único conhecimento a ser tido em conta, uma vez que aparentemente não se interessava por quem manifestasse uma opinião diferente da sua e, diziam até os bicos dos pardais mal dizentes, que ostensivamente desprezava os seus opositores ideológicos. Diziam também os bicos dos pardais mal dizentes que era usual proferir a expressão de que já “atingira uma idade que só fazia o que lhe apetecia, e que estava fora de questão fazer seja o que fosse contra a sua vontade”.

Por outro lado, por circunstâncias que estavam submersas nas brumas do tempo, e que nunca por ele foram divulgadas, como também, por nenhum pardal haviam sido bem apuradas, constava-se no entanto na opinião geral dos pardais da Metrópole, que o Pardal Bico Fino, já há muito que tinha perdido o sentido do Ser Cósmico. Claro, que na forma litúrgica e canónica com que era descrito pelo Pardal Profeta do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Aliás, não foram raras as vezes que o Pardal Bico Fino manifestou interrogações e sérias dúvidas sobre o paradeiro do tal Ser Cósmico, que os bandos daquela Metrópole tanto veneravam, nomeadamente, quando a sua presença era manifestamente precisa, urgente e extremamente necessária. E

dado o silêncio dos Céus, acabava geralmente por responder a si próprio, que não existia tal Ser Cósmico! Pois se Aquele Ser existisse, não haveria no mundo tanta miséria, tanto sofrimento e tanta desgraça para os pardais.

O Pardal Bico Fino era por norma um pardal muito analítico e frio nas suas análises e apreciações. Como era também um devoto estudioso da criatura, e da interacção desta para com o seu bando. E deste, com os outros bandos de pardais da Metrópole. Por outro lado, nenhum pardal ancião daquela Metrópole registava na sua memória, ter assistido a alguma visível emoção daquele pardal. Pois, sempre o conheceram com o aspecto taciturno e reflectido. Como também, nenhum daqueles pardais anciãos registava na sua memória, ter assistido a algum visível regozijo, ou a qualquer outra manifestação de prazer ou de alegria. Apenas, tinham por diversas vezes assistido a manifestações que o rotulavam como um pardal possuidor de ideias diferentes e contrárias aos costumes da maioria dos Pardais do Bando da Metrópole. Por essa razão, ele era considerado um belicoso pardal a evitar sempre que possível. Pelo que a vida do Pardal Bico Fino era para os pardais mais criativos a espalharem as novidades da Metrópole, um fértil pasto para as lendas e para as fantasias das teorias da conspiração. Mas, na realidade, a vida daquele misantropo pardal, era de todos os pardais da cidade, absolutamente desconhecida.

Constava-se no entanto pelos sussurros que eram trazidos pela Brisa, que varria as ruelas mais escondidas da Metrópole, que o Pardal Bico Fino, antes de fazer parte do Bando dos Pardais Pensadores, já tinha voado por outras Terras do Vicio e da Degradação Moral, numa volúpia de encapelar qualquer espírito mais conservador; e que pelo facto dele conhecer todos os vícios e depravações dos pardais; como também por ter levado uma vida de libertinagem e de devassidão, conhecia todas as misérias dos pardais. E, foi por ter tal conhecimento, é que ele era o melhor guardião dos segredos do Bando de Pardais Pensadores.

Por sua vez, o seu papudo olhar, não desmentia aquelas vidas passadas, pois eram visíveis as marcas do cansaço e os traços da auto-reprovação. E, tanto mais que as suas pupilas reflectiam permanentemente uma tristeza sem igual.

Aliás, em todo o seu aspecto, parecia que nele vivia a tragédia do pardal que esgotou todas as volúpias e todos os prazeres íntimos do mundo, e que nunca conseguira deles se saciar plenamente.

Assim, pelo seu aspecto envelhecido e meio introvertido, pois estava sempre absorto e meditativo, fazia com que os pardais que eram considerados profanos ao Bando de Pardais Pensadores, dissessem pela surdina e pela calada das esquinas daquela Metrópole, que era por aquela razão, que ele era um revoltado contra tudo e contra todos os pardais. Mas, no fundo, revelava ser um pardal de grande conhecimento e muito saber. Um estudioso da mente segundo alguns pardais mais evoluídos. E, um grande conhecedor da Vida, chilreavam outros pardais de conhecimento igual. Pardais também havia que com piares sempre dispostos à critica e ao mal dizer, tivessem espalhado pela Metrópole, que o seu fino bico, teimava em permanecer esculpido um sorriso mau, o qual, tinha sido talhado pela erosão do tempo, uma vez que a sua permanente comissura de escárnio teimava em ornar perpetuamente aquele bico fino, o que geralmente intimidava e assustava qualquer pardal que dele se aproximasse. Diziam ainda aqueles chilreares das criticas clandestinas e sussurradas aos cantos da Metrópole, que toda aquela máscara, só poderia ser devida à sua insatisfação nos vícios e nas vaidades do mundo e, que nem as misteriosas práticas do seu bando, conseguiam aplacar, ou até mesmo minimizar tal inconformidade com a Vida.

O destino e a Chuva, que não parava de cair farta e cerrada, fez com que no interior daquele velho Cipreste, denso e labiríntico, fosse o palco duma demorada e frutuosa cavaqueira, entre o Pardal Jovial e o Pardal Bico Fino, o qual começou logo por discordar da beleza e do encanto das paisagens desérticas e abençoadas pela Rosa de Fogo, por isso ardentes e sedentas, que o seu interlocutor pingado, fazia contrastar com a tristeza daquele dia cinzento e molhado. E que ainda por cima, se apresentava com a ousadia e o desplante de afirmar, de ter visto essas Terras com os seus próprios olhos, e até mesmo de as ter sobrevoado e pisado, numa das suas longínquas viagens de prospecção e de conhecimento aos extremos domínios da Grande Mãe. Aquele pardal ancião, perante tanta bazófia do seu interlocutor, foi-lhe

completamente impossível continuar impávido e absorto nas suas obscuras reflexões. Por isso, não hesitou em o corrigir por diversas vezes, com secura e com algum escárnio no seu chilrear, manifestando que todas aquelas selvagens e inóspitas paisagens, que aquele afirmava serem belas e deslumbrantes, tinham sido criadas pela Grande Mãe e não pelo Ser Cósmico do tal Pardal Profeta, que o Pardal Jovial, no seu entusiástico e aventureiro discurso, não se cansava de referir e de repetir até à exaustão.

Mas, em face da espontaneidade e da vivacidade com que o Pardal Jovial descrevia as suas aventuras, apesar do Pardal Bico Fino mostrar a todo o momento quanto era a sua vontade de não querer chilrear e preferir estar absorto nos seus pensamentos, o forasteiro ávido por chilrear e por necessidade de convívio, não quis entender aquele sórdido desejo de silêncio do seu companheiro de poleiro, e continuou a alimentar com achas de controvérsia, um chilrear que parecia não ter um fim à vista. Razão, porque não foram raras as vezes, que o Pardal Bico Fino, na tentativa de pôr fim àqueles piares sem fim, respondesse ao Pardal Jovial com alguma brusquidão e até mesmo, com algum azedume no timbre do seu piar, como derradeira tentativa para dissuadir o seu interlocutor, que parecia ser mais uma gralha que um pardal.

Em consequência daquele crescente azedume, que aliás, era bem visível no piar e no semblante do Pardal Bico Fino, como também, perante as graças e as virtudes que o Pardal Jovial atribuía ao Ser Cósmico, por o ter conduzido com protecção e sabedoria em tais viagens, o Pardal Bico Fino já sem paciência para ouvir mais blasfémias, acabou por lhe dizer: que os diversos Seres Cósmicos, dos muitos bandos de pardais existentes em todo o mundo, poderiam ter muitos e diferente nomes, mas que na realidade todos eles se resumiam a um só, que era o Grande Ser Cósmico. E, para pôr fim àquela disputa e à provável controvérsia que aquele seu comentário, na certa não deixaria de gerar, o Pardal Bico Fino ainda afirmou com o seu habitual piar ríspido e severo, que já era tempo dos pardais compreenderem e de entenderem, que não poderiam estar à espera da obra fantástica e milagrosa desse Ser Cósmico, para a construção de todos os seus sonhos hipócritas e

egoístas, uma vez que um dia eles teriam que tomar nas suas asas, no seu bico e na sua mente, a responsabilidade de construírem na Terra o Céu Azul da Força Subtil, melhor do que alguma vez lhe foi utopicamente e fantasiosamente prometido para o Céu Celeste. E, que quando chegasse esse dia, então eles compreenderiam que o verdadeiro Céu Azul da Força Subtil só poderia ser o da razão, o da nobreza de carácter e o do amor pelo próximo.

Surpreendido e atónito com a descrição de tal Céu Azul terrestre, pois nunca tinha ouvido tal, o Pardal Jovial lembrou-se em pormenor, do Céu Azul e da Força Subtil que o Pardal Profeta contava nas noites longas e quentes à luz leitosa do Disco Meio Luz Meio Sombra, e dele, timidamente e com pouca segurança deu conta ao pardal Bico Fino. Nomeadamente, como os pardais do início dos tempos, tinham sucumbido à tentação de um pequeno fruto... Pelo que o Pardal Bico Fino sempre cruel, mordaz na escolha dos seus piares, interrompeu-o bruscamente para ironicamente lhe responder, que se aos pardais do início dos tempos lhes tivesse apetecido comer um melão ou uma melancia, então as coisas do mundo de hoje seriam ainda piores e mais catastróficas. Porém, num tom mais sério, mais douto e, que não admitia qualquer contradição, ou réplica, numa atitude de confidência chilreou, que ele, Pardal Bico Fino, não era um Ser Superior feito pardal pelo seu pecado. Ele era um pardal feito Ser Superior pela sua razão, dado que o Ser Superior que nele vivia, era o pardal livre e emancipado, que voava confiante e seguro pelos trilhos existenciais, os quais tinham sido por ele desbravados, em cada saltito e em cada voo, que ao longo da sua vida puderam realizar. Com mais ou menos dificuldade. Com mais ou menos sucesso.

Apesar do Pardal Jovial ter ficado atónico e muito surpreendido com tal definição e caracterização de Ser superior, não deixou de responder ao Pardal Bico Fino, embora, com alguma timidez e algum torpor no seu piar, que os ensinamentos do Pardal Profeta do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, era de que o pecado original havia sido cometido pelos pardais do início dos tempos, por terem comido o pequeno fruto do conhecimento e com esse gesto, terem querido obter o conhecimento do Ser Cósmico. Para egoisticamente poderem pensar no seu infinito domínio cósmico, e que por

conseguinte, o que o Pardal Bico Fino havia proferido, só poderia ser uma insensata blasfémia, e aos olhos do Ser Cósmico um pecado mortal. O Pardal Bico Fino, com uma impaciência que se revelava mal contida e mal disfarçada no seu chilrear, ripostou de imediato, chilreando: que a crença daquele tal Pardal Profeta, que tanto o Pardal Jovial exaltava, era por primazia e por excelência contra-natura, uma vez que aquela crença negava o papel das paixões na felicidade de cada um dos pardais, e por lhes impor um pesado determinismo na rejeição dessa mesma felicidade, a qual estava ao alcance de cada um dos pardais, só poderia ser uma crença insana e masoquista. Ainda, segundo a opinião do Pardal Bico Fino, tal crença só poderia ser um atentado e uma ofensa ao Grande Ser Cósmico, uma vez que nem a mais esfarrapada desculpa do livre-arbítrio conseguia disfarçar tal hipocrisia e tal sadismo, ao negar a felicidade e a alegria de viver ao comum e humilde dos pardais. O Pardal Bico Fino no seu azedo discurso chilreou ainda ao pardal Jovial: que os pardais eram livres de voar até onde os horizontes lhes permitissem voar, mas não com a liberdade teológica do tal Pardal Profeta, pois essa nunca poderia ser a verdadeira Liberdade intrínseca dos pardais, uma vez que não lhes foi conferida pela sua dignidade enquanto seres pensantes, mas foi sim, uma generosa dádiva desse apregoado Ser Cósmico. O Pardal Jovial acompanhado de gestos afirmativos com o seu bico chilreou: que o Pardal Profeta do Bosque das Terras Altas lhe tinha chilreado, que o Ser Cósmico oferecera nos inícios dos tempos a Liberdade aos pardais, porque muito os amava e muito lhes queria. Liberdade hipócrita! Gritou de imediato o Pardal Bico Fino. A Liberdade de cada pardal conquista-se com a sua determinação, com a sua vontade, com a sua coragem e, com o seu destemido valor. E, não por ofertas metafísicas. Pelo que à espera de desarmar aquele seu interlocutor com olhos de insecto, a frio e com muita acidez no timbre do seu piar, o Pardal Bico Fino interrogou-o: se na realidade ele acreditava na existência do seu Ser Cósmico? Com tal pergunta, por breves momentos o Pardal Jovial ficou ausente e muito pensativo, pois, apesar de ter ouvido durante muito tempo o Pardal Profeta no Bosque das Terras Altas a confirmar tal existência, não se poderia considerar um pardal muito crente na existência do Ser Cósmico. Embora, respeitasse o poder da Fé e a força que aquela dava a tantos pardais seus conhecidos. No entanto, ao seu espírito analítico e sempre observador dos fenómenos da

Grande Mãe, revelava-se um obstáculo para a aceitação do tal Ser Cósmico, que dificilmente conseguia ultrapassar.

Assim, com a sinceridade estampada no seu olhar, chilreou ao Pardal Bico Fino, que para acreditar na existência dum Ser Cósmico, implicaria também ter Fé em tal Ser. E, isso obrigava-o também a aceitar a existência de milagres, imaculadas concepções e a absurdas intervenções divinas na Grande Mãe. O que à partida lhe parecia ser difícil de aceitar, uma vez que contradizia o seu conhecimento empírico das coisas. Como também, implicaria aceitar que há nos Céus ameaças e muitos castigos para os pardais que não seguem determinadas condutas e princípios que aquele Ser Cósmico impõe. Pelo que o Pardal Jovial num timbre que mais parecia ser o de uma confissão de derrota, chilreou: que não conseguia imaginar um Ser Cósmico a governar o destino dos pardais daquela maneira severa. E, tanto mais que acreditava no amor e na fraternidade entre todos os pardais do Mundo.

Por sua vez, com uma luminosidade feiticeira nos olhos, o Pardal Bico Fino aproveitou para confidenciar ao Pardal Jovial: que os Sagrados Pensamentos e as muitas Reflexões dos muitos profetas existentes, não passavam de contos e de lendas. Até de plágio dos Grandes Mistérios das crenças primordiais, que se destinavam unicamente à compreensão do pardal para o significado da sua existência neste mundo. Chilreou ainda: que desde o começo dos Tempos, a espiritualidade fora chamada a preencher os vazios que o conhecimento dos pardais não compreendia e ainda desconhecia em absoluto. Deu ao Pardal Jovial como exemplo: o desabrochar e, o murchar da Rosa de Fogo, que em tempos antigos eram atribuídos à acção misericordiosa dum Ser Cósmico. Como o Vento Selvagem era também naqueles tempos, atribuídos a manifestações de ira dum outro poderoso Ser Cósmico. E, que o conhecimento veio a provar que aqueles Seres Cósmicos eram falsos Seres Superiores. Num douto confidenciar concluiu: que o conhecimento hoje tem uma resposta para quase todas as perguntas que os pardais possam formular. E, que restam poucas perguntas que aguardam uma resposta confirmada pelo conhecimento. Como sejam: De onde os pardais vieram? Para onde eles vão? Qual é o verdadeiro significado da Vida? E, da Morte? E do Universo?

Vendo que o olhar do Pardal Jovial ressentia as suas reflexões, chilreou sem lhe dar tempo a um grande e conciso raciocínio, e perguntou-lhe: se nas noites limpas de nuvens, não olhava para as brilhantes galáxias suspensas no firmamento e não sentia nelas a presença do Divino? Perguntou-lhe ainda, se não sentia que estava a contemplar a obra do Grande Ser Cósmico! E, se não achava tal criação magnífica e deslumbrante? O que com gestos afirmativos com o bico o Pardal Jovial ia assentindo toda aquela grandiosidade.

Assim, com o seu interlocutor a concordar plenamente com a sua reflexão, continuou a chilrear, proferindo que as crenças eram como o chilrear das aves, uma vez que aquelas eram atraídas para as práticas e para as educações dos seus bandos. E, que na verdade, no fim o que proclamavam era o que o bando lhes incutiu desde o ninho materno. Embora houvesse sempre dissidentes. Na verdade, todas elas estavam gratas ao poder que as criaram. O Pardal Jovial continuava atónico com tanto saber, quando pensou alto e chilreou sem se aperceber que o fazia: «então, significa que as crenças dependem do lugar onde nascemos, sendo a Fé aleatória?». «Não!». Respondeu de imediato o Pardal Bico Fino: «A Fé é universal!» Os nossos métodos para o entender é que são aleatórios, uma vez que perante inexplicáveis acontecimentos, alguns de nós rezam ao Grande Ser Cósmico e outros interpretam os segredos da Grande Mãe! Mas, no fundo, andamos todos à procura da Verdade! Uma Verdade que se apresenta sempre maior do que nós!». E, continuou a sua reflexão: «os segredos da Grande Mãe dizem-nos que o Grande Ser Cósmico deve existir! A minha mente diz-me que nunca serei capaz de compreender o Grande Ser Cósmico!». O Pardal Jovial ficou confuso com tal afirmação e, repetiu: «nunca conseguirás compreende-lo?». Pelo que foi logo corrigido pelo Pardal Bico Fino: «Compreendê-la! Pois trata-se da Mãe Terra! E, nela, Todos nós somos células interligadas, com diferentes propósitos. É por isso que servimos, ao mesmo tempo que todos nos servem.

Vendo que o seu pingado interlocutor não fugia aterrorizado pelas suas reflexões, como já outros pardais o fizeram antes, disse-lhe com piares mais modelados pela educação e mais harmoniosos com o bom senso: que a parte mística, obscura, dogmática e milagreira da crença daquele seu tal Pardal

Profeta do Bosque das Terras Altas, era muito perniciosa e impertinente, porque fazia consumir tempo, gastar riquezas, e desviar as melhores mentes para caminhos não científicos e irracionais, e que aquela prática provocava a pobreza, a apatia e a ignorância em todos os bandos de pardais do mundo, quando aqueles meios e aqueles recursos, eram mais do que suficientes para prover ao seu desenvolvimento e, com este à plena felicidade dos pardais.

O Pardal Jovial, apesar de concordar com a argumentação do Pardal Bico Fino, uma parte dele continuava atónita e muito surpreendida com tal praguejar blasfémico e herege. Por isso, com algum visível espanto no olhar, mas resoluto na defesa do seu baluarte de Fé, tentou contrariar o pardal Bico Fino, ao dizer-lhe, que se não era possível provar racionalmente a existência do Ser Cósmico, como não era também igualmente possível provar a sua inexistência. Por isso como podia ele ter tanta certeza no que proferia? O Pardal Bico Fino, através do brilho reflectido nos seus olhos, mostrou quanto gostou do que ouvira. Pois a sua astuta mente, tinha detectado que estava na presença dum pardal aberto ao conhecimento, e à procura da Verdade, sem dogmas e sem ideias preconcebidas. Por isso, ele convidou aquele pardal para conhecer o Bando dos Pardais Pensadores. O Pardal Jovial já tinha ouvido referências àquele misterioso bando, como sendo o bando de pardais mais temido e ao mesmo tempo, o bando de pardais mais respeitado naquela movimentada e luminosa Metrópole, pelo que prontamente acedeu afirmativamente a tal honroso convite.

A chuva da mesma forma que havia começado, do mesmo modo também cessara. O Pardal Bico Fino, nas despedidas daquele ocasional e fortuito encontro, ainda disse ao Pardal Jovial, para ele aguardar um breve contacto dum membro daquela comunidade de pardais pensadores, ao mesmo tempo que lhe solicitou confidencialidade do seu encontro, e levantou voo.

O Pardal Jovial sempre directo e frontal no seu chilrear, manifestou ainda ao Pardal Bico fino a sua curiosidade e a sua surpresa, e por isso perguntou-lhe com as asas à frente do seu bico para projectar mais longe o seu piar, como é que o tal membro do Bando de Pardais Pensadores o poderia localizar naquela

Metrópole polvilhada de pardais. Ao que o Pardal Bico Fino lhe chilreou, que para aquele bando de pardais, nada era desconhecido e nada lhes era abstracto, uma vez que tinham a capacidade de se infiltrarem e de observarem todas as coisas que se passavam nas Terras do Vicio e da Degradação Moral.

O Bando de Pardais Pensadores

Uma voz pausada e escondida na noite, embora o seu rouco timbre traísse a sua identidade, pois aquele modo de chilrear cansado e pausado, só poderia ser o modo de piar do Pardal Bico Fino, que arrastadamente chilreou: que o fiel e dedicado pardal àquele bando de Pardais Pensadores, nunca em caso algum se deixaria vencer pelo desânimo, ou pela decepção, antes pelo contrário, um pardal daquele secreto bando, seria sempre espiritualmente forte e integro, tanto no seu modo de agir, como na sua forma de estar e ver a Vida. O chilrear descansado e monocórdico, continuou protegido pelas sombras a avisar os pardais daquele bando que: aqueles que eventualmente viessem a ser atingidos pela teia do mal, ou aqueles que se juntassem àquele Bando de Pardais Pensadores, com um espírito superficial e um propósito interesseiro, deixariam de conhecer o saber profundo, que aquele antigo bando no seu seio, há muito tempo encerrava. O segredo daquele bando de pardais continuaria a ser para aqueles pardais oportunistas, um mistério indesvendável, uma vez que deixariam de conhecer o seu real propósito, e a força espiritual que aquele ocultava. Chilreava ainda o pardal escondido pelas sombras da noite: que era a chama do conhecimento que no interior do bando crepitava, é que era o Tesouro inestimável daquele Bando de Pardais Pensadores. Portanto, o verdadeiro Tesouro daquele bando de Pardais não estava visível, nem estava acessível a qualquer pardal profano àquele Bando de Pardais Pensadores, uma vez que aquele se encontrava profundamente escondido nas entranhas do conhecimento e da sabedoria. Só escavando por baixo da aparência e do orgulho, aquele se poderia descortinar e talvez, deixar-se encontrar. E tanto mais, que o ouro dos pardais iniciados, não era de forma alguma o metal dos pardais profanos, antes sim… era o corpo de luz. O esplendor da Vida. A luz que molda o pensamento e que realiza as obras dos pardais artistas. Só o pardal despojado das falsas riquezas e dos falsos valores poderá encontrar o verdadeiro Tesouro do Bando de Pardais Pensadores. E, quando chegar esse dia, como uma crisálida, metamorfosear-se na essência Divina, e como tal, transformar-se-á num símbolo de Sabedoria, de Força e de Beleza. Por todas estas razões, dizia o piar cansado e monocórdico: quem passasse por aquele misterioso e esotérico bando de pardais, como se fosse por um qualquer um

outro bando de profanos pardais, nunca poderia verdadeiramente conhecer o sublime e valioso Tesouro, uma vez que aquele somente estava disponível aos pardais que permanecessem por muito tempo naquele bando de pardais, com a sua Fé inalterada, e que se esforçasse por se tornar num dedicado e fiel pardal àquele bando de pardais. E acrescentou num chilrear lento: que também deveria ser humilde, por isso deveria saber reconhecer o privilégio que lhe era conferido por tal dignidade. Somente depois de ter provado que reunia aquelas qualidades é que o pardal membro daquele bando de pardais estava pronto para lhe ser revelado o segredo do seu precioso Tesouro. Num piar cansado e enigmático, aquela voz oculta pelas sombras vaticinou ainda: que a caminhada iniciática do Pardal Jovial seria longa, e o factor tempo nunca poderia ser por ele considerado como uma barreira, uma vez que o pardal que viesse a manifestar demasiada pressa em alcançar o conhecimento que está somente reservado aos eleitos, geralmente não iria suportar viver longe duma certeza absoluta, ou de qualquer uma outra coisa que se lhe apresentasse segura e estável, para nas vicissitudes, ou desaires da vida, se socorrer delas. Concluiu ainda o piar camuflado com a escuridão: que é que importava passar a vida inteira a tentar compreender o que nunca se compreenderá, se o que interessa e é importante para a Vida, é viver intensamente a união com o mundo, tal como ele se nos apresenta.

O misterioso piar oculto continuou a dissertar: que a procura da Verdade, não era, nem alguma vez poderá ser, uma competição para os pardais daquele secreto bando, uma vez que para a Verdade que aquele bando de pardais procura, não se atribuíam títulos, ou comendas. E tanto mais, que aquela só no mais profundo interior de cada pardal se poderia encontrar. Por conseguinte, somente nos pardais mais puros, naqueles em que aquelas honrarias mais não são do que adereços de vaidade.

Aquele piar do saber e do conhecimento profundo, avisou ainda o Pardal Jovial, que aquele deveria ser paciente na sua procura do conhecimento, como deveria estar atento aos mais pequenos sinais que no caminho do saber lhe pudessem surgir, uma vez que não teria qualquer ajuda. Na verdade, o pardal que viesse a ser o seu guia nada de explicito lhe poderia ensinar. Assim eram

as regras do Bando dos Pardais Pensadores. Apenas duma forma subtil é que o pardal com maior saber da Vida, lhe demonstraria como deveria aperfeiçoar os seus instrumentos de obtenção do conhecimento e do saber. E para isso, qualquer pardal experimentado nos segredos da Vida estaria disponível para o ajudar, e para o encorajar em todo o seu processo de aprendizagem. Por outro lado, estando ele interdito de mostrar o conhecimento enclausurado no seu Templo Corpo, o pardal experiente recorrerá a metáforas e a algumas alegorias, para o aconselhar na escolha dos melhores materiais, que para a construção do seu Templo Interno são necessários para que este venha a ser majestoso e frutífero. E na senda do conhecimento, ele seria para sempre um solitário, ou até mesmo um eremita, que estranhamente, nunca iria ter a sensação de estar sozinho, e muito menos iria ter alguma vez a sensação de estar perdido na vastidão dos seus estudos. Mas, se eventualmente aquela doentia sensação o contagiasse, o Pardal Jovial deveria refugiar-se no seu escuro ninho. E no conforto e silêncio deste, deveria rejuvenescer o seu espírito e o seu corpo, com o bálsamo da tranquilidade e da harmonia. Terapia, que está somente disponível para ser aplicada no mais profundo dos recolhimentos.

Aquele piar escondido nas sombras, comparou ainda aquela Iniciação, ao carvalho, que no Tempo das Neves se despe das suas folhagens, e de ramos nus ao léu, humildemente se apresenta à Grande Mãe. Aquela humilde árvore, bem poderia ser o símbolo da morte e da Iniciação dos pardais daquele Bando de Pardais Pensadores. Em pensamento, o Pardal Jovial foi transportado para Árvore da Sabedoria do Bosque das Terras Altas e interiorizou toda aquela majestade. O piar arrastado e oculto em sombras continuou a referir: que todo o pardal membro daquele bando de pardais deveria abrir os olhos e prestar a máxima atenção ao chilrear dos símbolos, uma vez que quando os pardais pensam que tudo da Vida conhecem, ainda estão longe do fim desse conhecimento, uma vez que aquela estranha sensação é sinal de que ainda estão no início da caminhada para este. Chilreou ainda este velho pardal escondido pelas sombras: «vejam o exemplo do nobre e humilde carvalho, aparentemente morto e seco! Depois do seu estado de letargia, ele renasce mais forte e mais frondoso do que nunca! É certo, que no Tempo das Neves, a seiva deixou de subir por aquele tronco rugoso e seco, no entanto, os pardais

anciãos sabem que a energia está retida no seu interior! Em pleno Tempo das Neves, visivelmente não existe nenhuma exterioridade no velho carvalho que mostre que aquela árvore está viva e de boa saúde! Apenas os pardais anciãos sabem que nele existe uma grande interioridade! Aquela árvore vive em harmonia consigo própria, porque sabe, que pelo principio criador de todas as coisas do Universo, é completamente impossível ser naquele momento da sua caminhada, uma árvore frondosa, pois não suportaria o peso das Neves! E, tal como o Carvalho que ficou sem a sua frondosa copa que muito embelezava, também o pardal que seja membro do Bando de Pardais Pensadores fica despojado dos símbolos de pujança que possuía, a fim de na simplicidade poder compreender, que os pardais não adquirem outra distinção real entre si, a não ser, a que é dada pelo seu mérito e pela sua virtude.

Por fim, o piar oculto pelas sombras, desejou que o Pardal Jovial abandonasse todas as atitudes de presunção e de sobranceria, uma vez que na vida não é rico quem tem muito, mas é rico quem de nada precisa. E tanto mais, se o Pardal Jovial se despojasse das coisas supérfluas e que são inúteis para a harmonia e o seu bem-estar, ele poderia voar para onde o seu coração o levasse. Mas, acima de tudo, quando ele descobrisse por si próprio, que o que está em cima, é como o que está em baixo, tal como o carvalho, que apresenta os seus ramos despidos idênticos às suas profundas raízes. Então ele sentir-se-ia em casa, dado que aquela noção de Universalidade, era dos maiores Tesouros que o Bando dos Pardais Pensadores guardava no seu seio, o qual, não se poderia explicar com um chilrear fácil, nem tão pouco se poderia ensinar com retórica, pois aquele conhecimento, apenas se dava a conhecer no interior dos espíritos dos pardais puros e sem mácula.

Sessão Extraordinária do Bando de Pardais Pensadores

Numa noite em que o Disco Meio Luz Meio Sombra não despertou do seu sono, no velho Cipreste já nosso conhecido, sombras sorrateiras entraram para o coração daquele cone vegetal, uma a uma, depois de chilrearem piares imperceptíveis ao ouvido dum Pardal que estava empoleirado num ramo mais saliente, e que no mesmo tom lhes respondia. Os membros do Bando dos Pardais Pensadores tinham sido convocados de urgência para aquela Sessão. Pela urgência da Convocatória, havia um certo nervosismo na atmosfera daquele lúgubre lugar, com os membros daquele bando de pardais espalhados no interior daquela velha árvore, onde iria realizar-se uma Assembleia de vultos escuros e sem nome, a interrogarem-se uns aos outros qual a razão para aquela Convocatória. Todos os vultos fizeram um encolher de asas. Depois, dos trabalhos daquela Câmara de Pardais Pensadores terem sido abertos ritualmente, pelo Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador, este anunciou num piar arrastado àquela Assembleia de Pardais o único ponto da Ordem de Trabalhos para aquela Sessão, que era a da Segurança do Bando de Pardais Pensadores, em face das recentes notícias de invasão da sua privacidade. Depois das formalidades impostas pelo ritual do Bando dos Pardais Pensadores, sem mais demoras, o Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador entrou imediatamente no único ponto da Ordem de Trabalhos do Dia, e informou os vultos escuros ali presentes, que numa das suas últimas Sessões Ordinárias de Trabalho, esta tinha sido conspurcada e devassada por ouvidos profanos. Depois, com a majestade que lhe era imposta pelas suas funções, com um gesto de asa na direcção de um dos vultos escuros e num piar cansado chilreou: «Meu Irmão Perfeito Pardal Pensador, tu que tens a teu cargo a ingrata função de ser o Inquisidor do nosso Bando de Pardais Pensadores, o que nos podes chilrear sobre o assunto que nos traz hoje aqui?». Levantou-se muito respeitosamente o vulto Inquiridor, e chilreou: Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador, a calamidade entrou neste nosso Augusto Bando de Pardais Pensadores! Nas Terras do Vicio e da Degradação Moral já alguns de nós foram referenciados como sendo membros pertencentes a este

respeitável bando de Pardais Pensadores! Por isso estamos todos em perigo! Temo pelo pior!». «E sabes por quem? Meu Irmão Pardal Pensador!». «Sei! Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador»! «Então, denuncia-nos esse espião intruso!». «Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador, o espião intruso foi o Pardal Boémia, bem conhecido nestas paragens por ter um bico tão folgado quanto o seu modo de viver!». «Sábio e Perfeito Pardal pensador a ti que te cabem as nobres funções de ajuizar pelo cumprimento das Regras do nosso Bando de Pardais Pensadores, que pedis para esse insensato pardal que devassou os nossos segredos e nos pôs todos em perigo!». «Muito Sábio e Perfeito Pardal Pensador, as Regras do nosso Bando para situações de grande perigo para este são muito claras! Devemos eliminar imediatamente o perigo!». «Meus Irmãos Pardais Pensadores escutastes o nosso Irmão Pardal Pensador que tem a seu cargo a nobre função de zelar pelas Regras do nosso Bando de Pardais Pensadores! Agora que estão informados das nossas regras, irão votar a aplicação proposta pelo nosso Irmão Pardal Pensador, e como é costume no nosso Bando de Pardais para estas situações, vão ser-vos entregues, a cada um dos presentes, dois grãos de semente, um branco e outro preto, sendo o grão branco de aceitação da proposta, e o grão preto de rejeição. De seguida vão circular dois sacos um branco e outro preto, destinando-se o primeiro ao vosso sentido de voto, e o saco preto para receber o grão que foi por vós excluído, para confirmação da votação! Perfeito Pardal Pensador do Bastão cumpri o teu dever!» Depois do vulto do bastão ter percorrido os ramos do coração do velho Cipreste com os dói sacos, e os Pardais Pensadores terem posto o respectivo grão dentro do saco certo, este entregou-o ao Pardal Pensador Secretário do Bando de Pardais Pensadores, que proferiu: «Muito Sábio e Perfeito Pardal pensador no saco branco todas os grão são brancos e no saco preto todos os grãos são pretos!». «Sábio Pardal Pensador Secretário do Bando de Pardais Pensadores registai que a proposta submetida a escrutínio foi aprovada sem mácula». Meu Irmão Pardal Pensador do bastão agora faz circular o saco branco com o número de grãos iguais às presenças, sendo dois deles pretos, e cada Irmão Pardal Pensador retira somente um grão e esconde-o muito bem, mostrando-o somente ao meu sinal. No final do escrutínio, dois vultos escuros pareciam estar cabisbaixos, o que contrastavam com os restantes vultos escuros mais direitos e descontraídos. O Muito Sábio e

Perfeito Pardal Pensador num chilrear arrastado e cansado dirigiu-se aos vultos cabisbaixos e proferiu: «Meus Irmãos Pardais Pensadores foram escalados pelos vossos Irmãos, para eliminarem o perigo em que o nosso bando de pardais está a correr, cumpri o vosso dever como o jurastes! Caso contrário, sobre vós recairá castigo idêntico àquele que ides executar, que o Grande Ser Cósmico vos ajude na execução do vosso trabalho!». Depois a Sessão foi formalmente encerrada e cada vulto escuro saiu como entrou, sorrateiramente e um a um, e esfumou-se no negrume da noite.

O Estranho Acidente

Os dias corriam de feição e de bom agrado para o Pardal Jovial; de tempos a tempos recordava o seu querido Pardal Espiga Dourada; geralmente, ao acordar revivia o palco da alegria e também o palco das dores que foi para ele as Quintas da Fartura e da Ociosidade. Recordava-se muito bem como naquele palco jurou amar aquele bonito e doce Pardal Espiga Dourada, como também se recordava muito bem que sob aquele palco enxergou o mundo com cores brilhantes e sons poéticos. Assim, era com alguma regularidade que o Pardal Jovial recordava o Pardal Espiga Dourada, o seu grande amor platónico. Mas, apesar desta querida recordação o visitar constantemente, houve um dia em que se enamorou por uma jovem pardal, muito bonita e muito elegante por sinal, e com muita semelhança com o Pardal Espiga Dourada, a qual tinha na sua sensibilidade e no seu sexto sentido toda a sua força. Tinha ainda o controle e o domínio das situações, pois estava destinada a viver o amor conforme as razões que o seu coração ditava. O Pardal Estrela da Manhã era um pardal muito independente e interessante. Todavia, sustentava a ideia fixa de querer encontrar um companheiro. No fundo, provavelmente até nem queria, nem estava dispostas a isso! Pois, gostava da vida independente e livre que levava, porque assim podia voar para onde bem queria e com quem queria... e, nesses momentos esquecia a sua “má sorte”. Porém, quando regressava ao seu ninho sozinha, invariavelmente, reclamava que não encontrava nenhum Pardal Encantado para se relacionar. Pois, não havia pardais interessados em relacionamentos fiéis e estáveis. Contudo, no fundo do seu coração, ela sabia que era uma patetice raciocinar deste modo! Pois nesse estado de pardal só e independente, sentia-se muito feliz, embora de todo ainda não tivesse dado conta dessa realidade. Ainda estava muito apegada à ideia de que só era possível estar bem consigo própria quando estava junto de algum companheiro. Por isso, tinha sempre uma estranha sensação de que lhe faltava alguma coisa na vida. Em boa verdade, se o Pardal Estrela da Manhã conseguisse desapegar-se daquela ideia preconceituosa e aproveitasse o que tinha de bom o seu estado de pardal só e independente, seria muito mais feliz, uma vez que vivia o que há de bom nesse

seu estado de estar só e independente, sem se tornar refém duma situação que não existe, e que nem precisa necessariamente de existir para garantir a alegria de viver! A sua atitude de pardal independente com uma força intrínseca superior era reconhecida pelos pardais seus amigos. Em boa verdade, desde pardalinho que o Pardal Estrela da Manhã teve que enfrentar as vicissitudes da Vida, que a ajudou a fortalecer o seu Eu, com uma tenacidade e a firmeza que todos os pardais do Bando das Terras do Vicio e da Degradação Moral lhe reconheciam. Por outro lado, quando os sentimentos chegavam aos seus bonitos olhos, em forma de lágrimas, lembrava ao mundo quanto era a sua fragilidade e a sua doçura. E, como o Ser Cósmico a dotou da capacidade de trazer a Vida para a Vida, conferiu-lhe desse modo a divindade absoluta.

Infelizmente para o Pardal Jovial, o Pardal Estrela da Manhã nada de sentimental e de muito sério queria para com ele, ao contrário do relacionamento que em tempos tivera com o Pardal Espiga Dourada. E se dermos ouvidos ao comentário dos pardais seus amigos, aquele pardal fêmea estava embeiçado por um insignificante e desqualificado pardal, que segundo um comentário de escárnio que corria pelas Terras do Vicio e da Degradação Moral: também era um peralta e um coscuvilheiro, que muitas das vezes chilreava de mais. Também, segundo a opinião do Pardal Jovial, era um pardal charlatão e um pateta chapado, que só sabia interromper e importunar o chilrear de todo o mundo, com disparates e a mania de que da Vida de tudo um pouco sabia, porque um tudo um pouco já tinha vivido.

Todavia, entre todas as paixões que agitavam o coração e a mente do Pardal Jovial, a atracção que sentia para com o Pardal Estrela da Manhã, era para sua surpresa e alguma estupefacção, uma vez que supunha que o amor que sentia pelo Pardal Espiga Dourada era o único amor da sua vida, ardente e muito impetuosa. Pois, tornava o sexo oposto quase no seu único pensamento e no seu único desejo. Era de facto uma paixão terrível e cega que o minava, e que arrostava consigo todos os perigos, uma vez que o fazia esquecer toda a prudência, e até mesmo algumas das vezes todo o decoro. E nos seus furores amorosos mais intensos, estava mesmo disposto a derrubar todos os obstáculos que o impedissem de estar próximo do Pardal Estrela da Manhã. Aquela forma entorpecida e muito sofrida de ver a sua nova amada, fazia com

que o Pardal Jovial vivesse novamente o Tempo do encantamento e o Tempo da magia do amor. Aliás, aquele tempo era para ele mais psicológico do que real, dado que o Pardal Estrela da Manhã ainda estava despenada das suas particularidades e das suas idiossincrasias, uma vez que aos seus olhos, ela ainda se apresentava imaculada, limpa de defeitos e até plena de virtudes e cheia de qualidades. Assim, o Pardal Jovial com o seu Eu apossado de projecções angélicas e idílicas, apenas via na musa dos seus delírios, uma personalidade ainda num estado muito puro e muito inocente. Aliás, eram virtudes e qualidades que ele nunca se cansava de a todo o momento exaltar aos seus pardais amigos, que tinham a paciência e a delicadeza do escutar durante muito tempo. O amor que sentia pelo Pardal Estrela da Manhã era tão intenso, tão forte, que um dia teve a coragem de endereçar à sua amada a seguinte mensagem poética:

“Querido Pardal Estrela da Manhã,

Mais do que trinar ao adormecer da Rosa de Fogo, eu gostaria de chilrear ao Vento Selvagem todo o amor que sinto por ti, mas isso não me é permitido, eu amo-te em segredo, e é por ti que as minhas lágrimas rolam ao longo do meu bico e caiem no chão e nele desaparecem, deixando no meu pensamento uma saudade que nem o tempo pode apagar do meu coração, porque esse sentimento está de momento proibido aos teu doce e encantador olhar, mas são a chave do meu Eu, são como se fosse a semente que obteve raízes profundas no ventre da Terra Mãe e dela se alimenta. Queria muito poder arrancar do meu coração esta dor que me destrói por dentro, e me deixa sem saber para onde voar, pois dentro de mim só existe um vazio que nunca será preenchido e que levarei até ao fim dos meus dias. Quando a Brisa sopra nas artérias das Terras do Vicio e da Degradação Moral, penso que sinto a tua presença, e com esse pensamento muito querido, entrego-me a essa ilusão que faz o meu coração transbordar de muita alegria e ansiedade. Mais do que trinados ao Vento Selvagem demonstrarei um dia as minhas nobres razões que qualificam o meu amor de ser sincero e silencioso, porque sofro sem que algum pardal perceba que tu és a razão de todo o meu viver!

Pardal Jovial".

Sem dúvida que os sentimentos do Pardal Jovial estavam muito confusos, pois escrevia para o Pardal Estrela da Manhã, com os seus pensamentos presos no Pardal Espiga Dourada.

Os dias foram lentamente passando, sem que o Pardal Jovial recebesse a resposta tão ansiada. Apesar dele procurar criar muitas oportunidades para a recente musa dos seus sonhos responder à sua mensagem inflamada de amor. Mas, como resposta, ele recebia sempre um grasnar divertido e hilariante desta, que lhe parecia muito humilhante, e que o feriam como se fossem os aguçados espinhos de uma roseira, que lhe causavam uma dor invisível, que contaminava os seus pensamentos, e até a sua própria razão de Ser. Pois, para um pardal não há sentimento mais negativo do que o sentimento da rejeição. Este terrível sentimento provoca neles a sensação de abandono e de depreciação de si próprios. Pelo que o Pardal Jovial sentindo-se rejeitado pelo Pardal Estrela da Manhã, em desespero e por falta de coragem para muito mais, enviou-lhe outra mensagem apelativa:

"Querido Pardal Estrela da Manhã,

O teu grasnar de gozo e humilhação diz-me que só desejas que eu te deixe em paz! Luz da minha Vida, como é que isso é possível? Mas porque não sou eu capaz de despertar em ti o que sem querer tu despertaste em mim? Parece que o meu coração vai parar! Já mal o oiço! Está fraco! Muito fraco! Nunca imaginei sofrer assim por alguém que nunca tive. Parece-me que neste mundo já não me resta mais nada. Pois, mais nada existe para mim! Só tu existes! Sinto que estou aqui nas Terras do Vicio e da Degradação Moral só de passagem! Guardarei este meu amor no silêncio e na clausura do meu ninho. Não quero que te sintas culpada, uma vez que se culpa há de existir este amor sofrido, só poderá ser minha, dado que não soube a tempo dominar esta chama que lentamente me queima e me destrói por dentro toda a vontade de viver. No ponto em que hoje me encontro, já não tenho muitas forças para lutar mais. Apenas sei, que queria nem que fosse só por um só dia ser amado e saber que o meu amor era por ti correspondido. Meu querido Pardal Estrela da Manhã, Luz da minha Vida! E depois, que venha a Vida…

Pardal Jovial".

Passado pouco tempo, o Pardal Jovial recebia no seu ninho a tão ansiada mensagem de resposta:

"Caro Pardal Jovial,

Enquanto choras por um pardal que não te ama, o meu Eu destrói-se por dentro pelo facto de eu não poder dar o meu amor que tanto precisas para passar a dor que estás agora a sentir. Na verdade, quando as lágrimas rolam pelo teu bico triste e cabisbaixo, eu rogo ao Ser Cósmico para que encontres outro pardal fêmea que saiba merecer o teu amor e que saiba fazer-te feliz. Meu querido amigo Pardal Jovial! Esquece-me! Desfruta o nosso mundo maravilhoso, e aprecia a maravilha contínua da Vida, para sentires como é maravilhoso estares vivo. Pretendes ser mais do que meu amigo, quando eu desejo no fundo do meu coração que continuemos a ser somente amigos! Pois lamento muito meu querido pardal amigo, mas o meu coração já foi entregue a um outro pardal!

Pardal Estrela da Manhã".

Escusado será dizer, que o Pardal Jovial pensando que o responsável daquela rejeição era o Pardal Boémia, passou a detestar aquele inoportuno e impertinente pardal como nunca antes, uma vez que para ele, a culpa do alheamento e do desinteresse que o Pardal Estrela da Manhã por ele demonstrava, só poderia ser derivada daquele impertinente pardal, pelo que, quando a ele se referia, era sempre por uma alcunha criada por ele. Pois, uma alcunha é a pedra mais pesada que o malévolo pôde criar para ser atirada a um pardal. Assim, quando o Pardal Jovial se referia ao "Pardal Carroça Vazia", estava na certa a referir-se ao Pardal Boémia, e a aconselhar ao seu interlocutor, prudente e sensato afastamento de tal desagradável criatura, pois se não fosse muito sábio para tomar tal iniciativa, aquele deixaria de constar na lista dos pardais seus amigos preferidos. Ao atribuir tal alcunha, o Pardal Jovial para além de demonstrar a toda comunidade de pardais das Terras do Vicio e da Degradação Moral, quanto desprezo sentia por aquele peralta, demonstrava também, que ainda se recordava com alguma saudade, e com alguma

nostalgia, os ensinamentos do Pardal Bonacheirão, o decano do Bando de Pardais das Quintas da Fartura e da Ociosidade. Pois aquele divertido e rústico ancião, por diversas vezes lhe tinha dito: «olha ó Pardal Jovial, quanto mais vazia vai a carroça, mais barulho ela faz!». E de facto, o "Pardal Carroça Vazia" tinha na sua cabeça apenas vento, como trinava demasiado alto coscuvilhices e era esganiçado e imprudente quando o fazia. Mas, isto não era tudo, o Pardal Jovial ficava ainda mais colérico quando o Pardal Boémia decidia fazer demoradas serenatas de mau gosto ao Pardal Estrela da Manhã, que por sinal eram o encanto e o deleite desta. Por outro lado, também pelo facto de ser um pardal despreocupado e de vida simples e muito folgada, o aborrecia de uma maneira quase doentia.

A Boémia do "Pardal Carroça Vazia" era mais uma maneira deste estar na Vida, uma vez que ele vivia as suas emoções no que havia de mais bonito na Grande Mãe. O Pardal Boémia gostava muito de chilrear nas noites luminosas, dum bom papo com pardais amigos e de viver com alegria todos os momentos da Vida. Quando a Rosa de Fogo adormecia, ele ficava enfeitiçado por aquela misteriosa fluorescência, e por isso admirava o Disco Meio Luz Meio Sombra durante muito tempo, e quando o fazia era como se abraçasse o espírito da noite e enamorava-se com o renascer da Rosa de Fogo. Com aquele modo simples de viver a Vida, o Pardal Boémia despojava-se da tristeza, amava o melodioso chilrear dos outros pardais que lhe chegava de muito longe, e acima de tudo apreciava a sensualidade e a feminilidade de um pardal fêmea como nenhum outro Pardal apreciava, pois estava sempre disposto ao galanteio e ao romance.

Certo dia, surgiu do nada um boato que dava conta que aquela desprezível criatura, se tinha transformado num estorvo para a Comunidade dos Pardais Pensadores, dado que se constou, que numa noite, na sua costumeira e habitual vagabundagem boémia, furtivamente assistira a uma reunião daquele secreto bando de Pardais. Constava-se ainda nas Terras do Vício e da Degradação Moral, que o Pardal Boémia para além de ter reconhecido alguns pardais eminentes daquele secreto bando os tinha denunciado no seu piar alcoviteiro. Aquela notícia electrizante, fez com que se instalasse um grande

nervosismo nos membros daquele secreto bando de pardais, pois a potencial ameaça da permeabilidade e devassa dos seus segredos deixou de ser uma realidade virtual para ser uma realidade muito concreta e definida, por conseguinte, a possibilidade da sua identidade não ser discreta como o exigiam as suas regras e cânones estava muito presente nos seus receios.

Certo dia, para alívio dos pardais da Comunidade dos Pardais Pensadores, embora ao certo nunca se soube muito bem como, mas o Pardal Boémia, mais conhecido por “Pardal Carroça Vazia”, teve um infeliz e misterioso embate contra uns cabos de zunido agudo e persistente que atravessavam as Terras do Vicio e da Degradação Moral, o qual tristemente veio a ser-lhe fatal. O Pardal Estrela da Manhã, quando teve conhecimento da trágica notícia, ficou louco de desgosto e de dor. Sem grande tino, e narcotizada pelo sentimento de perda, de imediato voou a baixa altitude, e a toda a velocidade por entre a mais movimentada artéria daquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral, onde o fumo e pestilentos gases quase o sufocavam. O Pardal Jovial, que andava sempre na sua esteira, assim que o viu em voo tresloucado e insano, tentou infrutiferamente abordar a sua alucinada amada, tanto para a consolar, como para a demover dos seus previsíveis intentos, os quais não tinham nada de bom augúrio. O Pardal Jovial, estava de facto muito preocupado e muito assustado, pelo que num piar incessante e aflito, tentou chamar a “sua” Pardal Estrela da Manhã à razão, uma vez que, aquela pelo seu modo louco e suicida de voar, fazia antever uma inevitável desgraça.

De súbito, o Pardal Jovial ouviu um embate surdo e seco, ao mesmo tempo que na direcção da origem daquele terrível e maligno som, viu algumas penas a serem cuspidas e disparadas em todas as direcções. O Pardal Jovial não queria acreditar no que tinha acabado de presenciar. O Pardal Estrela da Manhã, a fêmea dos seus encantos, a musa dos seus mais secretos e íntimos pensamentos, acabara de se deixar apanhar por uma daquelas máquinas barulhentas e fumegantes, que num vai e vem, proliferavam e empanturravam toda aquela artéria das Terras do Vicio e da Degradação Moral.

Por consequência daquele trágico e infeliz acidente, o Pardal Estrela da Manhã acabara de voar para o Céu Azul e da Força Subtil, precisamente no momento em que a projecção amorosa e de deslumbramento vivia com força e com pujança na mente do Pardal Jovial. A sua recente musa acabara de se fundir nas pétalas da Rosa de Fogo, precisamente no momento em que fazia corresponder as características da sua personalidade, como sendo as características certas e ideais para um pardal fêmea a eleger como sua companheira nas vicissitudes e nos agravos da Vida. Assim, profundamente ferido e muito amargurado, o Pardal Jovial explodiu de revolta, e quase demente e cego pela dor e pelo desgosto que naquele momento sentia, piou às alturas: «onde estás Ser Cósmico?... Maldito sejas Pardal Profeta com as tuas patranhas e mentiras sobre esse teu Ser Cósmico Omnipotente e Omnipresente! Ele não existe! Ele não existe! E tu Pardal Profeta que enganas todos os pardais com essas falsas e imaginosas histórias, só pias patranhas Pardal Profeta! Só mentiras! Só mentiras!... Maldito sejas para sempre Pardal do malévolo!».

Com os últimos gritos ainda a entoarem na sua mente, o Pardal Jovial por fim emudeceu, ao mesmo tempo que grossas lágrimas passaram a brotar dos seus olhos e rolaram pelo seu pequeno bico até caírem no chão e nele desaparecerem. Com a força que lhe conferia a revolta da perda sofrida, o seu Eu passou a questionar: «se não existe o Ser Cósmico do Pardal Profeta, em que todos os pardais do Bosque das Terras Altas acreditam e procuram a sua salvação, então, no Universo, os pardais estão entregues a si próprios! Ou, por outro lado, se o Pardal Profeta tem razão na Sua existência, então aquele Ser não se preocupa lá muito com a sua criação!». Pois, com aquele sentimento de desgosto a consumir toda a sua razão de Ser, o Pardal Jovial estava convicto que pelo facto do Ser Cósmico não ter impedido a determinação e os intentos que dominaram a vontade do Pardal Estrela da Manhã, Aquele tinha demonstrado mais uma vez, que tinha mais que fazer, do que dar apoio à obra que criou, o que fazia dele um Ser Cósmico preguiçoso e cheio de vícios, contra o qual, segundo o Eu do Pardal Jovial, seria muito justa a revolta que naquele momento sentia pelo facto daquele não ter cumprido a Sua função de

estabelecer o Bem. E por tal incúria Aquele deveria por isso ser demitido das suas funções.

O Pardal Jovial ainda com o seu espírito num estado de latente revolta, num piar surdo e abafado, ainda manifestou ao Vento Selvagem a sua vontade de não admitir ao Pardal Profeta que lhe viesse um dia dizer, que aquele trágico acidente era obra das Forças do malévolo, pois se caso aquela força subnatural existisse, aquela seria também uma criação Daquele seu Ser Cósmico, uma vez que segundo o Pardal Profeta, Ele era o criador de tudo o que existe no Universo. No seu furor e na sua revolta, o Pardal Jovial com a asa em riste na direcção do Céu, ainda piou às alturas, com raiva e ódio estampado nos seus olhos: «Calão!» «Preguiçoso!» «Malvado!...».

Com o coração completamente destroçado, o Pardal Jovial recolheu-se no seu escuro esconderijo. Nos dias imediatos à tragédia que o tinha enlutado nenhum pardal do bando o viu. No interior do seu ninho ele queria acreditar na reencarnação que o Pardal Profeta tanto o catequizara em pardalinho. Mas, a dúvida pairava naquela atmosfera bafienta e lúgubre, pois o Pardal Jovial tinha sérias dúvidas sobre aquele retorno à Vida. Por isso, não estava preparado para aceitar aquele reassumir, em que se projectavam os seus pensamentos que davam a possibilidade do Pardal Estrela da Manhã existir em Vidas sucessivas e diversas. Durante os dias negros que se seguiram, os pardais seus companheiros do Bando das Terras do Vício e da Degradação Moral, estiveram sempre por muito perto, não fosse o seu pardal amigo querer também desistir de viver. Na verdade, eles já não sabiam mais o que fazer, para o poderem ajudar a recuperar o ânimo e a vontade de viver, pois tudo já tinham feito para o contactar a fim do confortar da angústia e da dor que este naquele momento sentia. Até que um dia, para espanto e muita satisfação destes, viram-no sair do seu esconderijo de amargura e sofrimento, é certo que muito mais magro, de aspecto abatido e com a mascara da tristeza a ensombrar todo o seu vazio e encovado olhar, mas, nele estava também estampado a mesma frieza e a mesma determinação que os pardais seus amigos nele reconheciam.

O Pardal Jovial aproximou-se dos pardais seus amigos, que no ramo mais próximo ao seu ninho o aguardavam. De imediato e de forma muito calorosa e efusiva, abraçaram-se em sinal de solidariedade e de muita cumplicidade, ao mesmo tempo que num piar arrastado e triste o Pardal Jovial lhes comunicava: que iria partir para o seu velho Bosque das Terras Altas, e lá, se lhe fosse possível e o Ser Cósmico o permitisse, iria viver a sua pacata vida, longe daquelas paragens, dado que naquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral, as recentes recordações impediam-no de ter a harmonia suficiente para viver com a sabedoria, com a tenacidade e com a firmeza que se espera de todo o Pardal Bom.

Quando no dia seguinte, no firmamento surgiram as primeiras pétalas da Rosa de Fogo, que se avinhava que seria muito florida, mais de cem pardais voaram ao lado do Pardal Jovial. Quando alcançaram os limites das Terras do Vicio e da Degradação Moral, todos pousaram na isolada oliveira que resistia estoicamente ao avanço do betão e do vidro, para de seguida se despedirem dele com três ondas dum grande e forte chilreio, num sinal inequívoco de desejo de felicidades e boa sorte. Sem mais demoras, o Pardal Jovial levantou vou, tomou altura, até atingir as grandes correntes de ar e tomou o rumo que o levaria ao seu pachorrento Bosque das Terras Altas, esperando ali poder encontrar a paz e a harmonia de que tanto o seu sofrido e agitado Eu naquele momento precisava. E voou, voou, voou… até que a sua silhueta desapareceu do horizonte púrpura.

A Melancolia

Aquela manhã acordou copiosa de água, e farta de melancolia. Pois tinha chovido muito durante toda a noite. A tarde já não era uma criança, e a Chuva continuava a fustigar com violência o Bosque das Terras Altas, para muita tristeza e melancolia dos habitantes daquele bosque molhado, que por estarem no Tempo das Flores, já supunham que aqueles dias frios e molhados tinham sido afastados daquelas paragens. Engano deles, uma vez que naquele dia o Céu se tornara pardo e muito escuro e, pelo seu aspecto, tudo indicava que iria ainda chover por muito mais tempo, transformando a vida naquele mundo em sombras pardas e húmidas. Na verdade, a vida naquele bosque transformara-se de alegre e festiva para triste e muito soturna, uma vez que nem um chilrear mais atrevido, ou um trinado mais afoito, se fazia ouvir por entre o incessante murmúrio da chuva, que não deixava de cair farta. O Pardal Jovial recentemente de regresso ao Bosque das Terras Altas, como os demais habitantes daquele bosque, estava recolhido no mais fundo da sua toca que lhe servia temporariamente de abrigo. No seu interior, um intenso odor a terra húmida e molhada que o transportava para a reflexão e para a interiorização. Na verdade, aquele acre odor internava-se no seu olfacto, ao mesmo tempo que se entranhava na sua sensibilidade, que por isso o conduzia a uma maior tristeza. Pois o Pardal Espiga Dourada continuava muito presente no seu pensamento.

No centro daquele violento temporal, os ramos das árvores pareciam ter as artérias dilaceradas, uma vez que eram autênticos regatos por onde a Água escorria com abundância. Por outro lado, cada gota de Água que se infiltrava no ninho do Pardal Jovial era como se fosse um chamamento ao seu interior. Era como se fosse um bater na porta do seu inconsciente, para que abrisse uma fenda, uma pequena passagem que fosse para o seu mundo mental. Para o seu mundo dos sonhos. Contagiado pelo ambiente que envolvia todo o Bosque das Terras Altas, as recordações iam e vinham ao som de cada gota de Água que pingava no interior do seu ninho, as quais iam juntar-se a outras gotas de Água que nele caíram antes, até formarem um pequeno lago, onde

círculos concêntricos eram desenhados por esta. Para o Pardal Jovial, cada gota de Água era como se fosse uma onda de transmissão mental. E, no fundo, aquela onda mental era a responsável por repercutir na mente do Pardal Jovial, memórias que nunca por ele foram esquecidas. Naquela solidão, rodeado de pensamentos, vieram os melhores momentos da sua Vida. Portanto, não era de estranhar que o Pardal Jovial recordasse as Quintas da Fartura e da Ociosidade, e com elas o seu doce e querido amor. Pelo que numa mensagem telepática, chilreou: «Pardal Espiga Dourada! Onde estás tu neste momento? Preciso tanto de ti meu querido amor! Porque morreu o nosso amor? Se ele era tão sincero e tinha tanta vida para viver! Oh… como fui um tonto em duvidar de ti! Perdoa-me meu amor por tudo quanto não fiz, e podia ter feito! Hoje a ternura que sinto por ti é tão real que torna a perda do nosso amor tão irreal! Porque deixamos que o nosso amor morresse, quando nos amávamos tanto? Quantos chilreares deixaram de ser proferidos? Quanta alegria se perdeu? Tanta coisa eu hoje tinha para te confessar, e quanta coisa não te chilreei quando os nossos bicos estiveram colados...! Hoje o nosso amor é uma recordação! Mas, eu ainda te sinto aqui ao meu lado! Ainda posso sentir as tuas carícias! Ainda posso sentir o teu odor! Em cada batida compassada do meu coração, ele não se cansa de dizer-me que se nasci foi só para te querer! Pois tu és a minha mais pura paixão! Não te esqueci Pardal Espiga Dourada e difícil será alguma vez esquecer-te…».

Lentamente, o Bosque das Terras Altas foi escurecendo, e a Água continuava a cair dos escuros céus farta e muito abundante, para depois correr por cursos imprevisíveis. Aliás, pela sua incerta forma de correr, a Água é a digna representante do Universo do impreciso, do indefinido, e do vago. Talvez fosse por isso, que a Água naquele cinzento dia se mostrava para os habitantes do Bosque das Terras Altas tão rica de sedução e de mistério. Em particular para o Pardal Jovial, uma vez que por ela foi transportado para recordações de dias felizes e muito despreocupados. Aquela magicamente seduzia-o com sortilégios e feitiços. Pois, ele naquele momento sentia-se enfeitiçado e nostálgico. Assim, o Pardal Jovial passou a escutar o piar do pardalinho que em tempos fora, uma vez que por contágio daquele dia pardo e húmido, renasceu na sua memória o alegre pardalinho de outrora. Talvez, porque

aquela feiticeira entendia e percebia de instantes mágicos como ninguém, e o momento era-lhe propício. O Pardal Jovial perdeu-se num longínquo passado de recordações que supunha já esquecidas.

Saudosamente deambulou em profundos pensamentos. No fim dessa viagem ao seu passado distante, concluiu que: se os pardais não nascessem de novo. Se não tornassem a olhar a Vida com a inocência, e com o entusiasmo de quando foram em tempos pequenos e inocentes. Então qual seria a razão para viverem? Na verdade, só a estouvada e entusiasta alegria de quando se é novo, anima os corações, mesmo os corações mais duros e insensíveis. Sendo a felicidade o culminar de um voo na busca de um oásis, algures no deserto da Vida de um pardal. Para eles a encontrarem, só dependerá da sua capacidade em absorverem com a inocência daquele seu longínquo passado, as frustrações das desventuras e os amargos da Vida, que como armadilhas surgem em cada saltito e em cada voo dum pardal. Pelo que para o Pardal Jovial existem muitas maneiras de se cometer o suicídio. Pois para além de poder matar o seu próprio corpo, ofendendo com tal criminoso acto a lei do Grande Ser Cósmico. Há outra maneira, que é o de liquidar o espírito, ofendendo de igual forma a lei do Grande Ser Cósmico, embora o seu crime seja menos visível aos olhos dos bandos de pardais, e por isso, por eles não se é condenado, antes pelo contrário, até é atribuído a esse pardal um maior siso, uma maior idoneidade, e até mesmo uma maior dignidade por apresentar um ar taciturno e bico com comissura torcida.

Para o Pardal Jovial, ninguém deveria se envergonhar por escutar a voz da sua inocência, que antes pelo contrário, deveria estar feliz, por esta ainda habitar no seu coração. Nem deveria tão pouco deixar que ela tenha medo em aparecer, fluida e viçosa, uma vez que muitas das vezes ela está só, e quase nunca por ninguém é ouvida. Todos os pardais deveriam permitir que ela se libertasse dos preconceitos impostos pelo costume, uma vez que na certeza, aqueles pardais seriam muito mais felizes, e fariam com que os outros pardais que com eles convivem, também o fossem. Aquela eternamente pequerrucha e inocente infância sabe que um dia é sempre diferente de outro dia. E só por esta sublime sabedoria, todos os pardais lhe deveriam mostrar quanto dela

gostam, despindo os seus preconceitos e as suas vaidades. Mesmo que isso significasse agir de maneira a que há muito já não estivessem acostumados, e que até pareça uma tolice aos olhos dos outros pardais mais teatralmente sóbrios e sisudos. E tanto mais, que a sabedoria desses pardais será sempre diante dos olhos do Grande Ser Cósmico, uma loucura e uma completa demência destes. Assim, se aqueles pardais escutassem mais vezes a voz da inocência que está agrilhoada no mais profundo interior do seu ser, os seus olhos tornariam a brilhar de satisfação e de contentamento, tal como em outros tempos brilharam de estouvada alegria. Nenhum pardal poderá esquecer, que começos e fins se unem. Por isso, quando os pardais compreenderem que envelhecer poderá ser somente o processo da passagem da infância inocente, para a infantilidade sofisticada, então serão de certo muito mais felizes, uma vez que, passam a aceitar melhor a sua passagem pela Vida, até à reencarnação seguinte. Quantos pardais não continuam a procurar a plena felicidade, e quantas vezes ela não esteve sempre ao seu lado, e à sua espera. Mas, cegos pelas coisas mundanas e sem qualquer valor real, nunca a encontraram, e continuam a procurar uma mítica felicidade que nunca alcançarão, quando bastava voltarem a escutar a voz da sua infância e seguir os seus hilariantes conselhos.

Fora do seu ninho, o dilúvio continuava a inundar a vida do Bosque das Terras Altas, e a seduzir o espírito do Pardal Jovial para a melancolia e para o seu saudoso passado.

A Dança Mágica da Água

Com o Tempo das Flores ainda no início, para os habitantes do Bosque das Terras Altas, os dias pareciam maiores e até mais abraçados pelas pétalas da Rosa de Fogo, sinal de que estava prestes a chegar a época do degelo e, com esta época cantante, chegaria também o fim dos abundantes mantos de neve, que por muito tempo, tanto tinham coberto de branco a montanha vizinha ao Bosque das Terras Altas, como tinham vestido com o traje das assombrações, as copas das árvores, os arbustos e, o chão daquele mundo de duendes e de fantasmas. Aliás, os habitantes daquele universo cheio de vida e pouca cor, nos tristes e dias do Tempo das Neves passaram-nos no aconchego dos seus ninhos, ou no calor das suas húmidas tocas, a ansiarem muito com aquela agradável e colorida estação. E tanto mais que aquela trazia consigo também o presságio da fartura e a mensagem da abundância e da alegria. Pelo que a época que dolentemente se espreguiçava nos altos ramos das árvores daquele ainda esbranquiçado bosque, era para aquelas criaturas, a mensageira tão esperada do bom tempo, que com o seu calor tudo iria aquecer, como tudo gulosamente as pétalas da Rosa de Fogo lamberia e perfumaria com o seu quente bafo.

Na verdade, a época que se fazia anunciar, era uma época prodigiosa e de muito significado. Pois, seria a época em que a Rosa de Fogo seria exaltada para que iluminasse novamente a vida da matéria, uma vez que os últimos três meses daquele rigoroso e frio Inverno tinham matado e sepultado a velha Rosa de Fogo nas brumas duma permanente, fria e esbranquiçada névoa. Mas por fim, para alegria de todos os habitantes daquele mundo branco, naquela manhã, a Rosa de Fogo desabrochava radiosa e pungente, recompensando-os com o seu perfume o desencanto e a tristeza que nos últimos meses sentiram, pois proporcionava-lhes uma paisagem dum raro encanto e duma inigualável beleza. E tanto mais, que na branca montanha vizinha, eram bem visíveis e audíveis, as abundantes quedas de água, que alegremente, pulavam de rocha em rocha, repercutindo em coro por todo o Bosque das Terras Altas, o seu

monótono e cristalino cantarolar, que enfeitiçava ainda mais os contemplativos habitantes daquele bosque.

Algum tempo depois, com as neves já moribundas e em estado de agonia absoluta, a Água corria cada vez mais farta e livre nos muitos regatos que por todo o lado magicamente se formavam, aqui e ali. Aquela Água, ainda num estado selvagem, pura e virgem, parecia ter muita pressa de chegar ao seu destino, o Grande Rio que as levaria para o Oceano Aberto e Sem Fim. Adivinhava-se por isso, que a viagem daquela água seria muito longa, e demorada, e talvez por ela saber qual seria o seu destino final, e qual seria a distância que teria de percorrer, em toda a sua árdua caminhada, incansavelmente, cantarolava sem parar. Talvez o fizesse para não se aborrecer tanto da monotonia que a sua solidão gerava e da perda de energia que aquela louca correria lhe causava. No entanto, apesar de ter pressa e de estar ansiosa para chegar ao seu derradeiro destino, quando aquela se sentia muito cansada, e debilitada pela sua travessa correria, procurava sempre encontrar um remanso, ou uma pequena enseada, para neles surdamente e sonolentamente se espraiar e descansar.

Os pequenos lagos, onde aquela Água selvagem retemperava as suas esgotadas e quase perdidas energias, geralmente, por serem paradas e espelhadas, refletiam o encanto e a beleza da paisagem envolvente. Na verdade, aqueles pequenos lagos eram a grande tentação, tanto para os muitos batráquios, que passavam os dias inteiros a coaxar a sua estonteante alegria e o seu agradecimento à Grande Mãe por tal dádiva, como eram também a atração da vegetação afoita, que rapidamente transformava aquelas bacias de cristalina água, em belos e luxuriantes jardins de Jacintos e plátanos, como fontes de mistério e de muitos ardentes romances. Certo dia, num daqueles luxuriantes, floridos e perfumados remansos, o Pardal Jovial empoleirou-se num pequeno ramo que se espreguiçava sobre uma das espelhadas toalhas de água, que imperceptivelmente fluía mansamente para uma não muito distante cantadeira cascata. Naquele dançarino ramo, podia escutar com muita atenção a canção da Água, cujo refrão ficava preso no seu ouvido. Tanto pela sua imobilidade, como pela sua aparente concentração, a

letra e a melodia daquela feiticeira, parecia estar a agradar e a sensibilizá-lo, até demais.

Na verdade, o Pardal Jovial sabia que a Água possuía uma antena receptora muito sensível, a qual, tanto recebia e memorizava as mensagens que vinham do Céu, como também memorizava as informações que vinham das entranhas da Terra. Ele já sabia que a sensibilidade daquela Água era muito apurada. Por isso, estava muito atento para escutar e entender o que aquela lhe contava em forma de canção. E tanto mais, se ele se predispusesse com paciência a ouvir o que ela tinha para lhe dizer, certamente ouviria muitas histórias.

O certo, é que o Pardal Jovial parecia estar muito deliciado e profundamente maravilhado com aquele agradável e melodioso borbulhar, que numa linguagem muito especial e muito própria, contava os mexericos dos deuses que viviam nos Céus, e as desavenças dos duendes, que habitavam no interior da Terra. Só a grande curiosidade daqueles divinos e sacrílegos mexericos, poderia prender tanto a sua atenção. Talvez, porque aqueles segredos revelavam ao Pardal Jovial um mundo misterioso e desconhecido. Aliás, pela sua imobilidade, era por demais evidentes, quanto ele queria ouvir aquelas secretas e misteriosas confidências.

Assim, no centro daquela paisagem onírica e de raro encanto e beleza, o Pardal Jovial não dava conta do tempo que passava rapidamente. Os cheiros e as fragrâncias emanadas por aquela colorida e multicolor vegetação contribuíam em muito para adensar a embriaguez, e para a hipnose dos seus sentidos. Por isso, aquele microcosmos também era para o Pardal Jovial uma música visual, que tanto lhe despertava os sentidos para o saber oculto, e reservado somente aos eleitos, como o acordava para a contemplação da Criação Cósmica e Divina.

Os raios da Rosa de Fogo que incidiam sobre aquela pequena espelhada toalha de água de reflexos adocicados, com o seu ameno e agradável calor, contribuíam também de forma decisiva para que o Pardal Jovial se deleitasse ainda mais com tal beleza e com tal encanto. E, por estar deliciado com

aqueles raios da Rosa de Fogo, que se entranhavam por entre as suas penas, e lhe mordiscavam as carnes, fazendo com que sentisse uma agradável sensação de bem estar e de muita leveza. Mas, depois de algum tempo, com os raios da Rosa de Fogo a queimarem-lhe as carnes, passou também a apreciar as carícias duma fresca Brisa, que para além de o refrescar, ao mesmo tempo lhe revolvia as penas e o desgrenhavam. Aquela Brisa que se fazia sentir solta e livre, para além de lhe dar a agradável sensação de ser uma carícia da Grande Mãe, dava-lhe também a sensação, que nela se incorporava o Vento da aventura, e a aragem do prazer desafiador, que o enchia de confiança e de audácia sem limites. Assim, sem qualquer medo, ou qualquer receio do perigo real que aquela travessa Brisa poderia para si representar, sem a prudência dos pardais maduros, continuou empoleirado naquele ramo dançante, completamente absorto no mais profundo dos seus pensamentos.

Em suma, o Pardal Jovial ao escutar com muita atenção a letra da música daquela Água Cantante, pareceu-lhe que escutava o som das trombetas celestiais, o clarim da plena harmonia, e os metais do triunfo da Vida. Aquela agradável e vibrante sensação de leveza e bem estar, transportou-o para a sensação que havia sentido na isolada oliveira que resistia ao betão e ao vidro das Terras do Vicio e da Degradação Moral. Talvez por ter tido também nesse lugar aquela sensação de leveza, envolto pelo encanto da Grande Mãe, considerou que estava num Templo. O Templo da própria Natureza. E com os seus pensamentos elevados para a Força Cósmica, criadora de todas as coisas do Universo, humildemente agradeceu-Lhe a beleza que presenciava e a sensação de bem estar que nutria.

Aparentemente, aquela fresca e rebelde aragem não o incomodava. Apesar do despentear e de eriçar as penas do seu corpo a seu belo prazer, antes pelo contrário, conferia-lhe uma forte sensação de vitalidade, de força, e de domínio, como também lhe dava uma renovada alegria e uma nova vontade de viver. E tanto mais, que aquela Brisa também lhe murmurava confidências, nomeadamente, em determinado momento, chegou a dizer-lhe que tudo na Vida é fácil, nada nela existe que fosse difícil de concretizar, ou de realizar,

uma vez que para dar forma aos seus sonhos, aos seus desejos e às suas vontades, apenas lhe bastaria ter a indomável vontade do querer.

Naquela sua amorfa reflexão ao que a Brisa lhe confidenciava, o Pardal Jovial não dava conta, que o ramo onde se empoleirava para escutar o segredo da Água, balançava perigosamente, forçando-o instintivamente a compensar a força daquela Brisa invisível, com acrobáticos e perigosos equilíbrios. Assim, apesar de aparentemente estar estático e imóvel no seu vibrante poleiro, dado que com alguma mestria compensava a força que o invisível e forte Vento nele exercia, sem o saber, estava a correr um grande e sério perigo, dado que a todo o momento, podia se desequilibrar e tornar quase inevitável a sua queda para o abismo onde se deitava aquele líquido tagarela. No entanto, ignorando o perigo que o espreitava, estranhamente tranquilo e apático, calma que só poderia derivar do feitiço daquela Água Cantante, que tinha na certa um estranho e misterioso encantamento, pois para alem do narcotizar profundamente, conferia-lhe também uma sonolenta sensação de segurança e de bem estar. Aquela hipnótica e feiticeira Água Cantante, estava a exercer sobre a sua mente poderosos sortilégios, uma vez que os seus feitiços faziam com que a sua mente ficasse dormente e muito sonhadora, e a sua consciência ficasse mística e abstrata. Aquela Água era de fato uma grande sedutora e uma grande mágica. Pois, zombeteiramente, nele memorizou um estado apático e de inércia, que lhe entorpeceu o corpo e lhe enfraqueceu a vontade. Naquele seu estado de encantamento e de profunda concentração no que aquela lhe contava, o Pardal Jovial não deixava de espiar o remanso onde aquela sedutora docemente se espreguiçava, mesmo por debaixo de si, para um pouco mais à frente, numa fúria descontrolada, querer passar à bruta através duma estreita e pedregosa fenda, para depois cegamente se precipitar num acidentado e tortuoso declive.

A Rosa de Fogo parecia também apreciar aquela sedutora, uma vez que girava e dançava naquela espelhada Água de muitos reflexos e de muitas imagens. Mas, quanto mais o Pardal Jovial fixava aquela feiticeira dança, aquela mais o deixava tonto e embriagado. Com o seu olhar escravizado naquela Rosa de Fogo rodopiante e dançarina, surpreendeu-se por ele próprio

também participar naquela mística e mágica dança. Na modorra que lhe fora provocada, tanto pelos inúmeros feitiços, como pelos sortilégios que lhe foram lançados por aquela Água hipnótica e feiticeira, ele só via a Grande Rosa de Fogo a dançar e a rodopiar muito abraçado a ele. Naquela aquosa e espelhada pista de dança, o Pardal Jovial foi forçado atabalhoadamente a dançar num ritmo cada vez mais acelerado a dança que a Água e a Rosa de Fogo quiseram que ele dançasse. E ele rodopiava, rodopiava, rodopiava.

De súbito, sem que o Pardal Jovial se apercebesse da alteração no humor da Brisa, uma aragem um pouco mais viril do que estava a ser habitual, fez com que não tivesse convenientemente compensado a força que nele era exercida, e por efeito daquela sua inabilidade e distração, desequilibrou-se e desamparado caiu naquela espelhada e fresca toalha de água de muitos reflexos. Ao contacto com aquela, o Pardal Jovial ficou numa grande aflição e num grande desespero. Tentou agarrar-se a qualquer coisa que perto dele flutuasse e lhe pudesse salvar a vida. Mas, uma asa invisível empurrava-o inexoravelmente para a barulhenta e ameaçadora cascata. Aos trambolhões e quase sufocado, aos tropeções e quase sem esperança, rapidamente desceu a queda de água contornando involuntariamente todos os obstáculos, batendo aqui e ali. Desesperado e numa grande agonia, ele chegou mesmo a pensar que daquela vez é que era mesmo o seu derradeiro fim. Dado que, o Pardal Jovial numa grande aflição e grande sufoco queria respirar, mas com aquele seu esforço, os seus pulmões só se enchiam de água. Por isso, ele sentia que lentamente se afogava e se perdia. Quis ainda gritar desesperadamente por socorro, mas a Água Cantante com crueldade amordaçou-o. Até que num rápido relance, viu que a grande velocidade dele se aproximava uma das raízes do velho carvalho do Bosque das Terras Altas, que no último instante, com firmeza o amparou. Com aquele seu generoso gesto, a velha Árvore da sabedoria salvara-o de uma morte mais do que certa. Com dificuldade subiu para cima da acolhedora e milagrosa raiz. Estirado em cima daquele nodoso tronco, com a nítida sensação que as suas forças o tinham abandonado, nada fez contra a inércia que lentamente o envolvia e o entorpecia. E tanto mais, que a bondosa Rosa de Fogo, parceira da alucinante dança, lhe lambia as penas, e com o seu calor enxugava-lhe os últimos vestígios daquela temperamental

Água Cantante. De costas, e com as asas abertas transversalmente ao seu corpo, com os olhos semicerrados, o Pardal Jovial numa murmurada prece agradeceu ao velho carvalho a sua bondade. Sem se esquecer de referenciar a Rosa de Fogo, que o aquecia e que o enxugava daquela malvada feiticeira.

Por consequência, tanto do esforço que despendera, como também pela grande quantidade de adrenalina que libertara nas suas veias, uma suave e doce sonolência lentamente o foi envolvendo, paralisando-o de movimentos e de idéias. E dormiu profundamente.

O Despertar no Pardal Jovial a Águia que Nele Vivia

Apesar de ser o Tempo das Flores, a chuva continuava a fustigar violentamente o Bosque das Terras Altas, numa aparente vontade de nele por muito tempo permanecer. Bem protegido daquele dilúvio, aconchegado no interior da sua câmara de reflexão, que servia também de seu ninho, o Pardal Jovial observava com o semblante de pavor e muito medo, os riscos de luz e de fogo que num ziguezague continuo e frenético, riscavam com raiva os escuros e densos céus daquele bosque. Para o Pardal Jovial só poderiam ser caracteres duma mensagem escrita por desconhecidas e poderosas divindades. O fascínio causado por aquela arte dos Grandes Seres causava-lhe muito medo, uma estranha sensação de temor e muito receio do desconhecido. Na verdade, tendo aquele luminoso espectáculo de fogo, um manto escuro por fundo, fazia com que aquela fantasmagórica representação fosse ainda mais assustadora e mais apocalíptica.

Embora o Pardal Jovial estivesse aterrorizado com o gigantismo daquela coreografia de fogo e de trovão, em boa verdade encontrava-se dividido ente o fascínio que aquela invulgar beleza lhe causava e o grande medo que sentia da fúria daqueles elementos. E tanto mais que naquele dia, dominava-o uma rara sensibilidade, uma vez que até o Vento Selvagem, que à rédea solta cavalgava sobre as árvores ainda meio nuas do Bosque das Terras Altas, lhe parecia ter uma maior acutilância e um grosseiro mau humor.

Naquele seu forçado recolhimento, os pensamentos do Pardal Jovial divagavam e multiplicavam-se entre histórias que foram vividas no seu passado, e planos para serem realizados e vividos no seu futuro. De súbito, das alturas opacas e escuras, ecoou um grito que fez calar o ensurdecedor barulho dos trovões, ao mesmo tempo que abafou o choro convulsivo do Vento Selvagem. Mais atento aos barulhos que se faziam ouvir à distância. O Pardal Jovial distinguiu distintamente repetidos gritos iguais e repetidos. Neles, conseguiu distinguir um sabor a euforia, a vitória e a liberdade, que contrastava com o lúgubre som envolvente. Chegou-lhe à mente que aquele grasnar só

poderia ter sido proferido pela majestosa Águia Solitária, a qual na certa, lá muito em cima, muito para além do escuro e molhado céu cinzento, num infinito e radiante Céu Azul, voava com as suas asas muito abertas, círculos e mais círculos, cujo raio ia muito para além dos limites do Bosque das Terras Altas.

Na verdade, o Pardal jovial estava muito certo, a Águia Solitária, apesar de estar acostumada às grandes e longas invernias daquelas paragens, não se tinha escondido daquela tormenta como as demais aves do Bosque das Terras Altas, uma vez que hereditariamente sabia, que muito acima daquele tecto de escuras e ameaçadoras nuvens, uma esplendorosa Rosa de Fogo brilhava. Razão, porque sem qualquer receio, no início daquela manhã, precisamente quando a Rosa de Fogo por cima daquelas nuvens ainda bocejava. A Águia Solitária decidiu enfrentar a tormenta, num voo quase na vertical, com destino àquelas míticas e luminosas alturas.

Naquela sua luta contra os elementos, chegou mesmo a perder algumas penas. Contudo, não perdera nem o seu inabalável ânimo, nem tão pouco perdera a sua vontade de vencer mais aquele desafio, tantas vezes já ultrapassado e vencido. Estava radiante e altiva com o feito, uma vez que enquanto toda a vida no bosque se inundava em água e em aborrecimentos, a Águia Solitária, muito lá em cima, com as asas bem abertas ao Vento Selvagem, jubilava de contentamento e prazer, por uma linda Rosa de Fogo que lhe acariciava as soberbas plumas, ao mesmo tempo que iluminava um oceano de algodão duma inigualável brancura e brilho, polvilhado aqui e ali por nuvens mais escuras, que se estendia para além do horizonte, conferindo àquela idílica paisagem uma beleza sem igual.

Em boa verdade, o Pardal Jovial ao reconhecer aquele agudo e estridente grasnar de júbilo e de satisfação, interrompeu os seus pensamentos e interrogou a sua mente num alto piar: «mas o que faço eu aqui escondido neste húmido buraco? Se eu também sou uma águia!» e acrescentou num já murmurado piar: «No meu espírito habita um espírito indomável, que também me exige que vá à luta e fure este maldito céu cinzento que tudo envolve e esconde!».

Semi-encerrou os olhos e fez três inspirações profundas. Sentiu de imediato o ritmo cardíaco a abrandar e os músculos a distenderem-se. Por consequência, o medo caótico das alturas que lhe enchia o espírito dissolveu-se por magia. Com os olhos de insecto a faiscarem de determinação, escapuliu-se do seu ninho para realizar o grande desafio da sua Vida. Energicamente, com as extremidades das suas asas a tocarem-se acima do seu corpo, numa cadência regular e vigorosa, o Pardal Jovial elevou-se nos ares, cada vez mais alto. Mais alto. Numa trajectória que se aproximava quase na vertical. Na sua mente, só existia um objectivo bem definido e há muito tempo cristalizado, que era o de furar aquele teto de escuras e ameaçadoras nuvens. Ele não pensava em nada mais, porque naquele momento nada mais para ele tinha valor ou qualquer importância.

Ao seu redor, ameaçadoras nuvens carregadas de electricidade e de água tentavam impedi-lo de concretizar o seu desmedido sonho. Pois, quanto mais aquele subia nas alturas, mais aquelas demoníacas o envolviam num apertado abraço, a fim de o fazer desistir do seu intento. Quando verificaram que não conseguiam deter a sua teimosia e vontade, somente para o amedrontarem, fizeram à sua volta explodir incontáveis rajadas de fogo e trovões. Como não conseguiam o seu intento, já vingativas na sua vontade, como represália, vomitaram furiosos raios contra o indefeso e esquelético Bosque das Terras Altas.

Apesar do Pardal Jovial estar quase cego e surdo pela fúria daqueles elementos, que numa bateria sincronizada, à sua volta descarregavam sucessivos trovões seguidos duma intenso clarão de fogo, o que fez com que o medo e o pavor que ele tinha daqueles elementos fosse ainda maior, pelo que o impeliam a voar cada vez mais para cima, a fim de fugir àquele Céu riscado por tridentes de luz e vozeirões de coléricas ameaças.

Assim, muito assustado, o Pardal Jovial concluiu que aquele cenário só poderia representar o Céu dos infernos e dos suplícios eternos. Todavia, uma misteriosa força impelia-o a voar sempre cada vez mais alto. Mais alto. Mais

alto. Mas, as suas asas começavam a estar empapadas e ensopadas com a seiva daquelas demoníacas nuvens, que faziam com que aquelas perdessem a agilidade e a fogosidade do inicio, e ficassem cada vez mais pesadas, danificando seriamente a performance e a estabilidade do seu voo vertical. Por isso, a ameaça dum iminente acidente começava a ter forma mais concreta. Em cada momento que passava o perigo parecia mais evidente, mais real e mais certo. E tanto mais, que o equilíbrio do seu voo estava muito afectado pelo peso da seiva daquelas demoníacas. Pelo que, os sinais que o alertavam para o perigo de se despenhar das alturas eram por demais presentes. Mas, o Pardal Jovial ignorando o perigo, bateu as asas ainda com mais afinco e com mais determinação. Tal era o seu pavor e o medo que aqueles raios e trovões lhe causavam.

As dificuldades que o Pardal Jovial sentia em manter a trajectória do seu voo, eram imensuráveis. Em cada minuto que passava, faziam-se sentir maiores e mais penosas. Em dado momento, apercebeu-se que as suas forças tinham atingido os limites do aceitável. Perante aquele sinal de fraqueza e de evidente debilidade, o Pardal Jovial com o olhar fixo num imaginário Ponto nas alturas, jurou com sentida raiva e, com uma sentida determinação, que furaria aquele maldito teto cinzento, nem que fosse aquele o seu derradeiro voo. Com o seu ritmo cardíaco perigosamente acelerado e muito descompensado. Ao mesmo tempo que uma respiração ofegante e irregular o ameaçava de males maiores. Com a vista a toldar-se, ao mesmo tempo, que uma sensação de mal estar, de agonia, e de desmaio nele parecia se instalar, levou a que a sua mente revoltada e enraivecida com o seu fraco corpo, ainda encontrasse forças para injuriar blasfémias ao Grande Ser Cósmico. Chegou mesmo a acusá-lo de incompetente e de desleixado, por o ter reencarnado num franzino e débil corpo de pardal, quando ele por dentro sentia que numa vida anterior tinha sido uma majestosa e nobre águia-real.

Quando estava prestes a desistir e abandonar-se à sorte e ao capricho do destino, de súbito, na forma de derradeiro incentivo, veio-lhe toda a coragem e determinação à mente: «Se a Águia Solitária conseguiu furar este maldito tecto cinzento, então eu também o conseguirei furar. Nem que para isso, seja este o

meu último voo!». E com este pensamento cristalizado, a sua coragem metamorfoseou-se de determinação a loucura.

Algum tempo depois, apesar de lhe parecer que todo o seu corpo já não lhe era obediente. Porque dava mostras de se ter tornado agressivo e hostil para com a sua mente. Pelo que passou a temer aquela sublevação. Assim, para castigar aquele insensato e, mostrar-lhe quem mandava, a mente do Pardal Jovial ordenou ao desobediente, que batesse as pesadas asas ainda com mais energia, com mais vigor e com mais afinco. Por conseguinte, as fortes batidas das asas foi de tal modo violento e sofrido para ele, que apesar da mensagem ter sido clara e muito convincente, a revolta do seu coração não se fez esperar, cruel e muito sofrida. E de tal modo, que pressentiu que a vista se ia toldar, e que os ouvidos se encheriam de água, como da vez em que mergulhou nas Águas Cantantes. Em face destes perigosos sintomas terem sido uma resposta convincente, o espírito do Pardal Jovial, numa comovida e sincera prece, entregou-se à vontade soberana do Grande Ser Cósmico. Pelo que com a humildade dos crentes e dos sãos de espírito, predispôs-se a aceitar o seu divino veredicto.

De súbito, quando já não lhe restava qualquer esperança de sucesso, ou réstia de triunfo. Quando tudo lhe indicava o iminente desastre. Quando o seu corpo quase já tinha desistido de lutar e até de lhe obedecer. Eis que um grande clarão rasgou as trevas que o rodeavam, ofuscando por momentos a sua visão, para dar lugar a um radiante e luminoso Céu Azul.

Por fim, depois de uma luta titânica e sem quartel, o Pardal Jovial podia apreciar a majestosa e infinita luz, a qual, a perder-se de vista, iluminava um brilhante tapete de um puríssimo algodão. Quando o Pardal Jovial caiu em si, gritou loucamente ao Vento Selvagem: «Consegui! Consegui! Consegui!». E com as asas bem abertas, onde nelas se podia ver que lhe faltavam algumas penas, marcas da grandiosidade do seu feito, acabou por se deixar embalar pelas fortes correntes de ar, que o varreram para desconhecidos e infinitos caminhos, até aí somente reservados às majestosas águias e aos Seres Cósmicos.

As correntes de ar naquelas alturas para além de serem incrivelmente selvagens, causavam-lhe uma desagradável sensação de sufoco, os olhos ardiam, e uma permanente sensação de que se afogava naquele oceano etéreo o invadia. Por isso, para fugir àquele desconfortável mal-estar, o Pardal Jovial experimentou dobrar as asas, como muitas vezes tinha visto a Águia Solitária fazer e, logo começou a mergulhar como uma pedra num interminável abismo. E, rapidamente, voltou a furar o tecto de nuvens que dava acesso à escuridão, à chuva e ao medo. No entanto, em completa euforia, estimara que naquele seu voo picado estava a ultrapassar por hora as duas centenas de saltos, o que para ele, era um inacreditável feito. Pois, aquele recorde de velocidade era inédito para os pardais e, até para as outras aves, uma vez que não tinha conhecimento duma outra que tivesse atingido tal velocidade. Com a adrenalina a correr livre nas suas veias, já sem qualquer medo aparente no seu olhar, mergulhou naquele Céu de Vulcano, para no último instante, precisamente quando já estava muito perto do solo, voltar de novo a abrir as suas asas ao Vento Selvagem, e daquele modo deslizou como um relâmpago rente ao solo, quase a roçar as ervas torcidas e retorcidas pelo forte e agreste Vento Selvagem.

Durante algum tempo, ziguezagueou os obstáculos que na sua frente surgiam de repente. Pouco depois, com o mesmo impulso com que furara o céu cinzento, voltou a subir vertiginosamente às alturas próximas do Vazio e do Nada. Aliás, foi graças à preciosa ajuda do Vento Selvagem que podia subir àquelas alturas com tal facilidade que o deixava perplexo. E tanto mais, que o Pardal Jovial rogava à inteligência da leveza que o ensinasse a voar com a performance e com a agilidade dos Seres Cósmicos Alados. Na medida em que ao chamar por aquela divina força, que vivia em comunhão e em harmonia com a Grande Mãe, estava ao mesmo tempo a chamar uma das forças amigas daquela. Logo, estava também a chamar e a apelar à própria sabedoria desta, que o ensinasse a voar ao sabor do Vento Selvagem, para poder voltar às alturas próximas do Vazio e ao Nada e, quiçá, até o próprio Vazio e Nada sempre que a sua vontade o quisesse.

Voar com as Asas da Tempestade

O enorme tecto cinzento pairava nas alturas, como se não tivesse peso. O débil chilrear do Pardal Jovial e os murmúrios da Brisa ecoavam no vasto Céu cinzento. Réstias da euforia de ter ultrapassado a densa e escura barreira de nuvens habitavam ainda no espírito do Pardal Jovial, que seguro das suas novas capacidades de voo, brincou nas alturas proibidas, com arrojadas acrobacias aéreas. Na verdade, apercebendo-se que estava dotado duma invulgar agilidade e de novos saberes de voo, aproveitou para testar novas experiências de voo em altura, que há muito acalentava no seu Eu profundo. Pelo que começou por arquear em direcção às alturas, na forma dum leque, as penas da calda, de imediato e sem qualquer esforço, subiu às alturas que eram próximas da fronteira do Vazio e do Nada. Com todos os músculos do seu corpo sintonizados naquele objectivo temerário, experimentou oferecer ao Vento Selvagem as pontas das penas que moldavam as extremidades das suas asas, e rodopiou bruscamente no sentido destas. De seguida, inclinou ligeiramente o corpo para a sua esquerda e, foi bruscamente arremessado para esse lado. Ficou estupefacto com a violência da manobra, pelo que muito a receio experimentou inclinar-se para a direita. E, a grande velocidade voltou sensivelmente à mesma posição. Baixou o leque da sua cauda e, o Vento Selvagem empurrou-o perigosamente muito abaixo da linha das escuras nuvens. Com os olhos desapaixonados dum insecto, de forma muito apressada, levantou a cauda ao mesmo tempo que furiosamente batia as suas asas em cadência nervosa e acelerada. De imediato, o Pardal Jovial deslizou para as grandes alturas de onde momentos antes tinha estado.

Na forma empírica de aprender, o Pardal Jovial acabara por voar com as asas da Tempestade. Com aquela aprendizagem empírica de voo nas alturas, embora não tivesse chegado próximo do Vazio e do Nada, sabia que se tinha transformado na águia que há muito tempo habitava no seu interior. Com esta aprendizagem, aprendera a dominar os elementos do seu agora privado reino. Entusiasmado com os seus novos saberes, durante muito tempo, o Pardal

Jovial deslizou naqueles infinitos corredores aéreos, ao sabor daquele Vento Selvagem que o empurrava para muito longe daquelas paragens. Chegou mesmo a ter esperança que aquele Vento Selvagem o empurrasse até ao paradeiro do misterioso e do desconhecido, e quiçá, se não até ao Vazio e ao Nada.

Em dado momento, precisamente quando sobrevoava o lago das Águas Cantantes, onde era costume a Rosa de Fogo dançar e rodopiar ao sabor da Brisa, com um olhar de desdém e muita malícia, decidiu colar as asas ao seu corpo e, caiu das alturas como uma pedra, para no último momento abrir as suas asas em toda a sua envergadura e magnificência, a fim de com as suas extremidades acariciar a tranquila toalha de água. Verificou que com a sua vertiginosa passagem estilhaçou por completo a imagem reflectida da grande Rosa de Fogo. Pelo que com tal feito, sentiu-se imensamente forte e poderoso, pois vencera aquela malvada. Em boa verdade, com o conhecimento do segredo do voo em altura e em velocidade, o Pardal Jovial sentia-se com invulgares capacidades e por isso sentia também que uma sensação de grande euforia e prazer o invadia. Agora sabia que podia turbilhonar e rodopiar naqueles até então proibidos Céus, pois sabia que poderia voltar a subir quase na vertical e alcançar o brilhante Céu Azul sempre que o seu coração e a sua mente o ditassem.

Foi desde aquele seu voo temerário que o Pardal Jovial passara a tirar partido da força do Vento Selvagem e do poder da própria Tempestade, para nos infinitos céus voar a gloriosa e fantástica dança dos elementos. Assim, foi por consequência das experiências daquele memorável dia, em que aprendera a voar no meio da mais violenta e terrível Tempestade, que para além de perder o medo das alturas, aprendera também a voar no imprevisto e no incerto, uma vez que foi a partir daquele seu inesquecível dia, que o Pardal Jovial com auto domínio passou a impor a sua vontade sobre a direcção que pretendia voar, apesar da fúria dos elementos, por vezes, quererem que ele seguisse uma outra direcção e uma outra vontade que não a sua.

Assim, por consequência da sua persistência e muita coragem, o Pardal Jovial encontrou os saberes que tanto procurava, pelo que por satisfação, durante muito tempo pairou ao sabor do forte Vento Selvagem, precisamente até que as pétalas da Rosa de Fogo perfumassem as núpcias do Céu e da Terra. Quando o manto escuro da noite envolveu por completo o leito do horizonte, o Pardal Jovial resolveu descer das alturas, para numa frondosa escura árvore pousar, a fim de nela pernoitar até ao outro dia e, retemperar as forças dispendidas na grande e perigosa aventura.

Se o corpo do Pardal Jovial se sentia cansado e muito enfraquecido, o mesmo já não acontecia com o seu aventureiro e muito excitado espírito, que eufórico e electrizado por tantas novas experiências e grandiosos feitos, vendo que havia uma oportunidade para se escapar daquele maltratado corpo, vestiu-se de Vento Selvagem e, aproveitou para se camuflar com aquele e, sair em galope sem freio por desconhecidos e misteriosos Céus. Assim, numa perfeita confraternização com as fortes massas de ar, o Pardal Jovial acabou por ser convidado a visitar o Templo daquela divindade, que na realidade representava na Terra a Força do Universo, o qual se situava no topo de uma desconhecida e escarpada montanha. Aí, no cimo de um pico que ameaçava furar o Céu iluminado com a luz mística e alquímica do Disco Meio Luz Meio Sombra, o Vento Selvagem que normalmente se apresentava sempre colérico e indomável, com uma cortesia inesperada, transformou-se numa suave e doce Brisa, a fim de com muita doçura o acarinhar, num modelo que mais parecia ser o do Matrimónio Sagrado do macho com a fêmea, ou o do Céu com a Terra. Na verdade, parecia que aquele Ser Cósmico estava em harmonia e em associação com aquele espírito aventureiro, como se aquele fosse parte integrante do corpo do Vento Selvagem. E nessa sua nova forma de Ser, passou a deliciar-se a ser a Brisa que assobiava e que soprava por entre os retorcidos ramos do velho Bosque das Terras Altas.

Como Brisa e depois como Vento Selvagem, o espírito do Pardal Jovial soprou e dobrou as altas ervas sobranceiras ao limiar do velho bosque. Fazendo-as curvar à sua passagem, numa vénia respeitosa ao novo senhor dos Céus. Até as árvores orgulhosas e mais robustas tiveram que prestar a sua vassalagem

àquele novo senhor. E, àqueles que orgulhosamente teimaram em não se vergar à sua passagem, com fúria desmedida, arrancou-os do chão para que nada deles ali ficasse e desse memória a tal ousadia. Depois de algumas purgas, todos acabaram por se vergar respeitosamente à sua passagem. Pelo que, sabendo-se poderoso e temido, em estouvada e eufórica correria varreu planícies imensas, até ao grande e bravio Oceano Aberto e Sem Fim. Quando aí chegou, perdeu-se a incentivar as ondas ao tumulto e à revolta. E, de tal forma foi eloquente na sua dissertação, que aquelas passaram a investir com uma descontrolada fúria contra as falésias, que milenariamente teimavam em lhe resistir e em lhe fazer frente ao seu avanço.

Assim, na forma de Vento, aquele espírito dançou e bailou com as ondas do Oceano Aberto e Sem Fim, distraindo-se, ora, com o encanto da branca espuma da água revolta, ora, com as copas das árvores que endiabradamente fazia beijar os húmidos areais. Na verdade, aquele espírito sentia-se embriagado com tanta cortesia e tanta vassalagem, que sem dar conta, depressa mudou de par. Para em louco delírio rodopiar também com a chuva, doces e melodiosas valsas por entre as copas dos muitos bosques vizinhos ao Oceano Aberto e Sem Fim. Com a mesma doçura e com a mesma leveza com que fora envolvido pela Brisa, conduziu-a até aos azulados areais da praia das Falésias Escarpadas, para em rodopios conduzi-la também para as Terras do Interior. Foi nessa verde e rústica paisagem, que voltou a se embriagar com o fresco e acre perfume da Terra húmida e, sem saber explicar como, acabou também por se vestir com o corpo desta e com ela se fundiu.

Como chuva, aquele espírito caiu dos céus e empapou a Terra já dela muito saturada. Como chuva, também fez transbordar os regatos, os ribeiros e, até o Grande Rio fez sair das suas margens, o qual sentindo-se por ela abençoado, foi catequizar de imediato outros rios, a fim de caminharem juntos fortes e unidos até ao seu grande destino, que era o bravio e mal-humorado Oceano Aberto e Sem Fim.

Quando o espírito aventureiro e folião do Pardal Jovial se cansou daquele seu desvario, de mansinho voltou ao seu letárgico invólucro mortal, que ainda num

estado adormecido, desconhecia por completo as travessuras daquele borguista travesso. É certo, que depois de tantas novas sensações, aquele espírito aventureiro sentia-se muito cansado, mas ao mesmo tempo sentia-se também muito feliz, uma vez que conseguiu com a sua vadiagem, descobrir alguns segredos da Grande Mãe. Pois, da mesma forma que o corpo tinha aprendido a voar com as asas da Tempestade, aquele espírito aprendeu também quanto era importante para a Terra o Vento Selvagem e a Chuva. E tanto mais que passou a saber, como era impiedosa a grande Rosa de Fogo quando governava só, pois onde se manifestava a sua tirania, por consequência desta, havia sempre um inóspito deserto. Os bosques secavam, a vida ocultava-se, até os grandes rios desapareciam, e a terra gretava e morria. Na verdade, com o poder do Vento Selvagem e da Chuva, o Pardal Jovial aprendeu qual era a verdadeira importância que aqueles elementos tinham para a sua amada e querida Terra.

Vestido de Luz e de Música

Dias mais tarde, numa noite em que o enorme Disco Meio Luz Meio Sombra ficou suspenso no vazio para iluminar com toda a sua intensidade o Bosque das Terras Altas, o Pardal Jovial voltou a mergulhar profundamente no seu retiro onírico e do sonho. Aliás, era um estado que muitas vezes conscientemente procurava entrar, uma vez que era naquele estado de alucinação, que por diversas vezes já tinha tirado algumas vantagens na tomada de decisões, que vieram a influenciar a sua vida duma forma definitiva. E tanto mais, que foi através daquelas sucessivas viagens telepáticas ao Vazio e do Nada, que ele sabia muito bem, que com os seus olhos físicos, só poderia ver os objectos materiais, uma vez que para poder ver através das outras dimensões, apenas necessitava de aproveitar o escuro da noite para sonhar de forma consciente e muito desperta.

Embora, as mensagens que lhe apareciam nos seus muitos sonhos acordados, lhe parecessem ser incoerentes e vazias de qualquer sentido, a pouco e pouco, ele apercebeu-se, que aquelas usavam uma outra linguagem para transmitir as informações telepáticas. Assim, depois de algum tempo de observação e estudo, aprendeu que para as poder descriptar, apenas necessitava obter a chave criptográfica com que aquelas haviam sido cifradas.

Pois bem, depois de muito vaguear para além da fronteira onírica, e de muito procurar compreender aquelas subtis mensagens, numa certa noite, mais por intuição do que por métodos científicos, acabou por encontrar a chave que descriptava aquelas mensagens provenientes do vazio e do Nada. Então, a partir daquela noite, aquelas linguagens multidimensionais, cheias de simbologia e de muito significado, deixaram de ser para ele, misteriosas e secretas. Por esta razão, o estado onírico e do sonho em que o Pardal Jovial muitas das vezes se encontrava mergulhado, tinha o privilégio e a mais valia de lhe despertar as capacidades para prever acontecimentos futuros, e o dom para lhe fazer recordar memórias passadas. Por outro lado, aquele estado onírico e do sonho, ainda tinha a vantagem de o acordar para a inteligência da

mera e simples intuição, que por diversas vezes utilizara como regra do bom senso, em querelas e em desagradáveis divergências entre pardais seus iguais.

Pois bem, naquela prateada e cálida noite do Tempo das Flores, o estado onírico em que o Pardal Jovial se encontrava, fez com que o seu espírito vagabundo e vadio, mais uma vez se libertasse do seu cansado e letárgico invólucro mortal, e andasse de braço dado com o perfume das mais variadas e doces fragrâncias do Bosque das Terras Altas. E, assim embevecido com as doces fragrâncias, vadiou por entre o emaranhado de sombras e de escuridões, lugares onde geralmente a imaginação era fértil em medos e em aparições. Subitamente, numa dimensão secreta, somente conhecida dos alquimistas e dos Iniciados, o espírito do Pardal Jovial, teve uma estranha sensação de que vagueava fora do seu tempo. Na verdade, teve uma sensação que olhava aquelas escuras e densas sombras com o olhar da Eternidade. Pelo que através daquele passeio, ébrio com os perfumes e com os misteriosos sons da noite, apaticamente ficou preso no cerne de antigas memórias, onde recordou o seu querido Pardal Espiga Dourada, bem como mistérios passados, que também lhe haviam provocado alguma nostalgia e muita saudade. Porém, muito para além da silhueta da escura copa da árvore da Sabedoria, o grande Disco Meio Luz Meio Sombra parecia que lhe sorria, de forma satírica e zombeteira. Supostamente, porque aquele já há muito que tinha memorizado os segredos do Universo, e considerava que o espírito do Pardal Jovial somente agora levemente os debicava.

Mas, quando o feitiço da música do bosque envolveu aquela fluorescência composta por uma mistura de luz e de noite, de imediato, se enamorou daquele espírito que se entregava aos encantos e aos mistérios da Grande Mãe. E, talvez por aquela razão, e não outra, aquela misteriosa baça luz prateada, acabou por lhe formular o convite para com ele dançar a dança dos segredos do Universo. Pelo que o Pardal Jovial ficou muito maravilhado e encantado com aquele namoro e, sem hesitação começou logo a rodopiar num abraço muito meigo e apertado com aquela fluorescência prateada. Na verdade, aquele bailado de encanto e de grande feitiço, transportava-o para outros

abraços, e para outros dançares, de outras vidas já por ele vividas. E, talvez porque aquelas recordações ainda estivessem muito presentes, com o seu olhar da Eternidade e da saudade, recordou aquelas tantas outras vidas, em que ele rodopiara a fantástica dança do Universo.

Porém, embora as trevas fossem para ele tão divinas quanto a Luz da grande Rosa de Fogo, sem qualquer outra explicação para além de que no espaço onírico, não existe a dimensão e a medida do tempo, com a mesma paridade, e com a mesma duração do tempo terreno, por isso, sem surpresas para ele, romperam-se as trevas para darem lugar às luminosas pétalas da Rosa de Fogo, que tudo iluminaram, que tudo vigoraram e que tudo aqueceram. Assim, sem nenhum espanto pela mudança temporal, o espírito do Pardal Jovial vagueou sem rumo e sem norte certo, por entre as sombras que uma brilhante, e agradável Rosa de Fogo semeava pelo Bosque das Terras Altas. Aquela seu voo nada tinha de especial, pois apenas queria ter o prazer de respirar o agradável perfume dos matagais daquele bosque e, sentir a beleza natural das velhas, retorcidas e copadas árvores, como queria ao mesmo tempo também, admirar a beleza das ervas e das flores que tapetavam todo o chão daquele seu querido bosque encantado.

No entanto, o som que as folhas emitiam ao roçarem na fresca Brisa, não lhe passou despercebido, nem tão pouco lhe passou despercebidas as vibrações que aquelas emanavam à sua passagem. E tanto mais, que aquelas atrevidas acariciavam descaradamente o seu corpo de luz e de vazio. Na verdade, aquelas estavam completamente loucas de desejo e de fantasias, pelo que não hesitaram para além do roçarem, de lhe lançar também um subtil e encantador perfume vegetal, a fim de com aquela fragrância feiticeira e afrodisíaca o entorpecerem na sua vontade, e acabar por desistir de explorar mistérios em escuros recantos. Resistindo às sedutoras e, sem dar mostras de renúncia à sua curiosidade, por muito tempo, aquele espírito solitário e vagabundo escutou e respirou a música dedilhada pelas muitas folhas daquele bosque. No entanto, aquelas feiticeiras tanto insistiram que acabaram por o enfeitiçar de vez. Na verdade, com aquele vaguear, o espírito do Pardal Jovial procurou

abraçar o bosque inteiro. Como se com aquele abraço, abraçasse todo o Universo.

O Templo da Natureza

Por muito tempo, trajando as vestes de luz e de música, o espírito do Pardal Jovial vagueou ao sabor dos caprichos e dos humores da Brisa, que acabou por o levar a uma larga e majestosa clareira, onde as pétalas da grande Rosa de Fogo, eram filtradas por altas e frondosas copas de rugosas e centenárias árvores. Perante a monumentalidade e a beleza invulgar daquele espaço sagrado, aquele espírito vagabundo ficou desde logo maravilhado com aquele Templo de luz e de muitas sombras. Completamente atónito, tanto pelo gigantismo daquela abóbada vegetal, como pelos múltiplos efeitos daquela luz baça e esverdeada que tudo de verde pintava, sorrateiramente e, com o respeito que aquele espaço de culto lhe merecia, entrou para admirar a grande obra da Grande Mãe. Pela atmosfera do sagrado e do divino que ali se respirava, à memória chegou-lhe farripas de histórias antigas. Uma dessas histórias, que lhe fora contada pelo pardal Bico Fino, dava conta dum pardal ancião, que há muito tempo havia escolhido para seu Templo, uma bela e magnífica árvore de grandes raízes. Pelo que no seu Eu formavam-se interrogações. Seria aquele primitivo e mítico Templo tão grandioso e tão belo como aquele? A resposta sabia o espírito do Pardal Jovial não a poder vir alguma vez a obter. Porém, algo no seu interior lhe confidenciava, que aquele Templo da Natureza não lhe ficava atrás em beleza, nem em encanto, nem em santidade, dada a sua majestade.

Fascinado pela atmosfera de paz, e pela harmonia que naquele Templo se respirava, o espírito do Pardal Jovial despiu-se do fato de música, e ainda meio descomposto no seu trajar, muito a medo, em curtos voos de luz, continuou a vasculhar todos os recantos daquele desconhecido e misterioso Templo, a fim de descortinar o que aquele escondia para que no seu interior se respirasse tão grande bem estar e tão grande harmonia. Já no interior daquele santuário da Grande Mãe, o espírito do Pardal Jovial estranhamente sentiu que uma onda de agradável felicidade e de grande paz interior, lentamente começou a percorrer o seu ser de luz, invadindo totalmente o seu EU sagrado. E tanto mais, que os odores do Tempo das Flores e a música que envolvia aquele

misterioso Templo, davam-lhe um agradável entorpecer, e uma grande sensação da presença do divino.

Durante algum tempo, inspeccionou aquele verde Templo, e verificou que as pétalas da Grande Rosa ao serem filtradas pelas altas copas das velhas árvores do Bosque das Terras Altas, formavam três colunas de uma intensa luz, que sobressaiam naquele oceano de sombras e murmúrios. E, ao ferirem as trevas dominantes, conferiam àquele Templo o misticismo e a magia que o tornavam divino e único. E, sendo aquele construído por sombras e por Luz, colocava-o também como sendo um dos Templo das Forças do Universo. Na suposição de que o Universo se divide entre as forças boas e as forças más. Por conseguinte, sendo aquele maravilhoso e mágico Templo da Grande Mãe composto pelas duas antagónicas forças, aquelas conferiam àquele espírito peregrino, o equilíbrio e a rectidão que muito necessitava.

O corpo de luz do Pardal Jovial, verificou ainda que para aquele Templo de luz e de sombras, os três pilares de luz eram na verdade as suas colunas mestres, uma vez que eram eles que davam realidade e existência àquele Templo da Grande Mãe. Assim, no centro daquelas colunas de luz, o espírito peregrino fez uma comovida e sentida prece de graças ao Grande Ser Cósmico. De súbito, o espírito do Pardal Jovial sentiu que uma brilhante Áurea Chamejante começava a brilhar por cima da sua cabeça etérea. Uma intuição proveniente das suas vidas já vividas confidenciou-lhe: que aquela brilhante e redentora luz sobre a sua cabeça de fogo, não era mais que um centro de energia dourada, que lhe dava uma sabedoria e uma inteligência suplementar, numa dimensão quase divina. Assim, com a sua inteligência a ser influenciada por aquele fogo brilhante e invisível, o espírito do Pardal Jovial compreendeu a dimensão e o alcance daquela chama mágica e sublime com que fora investido. Pois, ao ser envolvido com aquele centro de fogo, cuja chama era invisível e os raios convergiam para o centro cósmico, tinha sido nele criada uma adicional inteligência, que o iria fazer compreender, tanto os grandes mistérios da Vida, como os grandes segredos da morte. Como ainda, aquela auréola de fogo o iria colocar em permanente contacto com o Grande Ser Cósmico. Logo, transformá-lo-ia num Ser Divino em potência e em acção. Ou seja, o seu Corpo

Energético, Corpo Áurico, ou Corpo Luminoso, seria nada mais do que uma partícula do átomo primordial, a que os pardais anciãos chamavam de Grande Ser Cósmico.

Por outro lado, aquela chama dourada tinha a premissa de transformar aquele corpo de luz numa existência sem limitação no tempo, ou do espaço, uma vez que uma energia nem nasce, nem morre. Ela sempre foi uma energia, e continuará a ser sempre uma energia para além dos tempos. Como também não se pode limitar aquela no espaço, porque uma energia tem um campo vibracional infinitamente extenso, dado que o seu campo de acção é o próprio Universo. Que por consequência, quando vibra, ou quando se manifesta numa qualquer dimensão, ela vibrará ou manifestar-se-á em todas as outras dimensões. Assim, o espírito do Pardal Jovial com aquela brilhante chama dourada sobre a sua cabeça, sabia que caminhava para a essência da Divindade em que um dia se iria transformar.

O Livro da Vida e do Tempo

O Pardal Jovial vivia fascinado com as proezas da Águia Solitária, e tinha-a em tão elevada conta, que agigantava a todo o momento os seus feitos e as suas virtudes. Estava até convicto, que quando aquela batia as asas, fazia soprar o Vento Selvagem por todo o Mundo. Mas, agora que o seu espírito era livre, e estava dotado da Áurea Chamejante, o Pardal Jovial quis experimentar as performances da envergadura daquele magnífico corpo de águia e, tirar a limpo todas as qualidades, que incansavelmente, há muito apregoava. Assim, enquanto o seu corpo se entregava ao espaço onírico e ao da fantasia, sorrateiramente, o espírito daquele pardal voltou a escapulir-se do seu cárcere de carne e ossos e, transfigurou-se com o soberbo corpo da rainha dos ares, com a mesma simplicidade e, com a mesma facilidade de quem veste uma qualquer peça de roupa. E, ao envergar aquele majestoso traje de ave real, desde o primeiro momento daquela metamorfose, sentiu que uma estranha sensação percorria o seu corpo etéreo e, que essa sensação lhe dava conta de que possuía uma nova agilidade, e uma nova sagacidade no olhar que nunca antes tivera. Porém, as novas performances não lhe conferiram sentido de orientação diferente, uma vez que aquele permanecia inalterado. Pois, continuava a saber que o Céu era na direcção do Céu. E, que naquelas grandes alturas, com as novas qualidades, podia em voo planado, ser um espírito livre e dotado de inteligência mágica e divina. E, com as novas performances e modo de voar, sabia que poderia desvendar todos os segredos que aquele teimava em lhe ocultar.

Na verdade, o Céu sempre fora uma atracção para o curioso espírito do Pardal Jovial. Aliás, aquele, sempre fora para os pardais, desde os primários tempos, uma atracção e um grande fascínio para todos eles. Como fora também para eles, a Rosa de Fogo, o Disco Meio Luz Meio Sombra e os demais visíveis pontos cintilantes. Pelos antigos, chegaram mesmo a ser considerados Grandes Seres Cósmicos. Dado que lhes causavam medo e ao mesmo tempo admiração e fascínio. No entanto, ao longo do tempo e, à medida que os pardais anciãos dos bandos iam assimilando a regularidade dos dias, das fases

do Disco Meio Luz Meio Sombra e da posição no Céu dos demais pontos cintilantes, aqueles foram destronados do Olimpo e passaram a ser apenas fenómenos naturais. Contudo, a herança dos tempos antigos fazia com que o Pardal Jovial venerasse ainda aqueles antigos Seres Cósmicos.

Assim, com o trajo da imponente Águia Solitária, o espírito do Pardal Jovial voou confiante e muito seguro, até muito acima do que alguma vez imaginara poder um dia voar. Muito lá em cima, em largos círculos num voo pairado descortinava tudo quanto daqueles Céus se podia descortinar. Somente levado pela vontade das grandes e fortes correntes de ar. Sem nenhuma outra preocupação para além do desejo de saborear o conhecimento que aquele voo nas alturas lhe proporcionava. Sem nenhuma outra vontade predefinida ou esboçada no seu Eu. O espírito do Pardal Jovial saciou o gosto que tinha de voar nas grandes alturas, e saboreou a sensação de leveza que aquele voo lhe causava. Assim, com a mesma facilidade dum espírito de águia, aquele espírito peregrino e errante, planou por muito tempo lá muito no alto, onde para além dele e do espírito da Águia Solitária, mais nenhum outro espírito de ave se atrevia a voar, uma vez que temiam os caprichos dos Seres Cósmicos e a vontade soberana do Vento Selvagem, que ali, geralmente se fazia sentir demoníaca e teimosa. Pelo que naquelas incomensuráveis alturas dos Céus interditos aos espíritos das aves, o espírito do Pardal Jovial estava completamente livre para descortinar novos saberes e outras vistas.

Agora, que estava momentaneamente liberto do espírito de pardal, porque vestia o soberbo espírito da Águia Solitária, podia com a mesma facilidade daquele, elevar-se cada vez mais alto... mais alto... mais alto, até desaparecer por completo nos mistérios do Cosmos. Assim, com aquela vontade sempre a dominar o seu Eu, voou numa rota vertical, por muito e longo tempo. Como se uma força abstracta e invisível o puxasse para o seu centro. Para o seu núcleo. Até atingir o reino do Vazio e do Nada, onde habitam os Seres Cósmicos e o silêncio do princípio dos tempos. Logo que entrou naquele reino cósmico, o espírito vestido de águia sentiu logo que passou a respirar a plenitude de voar no Vazio e do Nada. Pois, passou a sentir que respirava a leveza do infinito. E, através daquela mística sensação, aquele espírito passou a sentir também, que

voava numa outra dimensão cósmica. Numa outra dimensão do Universo. Dado que a influência magnética daquele espaço do Vazio e do Nada era por demais notória no seu EU, uma vez que fazia com que aquele espírito peregrino, tivesse também a estranha sensação de que voava no espaço de antes da criação dos Mundos. No espaço de antes da criação da vida física. No espaço que era somente pertença da mitologia e do desconhecido.

Na verdade, aquele voo naquela desconhecida dimensão, dava-lhe uma nova e estranha sensação, que muito se assemelhava à sensação duma infinita Liberdade. Pois, com as suas grandes asas de luz florescente bem abertas na escuridão envolvente, aquele espírito voava na mais pura e na mais infinita consciência do seu Eu. Porque assim era feito o Universo. Do Vazio e do Nada tomando forma, se materializando com as inteligências que viviam naqueles Céus negros, as quais aguardavam a sua vez de serem chamadas para espiritualizarem a matéria que nasce e que vive nos muitos mundos do Cosmos. Ninhos geradores e condensadores de Vida.

Assim, com uma curiosidade quase infinita a dominá-lo, o espírito do Pardal Jovial voou por entre aquelas inteligências que aguardavam a sua vez para se materializarem nas Vidas que surgiam nos muitos mundos do cosmos, as quais, por serem quase visíveis, se confundiam com a mesma imobilidade silenciosa que o envolvia. Quando de súbito, no meio daquelas semi-luminosidades inteligentes, distinguiu o Grande Ser Cósmico. O espírito de todo o Universo. Com mais de mil olhos omniscientes, a dormir curvado sobre o oceano primordial informe, que estava suportado pela serpente de mais de mil cabeças do infinito. Com aquela deslumbrante visão, o espírito vestido de águia, ficou fascinado com o esplendor daquele Ser eterno. E, ao mesmo tempo, ficou curioso com a sua aparente imobilidade. Ao de leve tocou-lhe com a extremidade da sua asa de luz. E, aquele ligeiro movimento de luz, foi o suficiente para O acordar do seu profundo sono. Pelo que foi ainda num estado de semi-sonolência, que lhe disse sensorialmente: «Sejas bem-vindo ao Meu reino espírito de pardal resplandecente!». Hesitante, trémulo e, a muito a medo, respondeu-lhe o espírito aventureiro e sagaz: «Quem és tu?» A mesma voz sensorial respondeu-lhe: «Não sabes que Eu sou o Grande Ser Cósmico, o

criador, preservador e destruidor dos mundos, o eterno macho, a origem imortal e o centro do Universo? Tu próprio nasceste do meu corpo imperecível. Por isso, és meu filho! Espírito errante e insaciável». O espírito de luz, intrigado, respondeu-lhe: «se és o meu Pai primordial! E, se és o criador e gerador da vida, que destino me preparaste? O que destinaste para mim?» A mesma voz sensorial disse-lhe: «Filho Meu! Segue sempre em frente, e acabarás por encontrar os Livros da Vida! E, nesses registos cósmicos, encontrarás as respostas do que procuras!».

O espírito do Pardal Jovial travestido de espírito de águia, de imediato obedeceu ao Grande Ser Cósmico, e voou na direcção que Aquele lhe indicara. Muito para além das alturas onde era costume os espíritos das aves cósmicas voarem. Sempre no encalço do arquivo dos míticos Livros da Vida, aquele viajante cósmico mergulhou ainda mais o seu corpo de luz transcendente naquele espaço do Vazio e do Nada. E, por fim, depois de algum tempo de voo naquela desconhecida dimensão, acabou por encontrar o Cosmos Negro onde está arquivado o registo histórico de todas as vidas. Pelo que com o registo da sua Vida ali diante dos seus olhos de luz, por momentos ficou paralisado e atónico com o deslumbramento daquela visão. Por isso, ficou apenas a olhar maravilhado para aqueles muitos registos de vidas sem parecer saber o que fazer.

Na verdade, as filas de Livros da Vida eram linhas estonteantes que se perdiam no infinito e, a organização interna daquele arquivo cósmico, não era tão intuitiva como o espírito do Pardal Jovial esperava encontrar. E tanto mais, que procurava o registo de vidas passadas, e o registo de vidas futuras. Mas, porque naquele espaço cósmico tudo é presente. Porque não existe tempo. E, naquele espaço, o tempo não é mais do que uma mera ilusão dimensional, por momentos, ficou profundamente confuso. E, interrogou-se: «como poderia ele procurar a sua Vida passada, se ali não existe passado? Nem tão pouco existe futuro! Logo, como poderia ele procurar o que lhe está reservado para a sua Vida futura? Se ali, só existe um presente, onde tudo acontece em simultaneidade!». Porém, a sua Áurea Chamejante encontrou a solução para o problema que o atormentava. Como o espírito do Pardal Jovial, trajado com o

corpo de luz da Águia Solitária, ainda tinha memorizado a percepção ilusória do tempo, porque aquele estava na terceira dimensão, e era dentro daquele limite ilusório do tempo, que conseguia entender a eternidade, e por conseguinte, era naquela dimensão que entendia as mensagens que estavam registadas naqueles sagrados Livros, indicou-lhe que para melhor entender o que neles se registava, deveria não dividir a sua leitura em passado e em futuro. E, aquele espírito de luz, assim de imediato o fez.

Dotado que estava com aquela Áurea Chamejante, e ávido de conhecimento divino, depois de muito procurar, acabou por encontrar com a classificação de "Vidas do Bosque das Terras Altas", o seu próprio livro da Vida. Estudou a ornamentada iluminura da capa, cuja simbologia métrica remetia para saberes ainda mais profundos. De seguida, começou logo por ler o prefácio do Livro da sua Vida, e verificou que aquele apenas era uma introdução ao Mundo. Nas páginas seguintes, pôde ler as crónicas diárias dos seus esforços e dos seus aperfeiçoamentos. E, com alguma surpresa verificou, que dia a dia, todos os seus pensamentos e todos os seus actos nele foram escritos com Verdade, por isso, naqueles Livros estavam registados os seus verdadeiros fracassos e os seus verdadeiros sucessos, livres das dissonâncias que por vezes o espírito se reveste. E, pelo que leu, reconheceu também, que a sua vida estava a ser vivida num deserto de sentido e de objectivos.

Mas, naquele Livro verificou, que ainda não estava escrita a palavra "fim", pelo que lhe surgiu a ideia que poderia ainda o transformar os últimos capítulos do Livro num modelo de nobres propósitos e de generosos serviços ao muitos bandos de pardais do Mundo. E, para isso, apenas lhe bastaria dar o melhor de si mesmo, para que naquele Livro fosse escrito o melhor da sua Vida. Assim, com a Áurea Chamejante a brilhar por cima da cabeça daquele espírito de luz, o Pardal Jovial retirou da leitura que fez nos sagrados Livros da Vida, que tudo tem um princípio, e que tudo um dia terá um fim. E, de facto, naqueles secretos arquivos das Vidas passadas e futuras, registava que tudo o que fisicamente nasce, um dia fisicamente morrerá. Ele próprio não era mais do que partículas de pó, sendo o seu espírito partículas da própria essência da Divindade primordial. À medida que lia os segredos divinos, uma Brisa Cósmica de

felicidade inspirava-o a viver uma outra vida, mais consentânea com os conhecimentos metafísicos e esotéricos que retirara daquela leitura. Pelo que depois de ter planado por algum tempo naquele espaço do Vazio e do Nada, e de ter desvendado alguns dos seus segredos, o espírito sempre gaiato do Pardal Jovial pretendeu regressar rapidamente ao seu letárgico corpo, pois, agora que conhecia a verdade do Universo, tinha pressa em fazer batota, e com esta, alterar um pouco o rumo dos restantes dias da sua Vida Terrena, uma vez que só desse modo, poderia ressalvar o que de si fora escrito naqueles Livros sagrados.

Sentir o pulsar da Natureza

O espírito errante do Pardal Jovial, completamente exausto por ter voado nas alturas do Vazio e do Nada, quis voltar a sentir o palpitar e o pulsar do seu querido e maravilhoso mundo. E, para isso, na sua mente onde se hospedara o seu Eu, bastou-lhe somente pensar em colar as asas de luz ao seu corpo etéreo, para de imediato perfurar velozmente o Vazio sem fim à vista. Naquela vertiginosa e veloz queda num precipício etéreo, o espírito do Pardal Jovial ainda trajado com o espírito da Águia Solitária, sentiu de imediato como aquele Vento Cósmico que passava por entre as farripas de luz do seu emprestado corpo metafísico era forte e sedutor. Por isso, era bem visível na intensidade da sua luz, como aquele espírito sonhador e aventureiro adorava a adrenalina, que aquela forte e invisível força lhe causava no seu corpo de luz. E tanto mais, que ele que Já fora Vento Selvagem, conhecia por isso muito bem aquela invisível força, que agora o empurrava a medonhas velocidades para a Terra. E, ao abraçá-lo, dava-lhe também a verdadeira sensação de quanto era o seu domínio sobre a sua vontade, e de quanto aquela era de sua pertença. Por outro lado, aquele Vento ciclónico deixava-o confuso, uma vez que lhe causava também a sensação do seu contrário, dado que passou também a sentir uma sensação da mítica liberdade e de muita leveza.

Com a ajuda daquele forte Vento Selvagem, o espírito do Pardal Jovial naquele voo picado e vertiginoso, atingiu a surpreendente velocidade da luz, e tal como já o fizera fisicamente, somente no último e preciso momento, é que abriu as suas asas de luz em toda a sua envergadura e magnificência, para num voo rasante e a grande velocidade iluminar as pétalas das flores e as farripas de relva, que atapetavam o chão das clareiras do velho Bosque das Terras Altas.

Mas, quando aquele espírito errante e sempre gaiato lambeu as pétalas das margaridas que bordejavam o lago das Águas Cantantes e a sua luz reflectiu nas suas sonolentas águas, as suas vibrações e as ressonâncias daquelas, convidaram-no a embeber-se no seu pólen e a beijar aquela toalha liquida, a fim de com o seu halo fertilizar aquela terra húmida e ávida, útero divino do

qual tudo nasce e ao qual tudo regressa para ser regenerado e dar continuidade ao ciclo da Grande Mãe. Ao aceitar o convite, numa mágica metamorfose, o seu espírito de crisálida despiu o fato da Águia Solitária, para com a mesma simplicidade vestir o da Serpente Rastejante. Com aquele fato escamoso e brilhante vestido, serpenteou por entre os troncos esculpidos das velhas árvores do Bosque das Terras Altas, em intermináveis ziguezagueares. Sibilando sempre ao Vento Selvagem, quanto era feliz por sentir o encanto da Grande Mãe. Ao entardecer daquele dia, um restolhar contínuo, acompanhado do característico sibilar das serpentes, ainda se fazia ouvir por entre as altas ervas que orlavam o Bosque das Terras Altas, mostrando bem quanto aquele espírito estava a ser narcotizado pelos odores da vegetação selvagem e afoita. Como mostrava ainda, quanto estava a ser embriagado pelos cheiros acres daquela Terra húmida, sempre mãe e sempre viúva. Sem uma vontade própria de parar aquele rastejar, e sem mostrar querer desistir de cobrear aquele chão úbere, uma vez que era naquele interminável serpentear, e naquele som sibilado, que o espírito do Pardal Jovial transmitia a sua mensagem de satisfação e de alegria a todos os habitantes daquele bosque encantado. Naquela estonteante alegria, por muito tempo, visitou os recantos mais escondidos daquele bosque de sombras e de mistérios, e encantou-se com o que viu.

Assim, naquele voo ziguezagueante, rastejante e cantado, o espírito do Pardal Jovial, tanto respirou o ar carregado dos perfumes mais intensos do Tempo das Flores, como respirou o ar vibrante do adormecer da Rosa de Fogo, o qual impregnado que estava de farta beleza, adocicou ainda mais o fascínio que o espírito do Pardal Jovial sentia pela beleza da Criação. Quando a noite ameaçou cair, e o Disco Meio Luz Meio Sombra se ergueu luminoso e cheio, ainda o espírito do Pardal Jovial continuava a rastejar e a cobrear o chão do Bosque das Terras Altas. E tal como a Serpente Rastejante, ele passou a respirar baforadas de luz prateada. E, ao impregnar-se com aquela substância etérea, até ficar com a pele escamada de fogo e viscosa de luz, aquele espírito cobreado passou a ficar também saturado de sabedoria cósmica e alquímica. Mas, apesar de cansado das suas muitas viagens, sentia uma agradável sensação na sua espinha vertebral de cobra, uma vez que através das

escamas sentia o fluir das energias da Grande Mãe, e das encantadoras e belas energias do Tempo das Flores. E, por sentir tais sensações, para ele era maravilhoso ser a Serpente Rastejante. Como era para ele sublime o privilégio de ter a capacidade alquímica de se metamorfosear naquele ser inteligente, uma vez que só daquele modo cobreado, podia sentir na máxima intensidade as energias e os odores da Grande Mãe. E conhecendo-os, melhor passaria a conhecer os mistérios e os segredos mais recatados da Grande Mãe e da Vida.

Durante ainda mais algum tempo, o espírito do Pardal Jovial, vestido com aquele maravilhoso corpo da Serpente Rastejante, carregado de luz e saturado de energia terrestre, sentiu como nunca, as emanações e as energias florais e vegetais que emanavam da flora silvestre do velho Bosque das Terras Altas. Aquele curioso e errante espírito vestido de cobra estava em plena comunhão com a Grande Mãe, uma vez que respirava o ar do Céu Azul e da Força Subtil Terrestre. Quando estava próxima a hora em que a Rosa de Fogo costumava desabrochar e se espreguiçar, o espírito do Pardal Jovial ainda quis cobrear e sibilar aquele manto verde por mais algum tempo.

E, porque o dia ainda iria demorar alguns instantes a chegar, achou que ainda tinha algum tempo para despir aquele fantástico corpo da Serpente Rastejante, e com a mesma simplicidade vestir o corpo do velho e grande carvalho do Bosque das Terras Altas, afim de completar a sua experiência alquímica e daquele modo, sentir por completo o pulsar da mãe Natureza. Como essência daquele paquiderme vegetal, o espírito do Pardal jovial sentiu o palpitar e o pulsar da seiva a correr debaixo do seu áspero e rugoso tronco, como de igual forma, ele sentiu as raízes daquela velha Árvore da Inteligência a sorverem e a beberem os fluidos químicos da Terra, como sentiu ainda, aquelas a perfurarem a Terra cada vez mais fundo. Mais fundo. Mais fundo. Sempre ávidas de mais e, mais fluidos químicos. Como essência daquele resistente dos Tempos das Neves mais agrestes, ele ainda sentiu como as suas folhas roçavam o Céu e soltavam gemidos de prazer afrodisíaco. Sensação que não o deixou indiferente. E tanto mais, que ele já conhecia muito bem aqueles queixumes de prazer e deleite daquelas sedutoras.

O espírito do Pardal Jovial como árvore centenária, senhora de todas as outras árvores em seu redor, tanto sentia as energias das Alturas, como sentia as energias das Profundezas, uma vez que as suas folhas respiravam tanto a Brisa que lambiam as inatingíveis alturas, como as suas raízes absorviam e bebiam os químicos que descansavam no mais fundo do coração da Terra.

Para o espírito do Pardal Jovial, aquela viagem metafísica de luz, fora uma experiência inédita e muito gratificante para o seu conhecimento da Grande Mãe, e da Vida, uma vez que empiricamente, se recarregou com o fogo proveniente tanto dos sibilantes pontos cósmicos, como das emanações etéreas provenientes do Disco Meio Luz Meio Sombra, como teve também o prazer de em alquimia juntar o agradável Ar e a saborosa Água do Bosque das Terras Altas.

Quando a Rosa de Fogo já com as suas pétalas aquecia as folhas do velho carvalho do Bosque das Terras Altas, e delas era já bem visível um pequeno vapor, que se libertava em espiral para as alturas, o espírito do Pardal Jovial voltou com prazer a entrar no seu corpo físico de pardal, que ainda num ramo aninhado, Sonhava. Sonhava. Sonhava. Aliás, pela curvatura do seu bico, sonhava com deleite e grande prazer. Pois, sendo o sonho uma porta muito estreita e dissimulada do espírito, que se abre sobre a noite cósmica e primordial da consciência do Eu, as suas viagens iriam perdurar muito para além do que pudesse alcançar a sua consciência individual. Desde sempre que o sonho o tinha fascinado. Em parte, porque todos os pardais em harmonia sonham. E por outro lado, porque os sonhos são tão misteriosos e ao mesmo tempo, são tão reais e marcantes para a Vida, que só por isso, ele sabia que podiam conter algum significado. E com aquelas viagens do seu espírito ao Vazio e ao Nada, e às entranhas da Terra, o Eu do Pardal Jovial acabou por saber quanto eram importantes aqueles saberes para a Vida, uma vez que de uma forma empírica, experimentou o espírito da águia que nele vivia, como também experimentou o espírito da serpente, e a essência do velho carvalho do Bosque das Terras Altas, que também todos nele viviam. Mas, acima de tudo, o mais importante daquelas viagens metafísicas foi que com aquele sonho, o Pardal Jovial acabou por descobrir que adorava o seu pequeno corpo

de pardal. E, que aquele, mais não era do que uma extensão daqueles outros fabulosos e admiráveis corpos que havia experimentado. Com esta experiência apreendeu também, que sempre que tivesse saudades daqueles maravilhosos corpos, bastava quando o seu corpo físico fechasse os olhos e sonhasse, ele se esgueiraria dele para vestir a seu belo prazer, o fato da sua saudade.

Quando o Pardal Jovial despertou do seu sonho alquímico, na sua mente, somente ficou um ténue e ligeiro resíduo da águia, da serpente, do carvalho, do Céu, do Vazio e do Nada, e das fragrâncias e odores da Terra. Mas no seu subconsciente muito saber ficou nele sedimentado e registado, pois o Pardal Jovial agora sabia, que o Céu estava tão perto dele, como estava tão perto a Terra. Pois, bastava vestir o corpo de luz da águia, da serpente ou o da árvore. Por isso, o Pardal Jovial, em qualquer momento, sem qualquer dificuldade e desde que fosse essa a sua vontade, tanto poderia sentir a águia que nele vivia, como a serpente, ou o carvalho que também nele já habitavam em pleno. Por conseguinte, através desta experiência sonhada, sabia, que quando tivesse um vento negativo, um vento cor de cinza, ou um vento amargo na sua Vida, a águia que nele vivia levantaria voo para as grandes alturas do céu, onde habita as calmarias, a sua consciência e o seu Eu. Lá onde existem as Divindades e os espíritos que aguardam a vez de se materializarem. Lá onde é o território do Vazio e do Nada, e onde se encontram os Livros da Vida.

Assim, o Universo é sem dúvida a consciência dos pardais. Pois nada pode existir sem esta. Logo, tudo é feito de consciência, tudo é feito de energia, tudo é feito daquele fogo invisível que arde mas que não se vê. Assim, o Pardal Jovial, nos seus momentos mais negativos, saberá sempre que poderá voar para onde apenas existe a imensidão da sua infinita consciência e a Luz total que ele era. Por isso, através daquele sábio e alquímico sonho, aprendera uma música e uma letra muito secreta, que nos cálidos e quentes entardeceres ele incansavelmente e até à exaustão chilreava, a fim de fazer lembrar a todos os pardais da Terra como é bela e Divina a Grande Mãe. Assim, é através daquela melodia saudosa e chorosa, que ele agradece no fim de todas as tardes, tanto à águia que nele vive, como à serpente e ao carvalho que também nele habita. Ou seja, é por esta razão que ele passou a cantar, tanto em agradecimento à

sabedoria da Grande Mãe que vive ao seu lado, como em agradecimento à irradiação da Rosa de Fogo que vive ao seu redor. Pois, tanto a primeira, como esta última, representará a serpente e a águia que vivem no seu espírito.

O Encontro do Pardal Jovial com o Pardal Profeta

Como já foi muito falado, no Bosque das Terras Altas vivia o Pardal Profeta, um pardal dividido entre dois mundos… o mundo real e o mundo divino. Naquele bosque qualquer profeta que ignorasse a realidade não sobreviveria para desfrutar o divino, portanto este pardal tinha uma vida muito terrena. Todavia, não deixava de exaltar ao seu bando os sete pecados capitais que os seus ancestrais anciãos deixaram como costume sagrado a ser seguido por todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Assim, seguindo os Santos Pensamentos pregava até à demência que seis eram as coisas que o Ser Cósmico rejeitava nos pardais, e a sétima o seu espírito abominava, que eram:

- Olhos altivos;
- Língua mentirosa e viperina;
- Garras e bicos que derramam sangue inocente;
- Coração que maquina pensamentos perversos e mesquinhos;
- Asas que se apressam a voarem para o mal;
- Testemunha falsa que profere mentiras, e
- O que semeia contendas entre irmãos.

Apesar do Pardal Profeta ser um orador virtuoso e temível nos seus sermões, alguns acontecimentos naquele pacato bosque vieram a ocorrer que contrariam os ensinamentos do Pardal Profeta, ora vejamos:

Num determinado dia, precisamente no momento em que a Consciência do Pardal Jovial se recolhia em pensamentos e em sonhos metafísicos, pousou ao seu lado o Pardal Profeta, com movimentos reumatismais. Num piar que procurou ser doce, este perguntou-lhe: «meu filho! Estás a pensar? Ou estás a dormitar!». O Pardal Jovial visivelmente contrariado pela intromissão daquela soturna figura alada, e talvez também porque não estava disposto a chilrear ao desafio com aquele conhecido dogmático e controverso pardal ancião, respondeu-lhe num curto e seco piar: «estou somente a pensar!». Esperava deste modo ter posto um fim ao interrogatório que se adivinhava ser longo e muito intrometido. Mas, o Pardal Profeta demonstrava com o seu olhar

brilhante e afoito, que estava ansioso por bicar a essência da espiritualidade e espalhar mais uma vez a sua Verdade àquele pardal tresmalhado. Por essa razão, não podemos atribuir-lhe ingenuidade, nem tão pouco inocência, por escolher o seu característico chilrear calmo e afectadamente doce para ignorar a animosidade e a rudeza do piar com que fora presenteado. Assim, com uma expressão ardilosa de pardal bom, somente desmentida pelo brilho ressentido do seu olhar, sentenciou: «o exercício de pensar é um dom, meu filho! E ao mesmo tempo, é um privilégio concedido pelo misericordioso Ser Cósmico! Louvado seja!». Talvez, pela existência de resquícios de memórias passadas, nomeadamente com o trágico acidente do Pardal Estrela da Manhã, ou talvez porque o seu recolhimento fora abruptamente perturbado, o que é certo é que o Pardal Jovial não se conteve na cordialidade protocolar que é exigida a um pardal de bom senso e de boas práticas para com um pardal profeta. Pelo que de semblante visivelmente carregado, ambiguamente e com um leve timbre sarcástico no seu piar, acrescentou àquela douta sentença: «o acto de pensar também é uma grande responsabilidade para quem se entregue à prática de tal exercício!». Ao que o Pardal Profeta, dando mostras de não ter compreendido muito bem o alcance que se pretendia com aquele ambíguo piar, já cego pelo desejo de catequizar aquele insensato e malcriado pardal, num tom paternalista e superior proferiu: «meu filho! Todo o pardal que foge de pensar, tanto está a desobedecer a um dom outorgado pelo Ser Cósmico, como está a ser um pardal intelectualmente preguiçoso, o que só por si, faz dele um renegado, dado que com esta sua atitude, está a agredir o maravilhoso e misericordioso dom que lhe fora presenteado por Ele!», ao mesmo tempo que proferia estes conselhos apontava a sua asa escanifrada para o Céu Azul. No mesmo piar doce acrescentou ainda: «quem cometer tal falta está destinado aos piores flagelos nas Terras do Mal!».

Com uma certa dose de ironia e até algum sarcasmo no piar à mistura, o Pardal Jovial de forma hilariante e exageradamente divertida para aquele momento, retorquiu ao piedoso representante do Ser Cósmico junto dos Pardais do Bosque das Terras Altas: «a deliberada e dogmática ignorância do saber, aos olhos Daquele que tudo vê, também são acções condenáveis e de grande pecado, uma vez que pensar, será o mesmo que crer!».

Espantado e admirado com a acutilância daquele inesperado arremesso, o Pardal Profeta mal conseguiu disfarçar no seu míope olhar chispas incandescentes de ódio mal contido, demonstrando quanto aquela ousadia o agastava. Por isso, num tom que não deixava qualquer dúvida de ser um sério aviso, disse-lhe: «meu filho! Pensar também poderá ser um exercício muito perigoso! Pois poderá ser considerado pelo bando de pardais uma actividade subversiva! Conspiradora! E até uma atitude rebelde para com Aquele que vive lá em cima e tudo vê! E por consequência deste reprovável exercício, pode daí resultar: censuras, ostracismo, degredo, e quiçá, se não castigos muito piores que a própria morte física…». Apesar do Pardal Jovial ter sentido um calafrio a percorrer todo o seu corpo, e um suor frio a ensopar as penas da sua cabeça, sem acusar aquela humidade gelada que o ameaçava paralisar de medo, respondeu-lhe com dureza no olhar e afinco no piar: «desde muito novo, que sei que há no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas anciãos castradores, mutiladores e inibidores do livre e espontâneo pensamento!». Com surpresa e ousadia pela afronta, o Pardal Profeta quase caiu do ramo onde estava empoleirado. Mas, o Pardal Jovial sem dar aparente conta de que tinha retesado em excesso a corda da sorte, temerário e sem qualquer ajuizada precaução, continuou a enumerar as suas muitas divergências em relação à crença que o Pardal Profeta doutrinava e os seus princípios.

Apesar do Pardal Profeta ter sido visivelmente ferido pela acutilância do agressivo chilrear, o Pardal Jovial não dava mostras de ter qualquer piedade ou contemplação para com aquela ossuda e magra figura alada, uma vez que mostrava agressividade e tenacidade em ferir de forma decisiva o seu opositor, a fim de por esse modo imperativo, pôr fim àquela desagradável e incomodativa contenda. Por essa razão, com o olhar próprio dos predadores perguntou-lhe: «o que foi em tempos passados as purgas no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas? Se não a teologia da dominação e a moral concêntrica da sociedade de pardais de então! Arquitectada por antecessores destes mumificados anciãos, ao tempo também eles, tão caquécticos como os actuais lideres do Bando de Pardais das Terras Altas!». Perante tal violento ataque, o Pardal Profeta escudou-se no seu olhar vítreo e alienado, para desse

modo se esquivar àquele golpe que poderia ter sido fatal. Mas, o Pardal Jovial estava determinado, sem mostrar piedade pelo pardal ancião que o fulminava com um olhar de insecto, ainda lhe arremessou: «aqueles antigos anciãos não hesitaram em investir contra todos os pardais que denominaram de "desviados"! Só porque ousaram pensar de forma diferente deles! E por esta razão e não outra, todos foram por eles considerados heréticos, sacrílegos e, até imorais! E, como tal, todos foram por eles sentenciados ao degredo e à sua perdição!».

O Pardal Profeta, ainda mal recomposto dos rudes golpes que acabara de receber, com aparente dificuldade em manter a compostura que a sua posição impunha, continuou num aparente grande esforço a encarnar o papel social que lhe fora atribuído, e que há muito tempo com ele se identificava que até já se esquecera do pardalinho que em tempos fora, embora no seu interior, o seu espírito reclamasse vingança e perversos castigos para aquele herege, que ousava ter a audácia de o confrontar como se fosse um seu igual. E logo a ele, Pardal Profeta, máximo representante do Ser Cósmico junto de todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Com os olhos a arder de raiva, numa astuta e fingida calma, o Pardal Profeta disse-lhe ainda: «a minha crença estende-vos a asa! E no entanto, quanto mais a estende, mais a repelis incauto pardal pecador!». Por fim, paternalmente aconselhou o Pardal Jovial a não pensar em desconhecidos assuntos, sem o apoio de um ancião mais experimentado nos saberes da vida, dado que para ele o pensamento tanto poderia ser uma fonte de bênçãos e de venturas, como poderia ser uma fonte de maldições e de angústias. Mas, o Pardal Jovial estava inabalável nas suas convicções. Assim, conscientemente, disse ao Pardal Profeta: «fazer escolhas, foi sempre um doloroso dilema para todos os pardais do universo! Especialmente, para aqueles que tiveram de escolher duma forma diferente da maioria dos pardais do bando! E muito mais difícil e perigosa se tornou a acção de escolher para aqueles que tiveram uma forma diferente da escolher daquela que lhes estava destinada pelos pardais mais poderosos do bando!». E de imediato o Pardal Profeta cilreou: «Não te esqueças pardal insensato que há um poder tão organizado, tão subtil, tão completo, tão omnipresente, que é

melhor que nenhum pardal erga o seu chilrear acima do murmúrio quando piar para O condenar!».

Pelo olhar malvado do Pardal Profeta, previa-se que censuráveis acontecimentos iriam brevemente ter lugar naquele bosque. E tanto mais que sendo aquele combate considerado santo, qualquer meio que viesse a ser eficaz para a vitória sobre aquele herege ser-lhe-ia permitido pelos anciãos do bando, como também seria exaltado pelo grandioso Ser Cósmico, que como recompensa lhe destinara um bonito ninho nas Terras da Harmonia e da Abundância. Por isso, numa falsa e hipócrita cortesia, chilreou: «só podes estar muito confuso e desorientado, meu filho! Para não medires o teu estouvado chilrear! Provavelmente, deve-se à vida de pecado que levaste na Metrópole, e aos muitos excessos e perdições que o mundo te oferece!». Mais uma vez aquele pardal com gestos piedosos o aconselhou a ter prudência e muito tento no seu piar. Aconselhou-o mesmo a pensar de forma diferente da que a sua consciência ditava, numa forma mais consentânea com o seu estatuto de pardal do Bando do Bosque das Terras Altas. Cortesmente, num piar arrastado, também lhe manifestou: «sei quanto é difícil pensar prudentemente, meu Filho! Os pardais por natureza têm muita dificuldade em abandonar o seu sonho de Liberdade e da beleza fantasiada do mundo que para si utopicamente idealizaram, o que os conduz muitas das vezes há imprudência e há insensatez!».

Mas, apesar daquela aparente piedosa calma, o Pardal Jovial via no seu opositor, para além dum pardal atormentado por velhos costumes, um defensor incondicional dos letárgicos anciãos do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, pelo que dele só podia receber hostilidade através dum chilrear criativo e empolgante, que vinha sendo acumulado desde o ninho materno. Pelo que num piar de combate e de desafio, disse-lhe: «as limitações impostas pelos anciãos àqueles que pensam de forma diferente destes, cega-os por completo! Não percebem que muitas das vezes quem pensa de forma diferente deles podem ser pardais inovadores! Pardais criadores! E quiçá, até pardais construtores duma História mais justa e mais igualitária para os pardais do Bosque das Terras Altas! Pela memória dos mártires, não retiro um único piar

do meu chilrear! Estou convicto, que aqueles retrógrados anciãos são de facto os castradores do progresso e do desenvolvimento do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas!». Com esta incisão, o Pardal Profeta ficou louco e quase cego de raiva, com aquele acutilante chilrear, que para dele se defender, refugiou-se numa das suas frases feitas, dizendo-lhe: «os pardais, pela graça do Ser Cósmico, são os únicos seres pensantes do Universo, o que os dota das fundamentais capacidades para a realização do propósito de virem a ser os continuadores da Sua obra». O Pardal Jovial retorceu a comissura do seu bico com escárnio descarado, e com uma pitada de malvadez, retorquiu-lhe de imediato: «a expulsão dos pardais das Terras da Harmonia e da Fartura, conduziu os pardais à ambiguidade e à contradição, uma vez que desde aquele longínquo dia, para além dos diferentes quocientes intelectuais, os pardais passaram a pensar construtivamente ou destrutivamente, sem terem muito em linha de conta a opinião do Ser Cósmico, uma vez que os seus sucessos e insocessos só deles depende! É tempo dos pardais serem responsáveis e deixarem de atribuir as suas culpas aos outros!».

O Pardal Profeta percebendo a ironia e a derradeira estocada que o seu impiedoso opositor lhe preparava, mais uma vez, no momento exacto desviou-se do golpe, ao mesmo tempo que se defendia, disse-lhe: «a queda dos pardais dos primeiros tempos não leva o Ser Cósmico a desvalorizar o pensamento dos pardais, antes pelo contrário, pois Ele em remotos e antigos tempos até os inspirou na elaboração dos Sagrados Pensamentos, como também ainda hoje o continua a fazer, pois, em boa verdade, são por Ele escolhidos os pardais mais piedosos, para continuarem a ser iluminados na interpretação daqueles Santos Pensamentos!». Pelo que o Pardal Jovial retorquiu de imediato: «os Sagrados Pensamentos não passam de contos e de lendas, que têm por único objectivo o domínio do pardal pelos poderosos do bando». O Pardal Profeta corrigiu-o de imediato com um piar gélido e abrupto: «Ignorante! Pardal sem crença e sem Fé! Os Sagrados Pensamentos servem para que o pardal compreenda qual é o significado da sua existência no universo».

O Pardal Jovial num piar que parecia meditativo, chilreou: «se ter Fé implica a aceitação de milagres, concepções imaculadas e intervenções divinas, então… não sou de facto um pardal com Fé!», e acrescentou com agressividade no piar: «nos Sagrados Pensamentos, são manifestamente reprováveis as ameaças e os castigos prescritos para quem não seguir determinadas condutas! Não consigo imaginar um Ser Cósmico a governar os pardais com terror e tirania! A salvação dos pardais só pode estar no conhecimento e não no sofrimento e na dor! Em boa verdade, o conhecimento pode curar, como também pode matar! Depende somente do espírito do pardal que o usa!».

«Herege!» Piou o Pardal Profeta espontaneamente com asa meio despenada em riste. Há um poder nos Céus tão organizado, tão subtil e tão omnipresente, que é melhor que nenhum pardal erga o seu piar acima do murmúrio para O condenar! Pois se o fizer, arderá nas Terras do Mal para todo o sempre! A sorte na Vida é uma dádiva do Ser Cósmico!» Ao que o Pardal Jovial chilreou: «nesta vida não estamos à mercê da sorte ou da falta de sorte! Está tudo em nossas asas! O Ser Cósmico nunca nos castiga! São as nossas próprias acções que retornam sempre como o Vento Selvagem num remoinho! Tudo o que fazemos volta para nós de acordo com a lei de acção e da reacção!».

Aquela luta dissemelhante não poderia durar muito mais tempo, uma vez que o Pardal Jovial já se preparava para desferir aquela que para ele seria a estocada de misericórdia, aquela que teria de ser a derradeira, aquela que teria que ferir fundo o Eu do Pardal Profeta para que a contenda terminasse rapidamente. Assim, com um olhar reflectido e muito determinado, disse-lhe: «cada pardal transforma-se num Ser Cósmico em acção no interior do seu próprio Corpo Templo, uma vez que à medida que os pardais se aproximam dos pensamentos Daquele, passam a ter também a Sua mente! Até ao dia em que transformados na Sua própria Luz, sejam parte integrante Daquele e por conseguinte, sejam eles próprios a essência do próprio Ser Cósmico!».

Descontrolado na sua postura sacerdotal, o Pardal Profeta quase colérico chilreou desalmadamente: «querer ser como o Ser Cósmico e pensar no infinito Daquele, é um sacrilégio e um grave pecado! Por sinal, foi a base do pecado

original! Foi por idêntico pecado, que os primeiros pardais foram expulsos das Terras da Harmonia e Fartura, como também foi por idêntico pecado, que ancestrais pardais sofreram nas Terras do Mal indescritíveis suplícios e penas muito severas!» Apontando a sua esquelética asa direita na direcção do Pardal Jovial, disparou num chilrear rouco, profético e fulminante: «o Ser Cósmico criou o primeiro pardal com a substância barrenta!». Ao que o Pardal Jovial lhe retorquiu: «Por consequência, a concepção deste foi criada a partir da matéria do Nada! O pardal é fruto da evolução e não de abstractos e imaginosos milagres alquímicos!».

«Blasfémia! Herege! Herege! Herege!» Piou tresloucadamente o Pardal Profeta, que ao sentir uma pressão estranha no peito, respirou fundo três vezes, e assim controlou um pouco aquela raiva que cavalgava sem freio. Durante esta pausa, o Pardal Jovial aparentemente calmo e muito divertido com aquele olhar esbugalhado da colérica figura alada, retorquiu-lhe: «a substância usada pelo Ser Cósmico, é um extracto de todas os pontos cintilantes do céu, e de todas as essências do Cosmo, unidas numa só barrenta argamassa! Por conseguinte, a fusão da matéria cósmica só poderá querer dizer que o pardal é um microcosmo, ou até mesmo, quer dizer que é um pequeno universo! O pardal, não é mais que um extracto de todos os pontos cintilantes do firmamento!». E, num tom de conclusão disse ao irritado pardal que agora não parava de gesticular gestos nervosos e desconexos: «O pardal foi criado pelo Ser Cósmico!». Chilreou o Pardal Jovial: «Não! O pardal foi criado pela Grande Mãe com os quatro elementos do mundo universal, uma vez que: a Terra foi a sua carne; a Água o seu sangue; o Fogo o seu calor; e o Ar o seu espírito. E estas propriedades, desde o início dos tempos até aos dias de hoje, nele nunca foi modificada, só a substância o foi através da evolução e da continuidade das espécies!». O Pardal Jovial, disse ainda numa fórmula conclusiva àquele decrépito pardal: «tudo o que acontece no Universo, acontece com cada parte desse mesmo Universo, do mesmo modo que cada célula do corpo de um Pardal é capaz de falar por todo o seu corpo, dado que a partir de uma simples pluma, duma célula nervosa, ou duma célula muscular se poderá definir todo um Pardal!». Concluiu ainda: «todos são células com

diferentes propósitos! E apesar disso, todos eles estão interligados. Servindo desse modo uns aos outros, servem um Todo!».

O Pardal Profeta completamente descomedido no chilrear e infrene nos gestos disse num alto piar: «o Pardal é somente Pardal e não o Universo! Ele foi criado à semelhança e à imagem do omnipotente Ser Cósmico e não do Universo, herege sem Fé! O Ser Cósmico é o Criador de todas as coisas e de todos os universos!». O Pardal Profeta completou ainda de forma determinada e no mesmo piar: «os Sagrados Pensamentos dizem que os pardais são pó, cinza e Nada, e que ao pó e à cinza regressarão no fim das suas miseráveis vidas! O Pardal foi feito de carne, ossos e sangue, e não como o Universo, mas mais do que o Universo, uma vez que goza do infinito amor do Ser Cósmico, que os concebeu à sua semelhança e à sua imagem, a fim de poderem dar continuidade à sua obra!».

O Pardal Jovial não se conteve com esta descrição de concepção do Pardal e lembrando-se do Pardal Estrela da Manhã retorquiu ao seu opositor com escárnio e mal dizer: «se foi Ele a Criar o Pardal, então é um desleixado e um preguiçoso, uma vez que irresponsavelmente abandonou a sua Criação, e que em vez de lhes pedir, penitências, sofrimento e sacrifícios sem fim, antes deveria proporcionar-lhes melhor qualidade de vida, maior satisfação das suas necessidades básicas, maior alegria de viver e por conseguinte, deveria proporcionar-lhes uma maior felicidade, e para isso, apenas bastava não ser tão preguiçoso e tão distraído com a sua Criação! Pois, bastava de vez em quando penetrar no coração dos Pardais, para melhor conhecer as suas ansiedades, os seus mais secretos desejos, e até as suas mais obscuras misérias! Acontecem coisas terríveis neste Bosque das Terras Altas! A tragédia dos pardais parece ser uma prova evidente de que o Ser Cósmico não pode ser Todo-Poderoso e amar-nos. Se o Ser Cósmico nos amasse e tivesse o poder de alterar a nossa situação, impediria o nosso sofrimento e angústias! Por isso parece-me, que se é Todo-Poderoso Este é indiferente para com o Pardal! Ou se de facto nos ama, mas não pode ajudar-nos, então não é Todo-Poderoso!». Mais uma vez com o Pardal Estrela da Manhã na sua memória, o Pardal Jovial chilreou ainda à soturna figura: «acontecem coisas terríveis aos

pardais, que são a prova de que o Ser Cósmico não pode ser Todo-Poderoso, uma vez que se o Ser Cósmico tivesse de facto o poder para alterar as vidas dos Pardais, na certa que impediria a sua dor e as suas muitas infelicidades!». Chilreou ainda: «muitos pardais das mais jovens gerações pensam como eu! Não se deixam facilmente enganar e narcotizar com utópicas lendas e contos, que só servem para embalar pardalinhos no seu ninho materno! Eles não querem vir a sofrer mais tarde, por acreditarem em histórias pouco precisas, muito criativas e sem qualquer fiabilidade histórica!». O Pardal Jovial, chilreou-lhe ainda: «a verdadeira espiritualidade dos novos pardais, passa por eles pensarem no que em outras vidas foram, no que são nesta vida, e no que serão quando forem partículas da Luz Cósmica, e desse modo, como essência do Ser Cósmico venham a iluminar o caminho de interiorização de outros pardais!, O verdadeiro Ser Cósmico é a luz que liberta o Pardal das trevas! O verdadeiro Ser Cósmico é o Conhecimento que liberta o Pardal da ignorância que o escraviza!».

O Pardal Profeta piou num tom irónico mal disfarçado: «quem é esse Ser Cósmico que oferece aos pardais a Sabedoria e o Poder, mas em contrapartida, não diz aos Pardais como os devem usar? Quem é esse Ser Cósmico que não lhes diz qual é o caminho do Bem e do Mal?». O seu opositor interrompeu-o abruptamente, para num sibilante piar responder: «É aquele que abre o Portal do Futuro e que fecha a Porta do Passado! É aquele que impede os Pardais de voltarem a chamar Seres Cósmicos aos vazios do conhecimento! É aquele que o murchar da Grande Rosa de Fogo deixou de ser o adormecer do Ser Cósmico, ou, o Vento Selvagem, a ira Deste para com os Pardais!».

O Pardal Profeta num chilrear furioso retorquiu: «não vos cansais de insinuar que a crença no Ser Cósmico é ignorante. Mas, qual é o pardal mais ignorante? Aquele que não é capaz de definir o relâmpago! Ou aquele que não respeita o seu terrível poder?». O Pardal Jovial arremessou logo: «a crença é como o chilrear das aves, uma vez que tal como o chilrear se aprende no ninho, também as crenças se aprendem no lugar onde se nasce. E desse modo, a crença num Ser Cósmico só depende do lugar onde o Pardal nasceu. Sendo a Fé num determinado Ser Cósmico puramente aleatória!». O Pardal

Profeta ficou possesso com a resposta, e completamente cego de raiva, iniciou uma dança saltitante à volta do Pardal Jovial, de representação cénica sinistra e até ridícula para o bom senso daquele. O pardal ancião estava convicto que o mal vivia naquele pardal herege. Por isso tinha de o exorcizar das Forças do Mal, para não contaminar todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Eufórico, imprimiu um maior ritmo na dança, pois estava convicto de ter reconhecido o espírito negro que tanto odiava. Tinha a convicção de que o seu opositor estava possuído pelo o Ser Alado das Sombras, Senhor das Terras do Mal. Aquele que tinha o condão de se disfarçar em inocentes pardais para a perdição de todo um bando de pardais. Aquele que toda a sua vida combateu e excomungou.

Ao mesmo tempo que o Pardal Profeta saltitava, e elevava aos Céus as suas asas falhas de algumas penas, pronunciava mágicas frases de conjuro, a fim de com aquele exorcismo, derrotar e vencer aquele terrível Ser Alado das Sombras, que hilariante e desrespeitoso, a seu lado troçava descaradamente dele. Em face daquela coreografia patética e macabra, o Pardal Jovial pensou «o velho tonto passou-se desta vez! tanto quis representar o mundo terreno das aparências e das hipocrisias que já nem sabe distinguir o que é real do irreal!». Perante o olhar trocista do Pardal Jovial, o Pardal Profeta ergueu ainda mais alto as esqueléticas asas e implementou um ritmo maior no seu dançante saltitar. «Ah! ah! ah! Se existir o Ser Alado das Sombras, este só poderá ser uma criação do Ser Cósmico, pois não se proclamara Ele de ser o criador de todas as coisas do Universo?». À falta de resposta, o Pardal Jovial ainda negou a existência das Terras do Mal, dizendo que se de facto aquela existisse, só poderia ser a vida na Terra proporcionada pelos pardais anciãos decrépitos. E para dar mais força ao seu discurso e à sua convicção, disse ao saltitante e dançarino pardal: «O meu espírito já voou no espaço do Vazio e do Nada, no espaço que somente está reservado aos Seres Cósmicos e ao espírito da Águia Solitária! Lá pude ler os Livros da Vida! E nessas sensíveis telas de essência mental pude ver os registos que contêm todos os pensamentos dos pardais do Bosque das terras Altas, bem como todos os seus actos e omissões!». Disse ainda àquele dançarino, que a sua consulta no distante espaço Cósmico, nada de bom vira no futuro do Pardal Profeta, cujo fim da

passagem por esta dimensão seria trágico, vergonhoso e sem glória. Acrescentou ainda que também não vira nada de bom no destino dos restantes anciãos do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Pois, naquela sensível tela, pôde ler traições, desavenças temperadas com inverdades e ódios exacerbados, os quais iriam dividir os pardais daquele bosque para todo o sempre. O Pardal Jovial chilreou ainda ao tresloucado Pardal Profeta, que havia retirado daqueles Livros da Vida, que os pensamentos preconceituosos e intolerantes daqueles pardais anciães, para além dos separar uns dos outros, iriam atrair pardais desagradáveis que os contaminariam ainda mais naquele seu acerbado ódio. E, concluiu abruptamente: «chegou o momento de me afastar deste local de maldição e perdição!». Sem cortesia e consideração, o Pardal Jovial bateu com elegância as asas e elevou-se nos ares, abandonando o Pardal Profeta, que com as suas maltratadas asas apontadas na sua direcção, gesticulava conjuros e sortilégios.

Assembleia de Pardais do Bando do Bosque das Terras Altas

O robusto carvalho que já não sabia a sua idade, cuja bondade duma das suas raízes salvara o Pardal Jovial das Águas Cantantes, apresentava-se aos habitantes do Bosque das Terras Altas, com uma aparência rude e disforme, marcas indeléveis das muitas invernias por que já passara. Com a sua aparência imponente, alimentava nos habitantes do bosque um sem número de lendas de coragem e de tenacidade. Muito merecida, porque tais cicatrizes, foram muitas delas provocadas pelo humor volátil do Vento Selvagem, e estas contavam aos habitantes daquele bosque, quanta força aquele despendera para ultrapassar desafios e vencer dificuldades que pareciam no início serem inultrapassáveis. As suas raízes à flor da terra, eram grossos troncos, que entrelaçados e fundidos uns nos outros, há semelhança duma cadeia de união, estendiam-se pelos atapetados e floridos relvados do Bosque das Terras Altas.

Cada Tempestade para a Árvore da Sabedoria, não era mais do que um desafio a ser ultrapassado e a ser vencido por esta, dado que para aquele símbolo do saber e da resistência do querer, o Vento Selvagem nunca foi, nem alguma vez será para ela uma verdadeira ameaça, uma vez que mesmo numa grande Tempestade, muitas árvores à sua volta poderão ser arrancadas pela raiz. Mas… aquele carvalho ancião permanecerá por muito mais tempo, firme e sólido no local em que pela primeira vez vira a luz do dia nascer. Quantas mais forem as Tempestades e os Tempos das Neves que aquele carvalho gigante tenha de enfrentar ao longo do que resta da sua vida, mais forte, mais robusto e muito maior ficará. Pois, aquelas intempéries apenas irão contribuir para que a Árvore da Sabedoria engrosse e afunde ainda mais nas entranhas da Terra as suas nodosas e retorcidas raízes.

Neste Plano, tudo o que está em cima é igual ao que está em baixo, pelo que os troncos que perfuram o Céu, não são mais que o reflexo dos troncos que perfuram as entranhas da Terra. Mesmo o Vento Selvagem com os seus instáveis humores contribuirá somente para que o seu tronco fique mais forte e

mais robusto. Pelo que será completamente impossível a uma qualquer Tempestade ou um qualquer humor do Vento Selvagem, ter a força suficiente para o vergar, ou para o arrancar do solo, que um dia fora o ventre da sua mãe, e que actualmente é a sua casa materna.

Pois bem, num certo dia, quando a Rosa de Fogo se preparava para adormecer por detrás da Montanha Branca sobranceira ao Bosque das Terras Altas e o Disco Meio Luz Meio Sombra se preparava para adensar os mistérios sobre aquele bosque de recantos mágicos e feiticeiros, uma grande Assembleia de Pardais teve lugar na Árvore da Sabedoria, para deliberar sobre a permanência do Pardal Jovial no bando de Pardais das Terras Altas, ou não, uma vez que aquele havia sido indiciado pelo Sábio Conselho de Pardais Anciãos, como praticante de costumes transviados, heréticos e subversivos ao Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

Antes da hora marcada para o importante evento, já a assembleia estava composta por uma enorme multidão de barulhentos pardais, que chilreavam aos atropelos uns nos outros. As novidades que esperavam ser reveladas naquela magno lugar excitava-os muito, e a tal ponto, que muitos deles chegavam mesmo a vaticinar com a convicção própria dos jogadores e dos profetas, qual seria a conclusão do julgamento que ali se iria realizar. Pois dum julgamento se tratava. Tanto mais que a sua tarefa estava facilitada pelo conhecimento peculiar que os pardais tinham do Pardal Ditador, que sem grandes dúvidas para eles, aquela Assembleia de Pardais teria o rigor dum tribunal marcial e não o duma assembleia de mero formalismo social.

Durante algum tempo, a confusão entre os pardais presidiu àquela sessão. Aliás, confusão muito bem aproveitada pelos pardais fêmeas, sempre atentas às vaidades e aos mundanos mexericos do Bando do Bosque das Terras Altas. Deste modo, aquelas que durante a sua vida presenciaram um ou dois Tempos das Flores, aproveitaram a confusão para de soslaio, admirarem os jovens pardais machos, que emproados na sua elegância, ensaiavam garbosas posturas e gestos viris. Porém, os mais vividos, eram descarados no olhar e no seu chilrear, o que as deixava inseguras, tímidas e muito confusas. Por sua

vez, os pardais fêmeas com alguns Tempos dos Ventos no seu corpo, possuíam a mente alcoviteira e sempre disponível para o mal dizer e para a crítica fácil, pelo que alimentavam e devoravam todas as novidades, e todas as coscuvilhices, que as comadres a seu lado relatavam num piar murmurado e muito comprometido. Por assim dizer, aquela Assembleia de Pardais era o reflexo do circo de todas as emoções, de todas as vaidades, e de todas as ostentações, que de certa forma caracterizavam aquela sociedade de pardais, que desde os tempos imemoráveis vivia no Bosque das Terras Altas.

Quando o Pardal Ditador poisou no centro da Árvore da Sabedoria, juntamente com outros dois pardais sobejamente conhecidos daquela assistência. O da esquerda, apesar da sua estatura ser obesa e pesada, aparentava um porte elegante e muito cuidado. O seu olhar era altivo, embora tremelicante. Todos o conheciam como Pardal Fala Caro. O da direita apresentava-se com um porte soturno, grave e solene. Figura de aspecto sinistro que a todos atemorizava, o qual não era mais do que o nosso já conhecido Pardal Profeta. Com muita ritualidade e solenidade sofisticada, aquele trio de importantes pardais do bando tomou o lugar que lhes estava reservado, que era precisamente no coração da Árvore da Sabedoria. Todos os pardais num ápice se mumificaram com a chegada daquelas eminentes personalidades, oferecendo a estas um inequívoco sinal de profundo e sentido respeito. O Pardal Ditador com a deferência e a cortesia que é exigida pelo protocolo aos grandes, inclinou-se na direcção do Pardal Fala Caro que poisou de imediato no lugar a si destinado, de seguida inclinou-se na direcção do Pardal Profeta, o qual muito astuto e fingido que era, para que a posição subserviente do lidere do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas durasse o tempo necessário para impressionar toda aquela muda Assembleia de Pardais, uma vez que daquele modo de agir, demonstrava a todos eles, que o poder fora misteriosamente transferido das asas do Pardal Ditador para as suas ossudas asas falhas de penas. Por isso fingiu não ter percebido a cortesia daquela autoridade. Na verdade, o astuto Pardal Profeta sabia muito bem que o verdadeiro poder residia em privar os outros desse mesmo poder. Apercebendo-se da rasteira em que caíra, o Pardal Ditador com o seu olhar gélido, fulminou a soturna figura alada que imediatamente se aninhou no seu lugar. Logo que se recompôs da

contrariedade, marcialmente imóvel, e astutamente iluminado pelo Disco Meio Luz Meio Sombra, aquele lidere de pardais bebeu longos tragos daquele silêncio de respeito à sua autoridade e poder incontestado. Sempre severo e arrogante no seu olhar como ditavam as exigências do seu estatuto, contemplou lentamente aquela vasta multidão de pardais que o rodeava em absoluto silêncio de respeito. Sentindo-se venerado e dominador, ainda demorou algum tempo a mirar aquela muda Assembleia de Pardais. Depois da demorada contemplação, com a sua asa direita bem erguida, saudou aqueles mudos pardais, que de repente despertaram da sua letargia, e num rugido produzido por centenas de bicos em delírio, um eco de forte ressonância fez-se ouvir por todos os recantos do velho Bosque das Terras Altas. Quando o Pardal Ditador desceu a sua asa direita, num estudado e muito ensaiado gesto marcial, deu inicio àquela magna Assembleia de Pardais, embora, continuasse hirto e sem qualquer pressa de se aninhar, uma vez que aquele banho de multidão o entusiasmava até à embriaguez de todos os seus sentidos.

Quando o Pardal Ditador se sentiu por fim saturado de tanta ovação, visivelmente satisfeito pelas manifestações de apreço e subserviência, com que fora agraciado pela assistência, com um ligeiro acenar de cabeça, senhorilmente deu a palavra ao Pardal Inquiridor, que a seu lado já dava mostras duma grande ansiedade, ao provocar de tempos a tempos dissimulados ruídos para aclarar o timbre do seu piar. O Pardal Fala Caro foi a quem o Sábio Conselho de Pardais Anciãos fez recair a incumbência de ser o Pardal Inquiridor naquele processo, e ele estava consciente da importância da sua responsabilidade. E foi nessa qualidade que deu conhecimento à Assembleia de Pardais, as graves acusações que pendiam sobre o Pardal Jovial, e que deram cominado para a realização daquela Assembleia de Pardais.

O Pardal Fala Caro, consciente da sua oportunidade de brilhar perante os maiores do Bando de Pardais das Terras Altas, e da responsabilidade que os pardais anciãos do bando lhe exigiam ao lhe confiarem tais funções, piscando os olhos, começou elegantemente por se curvar, numa teatral vénia de cortesia e de servidão a sua excelência, o Pardal Ditador, e a sua eminência, o Pardal

Profeta, como também a toda ilustre assistência. Para sua satisfação e seu grande regozijo, ambos os anciãos, perante aquela entusiástica multidão de pardais, com gestos de cabeça pronunciados responderam à sua saudação. Assim de olhar tremelicante, de papo inchado, de acordo com um figurino muito estudado, depois de mais uma vez tossicar, para afinar o seu piar, iniciou um discurso com esmerada eloquência e uma farta encenação de gestos teatrais. O Pardal Fala Caro era um pardal perito e muito exímio em eloquência e em semântica, como também na arte de representar e por isso, começou de uma forma brilhante a utilizar o seu dom para chilrear acusações, mais acusações, contra o Pardal Jovial. Com um piar cénico, expôs àquela atenta e muito curiosa Assembleia de Pardais, que o Pardal Jovial tinha violado todas as normas de conduta do Bando de Pardais das Terras Altas, que eram exigidas a qualquer pardal comum. Aproveitou ainda a oportunidade para dar ênfase ao heróico e destemido combate que o Pardal Profeta fizera às Forças do Mal, e como o possesso Pardal Jovial resistiu e enfrentou tão piedoso acto. Com esta intervenção, o olhar do Pardal Profeta ficou estranhamente benevolente e afável. E tanto mais que malicioso como era, sabia muito bem quanto os pardais temiam o Transcendente e o Além. Na verdade, desde os tempos do conhecimento mais remoto, que era incutido nos pardais o terror do Além, uma vez que este terror pelo desconhecido reforçava o poder dos pardais profetas, uma vez que aqueles eram os intercessores entre os pardais e o Ser Cósmico defensor das maleficências do malvado.

A memória daquele Pardal Inquiridor de olhar tremelicante era espantosamente fértil e muito rica em imaginação criativa, uma vez que no seu discurso não se esqueceu até de nomear o nome do Pardal Adeusado, primeiro líder daquele Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, como também não se esqueceu de referir os primitivos e difíceis tempos daquele bando. O Pardal Fala Caro, numa notável e brilhante retórica, lembrou ainda àquela Assembleia de Pardais, que as regras nucleares por onde se regiam, datavam daquele nebuloso e difícil passado. O notável causídico de olhar tremelicante lembrou ainda aos pardais presentes, que aquelas regras estavam imutáveis desde aquele primitivo e nebuloso tempo, e que pelo costume que fora outorgado pelo Pardal Adeusado, quem fosse suficientemente louco para as discutir, seria

imediatamente acusado de blasfémia e de perjúrio. E, por ser o portal de tão insensato acto, seria também severamente castigado invariavelmente com o degredo, ou uma outra pena que viesse a ser proposta pelo próprio acusado, desde que agradasse ao Sábio Conselho de Pardais Anciãos. Perante tal herança dogmática, o acto de que o Pardal Jovial era acusado pelo Pardal Fala Caro, tinha a essência dum grande e hediondo crime, o que alimentava toda uma especulação de acontecimentos futuros para o Bando de Pardais das Terras Altas.

Aquele causídico de olhar tremelicante e um elegante chilrear forneceu ainda astutamente aos pardais presentes, uma panóplia de provas circunstanciais do comportamento transviado do Pardal Jovial. Como atenuantes, salientou as razões que levaram o réu a abandonar precocemente a sua célula familiar, como ainda referiu as razões que o conduziram à sua extemporânea ausência para as Terras do Vicio e da Degradação Moral sem o aconselhamento dos notáveis daquele bando de pardais. De soslaio, mais uma vez mediu o olhar do Pardal Ditador e o olhar vidrado do Pardal Profeta, que lhe pareceu serem olhares de aparente concordância e de agrado. Pelo que acrescentou ao seu discurso inflamado, que apesar do Pardal Jovial ter tido um aconselhamento e uma catequização adequada nos Sagrados Pensamentos pelo Pardal Profeta, aquele preferira o caminho do incerto e da vergonha. De soslaio, espreitou novamente o olhar de sua eminência, que lhe pareceu atento e sorridente. Assim, com a sua confiança reforçada por aquele sinal positivo, o Pardal Fala Caro tremelicou os olhos e continuou a sua elaborada retórica a descrever como aquele havia sido impelido para as distantes Terras do Vicio e da Degradação Moral. Em boa verdade, o discurso do Pardal Fala Caro evoluía ao sabor do semblante daquelas duas dignidades.

O Pardal Fala Caro Impelido pelo entusiasmo do seu chilrear fácil e corrido, discursou de forma solene e aterradora durante algum tempo, e como extracto do seu discurso podemos dele retirar, que o Pardal Jovial havia praticado o sortilégio de fazer experiências de voo nas alturas do Vazio e do Nada, e que este até tinha-se vangloriado a sua eminência por tal feito, o que com aquela insensata acção, atentara contra os domínios do Ser Cósmico, o que

acarretaria para o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, grandes males e grandes calamidades no futuro próximo. Olhou novamente de soslaio para a carranca do Pardal Profeta, que movia repetidamente o seu bico aquilino de cima para baixo. Por isso, continuou no seu douto e eloquente chilrear a proferir: que a loucura do Pardal Jovial já ultrapassava os limites do admissível, pois até já não picava o solo com o seu bico na busca das sementes, que a pedido do misericordioso Ser Cósmico, todos os dias, gentilmente o Bosque das Terras Altas lhes oferecia como Sua dádiva. Sendo por isso aquela uma prática ancestral dos pardais de obterem os alimentos que necessitavam. Ao revés daqueles antigos e sábios conhecimentos, o Pardal Jovial preferiu dedicar-se à caça de presas, numa técnica que se assemelhava em muito, às técnicas usadas pelos seus predadores e ancestrais inimigos, em particular com a técnica praticada pela Águia Solitária. Ao ouvirem este paralisante nome, centenas de bicos exclamaram de surpresa e de espanto. «Ohhh!». O Pardal Fala Caro, tremelicou o olhar mais uma vez e entusiasmado com tal exclamação, num piar estudado alterou o ritmo do seu discurso para num tom mais sombrio e arrastado, e confessou àquela Assembleia de Pardais, que o Pardal Jovial tinha deixado de picar o solo na busca dos seus alimentos, como todos os pardais seus iguais o faziam, para preferir caçar com as técnicas dos seus inimigos; empolgado no discurso, o Pardal Fala Caro passou a descrever pormenorizadamente no que constituía tal técnica, segundo a sua descrição aquela passava por voar alto, fixar com um olhar agudo a presa alvo, e com ela sempre na mira e com as asas coladas ao corpo, disparar em voo picado na direcção desta, e quando já muito perto do alvo, abria as asas em toda a sua envergadura, de cauda em leque invertido, com unhas afiadas em forma de garras bem inclinadas para a frente, com o impacto agarrava a presa. Eloquentemente o Pardal Fala Caro concluiu que foi com esta técnica de caça que o Pardal Jovial caçou grandes insectos voadores, gordas lagartas rastejantes, robustas lesmas, e até mesmo longas, gordas e compridas minhocas. Para depois, com aquelas presas bem seguras nas suas patas, num voo largo e cadenciado elevar-se nos ares até um alto galho, para ali, longe das vistas de outros pardais, sem pressa e com muita calma, devorá-las gulosamente. O detalhado discurso de caça e de gastronomia, que o Pardal Fala Caro minuciosamente descrevera, fez com que

os pardais mais novos começassem a sentir uma humidade crescente nos seus bicos, e um olhar turvo, guloso e sonhador. Aquele estado de gula levava-os a quererem também alterar os hábitos de caça, pelo que os ventos de revolta pareciam terem sido semeados naquela assistência. Razão porque o silêncio daquela Assembleia de Pardais ficou perigosamente ameaçador. Mas, logo que aquela assistência descontente miraram as carrancas do Pardal Ditador e do Pardal Profeta, ficaram gelados pelas consequências que poderiam advir por esse desejo de modernização, e consideraram ser mais prudente engolirem os seus apetites gastronómicos, e voltaram a colocar a mascara mais conveniente àquele solene momento. O Pardal Fala Caro apercebeu-se do perigoso silêncio que por momentos pairou naquela Assembleia de Pardais. De olhar tímido e muito nervoso, por breves momentos ficou sem afinco no seu discurso, titubeou coisas sem nexo, ao mesmo tempo que sentiu cravado na sua nuca, tanto o fulminante olhar de reprovação do Pardal Ditador, como o olhar hipnótico carregado de sortilégios do Pardal Profeta. Pelo que rapidamente tentou remediar o seu deslize, com a continuação da nomeação das faltas graves que haviam sido cometidas pelo Pardal Jovial, bem como todas aquelas que ele considerava terem forte probabilidades de terem ocorrido. Olhando de soslaio para as dignidades, apercebeu-se que estas o tinham perdoado. Retemperado das suas breves hesitações, aquele astuto causídico continuou a acusar o Pardal Jovial de também voar em voos rasantes e cobreados, num comportamento bizarro para um pardal de mente sã. Aquele orador de olhar tremelicante, concluiu que aquela forma maluca e tresloucada de voar, só poderia ser um sinal claro e inequívoco do Pardal Jovial ter negado e desprezado todos os costumes e valores dos seus iguais.

No calor da oratória, para salvar a sua impertinência gastronómica, o Pardal Fala Caro ainda salientou o facto do Pardal Jovial ter referido a sua eminência o Pardal Profeta, que tivera acesso à leitura do Livro da Vida, por consequência, aquela era uma confissão do acusado ter conhecimentos feiticeiros e saberes do maléfico, os quais punham em causa a obra do Ser Cósmico, e todos os princípios deixados ao bando pelo Pardal Adeusado, e por aquela razão, eram conhecimentos altamente perniciosos para o Bando de

Pardais do Bosque das Terras Altas, que deveriam ser exemplarmente castigados. Em consequência desta tese apelou àquela Assembleia de Pardais firmeza na punição do transviado blasfemo. Quando o Pardal Fala Caro pronunciou a palavra “punição”, teve o cuidado de olhar de soslaio para a carranca das dignidades, e ficou muito encantado com as linhas dos seus semblantes, pelo que com mais segurança e mais afinco no chilrear, acrescentou ao seu discurso uma longa e improvisada lista de acusações que comprometiam gravemente a permanência do Pardal Jovial no Bando de Pardais das Terras Altas. Cada acusação por ele proferida era sempre mais grave do que a acusação anterior, uma vez que aquelas acusações estavam a ser aferidas pelas carrancas das duas dignidades presentes e pelo prestígio que angariava com a sua oratória. Terminada que fora a introdução factual do processo, ao som dum forte chilrear de aplauso, o Pardal Fala Caro saiu do palanque com acentuadas vénias a sua excelência e a sua eminência.

A seguir, o Pardal Ditador levantou-se, e de pé com a solenidade dos grandes, ordenou que fossem chamadas as testemunhas abonatórias ao comportamento do Pardal Jovial, para aquelas prestarem o seu depoimento de defesa. Por alguns momentos aquela Assembleia de Pardais chegou a pensar que o Pardal Jovial não tinha testemunhas abonatórias, uma vez que nenhum pardal respondeu às sucessivas chamadas de sua excelência. Somente pela insistência do Pardal Ditador, uma tímida testemunha se apresentou na tribuna reservada àquela. Perante os severos e reprovadores olhares dos pardais da assistência, com maior ênfase para os pardais que compunham a escória do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, aquela testemunha com a cortesia acanhada dos fracos e oprimidos, de olhar baixo e corpo curvado, esperou que lhe dessem ordem para piar. Perante a demonstração de fraqueza, os pardais que assistiam àquela Assembleia de Pardais, foram tentados a chilrear em coro frases azedas, de apupo e de escárnio, sem que o Pardal Ditador manifestasse qualquer intenção dos reprimir, ou de simplesmente os mandar calar. No meio daquela forte agitação, aquela testemunha abonatória, que parecia ser a imagem clonada do Pardal Jovial, muito a medo, iniciou o seu testemunho com titubeado e desconexo chilrear, o qual estava muito longe da gramática do Pardal Fala Caro. Durante todo o

chilrear de defesa, a Assembleia de Pardais mantinha-se turbulenta e indisciplinada, e o Pardal Ditador continuava a nada fazer para aquietar e sossegar aquela barulhenta turba. Por sua vez, o Pardal Profeta mostrava-se alheio e distraído, a perscrutar algo no Disco que iluminava a noite. No meio do ensurdecedor burburinho, perante as frequentes interrupções do Pardal Fala Caro, a testemunha lá foi confessando àquela Assembleia de Pardais que era irmão do Pardal Jovial. De imediato o chilreio foi ainda mais ensurdecedor e quase brutal. Com aquele trovão de repúdio, a testemunha chegou a temer pelo que lhe poderia acontecer. Assim, foi com alguma coragem, que aquela contou, que de entre muitas coisas que ele sabia do passado do seu irmão, era que o seu pai queria fazer dele a reprodução de si próprio. Aliás, o mesmo queria o seu tio. A sua mãe por sua vez, também pretendia fazer dele a imagem do seu ilustre e saudoso pai. A sua irmã também considerava o seu marido como o exemplo perfeito que o seu irmão Pardal Jovial deveria seguir. Aquela titubeante testemunha disse ainda, que até ele próprio, gostaria que o Pardal Jovial fosse como ele, um excelente saltador e não o aventureiro boémio em que se tornou. Até os seus professores queriam também que ele fosse a sua imagem... O de saltitar queria que ele saltitasse como um atleta; o professor de canto queria que ele fosse como ele, virtuoso na ciência dos sons; o professor de costumes e de regras do bando de pardais queria que ele fosse como o Pardal Adeusado, dado que lhe reconhecia inteligência para tal... Em suma, cada um dos pardais que com ele conviveu, queria que ele fosse senão o reflexo e a extensão da sua própria imagem. Na modesta opinião do Pardal Saltador, foi por aquela razão, e não outra, que o Pardal Jovial seguiu aquele solitário caminho do conhecimento. Tanta exigência dos pardais que o rodearam e que com ele conviveram, fizeram com que o Pardal Jovial perdesse a sua sanidade mental, e o desejo da solidão acabasse por imperar até o enlouquecer. De súbito, o Pardal Ditador deu um salto do seu lugar e com um repentino e solene gesto da sua asa direita, a tumultuosa multidão de pardais ficou muda e quieta. Com o medo bem visível a ornamentar o olhar do Pardal Saltador, em resposta a um pedido abrupto do Pardal Ditador, aquele foi obrigado a repetir que o Pardal Jovial tinha enlouquecido. A Turba exultou de espanto «Ohhh!». Por isso, já não puderam ouvir o Pardal Saltador a concluir,

num sussurrado piar, que seguindo o caminho que escolhera, o Pardal Jovial poderia ser ele mesmo, livre e independente.

De tudo quanto o Pardal Saltador chilreou com dificuldade e nervosismo à mistura, a Assembleia de Pardais só reteve a confissão de que o perigoso pardal transviado, havia perdido toda a sua sanidade mental, o que só essa razão, poderia justificar tal bizarro e herege comportamento. O veredicto final parecia já inexoravelmente traçado, com o resumo daquela testemunha abonatória. Num pró-forma, seguiram-se as testemunhas de acusação que pareciam querer rivalizar a criatividade do Pardal Fala Caro.

Até que por fim chegou a vez do Pardal Profeta de tomar a palavra. Já no palanque, abriu as suas asas negras com falhas de algumas penas em toda a sua envergadura, como que a abraçar o Disco Meio Luz Meio Sombra, com um olhar vítreo proferiu: «que o Ser Cósmico me ilumine e filtre todo o meu piar!». «Meus Filhos! O maléfico, cuja tarefa é perverter a Verdade, imita as exactas circunstâncias dos Sagrados Pensamentos. Não é o primeiro pardal deste Bando de Pardais nem será o último, que o maléfico tenta e apodera-se do seu espírito!». «Portanto, tenham muito cuidado meus filhos! Ele promete o perdão dos vossos pecados com o mergulho nas Águas Cantantes, para assim Iniciá-los nas suas práticas de Vício e Perdição!». «Reconhecemos pois, a astúcia do maléfico, que copia certas coisas que São do Ser Cósmico e faz com que pardais bons caiam no seu ardil!». «Sabeis meus filhos, que tendo o maléfico ouvido proclamar pelos pardais profetas que os ímpios entre os pardais seriam castigados pelo fogo eterno, fez com que os seus se apresentassem a serem chamados de Filhos do Ser Cósmico, convencidos de que conseguiriam criar nos pardais a ideia de que as coisas que eram ditas em relação ao Ser Cósmico eram apenas histórias maravilhosas, como as coisas que são ditas pelo Pardal Trovador!». «Não esqueceis, quando o pardal sofre, é porque o Ser Cósmico gosta muito de dele e está a coloca-lo à prova para aferir o grau do sua Fé!». «O Ser Cósmico trouxe justiça aos Bandos de Pardais, fazendo prosperar os bons e aniquilando os maus, como se de ervas daninhas se tratasse. Aliás, como bem nos retracta os textos do Sagrado Pensamento e que perduram até hoje!». «O que o Pardal Jovial pratica e diz é pura heresia e

blasfémia! Tende cuidado meus Filhos!». «Essa predisposição ingénua pode trazer ao Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas o bafo do maléfico e com este a doença e o sofrimento indescritível!». «Não esqueceis meu Filhos! que a todo o pardal que seja tocado pelo maléfico, duvida da existência do Ser Cósmico, e por conseguinte será por ele fulminado!». «O Vento Selvagem sopra onde quer fazer ouvir a sua voz, mas vós não sabeis de onde ela vem, nem para onde vai! Assim é o Ser Cósmico!». Com um gesto da sua asa direita varreu o vazio com duas penas ao mesmo tempo que chilreava alto. «Eu vos exorcizo o espírito da influência do maléfico!». «Que o Ser Cósmico vos proteja da luxúria, da crueldade e da maldade!». «Meus Filhos! O maléfico vive no interior do Pardal Jovial! Ora vejam… não será arrogância e ousadia renegar os nossos costumes deixados de herança pelo Pardal Adeusado um ultraje, e por consequência desta afronta não merece o Pardal Jovial o desterro?». Um entusiástico e sonoro piar disse: «Simmm!».. «Então meus Filhos! Cumprindo com muito pesar a vossa deliberação, o Ser Cósmico inspira-me a pronunciar que o Pardal Jovial seja um pardal errante e sem ninho!».

Dias mais tarde um dos algozes chegou à presença do Pardal Ditador e chilreou: «Nós perseguimo-lo e o Pardal Jovial está aqui! Mas… excelência! Vimos que o herege é pacifico! Não fez qualquer tentativa para fugir! Estendeu voluntariamente as suas asas para serem presas! Não empalideceu! Não humedeceu as penas da cabeça! Conservou as cores das suas penas! Sorrindo disse-nos que o amarrasse-mos e o trouxéssemos à presença de sua excelência! Não nos deu problemas alguns! Esperou simplesmente por nós! Naturalmente senti-me confuso por tal atitude! Desculparme-à excelência da minha fraqueza!».

O Pardal Jovial estava tranquilo, pois sabia que tal como a Árvore da Sabedoria, com mais aquela vicissitude, ficaria mais forte e mais confiante em si próprio. Um pouco marcado, talvez. Mas, o seu interior seria por sua vez mais forte, com as suas raízes bem firmes no seu espírito como a Árvore da Sabedoria as tinha profundas na Terra.

O Sentimento de Culpa

Depois de muito meditar, para o Pardal Jovial a sentença que fora deliberada pela Assembleia de Pardais do Bosque das Terras Altas, deixou de ter a gravidade e a importância que lhe atribuíra no princípio, pois se ele próprio já há muito tempo que não se sentia um pardal daquele Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Por isso, só tinha que agradecer àqueles pardais anciãos mentecaptos a sua decisão, pois tinham-no ajudado a cortar os elos que ainda o prendiam ao seu passado. E tanto mais, que aquele veredicto tinha o mérito de ter despertado no Pardal Jovial a águia que nele sempre vivera. Por isso, disse para si próprio, mais para se convencer do que em acreditar, que na vida já havia aprendido o suficiente para saber que quando por cima da sua cabeça pairam nuvens negras, nunca deverá colar as asas ao corpo para se esconder da sua ameaça. Mas sim, deve enfrentar com afinco a tormenta e alcançar o Céu Azul e da Força Subtil.

Todavia, uma grande Tempestade formava-se no seu espírito, fazendo-o acreditar que somente depois de voltar a furar aquele maldito Céu cinzento, ele poderia abrir largamente as suas asas e planar bem alto daquela turbulência maléfica que o perturbava. Muito acima dos recentes problemas, uma vez que quanto mais alto voava, mais tranquilo e mais brilhante se tornava o Céu Azul e da Força Subtil. Momentos depois, o Pardal Jovial furava o Céu da cor do chumbo que se dissipava nas nuvens tempestuosas que pairavam acima da alta copa da Árvore da Sabedoria. Com o espírito a libertar-se lentamente do peso que lhe causava os pensamentos melancólicos, o Pardal Jovial voava cada vez mais alto… Mais alto... E quanto mais alto o Pardal Jovial voava, mais o seu espírito errante absorvia a tranquilidade e a vibração do éter.

Depois do Manto de Púrpura ter tingido o firmamento e ter-se dissipado para dar lugar à noite escura como breu, o sono teimava em não visitar o interior do novo ninho do Pardal Jovial, um tosco buraco num dos mais altos ramos carcomidos duma velha árvore sem folhagem. Também ela fora em tempos expulsa para as ilhargas do Bosque das Terras Altas e hoje morria na solidão.

No seu ninho, o Pardal Jovial não parava de respirar melancolia e sofrimento, o que denotava quanto o seu agastamento e a sua amargura o afectava por ter sido excluído do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Não há sentimento mais penoso e mais difícil de suportar que o sentimento da rejeição.

Com as nuvens escuras a pairarem sobre o seu espírito, apesar da Áurea Chamejante parecer que iluminava aquele seu abrigo de solidão, constantemente interrogava-se de quem seria a culpa por ele ter uma visão da Vida muito diferente da dos outros membros do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas? Se apenas o que pretendeu ao longo daquela, foi o de desbravar penumbras que teimavam em impedi-lo de ver nítido os escolhos e as armadilhas que a Vida em cada voo lhe teceu. Aliás, tudo o que ele fizera na Vida, fizera-o sempre pautado pelo desejo de fazer tudo com perfeição e amor. Para servir os outros com entrega total. E tanto mais, que com a ajuda da Áurea Chamejante, o Pardal Jovial estava convicto, que se os pardais não procurassem novas formas de proporcionar-lhes melhores qualidades de vida para eles próprios e para o seu bando, os pardais nunca evoluiriam, pois não poderiam aprender nada de novo, dado que todo o seu saber e todo o conhecimento seriam precisamente iguais ao dos seus antigos antepassados.

O Pardal Jovial, mergulhado no mais profundo dos seus pensamentos, continuava a meditar... a meditar... e tanto meditou, que chegou à conclusão que não tinha qualquer culpa. E se havia um culpado pela sua avidez de conhecimento e de saber, aquele culpado só poderia ser a águia que nele vivia. Ele recusava em absoluto aceitar a culpa que lhe impunha o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Em princípio, porque para ele os juízos que lhe faziam só podiam ser verdadeiros enquanto estivessem em conformidade com as situações que aceitava. Todavia, para o Ser Cósmico, criador de tudo o que existe, são as situações que se conformam com as ideias, segundo as quais todas as coisas bem como todas as situações foram por Ele criadas, isto é, para o Ser Cósmico, as situações somente existem porque Ele as criou e as vê. Pois, criando o Ser Cósmico as criaturas e as situações como Ele as vê e quer, não poderá existir coisa alguma que não esteja conforme a sua ideia e a sua vontade. Pelo que a Verdade do Ser Cósmico é a única Verdade, e neste

caso, perdem sentido os termos duvidoso e provável. Assim, só através da meditação o Pardal Jovial poderá filtrar a sua Verdade com a Verdade do Ser Cósmico, para que dessa comparação chegue à sublime e única Verdade.

No seu Templo do Silêncio e da meditação, uma voz subtil se fez ouvir: «Eu te dei a facilidade de entrar em contacto com o mundo não racional! Por ti passa uma via de ligação para Comigo! A tua Vida neste Plano da Existência não será fácil! Pois no mundo em que irás viver, poderás sucumbir às tentações de outras ligações que não para Comigo!». «Contudo, terás que conhecer profundamente a Vida! E para isso terás que ser Calmo, Prudente e Pensador!». «Assim, serás influente e prestigiado por muitos pardais, pois a Áurea Chamejante proporcionar-te-á um grande conhecimento!». «Todavia, não conseguirás ser feliz sem o teu Pardal Espiga Dourada, nem tão pouco se ao teu redor existir alguém infeliz! A tua felicidade dependerá do bem-estar de todos os que te rodeiam! Por isso deverás amar o universo das criaturas e não uma a uma! Borrifa felicidade por onde passares, para que o teu próximo absorva essa Felicidade, e algumas gotas desta fragrância te proporcione ainda mais Felicidade! E estando o teu próximo feliz tu também o estarás!». «Por isso, desenvolve uma filosofia de Vida baseada no Universo! Pois Eu Sou um circulo cujo centro está em todo o lado, um Princípio Vital e Imortal que existe dentro de ti!». A mente curiosa do Pardal Jovial interrogou respeitosamente a Voz Subtil que vinha do seu peito: «Onde posso encontrar-Te? Para me ajudares a me tornar um pardal perfeito! Já te procurei nas Montanhas Brancas, e não Te encontrei! Já te procurei nas Águas Cantantes, e não Te encontrei! Já Te procurei no Vento Selvagem e não Te encontrei!...». E a Voz Subtil respondeu: «E, no teu coração já Me procurastes?». E respondeu prontamente a Mente do Pardal Jovial: «Não! No meu coração não Te procurei!». «Pois, procura-me nele, Eu estou muito pertinho de ti, bem no teu coração! Que é a porta entreaberta de onde emergem todas as essências secretas!». «Mas, eu sempre pensei que Estivesse muito acima, com um olhar que esquadrinha, com um olhar que julga!». «Não! Estás errado Pardal Jovial! Também Olho com condescendência! Também Olho com compreensão! Também Olho com Tolerância e com Perdão!». «O Meu olhar não vem de cima para baixo! O Meu olhar não fere! O Meu olhar não ignora nem despreza as criaturas!». «Eu protejo-te! Eu guardo-te! Eu acompanho-te! Por isso se num

determinado momento das tuas jornadas cósmicas, precisares de um outro dom que não seja esse que desenvolvi em ti, que é a Áurea Chamejante, basta Me pedires outro talento, que farei com que uma das semente que depositei dentro de ti, germine! Assim te criei à Minha semelhança! Razão pela qual és igual a Mim!».

Apesar daquele diálogo ter contribuído para uma ligeira onda de conformismo, nada alterava o facto de ter sido excluído do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas. Por isso o Pardal Jovial era um pária, um proscrito e... a Áurea Chamejante veio em seu socorro e com tenacidade interrompeu-o: «Pára de te flagelar Pardal ingrato! Tu és uma gota de Consciência num oceano de Consciência! Nunca te esqueças disso!». Mesmo tendo concordado com esta observação, estranhamente, o seu inconsciente memorizava culpa e pecado. E outra coisa, dificilmente se poderia esperar, uma vez que durante boa parte da sua vida, ele foi ensinado a sentir aquela culpa, a sentir aquele invisível fogo, que lentamente e caprichosamente lhe lambia o espírito e a mente, numa tortura que parecia não ter fim à vista, e que o levava a questionar: «Oh Vida! Oh Vida! Oh Vida! Para que serves se o Pardal não faz bom uso dos seus renascimentos?». Com esta exclamação, apesar da Áurea Chamejante iluminar o seu ninho, mostra-nos que ele ainda continuava a sofrer muito, dado que continuamente se rejeitava e se auto-flagelava.

O Pardal Profeta, desde quando ele era pardalinho, doutrinara-o na ideia de que ele era um permanente pecador, e um permanente transgressor aos dogmas do Ser Sem Mácula, que geralmente era a figura central das suas narrações e das suas pregações. E de tal forma eram aqueles ensinamentos fantasiosos e sem um sentido real, que aquelas narrações, mais lhe pareciam que Aquele inatingível Ser Mágico era um incompetente e um mesquinho pardal, uma vez que tudo o que era belo e maravilhoso no Universo, ou era pecado e castigo, ou era maléfico e herege. Por consequência daquela catequização, onde foram empregues as mais hábeis técnicas de dominação e de pertença, com o único objectivo daquele vir a servir os interesses dos pardais anciãos do bando dominante, bem como toda a ordem social estabelecida no Bando de Pardais. Na verdade, aquelas lendas estavam a contribuir para que naquele ninho de trevas e de angústia, o Pardal Jovial tivesse sérias dúvidas, se no desagradável encontro com o Pardal Profeta, não

teria sido preferível ter rejeitado o infinito potencial da sua mente, e por conseguinte, ter sido amistoso, e bajulador para com o Pardal Profeta, como os demais pardais o eram. Dado que se tivesse tido aquele hipócrito modo de estar e de ser, ele ainda continuaria a fazer parte do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

No encontro que tivera com o Pardal Profeta, iluminado pela Áurea Flamejante, tinha feito uma escolha, e com aquela escolha, ele passara a ser nada mais do que um proscrito e um pária. Por outro lado, aquela áurea dizia-lhe numa voz subtil, o que poderia importar a sua nova situação e a sua nova condição de desgraça, se o coração dos justos está onde se pratica o Amor e a Virtude, e o dos tolos onde se festeja a Vaidade e a Arrogância. Pelo efeito do saber daquela voz subtil, o Pardal Jovial não estava nada arrependido com a escolha que fizera, uma vez que a sua consciência ditada pela Áurea Chamejante, lhe dizia que o pardal era um ser infinito. Por outro lado, a Grande Mãe tornou-o diferente dos seus iguais. E tanto mais que ele sabia, que só errando se aprende, e só se era o que na mente se sentia ser.

Assim, através daquela sábia Áurea Chamejante, aquele entregou o verdadeiro julgamento das suas acções ao Grande Ser Cósmico que tudo vê, que tudo sente e que tudo ouve, uma vez que só Ele, poderia sondar e ler o coração dos pardais e por aquela razão, só Ele poderia ser justo e compreensivo para com ele. Embora a sua mente, educada pela Áurea Chamejante, lhe dissesse que ele era aquilo que ele sentia ser, ou seja, que ele era a águia que nele há muito habitava, na verdade, a sua recente expulsão do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, ainda era uma ferida que lhe ardia e que lhe dilacerava vorazmente o seu soturno e mórbido espírito. Razão, porque negros pensamentos povoavam e espraiavam-se no seu espírito, fazendo com que as lúcidas ideias nele geralmente sempre livres e abundantes, naquele momento estivessem pouco precisas e muito fugidias.

Tanto pelo desconsolo, como pelo pesado sentimento de culpa e de abandono, o Pardal Jovial sentia uma grande necessidade de meditar e de reflectir sobre a sua nova condição de banido e de proscrito do bando. E tanto mais, que a

meditação fazia despertar aquela Áurea Chamejante que alimentava a sua inspiração e o seu sonho, que tinham o condão e o poder de resolver qualquer difícil e complexa situação, por mais difícil e complicada que aquela viesse a ser, uma vez que o sonho idealizava e a inspiração fornecia-lhe não apenas as estratégias, mas também, a efectiva capacidade de as pôr em prática e de as realizar. No fundo, com a ajuda da Áurea Chamejante, o Pardal Jovial até se sentia muito bem no meio daquele manto escuro, que para além de transformar a sua toca numa excelente câmara de reflexão, embora pelo seu mórbido ambiente lhe tivessem ocorrido fúnebres ideias e visões de como o Eu corpo era frágil e a natureza do pardal era miserável, aquela conferia-lhe por sua vez, o indispensável silêncio e o hipnótico mistério, para que pudesse soltar as amarras da sua fértil inspiração.

O Pardal Jovial poderia ter dúvidas, e até mesmo, podia ter sentimentos de culpa e de pecado, mas na sua reflexão e meditação, com a ajuda da Áurea Chamejante, ele não encontrou nada no seu passado para se envergonhar, uma vez que o seu passado não o desonrava, nem tão pouco o degradava. Logo, só o seu futuro comportamento seria para ele de importância vital, dado que somente aquele o poderia vir a enaltecer, ou o poderia vir a amesquinhar.

Naquela noite, em que o Pardal Jovial fora visitado pelos algozes e fora acompanhado por estes até ao desconhecido, passaram ao largo do velho Bosque das Terras Altas. Uma romântica e sonhadora claridade nascia. Os costumeiros madrugadores cantavam ao desafio e davam graças por verem mais uma vez a Rosa de Fogo nascer, enquanto, que os mais dorminhocos e os mais preguiçosos, davam asas à sua rabugice e indisposição, por terem sido abruptamente despertados pelos seus barulhentos e activos vizinhos da sua já crónica letargia. Apesar do distante chilrear ser crescente e muito forte, o Pardal Jovial mal tinha dado conta do despertar da vida naquele pequeno e efervescente microcosmos, uma vez que acompanhado dos algozes, ele continuava meditativo. E naquele estado febril, congeminava sucessivos cenários de atitudes e de conduta, que daí em diante deveria ter para com os seus iguais.

Naquela noite de sonhos acordados e cheia de imagens projectadas no vácuo e no vazio da sua nova toca, o Pardal Jovial, com a ajuda da Áurea Chamejante, retirou daquela sua longa meditação e reflexão, duas possíveis atitudes a tomar: ou ele mudaria radicalmente os pardais que compunham o seu círculo social; ou mudaria ele próprio a sua maneira de estar, e a sua forma de se relacionar com os seus iguais, nomeadamente com o pardal Profeta e os demais líderes do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. A voz subtil da Áurea Chamejante, que tinha o mérito de saber discernir entre o Bem e o Mal, dado ser aquela a voz do Ser Cósmico dentro da sua própria mente, depois de uma noite muito sofrida e acordada, aquela, também não era mais do que o reflexo da revolta e da insatisfação, tanto contra o Pardal Ditador, ancião de atitudes autoritárias e autocráticas, como também contra o Pardal Profeta, único detentor da Verdade divina, que o fazia interrogar: «Porque tem que ser a sua Verdade considerada credível e a minha um fantasioso mito?». Como também o seu repúdio ia contra o Pardal Fala Caro, sempre servil para com os influentes e poderosos, e manhoso para os humildes e fracos.

Apesar da memória do Pardal Jovial estar exercitada para sentir culpa e pecado, a Áurea Chamejante influenciava a sua consciência, para aquela somente retivesse os bons conselhos, os bons exemplos, e as sábias experiências, daqueles que ele sabia terem sido vencedores na vida, ou daqueles grandes conhecedores desta, como era o caso do Pardal Bico Fino. Pois, a perfídia de que fora alvo, só poderia ter como consequência no futuro imediato, uma atitude que o conduzisse ao mais profundo desprezo para com os seus iguais, uma vez que nunca se poderia esperar laranjas de um pessegueiro, a menos que se quisesse ser masoquista e se ter o sórdido gosto em sofrer. Assim, o Pardal Jovial passou a estar firme na sua férrea vontade. Pois, a águia que nele habitava, a todo o momento lhe exigia aquele sacrifício em feitos e em atitudes. Apesar, do Pardal Jovial se sentir magoado e revoltado com os pardais anciãos que o haviam expulso do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, estava convicto que nunca pretendera contestar a autoridade do Pardal Ditador, nem tão pouco a autoridade eclesiástica do Pardal Profeta, uma vez que o poder nunca o atraíra nem tão pouco alguma vez o seduzira. O Pardal Jovial apenas quisera ser a águia que no seu espírito

há muito vivia, a fim de poder voar no espaço cósmico do Vazio e do Nada. E naquelas paragens, somente reservadas ao Ser Cósmico e ás águias, poder purificar o seu espírito, a fim do manter num estado de pureza absoluta, para que sem mancha, pudesse estar sempre pronto a apresentar-se ao Portal do Destino.

Em vez de o agraciarem e de o estimularem à vitória sobre as dificuldades que a sobrevivência no dia a dia implica, tinham-no censurado, e tinham-no condenado ao desterro. Por isso, as negras nuvens da revolta toldavam o seu espírito. E, talvez tivessem sido aquelas nuvens e não a Áurea Chamejante, que vieram a influenciar magneticamente o espírito do Pardal Jovial, a achar que os pêssegos até poderiam ser um dos frutos mais deliciosos e saborosos daquele bosque, mas que de modo algum, aqueles poderiam substituir o forte desejo que ele por vezes tinha das suculentas e doces laranjas. E tanto mais, que ele até sabia onde não muito longe daquele vespeiro de vida, havia laranjeiras carregadas com tais saborosos e apetitosos frutos, nomeadamente nas Quintas da Fartura e da Ociosidade onde o seu grande amor vivia. Com esta simples filosofia e a recordação da doce Pardal Espiga Dourada, gradualmente, o gosto de viver voltou a brotar na sua substância incorpórea e inteligente, renovando-lhe a sua autoconfiança e o seu genético egocentrismo.

Em suma, a Áurea Chamejante ordenou à sua mente, que deixasse os pardais do Bando do Bosque das Terras Altas seguirem o caminho que haviam traçado, pois fora na certa o Grande Ser Cósmico que determinara aquela sua decisão. Mais tarde, aqueles pardais colheriam o fruto que acabaram de semear. Por intuição, como pelo saber que lhe vinha daquela brilhante áurea, esperar estímulos e atenção dos pardais que faziam parte do seu antigo bando, depois do que por eles tinha sido dito, como pelas atitudes e ofensas que por eles tinham sido formuladas e praticadas, era uma mera utopia e uma grande vontade de querer sofrer. Por outro lado, esperar que o bando o aceitasse de novo, não seria de forma alguma uma decisão lógica e muito razoável, uma vez que o tinham considerado, tanto um “Pardal Louco”, como também o tinham considerado um anarquista aos costumes dos seus iguais. Logo, o Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas nada lhe tinha para lhe oferecer. Assim,

somente restava ao Pardal Jovial desejar que os pardais do seu antigo bando seguissem o seu caminho, e se possível, muito longe do seu. E com determinação selou o seu desejo com a expressão: «Assim seja feita a vontade deles!». Fórmula misteriosa e mágica, que o Pardal Bico Fino lhe ensinara para entregar às forças do Universo a realização dos seus desejos, os quais sendo aceites pelo Ser Cósmico, era como se tais desejos já estivessem sido realizados.

Na verdade, se o Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, tivessem querido aceitar o Pardal Jovial como ele na realidade era, inconformado com os limites genéticos que lhe haviam sido impostos pelo nascimento, ele teria ficado muito encantado e radiante com aqueles, e tudo faria para se integrar no seu antigo Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Mas, pelo contrário, aquele Bando de Pardais, influenciado tanto pela miopia do Pardal Profeta, como pela visão autista do Pardal Ditador, desprezou a sua inteligência e desvalorizou o seu conhecimento. Mas, o Pardal Jovial há muito que aprendera, que somente ele próprio se poderia desvalorizar e somente ele próprio poderia se desqualificar, se na realidade fosse essa a sua vontade e se fosse esse o seu real desejo. Mas, não era essa a sua vontade porque ele sabia que era um Ser em Potência e Acção.

O Desejo de Liberdade e Procura da Eternidade

O Pardal Jovial, conformado e em paz consigo próprio, voou muito para além dos limites das sombras do velho Bosque das Terras Altas, até às Terras do Vicio e da Degradação Moral. Precisamente para um campanário em ruínas, de linhas ainda esguias e de cúpula piramidal, que altaneiro mirava o Grande Rio que à distância se lançava no Oceano Aberto e Sem Fim, e que era o refúgio do Pardal Bico Fino. A recente expulsão do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas tinha levado o Pardal Jovial a procurar aquele douto e sábio pardal, que tinha o dom de ver no escuro as questões mais profundas e mais obscuras da Vida. Na verdade, o Pardal Bico Fino tinha o dom de ver onde os pardais comuns nada viam, e o que estes muitas das vezes viam e que nada entendiam, ele sem tudo ver, tudo compreendia. Ele era de facto o expoente máximo do saber filosófico, da pura teoria do conhecimento oculto ao pardal comum e neste sentido, ele era uma autoridade incontestável daquela misteriosa ciência milenar.

Depois do Pardal Jovial ter esgotado as saudades que tinha do seu velho pardal amigo, aconchegado no ninho deste, e até com algum torpor e alguma sonolência no seu semblante, reflexo da noite anterior mal dormida e sem descanso, sem qualquer rodeio ou preparo de maior, contou as suas aventuras no espaço cósmico do Vazio e do Nada, como também lhe contou, como adquirira no Templo da Natureza a Áurea Chamejante, e como a partir daquele mágico momento passara a entender e a compreender a complexidade do Universo como nunca antes o tinha compreendido. No seguimento do seu saudoso chilrear, sem esquecer nenhum pormenor que fosse assinalável, o Pardal Jovial também contou ao seu querido amigo, os últimos acontecimentos em que fora o principal protagonista na recente história que tivera lugar no Bosque das Terras Altas. Para seu espanto e alguma estupefacção, o Pardal Bico Fino parecia já conhecer toda aquela triste história, embora, pacientemente a escutasse com a paciência dos sábios e dos Pardais Bons. Pois, a simplicidade do seu carácter, a calma contagiante do seu piar, e a razão que norteava sempre o seu juízo, não só faziam do Pardal Bico Fino um

pardal feliz, como também o faziam muito sábio e grande entre os grandes, apesar das suas penas já estarem tingidas com a cor da neve. Por ser um pardal prudente e muito sensato nas opiniões que emanava, tornava-o imortal para a Comunidade dos Pardais Pensadores, uma vez que para esta comunidade, a morte não existia para os seus membros, para eles esta era apenas um fantasma tornado horrível pela ignorância e a fraqueza do vulgo dos pardais.

No mais profundo dos silêncios, aquele pardal do Saber Profundo, pouco a pouco, com o seu olhar míope e perscrutador, foi dissecando o espírito do Pardal Jovial sem que aquele se apercebesse da psicanálise, uma vez que o Pardal Jovial sem interrupção, apaixonadamente, continuava a tecer o rosário de acontecimentos em que involuntariamente tinha sido o principal protagonista. Este Especialista do Saber, somente com o seu olhar míope fixo nos olhos do Pardal Jovial, parecia oferecer a este um tipo de orientação telepática, que nunca obriga, que nunca fala por sonoros piares, mas que ainda mesmo assim existe como se fosse um piar ou uma inspiração interior. Ela surge, oitava sobre oitava de sucessivos "Eus", cada vez mais forte e expandida, ou seja ela deambulava dum estado que ascende dum campo perto e acessível da Consciência a um estado infinitamente universal que continha todos os estados do "Eu". Depois daquele Especialista do Saber Profundo o ter escutado pacientemente, com algum embaraço na sua postura, com uma pequena rouquidão no seu arrastado piar, próprio da sua idade, como se estivesse a raciocinar, num piar misterioso e distante chilreou ao Pardal Jovial: «Antes que os teus olhos possam ver, não deverão poder chorar mais! Antes que os teus ouvidos possam escutar, deverão ter perdido toda sua capacidade de ouvir! E antes que o teu piar possa chilrear com um Especialista do Saber Profundo deverá ter perdido o poder de ferir e de magoar! Somente, neste estado de pureza, o Pardal Aspirante deverá ter calado os piares do medo, da cólera, da avidez, da inveja, da luxúria e todos os outros chilreares com que a Sombra confunde o espírito de quem procura o Caminho do Bem!». «Somente depois de teres alcançado este nível de pureza é que podes chilrear com o pardal conhecedor do Saber Profundo, uma vez que só assim o Pardal Aspirante aprenderá a ser silencioso interiormente, para que no silêncio da sua

Câmara de Reflexão seja capaz de escutar a voz subtil que nele habita! Assim, quando chilreares estarás extremamente consciente da tua motivação e do significado do teu piar! Pois, só assim o medo será vencido, e com ele a sua vontade terá se tornado verdadeiramente Livre!». Por fim acabou por chilrear ao Pardal Jovial: que as grandes transformações dos espíritos, somente aconteciam depois daqueles passarem pela dura Prova do Fogo. Chilreou ainda aquele Mestre do Saber Profundo, num piar que só os pardais Iniciados entendem: que todos os espíritos que não passassem por aquela difícil prova, ficariam a vida inteira sempre iguais e sempre imutáveis, rudes e informes como as rochas nuas da Grande Montanha. À medida que o Pardal Bico Fino desenvolvia o seu douto e sábio raciocínio sobre aquela misteriosa Prova do Fogo, o semblante e a fisionomia do Pardal Jovial, alterava-se pouco a pouco, para dar lugar à paz e à serenidade própria dos Iniciados. O Pardal do Saber Profundo apercebendo-se daquela lenta transformação, num piar modulado pela rouquidão própria da sua idade, chilreou: que no seu entender, o Pardal Jovial tinha sido eleito pelo Destino para ser o protagonista de épicas façanhas, nas quais, só os mais puros de coração e de mente sã estariam aptos a aspirar poder ultrapassar aquela difícil prova. Por isso, recomendou-lhe maior afinco e maior determinação no seu querer e na sua vontade em superar aquela difícil prova. E tanto mais que não deveria temer pelo resultado daquela, dado que o seu coração resplandecia de pureza e de bondade, e só com aquela bondade, e só com aquela pureza, um Pardal podia aspirar a ultrapassar e vencer tão difícil prova. Aquele Muito Sábio Pardal Pensador dotado do saber misterioso e oculto ao comum dos pardais, para o tranquilizar, ainda lhe confidenciou: que os seus Irmãos estavam dispostos a ajudá-lo no Bom Combate e desse modo, em seu nome, poderiam castigar os pardais malvados e perversos que arquitectaram toda a trama para o expulsaram do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

O Pardal Bico Fino no seu arrastado audível raciocínio, ainda acrescentou: que as ondas e as vibrações magnéticas que vinham dos lados do velho Bosque das Terras Altas estavam a ser captadas pelo seu Eu, e transmitiam-lhe que o Pardal Profeta, apesar de ser um pardal de Fé e de religiosidade inquestionável, era também um pardal dotado dum coração com uma

assombrosa dureza, o que indicava, que aquele esquelético pardal nunca ultrapassara a dura Prova do Fogo, e como tal, ignorava os segredos da Vida. Através das ondulações magnéticas descritas pelo arrastado raciocínio audível do Pardal Bico Fino, como também pelas ondulações alquímicas que emanavam da sua Áurea Chamejante, o Pardal Jovial conseguiu antever as fragilidade do pardal ancião que se proclamava ser o único detentor da Verdade Divina, e por isso, começou logo a desenhar uma estratégia de Retaliação, o que lhe provocou um novo ânimo e um novo alento à Vida.

Todavia, para o Pardal Jovial a ideia de Retaliação continuava tão inacessível ao seu Eu, como o era para ele a noção de Ingratidão. Pelo que o seu Eu proibia-lhe em absoluto a mera possibilidade de pensar em Retaliação para aquele que lhe causasse algum mal, ou lhe fizesse alguma tolice, quer que esta fosse pequena, ou muito grande. Deste modo, o seu Eu proibia-lhe também qualquer Represália, qualquer medida de Protecção, e logicamente, qualquer Defesa, e até mesmo qualquer Justificação. Foi por essa razão que ele se deixou conduzir à presença do Pardal Ditador, pelos seus algozes, sem nenhuma reacção ou aviltamento a estes. Contudo, esta aparente passividade do Pardal Jovial não queria dizer fraqueza do seu Eu, ou que este não fazia pagar bem caro o agravo a quem o ousasse ferir fundo. Tinha é uma maneira muito peculiar de retaliar, a qual passava metaforicamente por mandar uma das suas doces laranjas a quem lhe causou algum mal, para se livrar dum fruto amargo que este antes lhe enviara. Tão depressa quanto a sua Áurea Chamejante lhe proporcionasse, ou seja, quando lhe faziam alguma maldade, ou alguma tolice, ele retribuía sempre, uma vez que a sua Áurea Chamejante encontrava sempre uma oportunidade para exprimir a sua “gratidão” àquele que cometesse uma acção vil e condenável para com ele. Para além desta Reacção própria das imperfeições dos Pardais, o Pardal Jovial remetia-se ao Silêncio e ao Desprezo, uma vez que ele estava convicto, que esta era a forma de agir mais correcta e consentânea com o agravo, muito mais castigadora do que o chilrear mais grosseiro e impertinente. Pois o silêncio tem um Piar, o mais profundo de todos os piares. Em certos momentos da Vida, é nele que está o segredo da Reacção.

O Pardal Jovial imbuído pela Áurea Chamejante e com a transfusão de energia que lhe fora administrada pelo olhar míope e hipnótico do Pardal Bico Fino, ficou com o seu Eu mais aberto às ondulações e às modulações do seu carácter. Embora nas brumas do seu Eu começasse a adensar o desejo de Retaliação, ainda que não fosse esse o seu desejo maior, pois a sua Áurea Chamejante estava ansiosa por ferir o Eu Superior dos pardais déspotas e malvados. Naturalmente, porque aquilo que é Eterno no Pardal, o Eu puro e abstracto ainda estava no Pardal Jovial coberto por uma vestimenta terrestre, obscura e infectada pela imperfeição. Contudo, a personalidade moral deste estava programada para estimar os pardais considerados pelo seu Eu como Pardais Bons e tementes ao Grande Ser Cósmico, e atentar contra os Pardais Maus e ignóbeis. Chegara o Tempo do campo florir outra vez. O Bem e o Mal serem separados. O Disco Meio Luz Meio Sombra se vai e a Rosa de Fogo desperta, isto é e será sempre um facto para todo o sempre!

Através dos seus ensinamentos o Pardal Bico Fino fez com que o Pardal Jovial encontrasse no início o fim, e colocasse o meio em separação. Com o conhecimento oculto do velho pardal do Saber Profundo, o Pardal Jovial já sentia-se Livre e dono do seu destino. E na verdade, fora através do seu espírito vestido de Águia Solitária, que saboreou a Liberdade, e fora através dos ensinamentos daquele velho pardal do Saber Profundo, que o Pardal Jovial passou a ter no seu espírito o desejo da busca da Verdade suprema. Aliás, fora através daquela busca desenfreada da Verdade, e de poder dispor de si próprio, que o Pardal Jovial se aproximou da relação que mantinha entre ele e o Grande Ser Cósmico, como da relação existente entre Ele e o seu próprio Eu, ou seja, fora através daquela sua cruzada de procura da Liberdade e da Verdade, que o Pardal Jovial entrara em contacto com o transcendente, o qual, através dos seus especiais e divinos valores lhe davam a noção de domínio sobre o seu Destino, tal como a ciência e o estudo lhe dava a sensação de domínio sobre a Grande Mãe. Aliás, fora a constante procura da Verdade e da Liberdade, que o levara a voar com as asas da Tempestade, e depois de ter aprimorado aquela especial técnica de voar, iniciar o difícil e penoso voo em sentido oposto à gravidade das propensões negativas, submeteu aquele

espaço cósmico do Vazio e do Nada à sua vontade de ler nos Livros da Vida. Aliás, fora naquele espaço do Vazio e do Nada que aprendera que só na Fidelidade aos seus Ideais, aos seus Princípios e às suas Aspirações mais elevadas do seu Eu, poderia ser completamente Livre.

Em suma, fora na Comunidade dos Pardais Pensadores, que o Pardal Jovial obtivera o conhecimento sobre o significado da Vida e da Liberdade, o qual lhe permitiu libertar-se do julgo das paixões, dos erros cometidos durante a sua vagabundagem enquanto forasteiro naquelas Terras do Vicio e da Degradação Moral, já que cada um deles teria sido um vínculo e um entrave que o deteriam e que o retardariam no seu desenvolvimento e no seu progresso espiritual, de um dia ser Livre e de poder transformar-se na Luz que iluminará o Caminho do Bem, numa perpétua magia, onde a Grande Mãe encontra-se num processo de crescimento e fortalecimento. Pois o Fogo a consome e a origina, formando um laço eterno. Todavia, a luz da Majestade do Ser Cósmico é imutável. Pois o Fogo não pode apreender a Luz, que vive Livre em si mesma, logo esta é e será Eterna.

A Trilogia do Desejo, Prazer e Cobiça

Passou pelo Bosque das Terras Altas o Tempo do Vento Selvagem, o das Chuvas Abundantes, o das Neves Derretidas e dos Cursos de Água sempre Cantarolando, o das Flores, o das Espigas Douradas e o das Folhas Macilentas. Lúgubre sinal dos tempos que estavam prestes a chegar. Na verdade, os habitantes daquele bosque encantado, sabiam, que estava para muito breve a chegada do Tempo do Vento Selvagem, e com este, o seu crónico mau humor, que varreria as moribundas folhas tingidas com a cor da morte, ao mesmo tempo que com elas, também varreria do bosque as árvores mais débeis e mais fracas. O tempo do Vento Selvagem acabou por chegar como se esperava, ventoso e agreste, e com ele vieram os dias curtos, embora fossem para aquela época do ano ainda solarengos e anormalmente amenos. Mas, a Rosa de Fogo depressa murchou, uma vez que os belos e românticos entardeceres, depressa se dissolveram numa permanente neblina, que deram lugar a longos nevoeiros e a intermináveis chuviscos, que conferiam àquelas paragens uma paisagem cinzenta e molhada. Naquele ano, o Tempo das Neves chegara mais cedo do que era esperado pelos habitantes do Bosque das Terras Altas, e prolongou-se por muito tempo, como era costume e hábito naquelas Terras Altas. Até que para a alegria e a boa disposição de todos os habitantes do Bosque das Terras Altas, voltou o solarengo Tempo das Flores, com os seus quentes, crescentes e brilhantes dias. No ar, a música dedilhada pela Água Cantante fazia-se ouvir alegre, ao mesmo tempo que uma agradável fragrância a pinho e a rosmaninho perfumava todo o bosque. Do Pardal Jovial e da sua expulsão do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, há muito tempo que naquele bosque já não era notícia, nem tão pouco já era tema de conversa dos pardais mais alcoviteiros, a não ser, um ou outro ocasional comentário de um pardal forasteiro ao bosque, que afirmava ter visto a sua solitária silhueta muito lá no alto do Céu azul. Pelo que esporadicamente o Pardal Jovial era recordado no Bosque das Terras Altas. Muitas das vezes em lendas que tendiam a crescer de bico em bico. Mas, ao certo… ao certo… nenhum pardal daquele bosque sabia onde aquele vivia, e muito menos sabia o

que fazia. Aparentemente, o Pardal Jovial tinha desaparecido daquelas paragens para bem longe e tudo dava mostra que era para sempre.

Num dos primeiros perfumados e solarengos dias do Tempo das Flores, espalhou-se pelo Bosque das Terras Altas uma inesperada e estrondosa notícia. Três formosas, belas e sedutoras pardais fêmeas, de nome Pardal Desejo, Pardal Prazer e Pardal Cobiça, tinham chegado aquelas paragens, e de imediato apresentaram-se à Comunidade dos Pardais Locais, como pardais fêmeas cheias de sedução e de amor para dar. O seu ar lânguido mostrava que estavam ávidas por oferecer e receber prazeres sem limites ou tabus. Muitos pardais ofereceram-se de imediato para serem os seus cicerones aos muitos recantos daquele mágico bosque, levando-as a dizer aos pardais locais, entre trinados de alegria estouvada: que estavam enamoradas com a sua rusticidade, com a sua simplicidade e com a beleza daquelas maravilhosas e idílicas paisagens. O seu longo olhar matreiro, insidioso e de deleite, confirmava a veracidade do seu chilrear. Pois, em cada recanto daquele bosque, aquelas formosuras encontravam facilmente o romance e a paixão.

A estadia daquelas belas e maravilhosas visitantes, desde o primeiro momento, transformaram por completo o Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, dado que com a sua presença, os membros daquele bando ficaram muito eufóricos, quase alucinados e em permanente alvoroço. As discussões entre os pardais machos eram uma constante do quotidiano, a gabarolice e a vaidade também. Enquanto que nos pardais fêmeas, rapidamente se instalou o ciúme, e com ele, veio a discórdia nos ninhos e o mal dizer das comadres. Não havia pardal macho jovem, ou ancião, que não quisesse com elas conviver, ou com elas trocar nem que fosse apenas alguns minutos da sua atenção. Pela enorme agitação social e, pelo enorme frenesim que atingira todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Alta, não demorou muito tempo, que aquela estonteante e electrizante notícia, também chegasse aos ouvidos do Pardal Profeta, o qual, sempre muito consciente e atento à responsabilidade que o Bando de Pardais das Terras Altas lhe conferira, fez questão de pessoalmente abordar tais encantadoras fêmeas, a fim de tirar as suas próprias conclusões, com o propósito de indagar, quais foram os propósitos que as levaram a visitar aquele

perdido bosque nos confins do Mundo. No fundo, o Pardal Profeta estava desconfiado e muito intrigado com tal inesperada visita. Por isso, queria saber presencialmente, como tiveram aquelas belezas o conhecimento da existência daquela mancha verde escondida naquele recanto do Mundo.

Num ramo de um chorão, que muito curvado, teimava em mergulhar as suas folhas em forma de espadas cortantes num pequeno lago de água cristalina e sussurrante, o Pardal Profeta foi encontrar as três visitantes numa agradável e virtuosa cantadeira, rodeadas de outros tantos embasbacados pardais, que ao o avistarem, de imediato, e sorrateiramente, se puseram ao fresco. Por sua vez, a agradável, alucinante e sensual visão, também não fora indiferente ao Pardal Profeta, que desde aquele primeiro momento, como que fulminado por um sortilégio, ficara embeiçado em fantasias de desejo e de inconfessáveis paixões há muito tempo quase esquecidas. Possuído pelos estertores da concupiscência, o ancião despia com os olhos aqueles pardais de sonho. Apesar da idade do Pardal Profeta já ter atingido um estágio, em que aquelas beldades somente poderiam satisfazer os seus mais secretos sonhos e memórias já há muito esquecidas. Mesmo que por artes mágicas, aqueles inconfessáveis sonhos se materializassem num verdadeiro estado de consciência e de prática, aqueles belos, sensuais e elegantes pardais fêmeas, pela sua já muita idade, só poderiam corresponder a uma ilusória imaginação, o que resultaria a uma passageira relação e nada mais. Mas, na verdade, a vaidade e a gula que é própria dos pardais anciãos, fez com que aquele não ouvisse o que lhe ditava a o piar da sua Consciência. E tanto mais, que aquela afrodisíaca e sedutora visão, o fizera recuar décadas na idade. Por isso, sentindo-se com o espírito dum jovem pardal. Com o seu melhor semblante, deixou que um sorriso lhe contorcesse o bico adunco, embora os seus verdadeiros e reais pensamentos fossem traídos pela luminosidade marota e marialva do seu olhar. Sua eminência perdera toda a noção da dignidade imposta pela sua responsabilidade. A uma considerável distância, o pardal ancião parou para despir lentamente aquelas afrodisíacas musas, e desde logo ficou subjugado com aquela deslumbrante visão e, com o desenfreado desejo de se deliciar no efémero e na luxúria. Pois, aquela visão obsidiante da outra metade da Vida, a feminilidade que até ai lhe tinha sido desconhecida, o

símbolo máximo da ternura e do encanto, a outra metade majestosa da Vida, que à sua frente se apresentava encantadora e muito disponível deixava-o sem tino. Ele só via aquela afrodisíaca imagem a bailar nos seus olhos, e nada mais. O Pardal Profeta inexoravelmente acabou por ser enfeitiçado por aqueles arcanjos do amor, da paixão e da volúpia.

O Pardal Desejo, foi a primeira a ver o ancião de olhar brilhante, malandro e sedutor, que tanto pela sua pose estudada, como pela sua aparência esquelética e clerical, tudo lhe indicava ser aquele o alvo da sua missão secreta, e para o bom cumprimento daquela, de imediato se aproximou daquele austero pardal ancião, de olhar brilhante e atrevido. Como uma flor acariciada pelo vento, como um turbilhão de água no leito duma corrente, como uma chama agitada pelo Vento Selvagem, ondulantemente aproximou-se do pardal ancião, que perante a aproximação daquele corpo deslumbrante estava perdido de desejo. Quando chegou muito perto dele, o Pardal Desejo, em pose insinuante e muito provocadora, disse-lhe: que era para ela uma grande honra e um grande privilégio ter a oportunidade de pessoalmente conhecer tão proeminente líder religioso, cuja prosperidade do bando de pardais, só poderia significar que aquele estava bem relacionado com o Ser Cósmico. Perante a estupefacção do Pardal Profeta, acrescentou à sua cortesia: que a sua fama de exímio lutador contra as Forças do Malévolo, já se tinha espalhado para além dos limites daquele bosque. E que fora aquela coragem já lendária em muitas paragens, e aquele seu destemido valor, que em outros bosques muitas vezes era chilreado na surdina como um exemplo de coragem e de tenacidade a seguir. Por isso, chilreava-se o seu nome com devoção e muito respeito. E porque tal valor as tinha deixado muito curiosas, e com um forte desejo de conhecer uma personalidade tão falada e tão destemida decidiram visitar o Bosque das Terras Altas. O lado vaidoso do Pardal Profeta ficou radiante com aquele melodioso piar, o seu lado egocêntrico não ficou muito menos, pelo que o Pardal Profeta sem perceber a armadilha que lhe estavam a tecer, respondeu com a sua costumeira solenidade e falsa humildade, que era apenas um simples pardal ancião que tinha por missão espalhar a mensagem do Ser Cósmico no Bosque das Terras Altas. O seu arrastado piar denotou uma ligeira insegurança, que não passou despercebida à mente do Pardal Desejo, que

tinha tanto de perspicácia, como o seu corpo tinha de beleza e de sedução. Assim, lentamente, a belo prazer daquele belo pardal fêmea de piar cristalino e maroto, o Pardal Profeta ia sendo enfeitiçado em lume brando.

Enquanto o Pardal Desejo sedutoramente trinava com alegria e com muita vontade de seduzir, o Pardal Prazer aproveitou para insinuantemente também ela de mansinho se aproximar. Quando o Pardal Prazer se juntou ao Pardal Desejo, o Pardal Profeta ficou ainda mais maravilhado com a visão combinada daquelas duas sofisticadas belezas. Por sua vez, o Pardal Prazer sem dar tempo ao Pardal Profeta para se recompor dos seus idílicos e secretos sonhos acordados, disse-lhe meigamente: que apesar da sua figura resplandecer charme e muita sabedoria, a sua fisionomia confessava a escuridão que habitava no seu Eu pecador. Com o olhar fixo e feiticeiro, o Pardal Prazer, que era muito hábil em mágicas e encantos, numa formula muito sua, disse ao pardal ancião, que sabia como acender e como alimentar a candeia que iluminaria aquele triste espírito em prazeres nunca por ele vividos ou sonhados. Por último, sorrateiramente, aproximou-se do grupo o Pardal Cobiça, que de forma mais reservada, mas com mais determinação, se apresentou ao Pardal Profeta com um maduro charme sedutor. Depois, num piar longo quase rouco, disse ao pardal ancião, que concordava em pleno, tanto com o Pardal Desejo, como com o Pardal Prazer. Pois, no seu olhar estava escrito um conhecimento e um saber metafísico sem igual, o qual seria digno para a catequização dos maiores bandos de pardais do mundo, os quais, saberiam ser muito generosos nas suas dádivas e nas suas honrarias. À defesa, o Pardal Profeta retorquiu ao Pardal Cobiça, que não havia pardal que não nascesse num imenso oceano de desconhecimentos, e que somente o seu impulso de viver, e o seu instinto da Vida, o ensinaria a navegar através daquele desconhecido e incógnito oceano. O Pardal Profeta, numa desesperada tentativa de inverter as ondas de feitiços e sortilégios que já sentia a entorpece-lo e a dominar a sua vontade, e por sua vez, catequizar aquelas sedutoras para a sua Verdade Universal, disse ainda com uma mal disfarçada segurança: que eventualmente podia suceder, que mesmo aos pardais confiantes no seu bom conhecimento de Caminhos e de Destinos, podem ser surpreendidos com inesperadas Tempestades de questões e de interrogações, as quais, poderiam remete-los para um

desconhecido e bravo Oceano Sem Fim, que os levariam a ter novamente que desbravar desconhecidos Caminhos.

O Pardal Desejo, o mais forte dos sedutores daqueles Servidores do Maléfico, apercebendo-se que a sua presa não seria tão fácil de dominar e de enfeitiçar como estava previsto no plano ardilosamente arquitectado, mascarou-se de pardal devoto e muito crente nos mistérios da Verdade que o Pardal Profeta professava, e naquele seu falso trajar, e naquele seu mentiroso chilrear, disse ao Pardal Profeta num piar piedoso e doce: que embora os pardalinhos não tivessem grandes conhecimentos dos Caminhos para as distantes paragens, somente eles poderiam aspirar a entrar no infinito Céu Azul, uma vez que aqueles pardalinhos não se prendiam ao passado, nem se preocupavam muito com o seu futuro, dado que viviam somente o presente, e por isso, aqueles pardalinhos eram autênticos no que sentiam e no que faziam... o Pardal Profeta, desconhecendo os ardis do bilioso Servente do Maléfico, picou o isco ao completar o chilrear do Pardal Desejo, chilreando: que tal Virtude dos pardalinhos, somente duraria até ao dia em que aqueles picassem e comessem o fruto da árvore do conhecimento, dado que aqueles frutos os alimentaria de preconceitos e de ansiedades, que definitivamente os expulsaria daquele infinito Céu Azul. Com aquela tirada de descrédito e de pouca confiança nas virtudes das novas gerações de pardais, o Pardal Prazer aproveitou logo para lançar os seus feitiços e encantamentos ao inadvertido pardal ancião, ao mesmo tempo que lhe retorquiu: que pelo seu descrédito e pouca confiança nos pardalinhos, lhe dava para perceber quanto era a amargura que habitava no seu solitário coração, e que aquela só poderia ter nele guarita, porque o Pardal Profeta desconhecia o prazer e as delícias do Mundo. Aquele belo Servente do Maléfico tocou sensualmente ao de leve no ancião com a ponta da sua asa esquerda, e sussurrou-lhe como se fosse uma Brisa: que o seu corpo dava mostras duma revolta eminente, pelo que deveria afrouxar os freios aos seus anseios, e soltar os seus desejos há muito agrilhoados, por forma a poder galopar até ao infinito Céu Azul, e aí, conhecer o prazer reservado somente aos Servidores do Ser Cósmico. Com o olhar malicioso e malvado, o Pardal Desejo chilreou ainda: que tanto ela, como o Pardal Prazer e o Pardal Cobiça, sabiam conduzir aquele fogoso e sedento

corcel até ao desconhecido infinito Céu Azul e ao Portal do Espaço Cósmico. Ao mesmo tempo que o pardal Desejo dolentemente chilreava, o seu sensual olhar hipnotizava e prometia infinitos prazeres ao carente e desprotegido pardal ancião.

Diante do olhar sonhador do Pardal Profeta, aqueles belos pardais fêmeas dançaram lascivamente, com movimentos ávidos de dar e de receber loucuras carnais. As suas asas muito experientes e muito sabidas, levemente acariciavam o ossudo e gelado corpo do Pardal Profeta, que despertou para memórias de estímulos e sensações já por ele quase esquecidas. Razão, porque o seu corpo sedento de volúpia e de paixão se recusou determinantemente a afastar aquelas asas bisbilhoteiras e pecadoras. Um longo jogo de sedução e de romance, habilmente foi esgrimido por aqueles belos, sedutores e encantadores Serventes do Maléfico, que com grande desvantagem e, completamente indefeso, o Pardal Profeta pouco a pouco cedia, e perdia, tanto a sua resistência, como a sua vontade de lutar contra os feitiços e contra os encantamentos, que aqueles Serventes do Maléfico continuamente lhe aferroavam. Naquele estado de excitação febril e de quase doentio desejo, o Pardal Profeta perdeu-se num turbulento e confuso mundo de paixões e de fortes sensações amorosas.

A estonteante beleza afrodisíaca daqueles pardais fêmeas era tão forte e tão intensa, que apesar do espírito do Pardal Profeta querer estoicamente resistir àqueles encantos e àquelas lascivas formosuras, o seu rebelde e desertor corpo já não lhe obedecia mais. E, sem ouvir a prudente piar da sua Consciência, entregava-se ao deleite sensual das carícias dos três Serventes do Maléfico, que em simultaneidade trabalhavam com grande habilidade e muita perícia, aquele corpo carente e sedento de amor. Perante saberes somente reservados aos arcanjos do amor carnal, aquele corpo que até então estivera pouco receptivo a estímulos afrodisíacos, fora por aqueles Serventes do Maléfico ressuscitado a conhecer prazeres e sensações que supunha já não serem possíveis. Assim, aquele corpo despido de Consciência, completamente ébrio de prazer e de volúpia, vaidoso com a sua virilidade que pensava já o ter há muito abandonado, acabou por se ajoelhar diante daqueles arcanjos em

promessas e em adoração à sua beleza e ao seu encanto afrodisíaco. Para o Pardal Profeta, aqueles momentos foram de grande prazer para o corpo, e foram de muito abandono para o seu Eu, pelo que ficou confuso em sentimentos, e perdido em contradições.

Não muito longe do ramo da perdição do Pardal Profeta, camuflados com as esguias espadas do chorão, os pardais que tinham inicialmente acompanhado os hilariantes trinados dos Serventes do Malévolo sedentos de volúpia e ávidos de amor, e que por precaução, puseram-se a coberto das vistas do asténico pardal ancião, não queriam acreditar no que os seus olhos presenciavam, nem queriam tão pouco acreditar no que o sussurro da Brisa lhes contava. Para aqueles atónitos e estupefactos pardais com um olhar de insecto, o mundo tinha-se virado ao contrário e estava do avesso. Nunca alguma vez poderiam ter imaginado ser possível ver o Pardal Profeta na maior devassa, e na maior depravação orgíaca. Logo ele, que sempre fora o acérrimo defensor dos Bons Costumes e da moral do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, e que não hesitou em condenar e em castigar faltas bem menores do que aquelas que presenciavam com espanto e com grande surpresa.

Quando a seu tempo, as sombras rastejaram pelo Bosque das Terras Altas, e a noite caiu pesada, como uma epidemia, o escândalo já se tinha espalhado por todo o Bosque das Terras Altas. No dia seguinte, o Pardal Profeta fora interrogado, tanto pelo Pardal Ditador, como pelos seus incrédulos esbirros, que estoicamente por três vezes tudo veementemente negou. Chegou mesmo a justificar o falatório como uma cabala de invisíveis inimigos, que nos escondidos folhedos teciam pérfidas jogadas de domínio e de intriga, com o único fim de denegrirem a imagem do guardião da moral dos pardais de bem e dos Bons Costumes. Chegou mesmo a pedir a união de todos os pardais do Bosque das Terras Altas, para a defesa e integridade do seu bando, pois aquele estava a ser ameaçado por poderosos e invisíveis inimigos. Perante o olhar incrédulo do Pardal Ditador e, perante o olhar de censura dos pardais anciãos do bando, o Pardal Profeta ficou quase demente e, profetizou contra aqueles incrédulos pardais infernais castigos. Bradou aos Céus Azuis e às Profundezas da Terra a sua inocência. Sem a sua costumeira postura de

sapiência e bondade, gesticulou incriminadores gestos e, chilreou altas profecias de sortilégios e maldades para aqueles pardos pardais, que segundo ele, apenas estavam motivados a destruir o trabalho alheio, e que a soldo de inconfessáveis interesses, tinham orquestrado uma cabala e um baixo golpe contra ele. Perante os semblantes que continuavam reservados, sombrios, impávidos e acusadores, o Pardal Profeta chegou mesmo a acusar os pardais anciãos de miopia autista, uma vez que aqueles pardais não conseguiam ver que o baluarte dos Bons Costumes e das virtudes do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas fora atacado. Logo, todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas estava a ser ameaçado por uma poderosa invisível força inimiga.

De súbito, como se um raio o tivesse trespassado, o Pardal Profeta, caiu em si, e completamente desfeito e muito agastado, com um olhar esgazeado e demente, buscava uma rigidez e uma tranquilidade fingida, para dizer, tanto ao Pardal Ditador, como aos pardais anciãos que o acusavam de depravação e de devassa, que a força da sua inocência era superior a todas as perfídias e cabalas que foram alicerçadas contra ele, e que ele, Pardal Profeta, nunca cederia a pressões, nem nunca cederia a ameaças de invisíveis forças. Ele saberia ser o baluarte e o estandarte da resistência do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Chilreou ainda, com um resto de decoro e de dignidade: que a sua honra não podia ser posta em causa. Pois, a sua luta era a luta que espalhava a verdade e a fé no Ser Cósmico, a qual estava muito acima de quezílias terrenas e de males menores. Recuperado, e muito mais seguro de si, chilreou alto aos pardais anciãos: que estava inocente das hediondas acusações de que estava a ser alvo, e que os seus fiéis seguidores sabiam que do seu bico só a verdade saia, sendo por isso certo, que aqueles pardais o saberiam defender de tais ignóbeis e injustas acusações. Momentos depois, o Pardal Profeta apresentou o seu semblante destroçado aos pardais anciãos, e aparentemente pouco convincente do que tinha proferido, dado que ele sabia muito bem, que a capacidade organizativa dos pardais em se associarem em grupos, por forma a executarem campanhas que denegriam a imagem e o bom nome de outros pardais, era surpreendentemente precisa e muito eficiente. Aliás, eles eram muito maquiavélicos nos seus fins, e por essa

razão, punham todo o cuidado a esconder a sua identidade, e com tal sucesso o faziam, que qualquer boato que corresse no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, nunca tinha paternidade. Aquela atitude dos pardais do seu bando, sempre fora para o Pardal Profeta um mistério e uma grande perplexidade. Pois, nunca chegou compreender muito bem o porquê daquela sua avidez por notícias chocantes, e muito menos compreendia o porquê, de notícias daquela natureza e amplitude necessitarem sempre de espaços amplos e muito abertos. Assim, sem remédio, o Pardal Profeta encontrava-se amargurado e completamente destroçado, pois sabia e tinha a certeza, que aquele seu segredo sofria de claustrofobia, e que por essa razão, não conseguiria confinar-se a lugares pequenos e reservados, nem tão pouco o espaço correspondente ao Bosque das Terras Altas, era suficiente para o manter prisioneiro e amordaçado. E tanto mais, que ele também sabia muito bem, que quando um pardal do Bando de Pardais das Terras Altas contava uma novidade a um outro pardal, e lhe pedia segredo, aquele pardal à partida sabia, que somente lhe estavam a pedir que não contasse aquele segredo a mais de um pardal de cada vez.

Com aquele escândalo em fluorescência crescente, os pardais do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, que haviam sido recalcados durante muito tempo com a fundamentalista tirania da moral e dos Bons Costumes, depenaram-se por acusar o Pardal Profeta de imoral, sem no entanto nomearem o seu nome, dado o receio enorme que dele ainda tinham. Por isso, apenas com insinuações e o auxílio de atrevidas mímicas, contavam a todos os pardais o que havia sucedido ao piedoso pardal ancião. E tanto mais, que os pardais gostavam muito de espalhar alcovitices de defeitos dos outros pardais como se fosse palha ao vento, uma vez que daquele modo, escondiam os seus próprios erros e os seus próprios pecados. Por isso, o Pardal Profeta foi por todo o bando ridicularizado e humilhado, até os pardalinhos o achincalharam com piadas atrevida e gestos obscenos.

Naquele grande jogo de intriga e de mal dizer, em que todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas se dedicou, sobressaíram os pardais anciãos daquele bando, uma vez que se portaram como se fossem jogadores

trapaceiros, pois prometeram ao Pardal Profeta absoluta confidencialidade dos seus devaneios, para ao virar das suas costas, com as suas críticas e censuras, porem o falatório a circular por todo o Bosque das Terras Altas. O carisma e a moral do Pardal Profeta, com aquele boato a cobrir todo o bosque, estavam para sempre irremediavelmente perdidas e destroçadas. No dia seguinte ao grande falatório, e às piadas obscenas que os pardais mais imaginativos não demoraram em engendrar, o Pardal Profeta fora encontrado inerte, a flutuar ao sabor da corrente do Grande Rio que caminhava em direcção ao Grande Oceano Aberto e Sem Fim.

Depois daquele trágico acontecimento, nunca mais, no Bosque das Terras Altas se soube do paradeiro daquelas sedutoras e voluptuosas pardais fêmeas, como também ninguém no bosque veio a saber quais foram as suas verdadeiras razões para amorosamente se terem envolvido com o Pardal Profeta. Aqueles pardais nunca viriam a saber também, que aquelas belas e atraentes jovens tinham um relacionamento especial com a Comunidade dos Pardais Pensadores. Como também, nunca vieram a saber, que no mundo terreno aquelas sedutoras fêmeas, encarnavam os mais foliões e depravados Serventes do Malévolo, que por triste sina do Pardal Profeta, tinham sido precisamente aqueles Serventes do Malévolo que aquele combatera durante toda a sua vida, mas que no mais secreto recanto do seu solitário e deprimido coração, tinham guarida e muita atenção, pelo que o acabaram por vencer e destruir.

Nas noites em que o Disco Meio Luz Meio Sombra ilumina o Bosque das Terras Altas, ainda hoje há pardais que continuam a suspirar e a sonhar com o regresso daquelas voluptuosas e sedutoras visitantes. Quanto ao Pardal Profeta, a indignação de terem sido por ele enganados ainda permanece inalterada, pois a bico bem aberto e sem quaisquer rodeios, é chilreado, que aquele malandro fora o único a conquistar tais beldades, e a provar aquele inigualável néctar afrodisíaco. Por sua vez, certa noite, até o Pardal Ditador, fizera um reservado comentário para um dos anciãos do Bosque das Terras Altas: «quem diria! Um pardal velho tão acabado e senil, e afinal ainda estava

para as curvas! E logo três ao mesmo tempo! O malandro era teso e muito sortudo!».

O Regresso ao Bosque

Numa certa manhã, quando as pétalas da Rosa de Fogo coloriram com uma tonalidade púrpura o Bosque das Terras Altas, olhos papudos e sonolentos despertaram, com uma expressão de reprovação pelo alvoroço que exageradamente outras aves fizeram para anunciar a chegada de um novo dia. Com todo aquele chilrear, o Bosque das Terras Altas ganhou Vida. Mas, naquela manhã de hálito fresco e perfumado com a fragrância de pinho, os pardais madrugadores não queriam acreditar no que os seus olhos viam. O Pardal Jovial, que fora expulso do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, por comportamento invulgar e vida duvidosa, estava de volta ao Bosque das Terras Altas. Como uma grande onda, o falatório depressa se espalhou por todo o velho Bosque das Terras Altas. Quando naquele dia a Rosa de Fogo adormeceu para lá da Montanha Branca, o Pardal Jovial já era o motivo central do alvoroço e do intenso chilrear, que no cimo das árvores do velho bosque se fez intensamente ouvir por muito tempo. Todavia, o Pardal Jovial manteve-se à margem daquele alcoviteiro chilrear. Pouco lhe importava o que chilreavam os outros pardais, quando ele se sentia bem consigo próprio! E tanto mais que ao olhar melancolicamente para cada uma daquelas árvores do Bosque das Terras Altas, ele somente via em cada uma delas, o seu passado a desfilar de fronte dos seus olhos. Pelo que aquelas árvores estavam a projectar no presente aquele seu saudoso passado, o qual estava a comprometer a sua capacidade para mudar o que nele tinha que ser mudado, uma vez que estava a pensar no futuro com os fantasmas do passado. Perante estas incertezas, uma voz silenciosa chilreava-lhe no seu interior: que o passado já não existia para o presente, uma vez que aquele só poderia servir para alimentar recordações que o feriam e magoavam. Enquanto que o futuro ainda estava para chegar! Pelo que o Pardal Jovial deveria a todo o custo esquecer aquele seu passado, e planear o seu futuro, no sentido de alcançar a Felicidade e a Liberdade que tanto desejava.

Na verdade, o subconsciente do Pardal Jovial queria quebrar aquela grilheta que o prendia às suas recordações, para que pudesse então ver claro o

presente e tomar as decisões que fossem precisas e para alcançar a dita Felicidade. Por isso, ele não estava disponível para ser a marionete dos pardais anciãos daquele bando de pardais, como também não estava disposto a assumir as culpas daquele seu passado, pois se culpas houvessem, já não poderiam ser projectadas para o seu futuro, com cenas de auto-flagelação ou de sofrimento, porque não havendo recordações do passado, não poderia haver culpa de coisa alguma no futuro a ser censurada pelo seu subconsciente. Os seus hábitos antigos, de seguir a Águia Solitária para aprender as suas técnicas de voo, contribuíram muito para fortalecer o seu desejo de Independência e Liberdade. Os novos costumes que adquiriu nas Quintas da Fartura e nas Terras do Vicio e Degradação Moral, consolidaram esse desejo, como também tornaram-no muito diferente dos rústicos pardais conterrâneos. Pelo que já não se identificava com eles.

Pelo comportamento independente e aventureiro do Pardal Jovial, aquele fora considerado pelos demais pardais, como sendo um pardal não recomendável para companhia, e até abominavelmente desprezível, por poder contaminar o Bando de Pardais do Bosque das terras Altas com comportamentos censuráveis. Quando a voz sussurrada da Brisa trouxe-lhe aos seus ouvido o epíteto que se espalhara no Bosque das Terras Altas de que: “o Pardal Louco tinha regressado”, de início ficou atónito com aquele disparate, depois de muito ter pensado sobre o assunto, não lhe foi possível evitar um chilrear que fazia transparecer uma dissonância cognitiva, em virtude de ter chilreado com zombaria a alcunha que lhe fora atribuída. Depois mais conformado pensou: o que de mau poderia ter a conotação do epíteto que lhe fora atribuído? Quando ele estava bem consigo próprio! Pelo que o Pardal Jovial desclassificou tal epíteto. E tanto mais, que o Pardal Jovial já se acostumara à preciosa solidão e seu respectivo silêncio, que o transportava para a meditação e reflexão dos seus problemas existenciais.

De modo algum o Pardal Jovial necessitava da companhia daqueles rústicos pardais, e até com muito agrado a dispensava. E tanto mais, que até considerava serem os pardais do Bosque das Terras Altas uns pacóvios de ridícula sobranceria e de desactualizada soberba. Defeitos que colidiam

fortemente com a sua sensibilidade de pardal, uma vez que para ele, todos os pardais eram iguais, dado que todos nasceram do mesmo modo; todos herdavam a probabilidade de correrem os mesmos perigos, as mesmas doenças, e as mesmas incertezas da Vida; como também era mais do que certo que todos um dia iriam iniciar a viagem para a Eternidade. No entanto, os pardais mexeriqueiros do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, pela calada das sombras do velho bosque, iniciaram traiçoeiramente uma campanha de difamação, que ajudou a disseminar por todo o bosque o boato da loucura do Pardal Jovial. Aquela campanha difamatória, embora fosse maldosa, também em nada o afectou, uma vez que o Pardal Bico Fino lhe ensinara: que os loucos, cientes ou não da sua loucura, formavam para si próprios um ideal muito próprio de Vida, e à sua maneira eles eram felizes. Era certo que o Pardal Jovial ainda não se sentia realizado, pois ainda não conseguia voar como a Águia Solitária, e também não conseguia ser feliz! Pois o Pardal Espiga Dourada ainda o segurava sem lhe tocar, como ainda o fazia sentir a emoção suprema quando pensava nela, como poderia então ser considerado um pardal louco? Os outros pardais do Bosque das Terras Altas queriam por força convence-lo que ele não era quem ele gostaria de ser, uma nobre águia. Parabéns! Não valia a pena terem todo aquele trabalho para o convencerem de tal, uma vez que aquele conhecimento já ele o tinha desde o dia seguinte ao do seu nascimento.

Mas, o que aconteceria se não existissem os pardais alcoviteiros, que não se cansam de despertar as memórias e passados do Pardal Jovial? Que aconteceria se não existissem para além destes, outros pardais que o recordam com saudade, como sejam: o Pardal Bico Fino; o Pardal Espiga Dourada; o Pardal Bonacheirão, e tantos outros pardais seus conhecidos? Na crescente solidão em que o Pardal Jovial fora obrigado a mergulhar, a sua consciência incessantemente interrogava a sua mente, para o que poderia suceder se perdesse a visão física; o tacto; o olfacto; a audição e até mesmo o paladar? Que realidade individual poderia surgir em consequência da perda de todos os estes sentidos? E depois da perda destes, quem seria aquele pardal, que a todo o momento se interrogava sobre a sua individualidade e, sobre a sua verdadeira identidade? Tantas foram as interrogações que o Pardal Jovial

fez à sua mente, que chegou à conclusão, que se um dia viesse a acontecer tal calamidade, então nesse fatídico dia, talvez ele viesse a conhecer a verdadeira loucura. Pois, estaria completamente alheado de toda a realidade que o envolvesse. Mas, naquele preciso momento, o Pardal Jovial podia ver as árvores do Bosque das Terras Altas. Podia tactear as húmidas paredes do seu ninho. Como também podia cheirar o fresco perfume dos pinheiros, como podia ainda, deliciar-se com as doces fragrância das flores silvestres que orlavam as Águas Cantantes. Podia ainda ouvir o feliz chilrear dos jovens pardais, que nas árvores próximas tagarelavam. Como podia também ouvir os distantes melodiosos trinados de outras aves, que apesar de invisíveis, sabia estarem pousadas no cimo daquelas altas copas das árvores do bosque. Para além daquela visão idílica do Bosque das Terras Altas, o Pardal Jovial também podia saborear os doces e suculentos frutos deste. Por conseguinte, podendo ele apreciar as maravilhas que a Grande Mãe lhe oferecia, como poderia ele estar louco? Perante a ausência de resposta aos seus trinados interrogativos, concluiu que: se a sua loucura era ter a sua própria forma independente de viver a Vida, e de nela marcar indelevelmente a sua própria maneira de estar, então só lhe restava agradecer ao Grande Ser Cósmico a chegada daquela benfazeja loucura. E tanto mais, que ele sabia que no mundo, não tinham sido poucos os pardais loucos que destemidamente lutaram pela sua própria Liberdade e, pela sua própria Independência.

Depois de muito meditar sobre o seu hipotético estado de loucura, o Pardal Jovial considerou que os pardais do Bando do Bosque das Terras Altas ao lhe atribuírem tal epíteto, estavam somente a conferir-lhe uma grande dignidade, e não um desprestigio, ou uma desqualificação, como aquelas aves intriguistas o tinham pretendido atingir. E ainda por cima, quando ele sabia que muitos dos pardais génios, e outros pardais de imortalidade assegurada, também no seu tempo, Tinham sido considerados loucos pelos pardais mundanos, desqualificados e sem qualquer valor, desse tempo. Em face de todas estas considerações, o Pardal Jovial fez do seu desespero, renascer a esperança. Com um claro trinado e asa em riste, profetizou ao Vento Selvagem, que da sua aparente derrota, um dia se ergueria e renasceria em vitória.

Os Sete Pecados Capitais

Todavia, a ansiada vitória tardava em materializar-se. Na verdade, poucos dias depois, um desagradável acontecimento veio perturbar ainda mais a vida do Pardal Jovial. Pois, em cada dia que passava, o Bosque que o vira nascer retractava-se muito diferente do bosque que conhecera em pardalinho, e que nas Terras do Vicio e da Degradação Moral foi a candeia que alumiou a saudade, que o ajudou a ter esperança no futuro, uma vez que esteve sempre presente na sua mente a ideia de regresso às suas origens.

O Pardal Jovial tinha a certeza, que aqueles pardais medíocres e autistas agiam assim, mais por medo das eventuais perdas de mordomias adquiridas no bando de pardais, do que pelo seu bom senso, uma vez que aqueles presunçosos pardais supunham, que o eventual relacionamento da sua prole com o Pardal Jovial, só poderia vir a influenciar de forma decisiva a educação dos seus rebentos, a qual, vinha há muito a ter como espinha dorsal, somente a tradição e o saber do Pardal Profeta. Assim, para aqueles pardais, aquela desaconselhada companhia, só poderia vir a provocar num futuro não muito longínquo, significativas perturbações nos centros de influência e de comando no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, e por conseguinte, a verificar-se tal ameaça, poderia acarretar insegurança para o bando de pardais e a sua perda de influência neste.

Quanto às jovens pardais fêmeas, o Pardal Jovial veio muito mais tarde a ter conhecimento, que pelo facto daquelas lhe atribuírem uma lubricidade impressionante, aquelas belas e graciosas aves de penas vistosas e muito bem cuidadas, estavam a ser trancadas nos seus bafientos ninhos, e quando por escassos momentos lhes era permitido ver a Rosa de Fogo, eram vigiadas de muito perto pelos seus possessivos e ciumentos companheiros. Por outro lado, os pardais anciãos e os notáveis do Bando de Pardais das Terras Altas, companheiros de belas e graciosas jovens pardais, cochichavam entre eles, que o Pardal Jovial as perturbava de tal modo, que aquelas belas e atraentes

aves perdiam completamente a compostura e a decência. Por tais sensuais dons, os companheiros daquelas adoráveis pardais fêmeas de longos olhares lânguidos, invejosos e impotentes diante de tal êxito, não hesitaram também eles, em juntarem-se aos pardais alcoviteiros do Bando do Bosque das Terras Altas. E nessa estranha aliança, para além de terem contribuído para agigantar ainda mais o boato que já pairava no Bosque das Terras Altas, ainda o tornaram mais apetecível, ao temperarem-no com os seus medos e com as suas desconfiadas infidelidades. Mas, por mais estranho que nos possa parecer, mesmo com o risco do falatório e da censura serem mais do que prováveis, havia um grande número de pardais fêmeas, que estavam dispostas à aventura secreta, dado que para aquelas fêmeas, carentes e de olhares sonhadores, a sua única preocupação no momento, era a satisfação do seu enorme apetite sensual, com aquele experiente pardal que viveu na Metrópole. E tanto mais, que nos recantos mais escuros daquele bosque, os seus desejos e as suas tentações estavam constantemente a ser espicaçadas, uma vez que na surdina dos densos folhedos, constava-se que o Pardal Jovial era um experiente pardal de ardentes volúpias, e que com tal conhecimento, e com tal experiência, aquele seria o melhor cicerone para os inesquecíveis caminhos, que as levariam a transpor o arco Íris do Céu Azul e da Força Subtil, e o portal do Vazio e do Nada. Com tal lasciva e voluptuosa informação a correr de bico em bico, fazia com que aquelas fêmeas de olhar sonhador e lânguido, no seu mais íntimo e secreto pensamento, só aspirassem há obtenção daquela sonhada satisfação. E para que aquele seu amoroso devaneio viesse a ser uma realidade muito concreta e muito definida, elas não se importavam até de beber o venenoso cálice da luxúria, como também estavam dispostas a trocar por cinco minutos daquele prazer tão desejado, por muito tempo de sofrimento e de humilhação, uma vez que o falatório, os costumes e as leis do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, de certo, não deixariam de com severidade as punir.

Por outro lado, mal sabia o Pardal Jovial que viria a ter acrescidas preocupações com aquele boato traiçoeiro e mentiroso, que por estar impregnado com costumes marialvas, e temperado com hábitos boémios, já inspirava os pardais beberrões e os pardais glutões com modelos de conduta e

de sociabilidade a seguir. Pois, para aqueles pardais libertinos, o Pardal Jovial era o perfeito exemplo a seguir nas suas permanentes farras e folias. Por outro lado, também os pardais viciados em sementes alucinantes e entorpecentes não ficaram indiferentes ao lado aventureiro daquela electrizante mentira, que de uma forma surpreendentemente rápida se espalhara e envolvera todo o Bosque das Terras Altas. Para grande tristeza do Pardal Jovial, aqueles pardais passaram a considerá-lo como o expoente máximo da perfeição de um pardal macho livre e independente.

Embora, os companheiros dos pardais fêmeas, apreciadoras da luxúria e do prazer proibido, tivessem consciência de quanto injustamente o Pardal Jovial estava a ser venerado pela escória do seu bando, por um princípio superior que rege todos os pardais, aqueles chegaram mesmo a reconhecer que tinham sido levados pelos ciúmes. Chegaram mesmo a admitir a sua grande culpa. Mas, a beleza afrodisíaca das suas companheiras, e a fraqueza dos seus espíritos idosos, falaram mais alto do que aqueles superiores princípios. Para agravar ainda mais a maleficência daquele boato que se vestia com falsos pudores, os pardais avarentos, que na surdina, consideravam o Pardal Jovial um esbanjador de riquezas. Também eles viram naquele boato, a oportunidade para soltar o seu bilioso trinado há muito reprimido, o que contribuiu para que aquele boato crescesse ainda mais forte, e apanhasse os pardais incautos.

Quando o Pardal Jovial veio a ter conhecimento do reforço que os mexeriqueiros e os ciumentos companheiros da volúpia e do prazer haviam recebido, ficou muito zangado por tanta desconsideração e por tanta hipocrisia dos seus congéneres. E tanto mais, que considerava serem aqueles pardais avarentos, indesejáveis e inúteis para o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, uma vez que aqueles miseráveis pardais viviam duma forma muito egoísta, uma vez que eles eram o seu próprio centro e até eram o seu próprio universo. Para aqueles inúteis pardais, nada mais existia em seu redor, e nada mais para eles contava, do que amealhar cintilantes riquezas. Aliás, não foram raras as vezes que para aqueles avarentos pardais o acumular de riquezas fora a sua única motivação para viverem a sua miserável existência, embora, aquelas fossem inúteis até para eles próprios.

Por outro lado, uma outra franja da escumalha do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, os pardais malandros e preguiçosos, aliás, pardais que são geralmente repelidos e ignorados pelos pardais de bem e de bons costumes, também eles, procuraram ver naquele pérfido boato um exemplo a seguir e a tomar partido. Assim, pelo facto do Pardal Jovial não admitir a indolência e a não actividade de qualquer pardal, uma vez que estava convicto que somente a actividade executada e exercida com um fim proveitoso, se obtinha benefícios para o bando de pardais ficou amargurado quando recebeu da Brisa que refrescava o bosque, a notícia do apoio que aquela falange de pardais marginais prestava ao ignóbil boato.

Pela rápida propagação daquele mentiroso boato, o Pardal Jovial veio a encontrar no seu regresso ao Bosque das Terras Altas, um bosque que lhe era completamente desconhecido, adverso, e até muito perigoso para nele continuar a viver, dado que até os pardais de postura geralmente violenta, que normalmente agiam com imprudência nos seus actos, lhe chilreavam a todo o momento palavras azedas e insanas. Embora o Pardal Jovial até conseguisse desculpar aqueles pardais brigões, dado que aqueles haviam sido vitimas do seu próprio mal, uma vez que pelo seu continuado comportamento, tinham obliterado todo o seu entendimento, e como enfermos que eram, tinham o direito de viver naquele seu próprio modo de viver. Todavia, a enfermidade de que padeciam não poderiam pôr o bando de pardais onde se inseriam em risco de inimizades, ou de outros males ainda maiores.

Tanto pela metamorfose que o Bosque das Terras Altas nos últimos tempos sofrera, como pela retrospecção que o Pardal Jovial fizera no seu escuro e húmido ninho, a qual consistia em rever todas as imagens de toda uma vida passada naquele seu querido bosque, e que estavam impressas indelevelmente no seu espírito, fez com que doravante aquele passasse a considerar que os verdadeiros loucos, e os verdadeiros insanos pardais, somente poderiam ser os próprios pardais nativos daquele bosque, e nunca ele próprio. Porém, o Pardal Jovial até admitia que cada pardal tivesse o direito de ter os seus caprichos e as suas paixões, como também admitia, que cada

pardal tivesse o direito de ter as suas incompreensões. Pois bem, para o Pardal Jovial, todos os pardais tinham direito às suas fraquezas e às suas debilidades, dado que cada pardal era livre de escolher o seu destino. Todavia, o que naquele momento se estava a passar no Bosque das Terras Altas, ultrapassava em muito qualquer liberdade individual aceitável, uma vez que aqueles pardais estavam a colidir com a sua própria liberdade de viver em paz e harmonia com o mundo que outrora o embalara com doces e quentes chilreares.

Com a fria e intriguista recepção que os pardais do Bosque das Terras Altas lhe fizeram, o Pardal Jovial passou a conhecer uma realidade social do Bosque das Terras Altas, que até ali lhe tinha passado completamente despercebida e desconhecida. E tanto mais, que no seu isolamento forçado, teve a oportunidade de verificar que certos pardais brigavam continuamente com outros pardais. Chegou mesmo a verificar, que aqueles enfurecidos pardais até viviam sempre em briga também consigo próprios. No comportamento dos pardais do bosque, verificou ainda como estes geralmente encenavam complicadas histórias, cujo guião somente estava escrito nas suas mentes, e que na realidade, quase sempre seguiam de muito perto as suas frustrações e as suas próprias misérias. Todavia, ainda verificou como aqueles pardais brigões poderiam ser perigosos para a coesão do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Pois, nas suas complicadas histórias, por razões óbvias, estavam impedidos de representarem as suas peças sozinhos, pelo que não hesitaram em convidar outros actores para as representarem. Assim, pela sua análise o Pardal Jovial pôde retirar a dilação de que os ciumentos companheiros das fêmeas amantes da volúpia e da secreta aventura clonaram aquele comportamento reles, uma vez que aqueles pardais tinham reservado para si próprios o papel de vítimas, ao mesmo tempo que reclamavam as injustiças de que foram alvos, e que tinham sido praticadas pelas suas consortes. Sem qualquer arrependimento, aqueles impotentes pardais solicitaram a intervenção dos outros pardais para a representação da sua novela.

Num piar que fez transparecer sofrimento e muita angústia, o Pardal Jovial interrogou a Brisa que se fazia sentir no Bosque das Terras Altas, para que lhe dissesse quais foram as razões que levaram os pardais do bosque a mudar a sua sociabilidade? Ao que a Brisa num suave sussurro lhe respondeu: que nas suas pobres mentes se manifestara a orfandade! E que aqueles pardais agiam turbulentamente e de forma cínica, porque se sentiam cada vez mais sós e, mais isolados do Universo! Uma vez que, começavam a desconfiar que não tinham sido concebidos como pardais especiais, de acordo com as lendas do Pardal Profeta que os tinha embalado durante tanto tempo, e por conseguinte, estavam a sentir a solidão metafísica, de não terem uma força superior que determinasse o seu caminho e fosse a culpada pelo traçado do seu destino!

Assim, pela voz da Brisa, o Pardal Jovial ficou a saber que aqueles pardais passaram a alimentar-se com o seu vicioso comodismo e com o seu exacerbado e interesseiro egoísmo. A Brisa, aproveitou ainda para confidenciar ao Pardal Jovial, que apesar do Pardal Profeta se ter esforçado para lhes retirar as forças malignas, tanto dos seus corpos, como dos seus espíritos, aquele crente e piedoso pardal não teve lá muito sucesso na sua desesperada missão. No entanto, aquela suave Brisa, com as suas confidências e profecias, tranquilizou e apaziguou um pouco o espírito do Pardal Jovial, uma vez que também lhe disse: que aquela sentida orfandade, era a melhor coisa que alguma vez poderia ter acontecido aos pardais do Bando do Bosque das Terras Altas, dado que com aquela sensação de abandono, aqueles ganhariam consciência do seu real valor e das suas capacidades potenciais e, desse modo, aqueles pardais aprenderiam a ter confiança em si próprios. A Brisa ainda profetizou: que se aqueles pardais ocupassem o lugar deixado vago, tornariam a sua existência muito mais feliz, muito mais concretizada e, de certo, ascenderiam à categoria de pardais superiores.

O Regresso do Grande Amor

Ao Pardal Jovial, aquele Bosque das Terras Altas já nada lhe dizia. Pelo que as suas recordações passaram a ser projectadas para os tempos em que fora muito feliz, e por isso recordou com saudade as Quintas da Fartura e da Ociosidade, e em particular recordou o pequeno bico com comissura sempre sorridente, sempre amistoso e sempre carente. A sombra do Pardal Espiga Dourada voltou a dominar o seu consciente, e por isso ele voltou a sentir novamente a chama que arde sem se ver a mordiscar-lhe as carnes. Por isso, queria muito pedir ao seu querido Pardal Espiga Dourada que o perdoasse e que o deixasse voltar para junto dela. Mas, voltou a ter dúvidas se ela o aceitava, ou não! E se o deixava ficar impune pelo seu abandono, uma vez que saiu das Quintas da Fartura e da Ociosidade sem nada lhe justificar, nem tão pouco dela se despediu!

A Solidão que o Pardal Jovial sentia no Bosque das Terras Altas estava a ser para ele muito difícil e muito penosa de aceitar, e por isso, via tudo em seu redor numa perspectiva muito negativa e catastrófica. Cada dia que passava, a Solidão ia crescendo mais, até ao ponto de o convencer que esta em extremo podia até matar um pardal. Pois, pelo comportamento dos habitantes do Bosque das Terras Altas, descobriu qual era o verdadeiro significado da verdadeira Solidão. Não aquela que é gerada pela falta de pardais para chilrear! Porque essa é a Carência! Também não é a ausência de pardais queridos! Porque essa é a Saudade! Também muito menos é aquela que se escolhe para nos isolarmos em reflexão! Porque essa é o Equilíbrio! Solidão também não é a ausência de outros pardais! Porque essa é a Circunstância! Solidão é muito mais do que estas definições, uma vez que a verdadeira Solidão é aquela que nos faz perder de nós mesmos. E, o Pardal Jovial encontrava-se perdido num amor que o devorava lentamente. Estava a ser cada vez mais difícil viver sem o seu Pardal Espiga Dourada, uma vez que tudo lhe fazia recordar o carinho e o amor correspondido desta. Pelo que sem poder viver mergulhado naquele sofrimento, o Pardal Jovial decidiu procurar o seu

amor, e se necessário penitenciar-se de todas as faltas censuráveis que cometeu para com ela.

Ainda a Rosa de Fogo não tinha desabrochado na sua totalidade e já o Pardal Jovial voava em direcção às Quintas da Fartura e da Ociosidade. No fim desse dia, muito cansado, pousava num marco branco que cobria uma fonte de água cristalina e borbulhante, precisamente aquela onde viu pela última vez o Pardal Espiga Dourada. E, encontrou-a sozinha nuns silvados ali perto. Surpreendida, ela olhou para Pardal Jovial e ficou paralisada, até os seus olhos doces ficaram fixos no olhar dele, e a expressão deste olhar valia mais que mil chilreares. Os dois pardais ficaram ali mudos e quietos, a olhar simplesmente um para o outro, e nesse olhar souberam ler o que os seus espíritos queriam chilrear.

Depois da surpresa ter-se dissipado, o Pardal Espiga Dourada pensou em voar para as asas do Pardal Jovial. Mas um piar surdo conteve este impulso ao chilrear-lhe: que aquele momento tão esperado era único e devia ser aproveitado somente para trocarem ternos olhares um ao outro. Passada que foi a surpresa do encontro, o Pardal Jovial alterou a expressão da comissura do seu bico e passou a sorrir-lhe abertamente, como que a dizer-lhe com aquele singelo sorriso: «sim, tu és o amor da minha vida! Sem ti não sei viver, doce Pardal Espiga Dourada!». E o Pardal Espiga Dourada respondeu-lhe com outro sorriso, simples e sedutor, aquilo que lhe ia no espírito: «estou muito feliz por o saber! Meu Bem! Meu amor!». Então na mesma mímica ele voltou a responder-lhe: que tinha vindo para ficar, e que queria ocupar um cantinho do seu coração. E o Pardal Espiga Dourada chilreou num piar claro e sonoro: «Voltaste meu amor! Ainda bem que voltaste! Eu já não aguentava mais tantas saudades tuas! Não podia viver mais sem o teu odor; sem as tuas asas a acariciarem-me; sem o teu bico junto ao meu! Sem te ter perto de mim, pensava que morria lentamente nestas Quintas da Fartura e da Ociosidade! Eu amo-te muito Pardal Jovial! Sempre te o disse sem reservas e sem pudor. E tem sido com a esperança no teu regresso que eu tenho vivido os últimos tempos neste lugar! Somente vivo para te amar, meu Bem! E, sempre te amarei por toda a minha vida! Tu és tudo para mim! Eu confesso-te Pardal Jovial: que pode o mundo acabar; pode o Tempo parar; tudo pode acontecer

aqui nas Quintas da Fartura e da Ociosidade que eu não te vou esquecer! Pode até mesmo o Céu Azul desabar; pode secar o Oceano Aberto e Sem Fim! Só não pode morrer o meu amor que sinto por ti! Eu te amo muito e sempre te amarei meu amor!».

O amor que o Pardal Jovial sentia pelo Pardal Espiga Dourada era pungente e intenso. Felizmente estava a ser correspondido por ela com igual intensidade. Caso contrário, ele provavelmente enlouquecia… O tempo que se seguiu foi um tempo maravilhoso e para os dois pardais inesquecível, entre carícias ardentes, intervaladas com muito chilrear, uma vez que havia muitos assuntos a tratar e a pôr em ordem. Apesar da atmosfera ser idílica e muito apaixonada, o Pardal Jovial ainda estava estupefacto. Pois, tinha dificuldade em acreditar que aquele sonho se materializara. A Paixão entre os dois pardais era avassaladora. Para eles não era importante saberem o porquê de tanto desejo, tanta entrega, tanta certeza, tanta saudade, uma vez que o importante para eles naquele momento era estarem novamente juntos… Apenas sabiam que não foi fácil o tempo que passaram um sem o outro. O Pardal Jovial chegou mesmo a perder os seus sonhos positivos, e os seus objectivos ficaram muito turvos. O regresso dos tempos antigos só foi possível porque aprendeu com as vicissitudes da vida que os seus sonhos estavam depositados no Pardal Espiga Dourada. Porque precisava muito dela para respirar e para viver. Pelo que ao seu ouvido lhe chilreou: «Ontem sonhava contigo, hoje sei que não dormirei! Pois o ardor dos teus beijos, para além de queimarem-me com o seu calor, vão acalentar os meus sonhos mais atrevidos!». «Meu querido! Muito tempo já se passou desde a última vez que nos vimos! Quanta coisa nas nossas vidas não mudou? Mas este meu amor sempre por ti esperou!». O Pardal Jovial Chilreou-lhe como resposta: «Meu amor! Ainda não entendi porque um dia cheguei a duvidar de ti? Fui um tonto e louco! Perdoa-me meu amor! Eu amo-te tanto que até perco a razão, só de pensar que te posso perder!». E ela chilreou-lhe: «O melhor é não pensarmos mais no passado, e vivermos somente este maravilhoso presente!». E, o Pardal Jovial chilreou: «Sim meu amor! Saibamos viver este amor que veio para ficar!».

E foram muito felizes…

O Doentio Desejo do Poder

O tempo cometeu a grande inconveniência e a pérfida intromissão de passar pelo Pardal Fala Caro, pelo que aquele convivia muito mal com a decadência, e com as misérias que eram próprias da idade. Apesar de ao longo da sua vida, o Pardal Fala Caro ter sabido manter a aparência, o tempo teve a impertinência e a audácia de formar bolsas por baixo dos seus aquosos olhos, e de fazer com que as linhas da sua cabeça descaíssem um pouco. Na verdade, só o altivo olhar se mantinha o mesmo de sempre, tremelicante, nobre e superior. No entanto, o seu andar e o seu modo de voar ainda revelava a solenidade aristocrata de outros tempos, como também a sua meticulosa maneira de se cuidar e de chilrear, deixava transparecer a importância social que aquele ainda detinha no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Mas, o que aquele bando de pardais estava longe de saber, era que o seu douto pardal em costumes e em heráldica, fazia daquela sociedade de pardais um palco onde exibia as suas vaidades, as suas taras e as suas manias, dado que aquele pardal vivia no mundo do sonho e das aparências, para as quais, nunca descurava o mais ínfimo pormenor, nem tão pouco desperdiçava qualquer oportunidade que lhe enriquecesse o estatuto que detinha naquele bando de pardais. O elevado conceito que o Pardal Fala Caro atribuía à forma de se apresentar àquela sociedade de pardais, levava-o a usar na sua pata direita, uma grande anilha, jóia que usualmente os doutores de costumes alardeiam e pavoneiam, para que daquele modo nenhum pardal se atrevesse a esquecer a sua condição intelectual e a sua posição social. Em relação àquela última, o Pardal Fala Caro desenvolveu uma manha que era própria dos pardais figurões, como também, cultivou a engenhosa eloquência que era própria daquela categoria de pardais. Em qualquer conversa, e em qualquer assunto em que o Pardal Fala Caro fosse obrigado a intervir, não deixava de aproveitar a oportunidade para esticar um pouco o assunto para as teias do costume, por forma a impressionar os seus interlocutores com o seu muito saber naquele nebuloso campo das ciências sociais. Aquele manhoso e sabido pardal, aproveitava bem qualquer tema de conversa para demonstrar, tanto a sua nobreza e o sua linhagem aristocrática, como aproveitava a oportunidade, para

com engenhosos chilreares suspensos, insinuar quanto era o privilégio do Bando de Pardais das Terras Altas terem à sua disposição o seu saber e o seu vasto e apurado conhecimento.

Num certo dia, um jovem pardal colega do Pardal Fala Caro em costumes, apresentou-se no seu luxuoso e requintado ninho, com uma procuração de um bando da Comunidade de Pardais Pensadores, em que lhe pedia para intermediar um caso de especulação de riquezas e de fortunas. O Pardal Fala Caro ficou atónito e surpreendido com tal procuração, pois era bom de mais para ser verdade, pelo que duvidou da veracidade da proposta contida naquele documento. No início, pensou tratar-se duma partida proveniente de algum pardal brincalhão e gozador, pelo que com insolentes piares e maus modos, insistiu com o seu jovem colega, Pardal Mensageiro, para aquele provar o que lhe acabara de anunciar. Só depois de ter verificado a genuína marca do Pardal Tabelião no documento físico, é que reconheceu a presunção de veracidade daquele documento, dado que era do seu perfeito conhecimento que não bastava ter o timbre oficial do Pardal Tabelião para o considerar como tal, era preciso a sua marca energética e incontestada para que aquele documento fosse verdadeiro. Mesmo assim, só depois de ler pela terceira vez o seu nome a encabeçar os escritos é que o Pardal Fala Caro ficou definitivamente convencido da veracidade da procuração. Então, uma metamorfose eclodiu nos seus aquosos e tremelitantes olhos. Os vapores de uma grande vaidade começaram logo a embriagar a sua mente e a modificar o seu semblante, uma vez que desde que teve a certeza da veracidade daquele documento, passara a atribuir àquela inesperada e invulgar proposta que era devida exclusivamente à sua fama de notável causídico ter muito justamente ultrapassado os limites do Bosque das Terras Altas.

Pois bem, aquela procuração teve o mérito de despertar o egocentrismo do Pardal Fala Caro. Pelo que a sua lábia sempre solta e livre, encontrou terreno úbere para impressionar o seu jovem colega. Assim, com o seu habitual tique, o Pardal Fala Caro passou a sua asa direita pelas ralas penas da sua cabeça, como que a refrescar memórias passadas e antigas. E, depois, de forma paternalista, pôs a sua asa direita sobre o ombro do jovem pardal, e começou

lentamente a andar por um comprido ramo, ao mesmo tempo, que lhe confidenciava longas referências aos seus altos quilates de inteligência e ao seu já poeirento douto saber. Durante aquela lenta e pausada caminhada, o Pardal Fala Caro chegou mesmo a confidenciar ao Pardal Mensageiro, que quando ainda era um pardalinho, um pardal ancião amigo do seu muito nobre e afamado pai, já naquele tempo havia previsto que ele era um sobredotado e tinha uma perigosa inteligência que o destinava a grandes feitos. Claro que ocultou ao seu jovem colega, que desde então, tinha levado o comentário do pardal ancião amigo da sua família à letra, e por isso, desde muito cedo começou por desenvolver os seus prodigiosos talentos fora do costume e da graça do Ser Cósmico. Propenso para a burla e para a vigarice, mal lhe despontaram as primeiras penas compridas por baixo do bico, destro nas habilidades da oratória e da lábia, muito cedo começou por fazer corta-mato para o estrelado do mundo pardo das ilegalidades, e foi graças à experiência que adquirira naquele lodoso mundo, que mais tarde lhe deu os indispensáveis saberes e os necessários conhecimentos em costumes e em aristocracia.

Depois do Pardal Mensageiro se ausentar das paisagens do Bosque das Terras Altas, os dias foram passando pachorrentos e todos iguais, até que um dia houve, que se soube naquele bosque, que o seu “notável” causídico fizera diversas viagens até às Terras do Vicio e da Degradação Moral, pela sua aparência ostensiva e mais altiva daquela que conheciam, chilreava-se no bosque: que o serviço para que fora contratado fora para ele altamente benéfico e vantajoso. E na verdade, pela representação que detinha da Comunidade dos Pardais Pensadores, aquele causídico fora recompensado por aquele desconhecido bando, com raras e principescas preciosidades.

O Tempo foi passando e muitos serviços foram solicitados ao Pardal Fala Caro, pelo misterioso bando de pardais das Terras do Vicio e da Degradação Moral, o qual, somente dava sinais da sua existência através do jovem Pardal Mensageiro. Apesar do Pardal Fala Caro, engenhosamente, mais do que uma vez, ter tentado furar aquele secretismo, continuava a não saber muito sobre o seu misterioso cliente. No entanto, para seu gáudio, e para satisfação do seu misterioso cliente, todos os serviços que lhe foram encomendados, foram por

ele realizados com excelência e nenhum reparo daquele reservados pardais, pelo que foram fartos e generosos os proveitos que deles angariou. Embora, o Pardal Fala Caro tivesse o crescente sentimento, que dia após dia, prostituía a sua inteligência e o seu saber a misteriosos interesses, isso pouco o importava, dado que o seu invisível escudo do dever e da missão cumprida, o protegia da sua inoportuna Consciência. Por outro lado, a sua mente pouco dada a escrúpulos, apenas lhe exigia a vitória das contendas, e se necessário a qualquer preço, dado que aquela correspondia ao arrecadar de generosas benfeitorias e muitos privilégios. Apesar de nos dias em que um céu de chumbo se confundia com as nuvens tempestuosas o obrigassem à imobilidade e à reflexão, e nesses dias cinzentos e húmidos, invariavelmente, reflectisse sobre a ética e a deontologia das suas actuações profissionais, chegava sempre à conclusão, que as mesmas colidiam com os cânones de conduta pré estabelecidos para um Pardal de Bem, mas, que por outro lado, aquelas sucessivas vitórias correspondiam ao seu imediato sucesso financeiro. Com o caudal de riquezas e mordomias a alimentar desmesuradamente a sua fortuna, o Pardal Fala Caro transformou-se no pardal mais opulento e abastado do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, e por conseguinte, aquele pardal tornou-se no pardal que mais admiradores e amigos angariava. Para todo o lado que fosse, um séquito de pardais o seguiam, na expectativa daquele deixar cair algumas migalhas, ou até duma fugidia atenção daquele opulento pardal de olhar altivo e tremelicante.

Apesar do Pardal Fala Caro não hesitar em hostilizar aqueles seus admiradores com alarves e insolências, aqueles pardais não deixavam de ser para ele inveterados seguidores e bajuladores. O Pardal Fala Caro chegou mesmo a chilrear num piar por eles bem audível, que os seus novos pardais amigos comportavam-se como se fossem a sua própria sombra, pois quando a Rosa de Fogo aquecia, rodeavam-no, e estavam sempre a seu lado, embora nos dias pardos em que esteve à chuva e ao frio, ele não tivesse encontrado nenhum daqueles seus recentes pardais amigos. Os pardais vítimas das suas tiradas de ironia e de mau gosto, apenas com os seus bicos cabisbaixo sorriam trinados amarelos, que eram ditados pela conveniência, a fim de com aqueles

trinados esconderem o seu maltratado orgulho, e ao mesmo tempo não ofenderem o seu benfeitor.

Um dia, o Pardal Mensageiro mais afoito do que lhe era reconhecido, fez com que um sonho acordado preenchesse a maior parte das noites do Pardal Fala Caro, e agigantasse ainda mais o espectro da sua ambição. Pois o Pardal Mensageiro, no seguimento de um largo e rasgado elogio à brilhante actuação que o Pardal Fala Caro fizera na defesa dos interesses do misterioso bando das Terras do Vicio e da Degradação Moral, aproveitou para lhe insinuar em tom reservado e conspirativo, que o Eu nobre e guerreiro daquele pardal, que estoicamente transportava o estandarte da excepcional inteligência e da fácil retórica, o dotava com o divino dom para a liderança e para o comando do Bando de Pardais das Terras Altas. No início, tal insinuação fez com que o Pardal Fala Caro ficasse surpreso e recusasse. Todavia, de seguida ficou sonhador e muito ausente. O Pardal Mensageiro, vendo o efeito que o seu chilrear causava naquela ambiciosa mente, continuou em voz sussurrante a conjurá-lo a penetrar fundo no seu coração, e a interrogar o secreto piar da sua Consciência, se aquela conhecia algum pardal mais esclarecido, mais respeitável e mais sabedor dos costumes do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas do que ele? O Pardal Fala Caro, apesar de nunca se ter debruçado sobre tal assunto, depois de rapidamente consultar a sua Consciência, a resposta desta foi pronta, uma vez que aquela também tinha em conta, que somente ele tinha aquelas nobres e indispensáveis qualidades para a liderança do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

O Pardal Mensageiro, dotado de grande Persistência e Sedução, confidenciou-lhe ainda: «é bem visível a estima e a grande admiração que os pardais nutrem por si!». Ao mesmo tempo que de soslaio olhou para a suas sombras, e acrescentou: «até alguns deles raramente o deixam só!». Com um piar astuto e muito matreiro disse ainda ao Pardal Fala Caro: «já ouvi deles algumas insinuações a esse respeito! Pelo que sem reservas, deve depositar toda a confiança na opinião de tão dedicados e extremosos pardais amigos!». O Pardal Mensageiro, continuando num piar conspirativo, disse ao Pardal Fala Caro: que era bem visível nos pardais que permanentemente o rodeavam e

que o seguiam para todo o lado, o carisma e a magia que ele tinha para os liderar e para os conduzir a uma mata de felicidade e de opulência. Em tom ainda de confidência e de secretismo, disse ao Pardal Fala Caro: que a troco de futuras eventuais influências, aqui e ali... até conhecia pardais que estavam disposto a financiar a sua campanha política, com vastos fundos e com os mais modernos e sofisticados meios, que lhe assegurariam uma acentuada probabilidade de vir a liderar o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Para além da convincente e muito sedutora sugestão oferecida, onde a opulência e o prestígio que esta posição angariava estava em evidência, contribuiu decisivamente para aquele sentir a necessidade de melhorar o seu estatuto social.

Nas cálidas noites que se seguiram, o Pardal Fala Caro sonhou acordado com complexas estratégias políticas, onde se via a atemorizar e a obrigar os pardais em situação de desvantagem a fazer qualquer coisa, mesmo que essa não fosse a sua vontade, ou a seu favor. Com uma frequência muito suspeita, naquelas estratégias sonhadas, o Pardal Fala Caro atemorizava os mais fracos e adoptava um único sentido na sua futura liderança, que era o de cima para baixo, do mais forte para o mais fraco, pois só assim, o medo e a cobardia daqueles se instalaria, e com ele o verdadeiro controlo dos destinos do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, e desse modo, o caminho para o comando supremo e para o poder absoluto no bando estaria aberto. Nas noites seguintes, o Pardal Fala Caro continuou a sonhar acordado, e nesse sonho via-se sempre como o pardal mais poderoso do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Sonhos houveram, em que o transformava no líder de todos os bandos de pardais que habitavam para além dos limites do Bosque das Terras Altas. Gravemente afectado pelo doentio desejo do poder, o Pardal Fala Caro já não pensava noutra coisa que não no poder supremo e absoluto sobre os pardais daquele bando.

Poucos dias tinham decorrido desde o dia em que o Pardal Fala Caro solidificara o desejo de ser candidato à liderança e comando do Bando de Pardais das Terras Altas, quando voltou a ter a visita do Pardal Mensageiro. Desta vez, trazia consigo o Pardal Imagem, o qual, com a autoridade dos

entendidos e conhecedores, começou logo por fazer reparos e criticas à imagem e à pose do Pardal Fala Caro.

Depois do Pardal Imagem ter esteticamente cuidado e melhorado a imagem do Pardal Fala Caro, de ter corrigido a sua respiração e até depois de ter corrigido a sua dicção, o candidato a líder do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, metamorfoseou-se num outro pardal. Agora, de aspecto mais jovem, mais alegre e mais sorridente. Magicamente, passou também a dispor de todo o tempo para qualquer pardal que dele se aproximasse, como também, passou a ter para além de um piar amigo, gulosices para os pardalinhos, e para os mais velhos presentes alusivos ao seu futuro projecto.

Depois do Pardal Fala Caro ter aprendido a dominar as emoções e ser exímio no charme e na simpatia para com os pardais do Bando, o Pardal Imagem veio acompanhado do Pardal Guião, exímio nas letras e em cultura social, que começou logo por escrevinhar algumas notas que deveriam ser obrigatoriamente incluídas nos seus discursos. Aquele letrado pardal, passou de imediato a orientar e a exigir do Pardal Fala Caro a leitura dos seus apontamentos com muita convicção, e com uma aparente espontaneidade, para que aqueles parecessem aos pardais simples e mundanos credíveis e verdadeiros. Assim, num piar claro, que procurava ser convincente, o Pardal Fala Caro repetia um sem numero de vezes o conteúdo daquelas ideias programáticas. Numa delas, o Pardal Fala Caro amava a Grande Mãe e sentia uma profunda paixão pela Liberdade de todos os pardais. Numa outra afirmava que se viesse a ser o líder do Bando de Pardais das Terras Altas, nunca um pardalinho mandaria num pardal ancião, nem um pardal imbecil conduzira um pardal sábio, e nem tão pouco aquele novo líder permitiria que um punhado de pardais nadasse no supérfluo, enquanto que a um bando inteiro de pardais faltava o necessário à sua sobrevivência. Obviamente, que repetir incansavelmente estas notas, só foi possível acontecer depois do Pardal Guião ter-lhe garantido que era apenas mera retórica, não tinha necessidade de levar à letra, uma vez que em política nunca se cumpre o que se promete e ganha eleições o pardal que muito promete. O Pardal Fala Caro para mostrar ao Pardal Guião que tinha entendido a mensagem replicou: «funciona como se

fosse uma moeda de troca! Os pardais do bando dão o seu voto em troca da esperança de melhorias na sociedade de pardais, vencendo as eleições quem dispuser do melhor discurso!». «Isso mesmo! Isso mesmo! As promessas são contratos firmados pela Consciência, sujeitos a mudanças no decorrer dos acontecimentos! Claro que dependendo das circunstâncias em que foram feitas!». «Estou a compreender, a promessa é apenas o pedido de um bilhete de passagem, que não foi pago, e que se perde no caminho, onde a viagem acaba muitas vezes por ser um círculo no qual voamos em nossos próprios erros, sempre à sombra de nós mesmos!» respondeu o Pardal Fala Caro. «Isso Mesmo! Isso Mesmo!».

Quando o Pardal Imagem, e o Pardal Guião deram por concluída a aprendizagem elementar do novo pardal político, aqueles solicitaram ao Pardal Fala Caro, que improvisasse um pequeno discurso onde focasse o tema da segurança e a estabilidade dos pardais, tema geralmente muito querido e apreciado por todos os pardais do bandos, a fim daqueles pardais mestres aferirem a evolução do seu pupilo. O Pardal Fala Caro subiu para um ramo um pouco mais elevado, e como se aquele fosse um palanque, tomando uma pose estudada de liderança, começou por interrogar imaginários eleitores, e deles quis saber, quem eram os pardais pouco esclarecido que ignoravam que onde cessasse o vigor e o rigor dos costumes, não haveria para eles nem segurança nem liberdade? E que por isso, seria de bom senso aqueles pardais cumprirem de boa vontade e com justa confiança o que os seus anciãos decidiram para eles fazerem, pois caso o não o fizessem, em nome do verdadeiro interesse do Bando de Pardais das Terras Altas, aqueles pardais seriam obrigados a cumprir tal decisão pela força. Com aquele improvisado discurso, o Pardal Imagem esbugalhou os olhos de espanto e eriçou as suas fartas penas da cabeça em sinal de rejeição absoluta, enquanto que o Pardal Guião explodiu com um ataque de nervos advertências: «Não! Não! Não! Mais democrático! Mais democrático! Para não assustares os pardais eleitores. Com aquele pequeno improvisado discurso, o Pardal Guião verificou que ainda tinha muito trabalho pela sua frente.

Depois de muito treino, de muitas notas, e de muitos concelhos, tanto o Pardal Imagem, como o Pardal Guião acharam que o Pardal Fala Caro estava por fim pronto para o grande combate. Dias mais tarde cada pardal do Bando do Bosque das Terras Altas recebia no seu ninho a seguinte mensagem: " Caro pardal do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. A primeira mensagem que te quero transmitir é simultaneamente um pedido e um apelo que te faço para votares na minha candidatura a lidere do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Todos os pardais do bando me conhecem, sabem como estou no bando, e não desconhecem as regras de conduta que sempre elegi como prioritárias e únicas. Defendo e bato-me por nobres e elevados valores. Estou disposto a combater o Pardal Ditador para que o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas envereda na senda do progresso e da prosperidade. Juro-te que combaterei em prol destes ideais com a mesma tenacidade e com a mesma intensidade que sempre dediquei aos grandes desafios pessoais. Como sabes, esta não será uma eleição individual, será antes a escolha de um projecto e de uma linha de rumo para todo o bando. Por isso, o actual momento exige de todos os membros do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, serenidade e confiança na sua capacidade de união, de empenho e de sacrifício em torno do futuro novo lidere do bando, que serei eu, o Pardal Fala Caro. Conto contigo para me ajudares a transformar o Bando de Pardais das Terras Altas num novo bando: mais moderno, mais dinâmico e com mais abundância de riquezas para todos os pardais que o compõem, e tudo isto está ao teu alcance pardal se me confiares o teu voto. Conto contigo pardal eleitor. Vota em mim para comandar este histórico e glorioso Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas até ao Céu Azul e da Força Subtil".

O Discurso do Pardal Ditador

Quando a propaganda que apelava ao voto no Pardal Fala Caro chegou ao conhecimento do Pardal Ditador, aquele pardal veterano de muitos conflitos, lançou pragas e sortilégios ao Vento Selvagem. Depois, já menos colérico e mais conformado, manhosamente pensou tomar a dianteira na tomada de posições para o combate que se adivinhava próximo e muito renhido. Pelo que se rodeou imediatamente dos pardais anciãos bajuladores e ávidos por distinções e mordomias, que de imediato o aconselharam a convocar, com urgência, para a velha Árvore da Sabedoria, símbolo da Força, da Tenacidade e da Resistência do Bosque das Terras Altas, uma sessão de esclarecimento, por forma a que os seu “queridos” Pardais do Bando estivessem conscientes de quanto aquela mensagem era perniciosa para a harmonia e estabilidade do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. E, acima de tudo, qual deveria ser a posição que os leais pardais do bando deveriam tomar perante tão vil e pernicioso apelo ao voto.

À hora anunciada para o início da sessão, o Pardal Ditador pousou no centro da Árvore da Sabedoria, com a nobreza que todos lhe reconheciam. Dirigiu-se ao palanque com garbo e um visível entusiasmo, o qual já estava rodeado por pardais anciãos bajuladores e notáveis do bando, que ansiosamente o aguardavam para efusivamente e perante toda aquela assembleia de pardais o saudarem, uma vez que daquela forma bem visível, demonstrariam àquela turba de pardais como eram próximos do Pardal Ditador, e quanto eram por ele considerados. Naquela curta caminhada de glória e de confirmação da sua autoridade, o Pardal Ditador agitava as suas asas em todas as direcções com as duas penas da sua extremidade em sinal de vitória, para daquele modo incentivar a já ruidosa recepção, a ser ainda mais entusiástica e até delirante. Os seus mais acérrimos seguidores, com aquele seu gesto de vitória, ao mesmo tempo que com a cabeça agradecia o entusiasmo demonstrado, de imediato soltaram dos seus bicos um uníssono chilrear de ovação, que fez estremecer as folhas daquele colosso vegetal. Por sua vez, aquela entusiástica aclamação não deixou indiferentes os pardais mais indecisos e pouco

combativos, uma vez que influenciados com aquele ruidoso chilreio de apoio e de contentamento que explodia ao seu lado, para não serem notados, aos poucos juntaram-se aos demais no efusivo e ruidoso apoio político.

Quando a turba de pardais se acalmou, e ficou atenta ao chilrear do velho lidere de pardais, o Pardal Ditador iniciou o seu discurso numa fórmula baseada na grandeza da simplicidade daquele bando de pardais. Assim, aquele velho pardal comandante de pardais começou por habilidosamente dirigir os primeiros piares do seu discurso, aos seus "queridos pardais do Bosque das Terras Altas", justificando que os laços de amizade que os uniam à tanto tempo, e em missões tão adversas assim o impunham. O discurso do Pardal Ditador decorreu estudadamente sereno, ao mesmo tempo que era vigoroso; duro, mas não hostil; severo ao marcar as diferenças entre as duas candidaturas, mas inclusivo ao apelar à união de todos os Pardais do Bando do Bosque das Terras Altas. No seu inflamado discurso, o Pardal Ditador lançou um lema que tudo indicou vir a ser um dos pilares da sua candidatura: "O Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas é um só". Assim, num chilrear seguro, em nome da fraternidade e da harmonia existente há muito tempo no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, o Pardal Ditador expos as suas ideias programáticas da sua candidatura.

Numa parte avançada do discurso, o Pardal Ditador chilreou o seguinte: «Somos todos irmãos no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas! Lutamos pela união dos pardais do bando e não pela sua divisão! Pode haver uma desavença aqui, outra acolá, como em qualquer outro bando de pardais! Mas, o nosso objetivo é somar e agregar! Nunca dividir! Nunca excluir! O Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas tem grandes carências! Não podemos perder energia com disputas entre pardais!». Para dar consistência a este fragmento do seu discurso, chilreou: «o apreço manifestado por todos os pardais à atual liderança, foi crucial para chegarmos a aonde chegamos! Devemos por isso respeitá-la, defendê-la e fortalecê-la! Jamais devemos afrontá-la!». Por algum tempo o Pardal Ditador continuou a enaltecer o esforço do bando em voar na senda da estabilidade e da harmonia.

O Pardal Ditador parecia estar muito à vontade, tanto na fórmula muito estudada, como nos improvisos, para ir à luta com afinco e com determinação. A serenidade como decorria o discurso reforçava este aspecto. Depois de enumerar as vantagens da unidade do bando de pardais, seguiu-se uma estudada pausa, e num tom teatralmente piedoso, evocou o Ser Cósmico, para que iluminasse o seu chilrear, por forma a ter o engenho e a arte de comunicar àqueles seus “queridos pardais”, quanto era importante a união do bando e a paz que se respirava há muito tempo no Bosque das Terras Altas. Todos os olhares focaram com respeito e alguma veneração tão piedoso gesto de humildade e santidade. Dotado que estava da energia emanada por tantos “pardais amigos”, o Pardal Ditador ficou com mais folgo e mais entusiasmo para continuar o seu empolgante discurso político. Quando aquele pardal lidere chilreou à assembleia com grande convicção, como lhe era agradável não pensar nos pardais presentes, sem pensar ao mesmo tempo em todo o seu bem estar, cujo preço, talvez nenhum daqueles pardais da assistência o soubesse avaliar tão bem como ele, pois era enorme o peso e o fardo das responsabilidades que estavam aferidas tanto a ele, bem como aos pardais anciãos daquele bando, a fim de garantirem com estóico e abnegado empenho, a satisfação e os anseios de todos os pardais do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, ao mesmo tempo que proferia este convincente chilrear, virou-se ligeiramente para trás e desenhou um semicírculo imaginário com a sua asa direita, no sentido de abranger os pardais bajuladores, que imediatamente baixaram os olhos muito comovidos e satisfeitos com a manifestação de tão grande gratidão. E continuou aquele lidere a chilrear: que naquele momento, quanto mais reflectia sobre aqueles seus justos anseios, menos podia imaginar, quanto de melhor poderia a Grande Mãe ter contribuído, para que a Vida no Bando do Bosque das Terras Altas melhor pudesse ter-se comportado. Todos os pardais voltaram a ovacionar num ensurdecedor chilreio o sincero desejo de vitória para o Pardal Ditador.

Depois de um estudado silêncio e de ter respirado profundamente aquele banho de multidão, com a sua asa direita fez um gesto de silêncio que de imediato mumificou toda a assembleia pardais, e continuou no mesmo tom simples e persuasivo, a enumerar tudo quanto de bom foi alcançado no Bando

de Pardais do Bosque das Terras Altas com a sua liderança. Naquele seu entusiástico discurso, a matéria abordada com maior ênfase, foi sem dúvida a paz e a harmonia que se respirava no Bosque das Terras Altas, pois já há muito tempo, que aquele bando de pardais vivia em tranquilidade, graças à prudente liderança do Pardal Ditador e de todos aquele que o antecederam.

O Pardal Ditador, vendo que a assembleia bebia todos os seus piares, em embriagantes tragos, aproveitou a oportunidade do momento para com perspicácia salientar uma inverdade, ao proferir que não conhecia, nem antevia eminentes conflitos no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, nem tão pouco conseguia imaginar opositores que devessem temer ou recear, ou outras infelicidades para aquele Bando do Bosque das Terras Altas. Jurou e garantiu ainda a todos os pardais presente, com a sua asa direita dobrada sobre o seu coração, em sinal de fé, que enquanto fosse ele a segurar o leme e o destino do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, nenhum pardal poderia temer pela sua segurança, nem tão pouco pela sua liberdade, pois ele se bateria em sua defesa, contra qualquer ameaça ou contra qualquer perigo, nem que para isso, ele tivesse que derramar e verter o seu próprio sangue. Com aquele arrojado chilrear, todos os pardais se levantaram e aplaudiram euforicamente o seu líder incontestado.

Na continuidade do seu inflamado discurso, aquele astuto líder de pardais, repetiu ainda, que aquela vida pacífica que o bando levava dia após dia, se devia ao seu bom senso e à sua prudência, dado que, quando necessitava de tomar uma imperiosa e difícil decisão, antes de a tomar, perguntava sempre ao seu coração qual o melhor caminho a seguir, e se houvesse mais do que um caminho, ele só seleccionaria como acertado, aquele que contribuísse para o bem-estar e para a paz de todo o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, uma vez que as restantes hipóteses eram por ele imediatamente rejeitadas, porque na certa o iriam fazer sentir desconfortável e muito infeliz, dado que para ele, a felicidade daquele bando era a sua própria felicidade, como de igual forma, as suas amarguras e as suas tristezas eram também as suas, uma vez que, ele sentia o pulsar do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, como sentia as suas próprias pulsações.

O tema da harmonia e da paz existente no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, naquele efusivo discurso, tornou-se num inesgotável e proveitoso filão para o Pardal Ditador, que por essa razão, continuou com mestria a explorar num tom sério e seguro, a existência da paz e da harmonia no bando, as quais eram a essência fundamental, senão nuclear para o bem-estar e felicidade de todo o bando de pardais. Por isso, em nome daquela mesma paz e daquela mesma harmonia, os pardais do Bosque das Terras Altas não deveriam permitir a candidatura de outros líderes. Também, não deveriam questionar a liderança dos notáveis anciãos que aquele escolhera para o ajudar na difícil e sempre espinhosa tarefa de liderar e comandar pardais. Aquele sábio pardal, aproveitou ainda para fazer ténues referências ao seu amigo e malogrado Pardal Profeta, segundo ele, vitima das tentações que foram engendradas pelas forças do malévolo, e que apesar daquele infortúnio o ter atingido, fora sempre um acérrimo defensor e pregador da unidade do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, portanto, em sua memória e em reconhecimento das nobres causas por que lutou, o Pardal Ditador exortou todos os membros do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, em consciência, a obedecerem e a cumprirem o desejo de tão grande vulto e santo pardal, como também não deixou de exortar os pardais do Bosque das Terras Altas a respeitarem a sua obra e a sua divina vontade, porque segundo ele, todos os pardais de bem, tinham no seu coração a escarlate saudade de tão grande dignitário.

Num fluido discurso de persuasão e de manietação das vontades dos pardais do Bosque das Terras Altas, o Pardal Ditador dissertou ainda: que os sábios e justos costumes vigentes naquele bando, e que há muito tempo aquele se regia, estavam a ser administrados por íntegros anciãos da sua escolha e da sua inteira confiança, mais uma vez virou-se para traz e com um leve sinal de cabeça na direcção dos pardais anciãos fez com que estes lhe retribuíssem com uma respeitosa vénia. De súbito, franziu o semblante e de olhar duro, chilreou: que embora houvesse um membro daquele bando, que tentado pelo malévolo, pelo poder da riqueza e da opulência, passasse a ter censuráveis ambições políticas, acrescentando, que sem estar minimamente preparado e

dotado para tal, uma vez que a sua ambição, subjugou a sua consciência a forças misteriosas. O Pardal Ditador, sempre astuto e oportuno na sua perspicácia política, não se referiu mais ao tal ancião de ambições sem limite, que os pardais presentes identificaram logo como sendo o Pardal Fala Caro, preferindo antes continuar a fazer o balanço positivo e optimista da sua liderança do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, e nesse seguimento, continuou a chilrear aos membros do bando: que aqueles não eram nem bastante ricos para se enfastiarem com o ócio, e se perderem em vãs e utópicas delícias, em prazeres obscuros e doentios, em quimeras de sonhadas felicidades e de mágicas virtudes; nem eram também bastante pobres para terem a necessidade de recorrerem à mendicidade e à pedinchice, uma vez que tanto o benfazejo Bosque das Terras Altas, como a sua preciosa liberdade, legado dos seus ancestrais pardais, tinham vindo a garantir o seu sustento, o seu ninho e a sua extraordinária qualidade de vida, somente, na base do seu próprio esforço, e da sua apetência para aproveitarem tudo quanto a generosa Grande Mãe lhes oferecia.

Aquele génio da política e da oratória chilreou ainda: que reconhecia existir desigualdades no seio do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, mas que ele apenas concebia na família dos pardais somente duas espécies de desigualdades: uma, a que ele chamava de natural ou física, porque era estabelecida pela Grande Mãe, e que consistia, tanto na diferença das idades, como na saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, para a qual ele nada podia contribuir para contrariar tal desigualdade; a outra, que ele denominava por desigualdade moral ou política, uma vez que, aquela dependia de uma espécie de convenção que à partida era estabelecida ou, pelo menos era autorizada pelo consentimento dos pardais, e nomeadamente dos seus lideres, que consistia nos diferentes privilégios de que gozavam alguns pardais, com grandes prejuízo de muitos outros. Por isso, ele, Pardal Ditador, não iria tolerar mais que no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, houvessem pardais cujas riquezas e mordomias fossem imensuráveis, enquanto que outros andavam pelo bosque famintos e mal nutridos. Num tom de sério aviso e de asa em riste, chilreou: que iria tomar todas as providências, para que os novos pardais ricos, não viessem a ameaçar com as suas enormes riquezas e com as

suas colossais fortunas, a paz e a harmonia daquele bando de pardais, que tantas gerações de pardais haviam contribuído para a existência deste bem.

Depois do Pardal Ditador ter salientado as virtudes do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas e dos seus antepassados, terminou o seu discurso apelando à unidade do bando, e para isso, ainda salientou: que o único voto que os pardais deveriam abraçar e que deveriam expressar publicamente, era que doravante se mantivessem confiantes no seu verdadeiro e único líder, Pardal Ditador. E tanto mais, que pardais com poucas virtudes e grandes vaidades, nunca, em caso algum, poderiam vir a ser aceites como lideres num bando de costumes e tradições tão ricos em liberdade e em auto-suficiência.

Insistiu ainda aquele mago da política, para que os pardais ficassem atentos e muito em alerta, para não caírem em demagogias e em falsas promessas, onde o único interesse e o único objectivo era a vil conspiração para o derrube da sua liderança, a fim de garantirem benefícios pessoais em detrimento dos demais. Por isso, em tom e em gesto de sério aviso, o Pardal Ditador chilreou ainda naquela sessão de esclarecimento: que havia indispensáveis cuidados a tomar, os quais, se prendiam a que nenhum pardal, que tivesse amor à sua tranquilidade e à sua felicidade, deveria dar ouvidos a pardais conspiradores e mal intencionados, como também, todos aqueles que eventualmente viessem a cair nas malhas do malévolo, os pardais mais avisados deveriam salvar o seu irmão das garras daquela desgraça e daquele infortúnio, chamando-o por todos os meios à razão.

O Pardal Ditador, aproveitou ainda para salientar aos seus “queridos pardais”, que a felicidade que ele sabia existir no Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, era também devida aos seus ancestrais pardais, para os quais pediu um momento de silêncio. Depois de passado o tempo de respeito à memória dos ilustres pardais defuntos, o Pardal Ditador continuou a discursar aos presentes, que ele era o único herdeiro das responsabilidades de liderança e comando, e se os membros do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas viviam em tranquilidade e em paz, o deviam também a esses seus ancestrais antepassados, por terem sabido tornar tal riqueza durável, com a sua grande

sabedoria de bem a aproveitar as riquezas que a Grande Mãe dia a dia lhes oferecia.

O Pardal Ditador chilreou ainda: que nenhum pardal poderia sacudir e rejeitar o honroso e gratificante jugo, que as cabeças mais altivas carregavam, tanto mais, que aquelas cabeças foram concebidas para não carregarem mais nenhum outro peso, senão o peso da preocupação do bem estar e da harmonia de todos os pardais do bando, o qual por si só, já era uma missão para além de muito difícil, era também um fardo espinhoso e muito complicado, olhou de soslaio e viu como os seus bajuladores estavam reconhecidos com tal referência. Reforçou ainda: «os bandos de pardais habituados e acostumados a terem anciãos que os comandam e que os orientam há muito tempo, não podam passar sem aqueles, e quando pardais anarquistas e revolucionários tentaram afastar esse jugo, esses pardais marginais, afastam-se da liberdade, uma vez que geralmente tomam uma liderança desenfreada e criminosa que lhe é oposta, e por isso, nas suas insanas revoluções, acabam sempre por entregar a liderança do seu bando a sedutores e a manhosos pardais sem escrúpulos, que impõem logo como primeiras medidas da sua liderança, as grilhetas, que põem fim à sua liberdade tão ansiada por esses utópicos e insanos pardais!».

Em termos de conclusão, o Pardal Ditador chilreou: «"queridos pardais", às provocações, vamos responder com serenidade! Às falanges do ódio que insistem em dividir o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, vamos responder com nosso trabalho e com a nossa fé num futuro melhor! Vamos doravante responder sempre chilreando a verdade! Aliás, quanto mais mentiras os nossos adversários disserem sobre nós, mais verdades diremos sobre eles!».

No fim, o Pardal Ditador estava muito satisfeito e muito radiante com o resultado da sua sessão de esclarecimento, pois de todos os ramos daquela gigantesca árvore, os pardais batiam as asas e chilreavam desalmadamente, num sinal inequívoco de apoio incondicional e de cega confiança à sua liderança. A ovação foi um delírio prolongado para todos os pardais que de imediato e sem qualquer hesitação lhe juraram fidelidade e incondicional apoio.

Quando o Disco Meio luz Meio Sombra iluminou a Árvore da Sabedoria ainda os Pardais do Bosque das Terras Altas estavam em delírio e em grande festa.

Apresentação da Candidatura do Pardal Fala Caro

O Pardal Fala Caro, ao ter conhecimento da grande participação de pardais no discurso do Pardal Ditador, ficou muito colérico, e nos primeiros momentos que se seguiram à noticia, descarregou toda a sua fúria nos incautos pardais que estavam próximos de si, com injurias e muitos impropérios. Quando esgotou o seu vasto repertório de chilreares proibidos, ficou muito mais calmo. Reflectiu ainda durante algum tempo, e depois, com uma delicadeza forçada e manha no semblante, mandou chamar o Pardal Imagem e o Pardal Guião à sua presença, que não demoraram muito tempo a estarem a sós com ele, no seu faustoso ninho. Aqueles pardais especialistas da comunicação e da retórica, muito antes de ouvirem o que o Pardal Fala Caro tinha para lhes chilrear, aconselharam-no logo a convocar de imediato uma assembleia de pardais para a apresentação do seu programa eleitoral a líder do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

Nas vésperas do grande acontecimento, o Pardal Imagem, visivelmente nervoso e muito tenso, multiplicava-se em preocupações e em esmeros. A tenção do momento levava-o, ora a retocar a inclinação teimosa de algumas penas ralas da cabeça do Pardal Fala Caro, ora levavam-no a limpar-lhe os olhos sempre lacrimejantes e teimosamente tremelicantes, como se aqueles fossem um insecto à volta de uma forte luz. Por sua vez, o sempre nervoso Pardal Guião, incessantemente recordava-lhe quais eram os temas de abordagem obrigatória no seu discurso, como também, não se cansava de lhe recordar a importância das pausas e dos silêncios neste, Pois segundo aquele especialista, aquelas quebras de ritmo eram muito importantes para a credibilidade deste, como também eram importantes as vibrações e as entoações no discurso, pois estas confeririam alguma espontaneidade no seu chilrear, e por conseguinte alguma Verdade. Por outro lado, incansavelmente, aqueles seus pardais assessores da aparência e da oratória, aconselhavam-no a que para além de aparentar uma postura simpática e graciosa, deveria também evidenciar um grande charme e um cativante chilrear para os pardais fêmeas, a fim de com estes atributos garantir daqueles pardais, tanto a sua

influência magnética que detinham sobre os pardais machos, como também os seus preciosos votos na sua candidatura. Todavia, advertiram-no repetidamente, que toda a encenação não resultaria por si só, se esta recaísse nos ávidos ouvidos dos pardais descontentes e muito críticos à gestão do bando de pardais. Pelo que era indispensável ter alguns pardais a fazer claque, bem como ter um bom conhecimento e uma boa preparação nos temas que iria abordar na sua apresentação de candidatura a líder do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas.

Quando aqueles pardais peritos da imagem e da gramática deram a sua missão por concluída, não deixaram de se questionar se o futuro lidere do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, estava, ou não, apto para o duro combate que se avizinhava. Com olhares distantes e introspectivos, mentalmente concluíram, que dos três factores que poderiam determinar a vitória na campanha política, ou na sua derrota: o Físico, o Intelectual e o Espiritual, o Pardal Fala Caro em qualquer um daqueles factores preponderantes ao sucesso, apresentava uma excelente performance, uma vez que quanto ao seu aspecto Físico, não descorava uma única pena fora do seu lugar e utilizava os melhores odores das flores do bosque. E tanto mais que a sua nova imagem, sempre alegre, descontraída e muito espirituosa para com todos os pardais que dele se aproximavam, de certo que o iria favorecer muito, embora, o Pardal Fala Caro apresentasse uma fraqueza no seu aspecto físico, uma vez que era de estatura baixa e um pouco forte, o que não era das melhores aparências para um combate daquela magnitude.

Apesar do Pardal Fala Caro, nos últimos tempos ter feito intermináveis caminhadas nos muitos ramos e galhos do velho carvalho do Bosque das Terras Altas, e ter voado um sem número de círculos em redor da sua larga copa, a fim de revigorar a sua saúde e melhorar a sua aparência física, o que é certo, é que não conseguiu lá grandes resultados, talvez, porque continuava a gostar da boa gastronomia local. Pelo que o Pardal Imagem recomendou-lhe mais do que uma vez, para não sobrecarregar o papo com muitos alimentos, a fim de disfarçar a sua rotundidade crónica, mas acima de tudo, recomendou-lhe que no dia de apresentação da sua candidatura a lidere do Bando de Pardais

do Bosque das Terras Altas, era fundamental ingerir parcos alimentos, para evitar o eventual surgimento de um mal-estar durante a famigerada apresentação da sua candidatura. Pois, a acontecer tal infelicidade, poderia vir a ser fatal para a sua vitória tão desejada. Com a preocupação centrada somente na aparência do Pardal Fala Caro, o Pardal Imagem instruíra-o incessantemente para que este não chegasse ao palanque cansado, nem com estudo em excesso, uma vez que a debilidade do seu estado físico, poderia prejudicar a performance e o ritmo da sua apresentação. E se tal acontecesse, bem poderia aquele pardal dizer adeus à futura liderança do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Quanto ao aspecto intelectual, não havia reparos de maior a fazer, uma vez que aquele pardal era um eximo conhecedor dos costumes e hábitos daquele bando de pardais, como também, era um bom conhecedor da heráldica e da linhagem dos mais nobres pardais daquele bando. Quanto ao aspecto espiritual, o Pardal Fala Caro já era manhoso e interesseiro como o eram os demais anciãos do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, e por isso, esgrimia aquele tema de harmonia com as suas conveniências e a seu belo prazer. A manha do Pardal Fala Caro chegava até ao ponto de ter memorizado algumas passagens dos sermões do malogrado Pardal Profeta, e nos momentos cruciais das suas afamadas dissertações, usava-as para dar mais ênfase e consistência aos seus debates. Na verdade, nas suas muitas contendas, aquele causídico usou e abusou da muleta espiritual, dado que aquela lhe permitia ser considerado por todos os pardais, um pardal de bons e de irrepreensíveis costumes, como também ainda era considerado como sendo um talentoso e dotado orador. E tanto mais, que na tribuna ou no palanque, com aquelas frases já feitas, podia incendiar as assembleias de pardais sempre que o quisesse, pois nenhum deles se atreveria a contestar o Divino.

No famigerado dia, quando o Pardal Fala Caro estava prestes a entrar em cena, ainda um eco do chilrear dos seus pardais assessores ricocheteava na sua mente. Pois, aqueles pardais impuseram-lhe que conhecesse ao mínimo pormenor os pensamentos dos pardais eleitores, que procurasse saber o que faziam no seu dia a dia, e como o faziam. Segundo aquelas inteligências, deveria ainda ter conhecimento de quais eram os seus prementes problemas

do dia a dia, e acima de tudo, quais eram os seus recursos, e quais eram as suas expectativas imediatas. Pois, para aqueles pardais assessores, só conhecendo as necessidades básicas dos pardais do bando, e as suas mais elementares aspirações, é que o Pardal Fala Caro poderia discursar no sentido de prometer utopicamente a satisfação e a realização de todos os anseios daqueles pardais. Estas reflexões levaram-no também naquele momento a questionar: se a ganância dos pardais era tanta quanto o medo que sentiam em perder o status alcançado até então no bando de pardais! Seria o seu desejo de poder maior do que a ganância? Seria o virar as costas àqueles que o estavam a ajudar presentemente na caminhada para o sucesso, a melhor resposta ao medo que sentia de ser no futuro incomodado pelos “pedidos” de elevados cargos na administração do bando, ou de recebimentos de mordomias imerecidas? Qual seria a medida adequada para atrair aquela turba de pardais com os quais sabia poder contar na hora de batalhar pelo voto se estivessem saciados no seu sonho de abundância de recursos e poder! Qual seria a graduação do chilrear necessário para emocionar e sensibilizar todos os pardais presentes à apresentação da sua candidatura? Haveria diferença no carácter dos pardais que procuram a riqueza, daqueles que o fazem somente por um ideal? A falta de respostas a estas questões, deixavam o Pardal Fala Caro bastante inseguro e até muito indeciso, o que não deixava de ser surpreendente. A justificação a todas estas dúvidas só poderiam ser atribuídas ao grande nervosismo que sentia apoderar-se dele. Todavia, estava convicto que os pardais emergentes duma eleição vitoriosa, mesmo daqueles pardais que nunca tiveram riquezas e delas desfrutariam, agora com abundância; ou mesmo daqueles pardais simples que virão a ocupar cargos na administração do bando de pardais, para eles tão importantes. Seria somente no preciso momento em que tomassem posse nos seus novos cargos, é que se conheceria o seu verdadeiro carácter. Contudo arriscava antever a manifestação do pior do seu carácter. Recordou ainda, como aqueles seus pardais assessores fizeram-no acreditar, que até o pardal mais leviano, e de mente superficial, com a aprendizagem das suas técnicas de encenação e de aparência, poderia vir a ser um bom orador e um potencial candidato ao sucesso de qualquer candidatura de poder e de domínio. Por isso, o Pardal Fala Caro rapidamente libertou-se das suas dúvidas e interrogações e passou

a estar mais confiante e muito mais seguro da sua vitória. Pois, com aqueles experientes pardais aprendera a dominar os três elementos natos para a governação e para o domínio do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, dado que:

Primeiro, aprendera a encenar a Humildade, a fim de com esta alcançar a Graça e a Generosidade dos pardais daquele bando;

Segundo, aprendera a simular Persuasão, a fim dos convencer que de entre todos os candidatos ele seria sempre o melhor e o mais dotado para o comando e liderança suprema do bando de pardais;

Terceiro, não era preciso ter gosto pelo estudo dos Costumes, Hábitos e Práticas do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas, uma vez que ele já era um exímio conhecedor daquela temática.

Assim, na posse do conhecimento e de muitos saberes para a liderança do bando de pardais, o Pardal Fala Caro acreditava estar mais do que dotado para ser o próximo líder do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. A troco de presentes de grande valor para os pardais dependentes, e sem grande importância para os pardais abastados, com promessas de distinções honoríficas e ocupações de cargos prestigiados na administração do bando de pardais, o Pardal Fala Caro conseguiu que na sua apresentação de candidatura à liderança dos Pardais do Bosque das Terras Altas, a Árvore da Sabedoria estivesse tão composta de pardais atentos e muito entusiásticos, como tinha estado alguns dias atrás com o discurso do Pardal Ditador.

Com uma oratória muito fluente, muito viva e determinada, o Pardal Fala Caro começou logo por exortar a assembleia de pardais a não se deixarem enganar, nem tão pouco a deixarem-se intimidar pelo Pardal Ditador e seus lacaios, com as subtis ameaças de calamidade, derrotismo e anarquia geral entre os pardais daquele bando. Com uma grande eloquência e um gesto de asas como se pretendesse abraçar todos aqueles pardais que o escutavam com atenção, enalteceu a sua coragem e o sentido de independência que demonstravam, e

salientou num chilrear bem sonoro, que por serem tão corajosos e destemidos, era com mérito próprio merecedores da Liberdade, tão desejada por todos os pardais do bando. E todos unidos por aquele nobre ideal, lutariam se necessário fosse contra os pardais autistas e autocráticos do bando. Mais do que uma vez, o Pardal Fala Caro agradeceu a prova de confiança que aqueles "corajosos pardais" lhe endossaram com a sua maciça presença, com o seu apoio e com o regozijo que demonstravam.

Depois de mais alguns humildes agradecimentos e exaltações às qualidades dos pardais presentes naquela assembleia, acompanhadas de algumas estudadas pausas e muitos silêncios, conforme as recomendações do Pardal Imagem e do Pardal Guião, o Pardal Fala Caro no seu fluente modo de chilrear, através dessa técnica exortou exponencialmente a animosidade e os recalcamentos existentes nos pardais que estavam presentes naquela assembleia, e com muito saber conduziu-os até ao rubro, até à sua senilidade absoluta, nomeadamente quando proferiu com muita astúcia e num gesto de assas que deixava antever muita firmeza, que os capangas do Pardal Ditador nunca poderiam alguma vez vir a apoderar-se das sementes colhidas por um pacato e laborioso pardal. Nem tão pouco, aqueles seus comparsas poderiam vir a tomar a lagarta que um pacífico pardal viesse a capturar. E muito menos, poderiam aqueles lacaios ocupar o pobre e despido buraco, que serve de ninho ao pardal faminto e sem nada de seu, uma vez que se aqueles pardais tiranos e déspotas, que estavam a ser comandados por um ancião autista e autoritário, ousassem empreender tal vergonhoso e vil acto, ele, Pardal Fala Caro opor-se-ia tenazmente àquela iniquidade, e com aquela hoste de pardais "dedicados à causa da liberdade" (ao mesmo tempo que proferia este chilrear apelativo, com a sua asa direita em riste apontava para aquela turba de pardais indicando que era a eles que se referia), castigariam os pardais insurrectos e tiranos com a sua definitiva expulsão do Bosque das Terras Altas. Pois, não eram merecedores de respirar o mesmo oxigénio que aqueles nobres pardais amantes da Liberdade. Por cada tirada de palavras fortes e muito belicistas, o esvoaçar das asas dos pardais e os "vivas" daqueles que assistiam, eram cada vez mais demorados e mais vibrantes, pelo que à medida que discursava, o Pardal Fala Caro ia ficando mais afoito, mais confiante e muito mais aguerrido

no seu chilrear fácil e desprendido. Por isso, por algum tempo continuou o seu discurso com piares incendiados de adjectivos viris e guerreiros, que transportavam aquela assembleia de pardais ao insano delírio.

Numa determinada passagem do seu discurso, o Pardal Fala Caro chegou mesmo a proferir: que mesmo que a pequena falange de pardais afectos à causa do Pardal Ditador, viessem a ter a insana e alucinada ousadia de empreender a tresloucada acção de se apoderarem dos recursos daqueles pardais que pouco de seu tinham, ele próprio, mesmo que por utópica impossibilidade aqueles seus "corajosos pardais" nada fizessem, e por isso estaria corajosamente só perante as implacáveis hostes aladas do Pardal Ditador, ele, com risco da sua própria vida, as enfrentaria com abnegada determinação e sacrifício. E muito sabidamente, o Pardal Fala Caro interrou a assembleia de pardais: «"corajosos pardais" aqui presentes! quais são as cadeias e as grilhetas que me podem prender? Logo a mim! Que sou um férreo amante da Liberdade e dos grandes espaços livres». «Nenhumas grilhetas te podem prender Pardal Fala Caro! Tu és o nosso lidere! Tu és o nosso salvador! Diz-nos qual é o caminho e nós seguir-te-emos!», este chilrear foi proferido por um pardal previamente pago para proferir aquela deixa, que se aninhara estrategicamente no meio da assistência. A troco de algumas promessas de mordomias, um grupo de pardais respondeu: «estamos todos contigo! Indica-nos o caminho e nós seguir-te-emos! Diz! Diz! Diz!». Toda a assembleia de pardais exclamou de seguida: «sim … estamos todos contigo! Viva o Pardal Fala Caro! Viva o nosso Libertador! Viva o nosso Lidere! Viva! Viva! Viva!». De seguida, com a asa interrogadora em riste, o Pardal Fala Caro perguntou aos pardais presentes, quais deles se curvariam à dependência naqueles pardais tiranos autistas. Seguiu-se um silêncio comprometedor, ao mesmo tempo que uma onda de cabeças perscrutava o seu vizinho, que por sua vez estava também a ser interceptado por ocultos olhares inquisidores. E aqueles olhares perscrutadores verificaram que nenhum olhar e gesto de cabeça se traiu. Com aquela onda de apoio vibrante, entusiástica e energética, o Pardal Fala Caro, já muito seguro de si, continuou a chilrear: que estava convicto, que os elos daquelas correntes se quebrariam em face da indomável vontade do pardal que nada possui de seu, e que a Grande Mãe o concebeu livre e solto. Pois,

aquele pardal nunca iria permitir tal jugo e tal sujeição. O Pardal Fala Caro com uma encenação cada vez mais afoita e muito arrojada, disse num chilrear teatralmente seguro e muito firme: que o Pardal Ditador, no seu último e desesperado discurso, insinuara medidas coercivas e drásticas contra ele próprio, Pardal Fala Caro, o que só poderia ser pura retórica, ou uma mera utopia de um ancião senil, dado que mesmo que fantasiosamente se colocasse a mera e remota hipótese dele ficar sozinho, abandonado por todos aqueles seus "corajosos pardais", e que somente desse modo, os pardais tiranos e déspotas ficassem livres para o expulsassem da árvore onde já algum tempo acolhe o seu ninho, ele mesmo assim, estaria sempre solto e livre para voar para uma outra árvore. Mas se aqueles pardais fundamentalistas e déspotas o continuassem a atormentar na nova árvore que lhe viesse a dar abrigo, quem o impediria de passar para uma outra árvore, e outra, e mais outra? Num discurso inflamado, onde a turba de pardais era exortada até à demência, o Pardal Fala Caro afirmou ainda: que na sua modesta opinião, tal atitude não poderia ser considerada de cobardia. Nem tão pouco o reflexo de ausência de virilidade e muito menos traição à causa dos "corajosos pardais". Pois, se aquela última árvore que lhe viesse a servir de abrigo e de ninho, viesse a ser rodeada por aquela falange do mal, com uma força muito superior à sua, e quisessem constrange-lo e impedi-lo à sua subsistência no dia a dia, mesmo assim, seria preciso que aqueles violentos pardais daquela diabólica e tirana força alada nunca o perdessem de vista um só instante. Mesmo que aqueles pardais déspotas tivessem medo que ele se escapasse, e por isso, o deixassem fortemente amarrado enquanto dormissem. Ele ficaria sempre obrigado a dormir com um olho aberto e outro fechado, o que lhe daria sempre uma certa vantagem. E quando a sua vigilância relaxasse, ou abrandasse. Nem que fosse somente por um curto instante. Ele Pardal Fala Caro, aproveitaria para quebrar os seus elos, para nunca mais o tornarem a ver naquela zona do Bosque das Terras Altas, uma vez que iria reaparecer numa outra zona daquele bosque, armado com as suas poderosas falanges de "corajosos pardais". E, de forma exemplar e duradoura vingar-se-iam de tal afronta.

Em suma, o discurso belicista do Pardal Fala Caro, versou os laços da servidão e da dependência dos pardais que de pouco de seu tinham, em comparação com o poder oligárquico dos poderosos anciãos do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Chegou mesmo a proferir no seu inflamado discurso, que tal sujeição era inadmissível, dado que aquela não era determinada pela Grande Mãe. E por isso, deixava cada pardal livre do jugo dos anciãos, e tornava vã e inútil a lei decretada por estes. O Pardal Fala Caro terminou aquele fervoroso discurso, agitando o estandarte guerreiro e belicista do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas. Pois na verdade, como grande conhecedor que era das paixões que agitam o coração e a mente do pardal comum, ele sabia que aquele estandarte os levaria a explodir em incontroláveis raivas e em ódios antigos. E tanto mais, que a Liberdade e o gosto pelos grandes espaços livres era a mais querida paixão dos pardais, à qual não se importavam de arrostar todos os perigos e de derrubar todos os obstáculos com os seus incontrolados furores, a fim de obterem aquela Liberdade mítica e por eles muito acalentada. O Pardal Fala Caro, com astúcia libertou a fera que estava enjaulada no espírito de cada pardal, e fez com que aqueles fossem presas fáceis daquele desesperado e brutal furor, os quais, longe da moderação e da prudência, passaram a entoar piares guerreiros e divisionistas. A partir daquele dia, o Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas nunca mais conheceu a paz e a harmonia de outros tempos, uma vez que as duas facções do Bando de Pardais do Bosque das Terras Altas se guerrearam continuamente numa luta fratricida, cruel e sem quartel, semeando mais ódios, maior pobreza e grande miséria a todos os pardais do Bosque das Terras Altas por muitas gerações de pardais.

O Rejuvenescimento do Pardal Jovial

As razões que levaram ao confronto beligerante entre as duas facções de pardais, já nenhum pardal daquele Bando do Bosque das Terras Altas se lembrava muito bem como tudo tinha começado. Pois, o conflito entre as duas facções era permanente, e todo o passado do bando fora encoberto com a tirania de outros pardais tão arrogantes como foram os regimes do Pardal Ditador e o do Pardal Fala Caro. Num certo dia chegou ao conhecimento do Pardal Jovial a existência naquele bando de pardais dum conflito de grandes proporções, que quase veio a devastar as duas facções de pardais beligerantes daquele velho bosque. Com este deprimente acontecimento, o Pardal Jovial ficou deprimido e muito agastado com a enorme insensatez daqueles pardais, o que veio a agravar ainda mais o enfraquecimento físico causado pela sua idade, por isso decidiu que era tempo de procurar um retiro para curar aquela depressão que a todo o momento o ameaçava desintegrar, e tal como a Águia Solitária precisava rejuvenescer o seu corpo e a mente em declínio num ermitério. Como primeira medida terapêutica para todos os seus males, numa manhã quando a Rosa de Fogo desabrochava colorida e radiosa, o Pardal Jovial bateu as suas asas rumo aos Ventos Alísios, que davam acesso ao portal das alturas do Vazio e do Nada, e aí nesse espaço cósmico onde os espíritos aguardam a sua vez para espiritualizarem a matéria, o Pardal Jovial, com o auxilio da Chama Flamejante, observou com grande clareza, como a interferência nas estruturas do poder dos bandos de pardais soberanos e independentes, eram na verdade poderosas armas de destruição dos mesmos. Verificou ainda, como aquelas terríveis armas eram de difícil controlo, e como eram também de difícil circunspecção. Naquele espaço cósmico viu ainda com grande clareza, como o uso indiscriminado daquelas terríveis armas de destruição maciça, seriam num tempo não muito longínquo, armas apocalípticas e armas do juízo final para os Bandos de Pardais. O Pardal Jovial, sabendo que tinha ao seu alcance as chaves dum gigantesco arsenal com um imensurável poder letal para os pardais, junto àquelas inteligências vivas, jurou e prometeu que influenciaria o Bando de Pardais Pensadores para que seguissem os caminhos mais consentâneos com a Fraternidade entre os

Pardais; com a Igualdade destes, e acima de tudo com a sua Liberdade. Porém, as grandes alturas cósmicas não lhe curaram o agastamento que sentia, nem lhe curaram também a debilidade física que o atormentava, antes pelo contrário, deixaram-no fisicamente ainda mais deprimido, e com a mente ainda mais entorpecida, dado que naquelas alturas do Vazio e do Nada, o Pardal Jovial tinha acesso às Verdades Cósmicas e aos Saberes Divinos, por conseguinte, à Verdade Universal Absoluta, pelo que na procura do ansiado rejuvenescimento do seu corpo e mente, a Áurea Flamejante rejeitou aquele espaço sublime e induziu-o para o itinerário dos penhascos que estoicamente resistiam à fúria do Oceano Aberto e Sem Fim como remédio para a cura dos seus males e rejuvenescimento do seu corpo.

Naquela sua longa viagem, para retemperar as forças, o Pardal Jovial ainda fez uma pausa nas Quintas da Fartura e da Ociosidade, onde o Tempo teimava em continuar pachorrento. O Pardal Bonacheirão, embora já idoso, continuava com os mesmos hábitos de outros tempos, pelo que era normal vê-lo em cima dos fenos, ou dos beirais das caiadas casas baixas a dormitar ou na preguiça. Num dos intervalos dos seus muitos descansos, com um dos olhos sonolento e meio aberto, meio fechado, mesmo assim, ao longe conseguiu descortinar um vulto já seu conhecido, de imediato despertou da sua crónica letargia e num ruidoso chilrear foi ter com ele em grandes gestos de asas. Entre atropelados chilreios de boas vindas e de piares de chamamento aos pardais seus companheiros mais letárgicos, como remédio ao visível abatimento que via no pardal forasteiro, que não era mais do que o Pardal Jovial, aquele pardal idoso convidou-o para participar nas intermináveis folias e nos estridentes chilreares daquele rústico bando de pardais. O Pardal Jovial, mais uma vez, pôde apreciar como os pardais das Quintas da Fartura e da Ociosidade eram felizes na sua Liberdade plena, num contraste absoluto com os pardais do Bando das Terras Altas. Com chilreares divertidos e insinuados demonstravam uns aos outros, sem pudor ou ofensa sentida, a sua saudável loucura de viver. Quando a Rosa de Fogo alongou as sombras dos fenos, estes pardais rústicos começaram a chilrear uns aos outros muitas histórias passadas, e chilreavam de estonteante contentamento com uma ou outra mais divertida. Enquanto outros, com o olhar mais distante e sonhador preferiam contemplar a

ondulação das Planícies Douradas e as sombras das árvores distantes. Em fim, naquelas Quintas da Fartura e da Ociosidade pairava entre os pardais locais a alegria despreocupada. Todavia a tristeza do Pardal Jovial permanecia nos seus olhos, como permanecia também a debilidade do seu corpo. Aliás, aquela alegria festiva e ruidosa, fazia com que o Pardal Jovial não parasse de comparar a Vida harmoniosa daquele bando de pardais foliões, com a Vida sempre colérica e tempestuosa dos pardais do Bando do Bosque das Terras Altas, o que o deixava num estado ainda mais depressivo e mais vazio do que antes, pelo que a sua estadia naquelas paragens não foi muito longa.

Já nas falésias e nas escarpas mais inóspitas, o Pardal Jovial respirou e impregnou-se com o ar salgado do Oceano Aberto e Sem Fim. O Vento Selvagem que lhe embaraçava as penas e lhe deixava as patas e asas geladas contrastava com a Rosa de Fogo desfolhada que tudo aquecia e evaporava. Contudo, nos primeiros momentos da sua estadia, esta idílica paisagem contribuiu para que as suas lembranças continuassem a ser amargas e muito depressivas. Mas nem por isso aquele lugar perdeu para ele o encanto e a beleza. Assim por muito tempo, ficou imóvel e com um olhar contemplativo, e admirou como no centro o Oceano Aberto e Sem Fim havia calma, era tranquilo e sem grandes interferências do Vento Selvagem, ao contrário da linha de rebentação das ondas, que era agitada e agressiva. No cimo dum pequeno penhasco esmeralda, o Pardal Jovial de olhar estático e distante contemplou as ondas do Oceano Aberto e Sem Fim, e reparou como estas não passavam de manifestações deste. Verificou ainda com o seu olhar perscrutador, que cada uma estava individualizada no seu momento. Pois, cada onda nascia, crescia e morria quando tocava no branco areal. Verificou ainda como quanto mais próximas estas estivessem da sua “manifestação”, isto é de espraiarem-se no branco areal, as Águas Selvagens ficavam mais à mercê do Vento Selvagem, o qual dava origem ao seu nascimento e à sua morte. Reparou também como as ondas eram sempre parte integrante das Águas Selvagens, e por isso estavam presentes em cada onda. Pelo que uma onda nunca podia desligar–se das Águas Selvagens, uma vez que era parte integrante destas. Por sua vez era o sopro do Vento Selvagem que lhes dava a direção, pelo que cada onda ouvia respeitosamente as suas ordens e estas

seguiam o seu caminho até às areias brancas, para voltarem ao centro calmo do Oceano Aberto e Sem Fim. No cimo daquele penhasco o Pardal Jovial não se cansava de observar fascinado a luta das Águas Selvagens com o Vento Selvagem para não se deixarem dominar por este. Perante tanta agressividade, tenacidade e luta, o Pardal Jovial pôs-se a observá-las com mais atenção, e reparou como aquelas estoicamente se rebelavam, com todas as suas forças e vitalidade contra aquela submissão forçada. Naquele penhasco esmeralda que resistia ao domínio das Furiosas Águas Salgadas, o Pardal Jovial deixou que as suas penas e os seus pulmões se impregnassem do iodo e das vitaminas que se desprendiam daqueles estóicos rochedos, cor de esmeralda, que teimavam em resistir às Águas Selvagens que a todo o momento os ameaçava cobrir, ou desintegrar.

Perante a contemplação daquela selvagem força dos elementos, o Pardal Jovial não conseguia isolar-se naquele seu santuário e pensar somente em questões do tipo: quem são os Pardais? De onde vieram? E, para onde vão? A fim de afastar as recordações presas ao Bosque das Terras Altas, que muito o atormentavam e era o cerne de todos os seus pensamentos. Apesar desta perturbação, pelo menos ele conseguia contemplar aquela maravilhosa e sublime Beleza que o rodeava, ao mesmo tempo em que apreciava a Grande Mãe em toda a sua magnitude e poder criativo. Apesar de para o Pardal Jovial o passado ainda ser presente, este ficou com a consciência de que as melhores coisas da Vida estavam à disposição de cada pardal, de modo muito fácil, como seja o poder contemplar a beleza do acordar, ou do adormecer da Rosa de Fogo, ou até mesmo como era maravilhoso também observar e sentir aquela Beleza que o rodeava em toda a sua plenitude e magnificência. Nas praias desertas, junto à rebentação furiosa das ondas com grinalda branca e véu de esmeralda, o Pardal Jovial despreocupadamente saltitou, e deixou que o Oceano Aberto e Sem Fim languidamente lhe lambesse as patas e apagasse na areia as suas quase indeléveis pegadas. Por sua vez, naquelas areias brancas sujas de limos e aparentemente desertas de Vida, o Pardal Jovial lavou o seu espírito, e desprogramou a sua mente dos maus pensamentos. Depois daquela Água Salgada o ter purificado, o Pardal Jovial passou a cuidar

do seu corpo, com as saborosas e apetecíveis iguarias do mar, que nos baixios ficavam a descoberto quando a Água Selvagem recuava.

Depois de alguns dias de convalescença naquele selvagem paraíso terrestre, já com a sensação de estar restabelecido e revigorado, o Pardal Jovial voltou a voar com o Vento Selvagem, para naquele modo violento de voar, testar a sua nova forma física. Naquele dia, invulgarmente, o Vento Selvagem varria com fúria a superfície do Oceano Aberto e Sem Fim, tornando a visibilidade nítida e luminosa a grande distância. Das alturas quase proibidas, o Pardal Jovial descortinou uma distante e desconhecida ilha, cujos altos cumes pareciam estar perdidos em tormentosas nuvens cinzentas. Quando sobrevoou aquela misteriosa ilha de relevo esculpido pela Rosa de Fogo e mirou todo o horizonte em seu redor, verificou como a imensidão do Oceano Aberto e Sem Fim era surpreendentemente imensa. Voou um pouco mais longe para verificar onde poderia ser o seu limite e descortinou na linha do horizonte um ponto. Rumou na direcção daquele misterioso ponto. Mas, por mais que voasse, parecia que aquele se afastava sempre dele, até que de súbito ficou perdido numa imensidade sombria e húmida, que sabia cobrir um oceano em fúria descontrolada. No entanto, no meio daquele medonho Céu cinzento, apesar de ser um elemento hostil, o Pardal Jovial surpreendeu aquele Céu que se fundia no encapelado Oceano Aberto e Sem Fim, uma vez que pela semelhança com o Céu cor de chumbo em que aprendera a voar com as asas da Tempestade, deu-lhe a confiança e o alento de que precisava para voar com os seus sentidos.

Assim, vestido com o espírito aventureiro de outros tempos, colou as asas ao longo do corpo e, mergulhou num vertiginoso voo picado. Á medida que descia a grande velocidade, a misteriosa ilha apareceu de repente, para se agigantar aos seus olhos. A areia muito branca que a rodeava e se confundia com a barra de espuma que nela se quebrava alongava-se perigosamente, ao mesmo tempo que aquela crescia medonhamente nos seus olhos. No último momento, com o auxílio duma ligeira inflexão da calda e da sua asa esquerda, voltou-lhe a aparecer diante dos seus olhos o Oceano Aberto e Sem Fim. Algumas franjas de espuma, que haviam sido arrancadas pelo Vento Selvagem á crista das

selvagens ondas colaram-se às suas asas, bem como ao resto do seu corpo, convidando-o a mergulhar naquele Oceano eriçado de espuma e de rebentações.

Com a respiração suspensa, o Pardal Jovial submergiu nas profundezas daquelas agitadas Águas Salgadas, onde as pétalas da Grande rosa de Fogo penetravam suavizadas para tonalizarem aquelas águas com uma luz verde baça, que davam à sua envolvência um aspecto irreal e quase surrealista. À sua volta, viu muitos cardumes de peixes de olhar curioso e estupefacto. Momentos depois, muitos daqueles peixes mirones, seguiram numa escolta compacta aquele estranho pardal marinho, revoluteando em volta dele inúmeras espirais de saudação e de boas vindas ao reino marinho, como se fossem os embaixadores daquele aquoso reino. Quando emergiu naquelas Furiosas Águas Salgadas e nadou tenazmente para as brancas areias da desconhecida ilha, o Pardal Jovial pôde comprovar duma forma empírica, quanto de verdade existia nos doutos saberes dos pardais anciãos, os quais conferiam ao Oceano Aberto e Sem Fim, a ideal terapia para muitas doenças físicas e para muitas maleitas psíquicas de que os Pardais sofriam, uma vez que aquele apesar de ainda se sentir cansado, já não se sentir tão fatigado como antes, respirava muito melhor, e até as maleitas próprias da sua idade, aparentemente tinham desaparecido. Assim, de um modo empírico, o Pardal Jovial comprovara que o Oceano Aberto e Sem Fim era sem duvida uma excelente terapia para os inúmeros sintomas de mal-estar físico e mental, pois sentia-se rejuvenescido e de mente sã. Tal como a Águia Solitária, na Montanha Branca encontrara o santuário para o seu rejuvenescimento, também ele nas Águas Selvagens encontrara o santuário para rejuvenescer e tonificar o seu corpo.

O segredo do Pardal Jovial para aquela metamorfose de saúde e bem estar, talvez residisse no facto do princípio de tudo ter começado no Oceano Aberto e Sem Fim, precisamente quando nele surgiu a primeira célula viva. Pois, fora aquela primitiva alga unicelular, que já continha em si os elementos minerais que representam toda a riqueza da Terra, e cujo organismo dos pardais, herdara alguns daqueles preciosos elementos que fazem parte integrante do

seu corpo. Talvez por essa razão, o plasma sanguíneo dos pardais contém os mesmos elementos que a Água Selvagem do Oceano Aberto e Sem Fim, o que o torna, por mais extraordinário que possa parecer, ser o núcleo interior do corpo dos pardais, o núcleo marinho primitivo.

Assim, através tanto das algas que nascem e se criam no Oceano Aberto e Sem Fim, dos microrganismos daquelas Furiosas Águas Salgadas, e em tudo aquilo que tornam estas águas tão ricas em oligoelementos e sais minerais, como se um dom alquímico se tratasse, restaura e rejuvenesce, tanto o corpo, como o espírito dos pardais. Na verdade, aquele dom alquímico fez com que ao Pardal Jovial parecesse que recuara na idade, dado que a Natureza havia processado milagres naquele corpo de Pardal. Pois, através daquela terapia alquímica, o Pardal Jovial que havia chegado àquelas falésias e àquelas dunas de areia que boleavam o Oceano Aberto e Sem Fim num deplorável estado de exaustão e de grande esgotamento, logo que pousou as patas na areia branca e deu o primeiro mergulho naquelas Furiosas Águas Selvagens, sentiu-se de imediato a rejuvenescer e a restaurar as forças perdidas.

Depois do Pardal Jovial se sentir completamente rejuvenescido e energético, voou em direcção às Terras do Vicio e da Degradação Moral. E nessas Terras, o tempo foi escoando na sua cósmica ampulheta, ao mesmo tempo que o Pardal Jovial no Circulo Interno da Chama Sagrada caminhava num único sentido, num único objectivo e num único propósito, que era legar aos Guardiões da Luz Sagrada que vierem depois dele, todo o conhecimento e saber da Vida, a fim daqueles continuarem a grande obra que em tempos lhe havia sido confiada.

Nas Trevas do Medo

As novas gerações de pardais que habitavam o Bosque das Terras Altas, nunca viriam a conhecer a paz e a harmonia que os seus pais haviam conhecido. Aliás, essas épocas até já lhes pareciam lendárias e muito remotas, uma vez que há muito tempo viviam num permanente estado de discórdia e de combate fratricida, que os transportava ao primitivo estado da barbárie e da intolerância que caracterizava os seus veneráveis antepassados. O Pardal Jovial já se encontrava com uma avançada idade. No Tempo das últimas Chuvas o Pardal Espiga Dourada viajou para o Vazio e o Nada. Todavia, antes de partir, ainda teve tempo para se despedir do Pardal Jovial, com o seguinte chilrear arrastado: «Entrei na tua vida com muita Perseverança! Ao teu espírito dei muita Força! Comigo ao teu lado conheceste a paz! E, nessa Harmonia fomos muito felizes! Vou para um lugar onde sempre quis estar! Esperarei por ti». O Pardal Jovial pesaroso e com uma lágrima a rolar pelo bico, chilreou: «com a tua partida, um pouco de mim se desfaz… Levarás contigo um pedaço de mim! Até breve, meu amor! Será que te encontrarei novamente?». «Sempre! Meu querido! Quando me quiseres sentir... Procura dentro de ti e chama-me!». E, o Pardal Espiga Dourada partiu… E com a sua partida o Pardal Jovial enclausurou-se no Templo do Silêncio. Aliás, o silêncio veio gradualmente a tornar-se no seu inseparável companheiro das horas vazias e contemplativas, e nos últimos tempos, até se tornou para ele numa necessidade espiritual. Pois, apercebeu-se que tinha sido no interior daquele Templo, que melhor tinha comunicado com o Ser Cósmico e, melhor tinha reflectido sobre os mistérios da Vida e da Morte.

Com frequência o Pardal Jovial voava, ora para as alturas cósmicas do Vazio e do Nada, para estar com o seu Pardal Espiga Dourada, ora para o seu distante e secreto retiro oceânico, caso optasse por rejuvenescer o seu espírito, ou tonificar o seu velho corpo com a essência primitiva dos tempos. Num daqueles chamamentos meditativos e terapêuticos, o Pardal Jovial voltou às alturas que em tempos lhe foram proibidas, e nesse espaço cósmico, ao sabor da solidão e dos humores das energias celestiais, com uma agradável sensação de prazer a

invadir-lhe a mente, saboreou a suave e dormente carícia que as ardentes e sedutoras pétalas da Rosa de Fogo lhe proporcionavam. Porém, naquele dia, ao contrário de muitos outros dias passados, parecia-lhe que o brilho da Rosa de Fogo o envolvia de uma forma muito especial e diferente. Pois, parecia-lhe que as pétalas daquela sedutora o acariciavam duma forma apertada e invulgar. Na verdade, ele sentia que aquela deliciosa energia cósmica lhe tocava no fundo das carnes, como nunca antes o havia tocado. Pois, uma sensação de calor entranhava-se por entre as penas das suas asas e, parecia que o mordiscava por debaixo da pele, para de seguida entrar na sua corrente sanguínea, e proporcionar-lhe uma sensação dum cálido foguear a percorrer-lhe todo o corpo. Pelo que com os olhos semicerrados, lentamente, entrou no território do sonho, do mistério e do emaranhado bosque do seu mundo interior. E, naquele Templo do seu Eu, recordou com saudade a sua verdadeira natureza, a qual estava muito para além dos limites da sua infinita consciência, uma vez que as pétalas de Luz da majestosa Rosa de Fogo o faziam recordar a plenitude da luz de outras eras a fluir por todos os seus antigos corpos.

Assim, varrido pelas selváticas correntes de ar que cavalgavam com pujança e fogosidade nos infinitos Céu Azuis, ao mesmo tempo, que as pétalas feiticeiras da Rosa de Fogo o acariciavam, na sua mente, desfilava um descolorido e cadenciado conjunto de imagens do seu belo Templo da Natureza. Na verdade, era já com saudade, que ele recordava aquele luxuriante e maravilhoso Templo construído apenas com o alquímico perfume da luz que provinha da majestosa Rosa de Fogo. Aliás, como poderia ele esquecer aquele maravilhoso Templo? Se foi naquele paraíso terrestre que o seu espírito se impregnou com a Áurea Flamejante. A Luz que lhe conferiu poderes especiais de inteligência e de sabedoria, que o dotaram de divinos dons de adivinhação, de tolerância e, de bondade. Foram estes nobres valores, que o transformariam num Ser Cósmico em potência e em acção. Por outro lado, aquela radiante e mítica Áurea Flamejante, também lhe proporcionou saberes que lhe permitiram vestir o majestoso e soberbo espírito da Águia Solitária, com a mesma simplicidade, com que se veste uma qualquer peça de roupa, a fim de com aquele poderoso e ágil espírito de ave, voasse no espaço cósmico do Vazio e do Nada, paradeiro das inteligentes forças cósmicas e dos Grandes Seres Criadores do

Universo. E, nesse olímpico reino, foi-lhe até permitido ler os secretos e mágicos Livros da Vida e do Tempo, que o dotaram com um surpreendente saber esotérico, reservado somente aos espíritos dotados de dons especiais.

Foi também, com idêntica facilidade que se vestira de espírito de Águia e de Serpente Rastejante. E, com aquela maravilhosa forma alada e repticiana de ser, aquele espírito pesquisador veio a deliciar-se com os encantos e os perfumes vegetais. Por outro lado, também fora com a Áurea Flamejante a pairar sobre a sua cabeça de Luz, que a consciência do Pardal Jovial se transformou na velha Árvore da Sabedoria, e com aquela imponente e majestosa forma vegetal de ser, pôde também sorver as energias que vinham das profundezas da Terra, e aspirar as energias que vinham do Céu, e deste modo, com os queixumes das muitas folhas daquela velha árvore, descodificou as mensagens emanadas pela Rosa de Fogo.

Mas, de todas as imagens uma houve em que o espírito do Pardal Jovial prendeu-se mais demoradamente, que foi à doce recordação do Pardal Espiga Dourada e imaginou-a nua abraçada pelas sombras da noite...do Vazio e do Nada.

Em suma, embalado por aquela doce e saudosa recordação de imagens do seu passado, o espírito do Pardal Jovial tanto desceu ao longo da raiz mãe daquela velha senhora do Bosque das Terras Altas, como também, desceu pela raiz das ancestrais memórias do seu passado. E neste seu nostálgico e solitário voo, compreendeu a Luz divina que era. Na verdade, durante aquele sonho acordado, compreendeu que foi aquela Luz que o fez em tempos vestir um corpo de pardal, para que com esse pequeno corpo pudesse saborear as energias emanadas pela Rosa de Fogo, pelas Águas Cantantes, pelo Vento Selvagem, Pela Terra húmida, e acima de tudo, para obter o conhecimento da essência divina que habitava o Vazio e o Nada e, para onde agora displicentemente era varrido.

Assim, impotente nas suas vontades, recordou com alguma nostalgia, a Beleza proporcionada pelas pétalas da brilhante Rosa de Fogo a desfolhar o horizonte

do seu querido Bosque das Terras Altas, na ânsia de perfumar aqueles seus queridos Céus. Com a mesma nostalgia recordou com saudade os olhos doces da sua Pardal Espiga Dourada, e recordou como os dois... sob a Luz do Disco Meio Luz Meio Sombra, se perderam na relva verde, molhada de suor dos seus corpos, à noite morriam para renascer no prazer supremo, que era o amor que tinham um pelo outro!

Naquelas sucessivas vagas ao seu passado, o Pardal Jovial recordou também, com alguma réstia de orgulho, a tenacidade com que furara o cinzento tecto do seu mundo, para admirar em plenitude, a Beleza daquela Rosa de Fogo que se escondia do seu bosque. Aliás, foi graças ao seu grande desejo de respirar lufadas do seu perfume, que naquele dia aprendera a voar com as asas da Tempestade. Por sua vez, foi também aquele indomável desejo, que lhe permitiu voar nas alturas que estavam somente reservadas aos Seres Cósmicos e à Águia Solitária. Na verdade, foi com aquele épico e insensato voo, que domesticara o medo que tinha dos trovões, dos relâmpagos e das grandes alturas. Foi também com aquele tresloucado voo, que já sem medo daqueles demos, com eles chegou a bailar assombrosas e belas coreografias de luz e de trevas. Na verdade, foi com aquele bailar fogoso e travesso, que espicaçou os demos e os espíritos alados a iluminarem com os seus tridentes de luz aquele céu negro e de aspecto tenebroso, para que aqueles holofotes de fogo iluminassem o seu pujante rodopiar.

A sonolência que o Pardal Jovial sentia a pesar nas suas pálpebras quererem resistir era muito grande. A sonolência quase dominava a sua mente, e crescia de momento para momento. Por isso, queria ardentemente descansar. Já se contentava por fechar por breves momentos os seus olhos. Entretanto, o Vento Selvagem continuava no infinito Céu Azul e da Leveza Subtil a galopar sem freio. Pelo que, embalado e acalentado por aquele Vento dominador, o Pardal Jovial continuava a sobrevoar grandes distâncias. O cansaço que sentia era cada vez maior. Como também era o sono que aquele despertava. Cada minuto que passava, parecia que aquele seu desejo era mais forte e mais determinado nas suas vontades. E tão grande era aquele seu desejo, que lhe veio a sôfrega ideia, de como seria belo e maravilhoso entrar no Templo da

Noite, para aí pernoitar em silêncio e em harmonia consigo próprio. Se assim o pensou, depressa assim o fez. Fechou por momentos os olhos. E, foi uma delícia para os seus sentidos. De súbito, na sua mente ecoou um alarme, uma voz subtil avisou-o que os pardais não voam no escuro. Mas, ignorou tal aviso, uma vez que tudo lhe parecia tão calmo e tão silencioso. Assim, continuou sem resistência a entrar nessa escura imensidão que é a Noite, e com alegria aspirou o perfume do negrume da infinita escuridão. Pelo que impregnado com aquela misteriosa fragrância, começou a sentir que toda a eternidade e todo o Universo estava em seu redor.

Mas, estranhamente, o Pardal Jovial também sentiu que não existia distância entre ele e o Universo. Mas, apesar daquela sensação de estranheza o invadir, deixou que através do seu corpo fluíssem as harmonias daquele mágico e místico Universo. Assim, livre e à mercê daquela dimensão que desconhecia, mas que ao mesmo tempo o atraía e o apaixonava, o Pardal Jovial deixou que o seu corpo lentamente se entregasse ao dominador e decisivo poder da Galáxia.

De súbito, uma irradiação de energia vital, trespassou o moribundo Pardal Jovial, que abriu em sobressalto os seus olhos para a escuridão, e nada viu que o assustasse. Pelo que voltou a encerrá-los. Na verdade, por breves momentos o Pardal Jovial procurou agarrar-se à Vida, mas a escuridão teimou em se fechar à sua volta. Pelo que continuou a devanear para os mistérios e para os poderes do seu mundo interior. Para esse lado interior do Mundo onde os segredos estão escondidos atrás das sombras das aparências. Com a memória flácida e subtil, divagou imagens imprecisas do que fora o seu maravilhoso e bonito Bosque das Terras Altas. Aliás, via-se a voar por cima das copas das árvores da sua memória. Naquele sonho, via também a nítida silhueta da majestosa Águia Solitária a voar largos e intermináveis círculos sobre aquele encantado bosque. Chegou mesmo a conseguir ver naquela familiar silhueta, o seu próprio espírito em completa liberdade de vontades e, no centro daquele esplendoroso Céu Azul.

Fora preciso tantas aprendizagens. Fora preciso a obtenção de tanto conhecimento, e tanto tempo para o Pardal Jovial descobrir as suas desconhecidas capacidades, quando teria sido tão simples descobri-las, uma vez que bastaria apenas entrar conscientemente na noite profunda do seu mundo interior. Em boa verdade, o Pardal Jovial desde muito novo quis mudar o seu destino para a programação que se escondia no seu inconsciente, pois, já na idade da inocência, sabia ter havido um erro cósmico, uma vez que habitava no mais fundo do seu espírito, a águia que em outras vidas tinha sido. Confuso, tentou compreender todo o seu Ser, mesmo a sua parte mais misteriosa e oculta. Vivendo, sentindo e percebendo os mistérios da Vida, e por consequência daquela sua forte vontade de conhecer os seus mistérios, fora cruelmente expulso e banido do Bando dos Pardais do Bosque das Terras Altas, o qual por sua vez, veio a ser castigado e punido pelo Bando de Pardais Pensadores, o bando de pardais que na penumbra gere o destino de todos os outros bandos de pardais do Mundo. Agora, a voar nas alturas do Vazio e do Nada, solitário como a Águia Solitária, com os tentáculos da morte lentamente e inexoravelmente a aproximarem-se dele para o abraçarem e para o envolverem no seu manto da eternidade, de súbito, apoderou-se do Pardal Jovial as trevas do medo. Mas, a sua consciência que era a Luz, iluminou aquelas trevas e, o medo que o Pardal Jovial por breves momentos sentiu, depressa se dissipou e se dissolveu na escuridão que o envolvia. O Pardal Jovial acabou por se convencer que o pavor e o medo que por breves momentos sentira tinha sido uma mera ilusão. Um mero sonho acordado, como tantos outros sonhos que já tivera antes. De súbito, na sua mente veio-lhe a sensação de queda. Ao mesmo tempo que todos os alarmes do seu corpo o avisavam dum eminente desastre. A sensação que entrava numa espiral de vazio e de abismo acabava de ser processada pelo seu centro de sobrevivência. No entanto, apesar de todos os avisos, apesar de todos os alarmes, o Eu do Pardal Jovial admitiu ser um falso alarme, uma mera ilusão. E ignorou todos aqueles sinais de aviso que o informavam de que se despenhava das alturas. Pelo que entrou conscientemente no seu profundo inconsciente.

A Reencarnação

Na verdade, apesar de sentir uma sensação de vertigem, e de queda abrupta num abismo sem fim, o Eu do Pardal Jovial deu pouca atenção a tal desconfortável sensação, uma vez que incutiu na sua mente, que aquela desagradável sensação derivava somente do efeito provocado por uma mera e fugaz ilusão. De um sonho acordado, tão igual a tantos outros sonhos acordados que tivera ao longo da sua vida. Por isso, não prestara àquele desconforto uma importância de maior. E tanto mais, que naquele momento, povoavam a sua consciência os seus melhores e mais agradáveis pensamentos, e as mais belas e bondosas formas de ser. Porém, tal reconfortante sequência de imagens foi de pouca duração, uma vez que um breu medonho tudo parecia devorar.

De súbito, nas trevas apareceram pequenas e dançantes manchas de fogo, como se fossem milhares de pirilampos a bailarem no escuro e no vazio daquele negrume. Clarões brilhantes e errantes, ora acendiam, ora se apagavam. Aparecendo aqui, e reaparecendo acolá. Contudo, ao contrário do que era hábito e era costume nos mágicos pirilampos, parecia que aqueles se juntavam em enxames, que se multiplicavam, e se agigantavam naquele espaço negro. Tornando-se num enxame cada vez maior, assustador e também mais luminoso. Muito mais luminoso. Assim, para aquele Eu, parecia que aqueles clarões de luz eram cada vez mais fortes, cada vez mais brilhantes, cada vez mais ofuscantes, e com tendência a se aglutinarem num todo. Alguns instantes depois, os pirilampos acabaram também por se dissipar na sua consciência individual.

É certo, que para aquela longa e misteriosa caminhada no Vazio e no Nada, o espírito do Pardal Jovial fora meticulosamente preparado. Porém, apesar de se ter preparado para os segredos do Universo, o verdadeiro mistério começava agora a ter forma e a revelar-se. Assim, por conhecer alguns dos mistérios da Vida e, da Morte, calculava que naquele preciso momento, a sua Consciência se transferia para a essência do seu Ser, onde sabia vibrar o microcosmo do seu corpo. Por conseguinte, estaria prestes a fundir-se com a macrocósmica Rosa de Fogo, onde no plano da existência infinita e eterna, repousaria em pleno e em absoluto, até ao momento que pela vibração da roda dos nascimentos e das mortes, aquela o fizesse regressar de novo a um ovo recentemente fecundado, espiritualizando-o com a sua essência.

O tempo que o espírito do Pardal Jovial teria de esperar até poder voltar outra vez à Terra, seria na certa de curta duração, dado que pela sua Iniciação e formação ter sido feita no sentido de o preparar para aquela morte. Para aquele preciso momento, onde, através da integração da sua essência com o cerne de todo o seu Ser se iluminaria com as energias cósmicas. Contudo e, porque o relógio do tempo no plano astral difere em muito do relógio do tempo no plano físico, isto é, alguns minutos naquele último plano, poderão parecer eternidades no astral, e centenas de anos no plano físico poderão representar meros segundos naquele plano. Assim, o tempo que distanciava o regresso do

espírito do Pardal Jovial à Terra, somente dependeria do relógio com que se media o Tempo.

Todavia, apesar de estar carregado com o peso das imagens do seu inconsciente colectivo e programático, uma vez que aquele ainda estava fortemente ligado aos condicionamentos da sua formação, fortemente impregnada dos muitos mitos e lendas que ao longo da vida o embalaram, com alguma dificuldade acabou por abraçar a paz e a serenidade dos Seres Cósmicos, e nessa harmonia de estar, mergulhou sem qualquer temor e, sem qualquer receio no estado de semi-inconsciência, onde em poucos instantes, a sua personalidade se desintegraria, para dar lugar a um núcleo limpo de mitos e de convenções. E, neste puro estado, limpo de preconceitos e de ideias convencionadas, o espírito do Pardal Jovial passaria a habitar no plano astral num estado de galáctica pureza. E, na verdade, nessa forma de energia primordial, no verdadeiro cerne da criatura Indivisível, aquele espírito ficou pronto para ser revitalizado, ou seja, pronto para ser novamente "enviado" para a vida na Terra.

Na verdade, através da consulta que fizera aos Livros da Vida e do Tempo, o espírito do Pardal Jovial passou a saber que do mesmo modo que um dia havia nascido, também um dia haveria de passar pela morte. E, que todo o apego à vida terrena, bem como toda a resistência que fizesse ao seu novo estado de ser, só lhe iria produzir mais sofrimento e mais decepção, uma vez que a Vida é um mero fluxo, e as criaturas que tentam deter essa corrente, por terror, por medo, ou até por capricho, colocam-se em oposição às soberanas Leis Universais, e como marginais daquelas Leis, serão condenados pelo Grande Ser Cósmico a sofrer muitas mortes. Assim, dotado deste conhecimento, o espírito do Pardal Jovial na fase da semi-inconsciência procurou apagar da sua consciência a imagem do seu ninho e a imagem do seu Pardal Estrela da Manhã. Porém, mesmo com este conhecimento recalcado no seu espírito, aquele processo viria a ser doloroso e muito sofrido, dado que as imagens projectadas tanto do Pardal Estrela da Manhã como as do seu querido Bosque das Terras Altas vinham com lufadas de vitalidade e pujança, outorgando-lhe por isso os espasmos de sucessivas mortes. Contudo, naquele contínuo vai e

vem, o Pardal Jovial acabou por encontrar o portal para a misteriosa vida eterna. Na verdade, no Universo não há nenhum pardal vivo que não tenha retornado da morte, uma vez que todos os pardais morrem várias mortes antes de se transformarem em pétalas da Grande Rosa de Fogo. O que chamamos de nascimento, não é nada mais, nada menos do que o lado inverso da morte e a continuidade do aperfeiçoamento do espírito até aquele se transformar definitivamente em partículas chamejantes da Grande Luz.

Sem dúvida, que: quem vestiu o espírito da Águia Solitária para admirar a beleza da grande Rosa de Fogo, e que naquela soberana forma de trajar pôde descortinar mistérios e conhecimentos impares da vida; quem vestiu o espírito da Serpente Rastejante, para naquela forma reptícia de trajar poder admirar a luz de prata a encantar as zonas mais densas do Bosque das Terras Altas e a sentir em pleno as energias da Terra; quem na forma de raízes perfurou fundo o ventre dessa mesma mãe, e por isso, subiu muito alto, até onde a sombra nunca encobre as tenras e débeis folhas; quem na forma dessas folhas respirou as fragrâncias emanadas pelas femininas pétalas cósmicas; quem por cima da sua cabeça teve a presença constante da brilhante e mágica Áurea Flamejante, que lhe proporcionava a mística inteligência dos Seres Cósmicos que habitam o espaço do Vazio e do Nada; quem ouviu a voz do Nada, o Som sem som, e compreendeu a natureza do silêncio; quem voou naquele espaço cósmico, onde habitam as galáxias, que transforma e agiganta a consciência no esotérico, fora de certo um espírito iluminado para os saberes da vida astral, uma vez que fora influenciado com o cerne de trilhões de inteligências galácticas, estrelares e planetárias.

Deste modo, naquela sua nova e misteriosa dimensão, o espírito do Pardal Jovial era uma consciência livre e infinita, uma vez que não tinha corpo, não tinha forma, nem tão pouco tinha emoções, era como se fosse um holograma presente em toda a parte. Nada o podia atingir, porque ele era um oceano de Luz, e ao mesmo tempo, era um oceano de Consciência. Uma Consciência extraterrestre que abrangia todo o Universo. Ele era o poder da Luz, e por isso, ele era o poder do Universo. Ele era a própria eternidade presente em todo o lado.

Numa certa parda e húmida manhã, em que a chuva estava a ser generosa e bastante fria, e cujas doces e frescas gotas lavavam uma branca montanha encimada por uma colossal formação rochosa, ao mesmo tempo que por todo o lado daquela serrania, se ouvia a água tocar uma suave música por entre os inóspitos rochedos e pedras soltas, como se fossem dedos mágicos a dedilhar notas musicais, num isolado ninho entre duas colossais rochas graníticas, ouviu-se pela primeira vez um agudo e forte grasnar. Uma pequena e forte ave, cheia de génio e de vitalidade tinha acabado de perfurar o único ovo existente num entrelaçado de ramos mortos, frios e inertes. A pequena ave, já meio liberta da casca do seu ovo, de aspecto altivo, olhou em seu redor, e viu um bico curvo, curto e robusto. Olhou para baixo com a mesma curiosidade e viu umas pernas que terminavam em afiadas e agudas garras, olhou novamente para cima, e viu um agudo olhar encimado por rebordos ósseos que davam um aspecto feroz, apesar de uma luz de felicidade reflectir daquele olhar atento. A pequena ave, ainda com uma réstia de memória da sua vida passada, exclamou num grasnar ainda destreinado: Mãeeeeee! Louvado seja o Grande Ser Cósmico! Desta vez não se enganou! Sou por fim uma verdadeira águia! Urra! Urra! Urra!